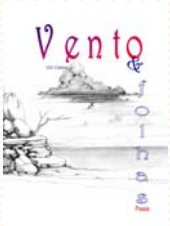
# A Lenda de Chapeuzinho Vermelho

## e outros contos infantis

Gil Cleber D. Carvalho

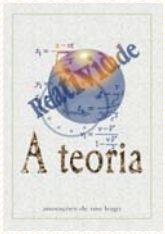
## Outras obras do autor:




Vento e Folhas (poesia)

Monólogos (poesia)

Um Corpo Sem Sombra (poesia)




Relatividade, a Teoria (divulgação científica)

Poema Épico (poesia)

No caminho para Muito Longe (romance)

Os livros de poesia, conto e divulgação científica estão disponíveis em formato PDF no *site* do autor.

www.gilcleber.com.br

O romance No caminho para Muito Longe pode ser solicitado gratuitamente em versão impressa para o *e-mail* abaixo.

gilccarvalho@ig.com.br

Gil Cleber

# A Lenda de Chapeuzinho Vermelho

e outros contos infantis

Ilustração da capa:
*Chapeuzinho Vermelho e o Lobo*, de Gustav Doré, com fotografia de menina.

Composição da capa:
Gil Cleber

© Gil Cleber Duarte Carvalho
O conteúdo deste livro não poderá ser reproduzido nem utilizado comercialmente, a não ser mediante permissão do autor. Pode, no entanto, ser redistribuído, em formato eletrônico ou impresso, desde que gratuitamente.
Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional.

**Nota essencial:**
Sendo o autor terminantemente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971, sendo, portanto, conforme essa orientação que o presente livro é publicado.

**Contato:**
gilccarvalho@ig.com.br
www.gilcleber.com.br

*Índice*

A lenda de Chapeuzinho Vermelho ..... 9

Uma canção para a beleza ..... 40

Menino ..... 53

Eu, pai ..... 74

Na noite voraz ..... 100

Uma questão judicial ..... 114

Três vozes na planície ..... 152

Colecionador de brinquedos ..... 185

João e Maria ..... 206

# A lenda de Chapeuzinho Vermelho

*A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nela lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem.*
*(***Umberto Eco**, Sobre a Literatura*)*

¡ | "Atravesso a abertura na cerca, passo para o quintal da casa ao lado e me aproximo da vidraça: ali estão eles conversando de novo. Estão sempre conversando, puxa vida! Do que é que tanto falam, afinal? É que não dá para ouvir, só ver – ver o movimento dos lábios e os gestos que fazem... Não sei se falam alto ou baixo, às vezes parece que estão discutindo, brigando não, só discutindo algum assunto importante, então um deles abre um livro e começa a ler enquanto o outro escuta, e depois continuam, mas com esse vidros grossos na vidraça as palavras nem chegam cá fora, no máximo escuto um som abafado... Mas às vezes acontece de a vidraça não estar fechada, outro dia estava entreaberta e pude ouvir alguma coisa... mamãe diz que é feio ficar ouvindo atrás da porta, mas eu não fico atrás da porta e sim em frente a uma janela, além do mais não estou escondida, eles podem me ver de lá, se quiserem, é só olhar, portanto acho que não estou fazendo nada de errado...

"O velho é o dono da casa, mudou-se para cá mês passado, vi quando o caminhão chegou com as coisas dele. Antes a casa estava vazia, esteve vazia muito tempo, parecia até abandonada... O outro, o rapaz, aparece às vezes, costuma ficar naquela salinha repleta de livros; vez por outra remexe nas estantes, apanha um

livro e fica passando as folhas, compenetrado, parece muito estudioso – deve ser, o velho por certo é, pois quando está sozinho, principalmente à noite, senta-se à mesa, como agora, e lê, fica lendo por muito tempo. Quanto tempo? Não sei, vez por outra venho até aqui de noite e fico espionando... Será que vou virar uma espiã quando crescer?... Bem, fico espionando sem correr o risco de ser vista pois não sou boba de chegar até a área iluminada, não que eu tenha medo de ser vista por ele, pelo velho, pois agora é dia e estou aqui do mesmo jeito, se olharem pra cá poderão me ver. Mas de noite é diferente, fico escondida no escuro só pelo prazer de ficar escondida e olhar pra lá, espionar o velho... Mas nunca me demoro muito, nunca fiquei até a hora em que ele apaga a luz e vai dormir. Será que ele dorme? Deve dormir, todo mundo dorme, mas às vezes penso que esse velho passa a vida inteira lendo, lê tanto que se esquece de dormir. Será que isso é possível? Se for, se acontece a alguém esquecer de dormir, esse alguém só pode ser ele...

"São dois, um novo e um velho, já disse... disse? Acho que disse... Não há mais ninguém na casa, quando o moço vai embora o velho fica sozinho, pelo menos de noite não fica ninguém com ele: a empregada que vem pela manhã fazer a arrumação – isso eu já vi – vai embora depois do almoço e só retorna no dia seguinte. O velho é magrelo e muito feio, desdeixado, tem o cabelo comprido e ralo dos lados e o alto da cabeça meio careca, faltam-lhe dentes, quando ri ficam bem visíveis as falhas; a pele do rosto é cheia de rugas, o nariz tem uma verruga na ponta, e as sobrancelhas dele são de meter medo!... Anda meio curvado, usa sempre um casaquinho de malha com os cotovelos puídos, hoje mesmo está usando o casaquinho, e as calças são largas e presas na cintura por um cinto arrebentado que ele emendou com barbante grosso – dá pra ver o barbante de longe! Mas o outro, o rapaz... ah, como é bonito! Quando eu tiver um namorado quero que seja igual a ele: tem olhos claros, cabelos quase loiros bem cortados, e possui músculos, dá pra perceber por baixo da camiseta, os braços são grossos, as mãos lindas, e a boca, e também... Ah, ele é todo bonito. Eu gosto de vir mesmo é quando ele está, venho por causa dele, se eu pudesse ia até lá, mas entrar na casa sem mais nem menos não posso... que é que eu iria dizer?... Eles iam ficar olhando pra mim quando eu aparecesse de repente, até se espan-

tavam comigo, duvido que não, e então o que é que eu iria fazer?...

"Sim, quero que meu namorado seja assim, igualzinho a ele...

"E agora o velho abre a vidraça, mas nem me vê aqui... ou será que fingiu não me ver?... Não, penso que não, por que iria fingir? Não me viu mesmo, está distraído, conversando... Talvez assim eu possa descobrir o que eles falam, daí eu me aproximo mais da janela para escutar melhor..."

ii |

– Afinal, meu jovem amigo – diz o velho abrindo um pouco a vidraça e retornando à mesa –, você pensou no que eu disse? – Senta-se. Parece triunfante. Bate com a palma das mãos na mesa. – Dei-lhe dois dias para refletir e ver se dava pela coisa, e você me volta na mesma!...

– Sim, Dr. Anatólio, eu pensei no que disse... mas não vejo como uma simples história infantil possa ter outros significados...

– Pois reflita... o lobo mau encontra Chapeuzinho Vermelho no bosque e ambos conversam. Ao saber aonde ia a menina, o lobo lhe propõe uma aposta: ver quem chega primeiro...

– Até aí...

– Mas o lobo corre, tomando um atalho, chega na frente, come a boa velhinha e fica esperando por Chapeuzinho...

– ...que da mesma forma será devorada pelo lobo...

– Sim, que será devorada pelo lobo, não sem antes...

– ?...

– Então?

– Não entendo.

– Não sem antes deitar-se na cama com ele e dizer: "Vovó, que olhos grandes você tem!", "São para te ver melhor, minha netinha", "Vovó, que braços grandes você tem!", "São para te abraçar melhor, minha netinha"... Você não percebe aí o malicioso jogo que a menina faz com o lobo?

– Ah!... Ela faz um jogo malicioso com o lobo? O senhor pretende convencer-me de que em vez de a Chapeuzinho ser vítima do lobo, é o lobo a vítima da Chapeuzinho?

– Por que se espanta?... – O velho se levanta, aproximan-

do-se outra vez da janela. Prossegue: – Seria Chapeuzinho tão cega que não fosse capaz de perceber que aquela criatura deitada na cama não era a avó?... – então escancara a vidraça e grita para a menina do lado de fora:

– Ei, garota, que é que você está fazendo aí?... Não sabe que é feio ficar olhando para dentro da casa dos outros?...

– Desculpe – diz a garota –, já estou indo embora.

– Quem é ela?

– É, vá mesmo, vá logo! – Debruça-se no peitoril e curva-se para fora: – Que coisa mais feia! Vou contar para sua mãe!

– Quem é ela? – o rapaz torna a perguntar.

– Da casa ao lado – responde o velho depois que a menina some atrás da cerca. – Não é a primeira vez que a vejo rondando aí pelo quintal.

– E o que ela quer?

– Ora – diz o velho com mau humor, voltando a sentar-se –, o que pode querer? Fazer arte! É certo que já pisou um canteiro de flores, reconheci pelo rastro de sapatos pequenos, e o vaso que apareceu quebrado lá nos fundos só pode ter sido ela... Mas, voltando ao assunto: não lhe parece estranho que a menina confunda o lobo com a avó?

– Bem, num conto de fadas tudo é aceitável...

– Mesmo num conto de fadas há coisas que não se podem aceitar assim sem mais nem menos. Um lobo é um lobo, mesmo que tenha vestido a camisola da avó, posto a touca da avó, calçado as pantufas da avó... nunca ficaria se parecendo com a avó a ponto de a menina confundi-lo... com a avó!

– E qual é a sua opinião sobre isso?

– Fiquemos assim: Chapeuzinho percebe que quem está na cama é mesmo o lobo, e resolve aproveitar-se para matar algumas de sua curiosidades...

– Que curiosidades?

– Pra início de conversa, a da sedução.

– Sedução? Numa menina de seis ou sete anos?

– E onde você leu que Chapeuzinho tinha seis ou sete anos?

– Bem... presume-se que fosse bem novinha...

– Você presumiu, mas ela poderia ter onze ou doze. Ou não?

– Poderia.

– Como vê, nessa idade já teria acordado em si alguma curiosidade sobre... “esses assuntos”, você me entende.

– E ela quer matar a curiosidade com um lobo?

– No final da história aparece um lenhador que mata o lobo e salva a avozinha e a menina de morrerem. O lenhador abre a barriga do bicho e de lá tira a velha e a criança. Não é um grande disparate tudo isso? Será que o lobo agüentaria comer duas pessoas sem ao menos mastigar?

– Mais uma vez, trata-se de um conto de fadas.

– Mais uma vez é preciso saber o que aceitar e o que não aceitar como plausível, mesmo num conto de fadas.

– E então...

– Digamos que não houvesse um lobo, mas um homem.

– Então não é mais um lobo?

– Lembremo-nos de que Chapeuzinho, ao encontrar o lobo na floresta não sente medo e põe-se a conversar com ele, o que não aconteceria se se tratasse de uma fera de verdade.

– Talvez a inocência não lhe permitisse ter medo...

– Dizer que talvez ela não tivesse motivo algum para ter medo é mais viável. A figura do lobo é utilizada em lugar do homem pois, admitamos, perderia a graça se ficasse claro no conto quem era de fato essa criatura com a qual Chapeuzinho marca um encontro na casa da avó: um homem jovem, bonito, e além de tudo esperto, ardiloso, com “faro”, um verdadeiro lobo!

– E o que esse “verdadeiro lobo” fez com a avozinha?

– De alguma maneira livrou-se dela. Não pensemos em nada trágico, digamos que lhe deu um sonífero e a meteu no armário, deitando-se depois em sua cama, pois sabia que Chapeuzinho estava para chegar. Observe que o lobo podia comer a menina lá mesmo na floresta, e é certo que diante dessa carne jovem e fresca não iria nem pensar na velha. Isso nos mostra que a estratégia da fera para apanhar a garota não faz nenhum sentido: por que deixar para pegá-la na casa da avó e, comendo a esta primeiro, correr o risco de enfastiar-se, isso para não falar numa indigestão?

– E o que o senhor pensa?

– Primeiro, ele não pretendia mesmo em “traçar” a velha. Depois, na floresta havia o perigo de alguém surpreendê-los, mas na casa da avó, uma vez que esta saísse de cena, estariam em se-

gurança. Esse homem verdadeiramente lupino tinha lá suas intenções quanto à menina... mas não contava que ela pudesse ter suas manhas...

– Mas que manhas?

– Ora, parece-me fora de questão que Chapeuzinho não podia confundi-lo com a avó, mas vendo-o ali, no lugar dela, deu-se conta de que era a oportunidade de fazer um jogo, que talvez já estivesse em seus planos desde o encontro na floresta... Ao dizer "que olhos grandes você tem, vovó, que dentes grandes você tem, etc." não se referia exatamente a olhos ou a dentes, ou poderia ainda ter acrescentado, o que o conto não refere, que a "avó" possuía mais "alguma coisa" bem grande... e quanto a comer, há aí um duplo sentido...

– Quer dizer que o lobo não comeu a menina no sentido denotativo...

O velho levanta as duas mãos espalmadas, encolhendo os ombros.

– Mas, Dr. Anatólio, isto é reescrever o final da história... ou até mesmo escrever outra!

– O que é ótimo, meu rapaz, ótimo! Isso é literatura! Se temos liberdade para fazê-lo, por que não soltar um pouco a imaginação? O resultado, como vê, não deixa de ser interessante.

– Nesse caso – conclui o moço, começando a rir – eu poderia considerar que o lobo, do mesmo jeito que comeu a neta, já havia comido a avó...

– Que, por sinal, devia ser uma velha bem assanhada, para se deixar apanhar assim. Mas é mais provável, como disse, que ele não desejasse correr o risco de enfastiar-se.

O moço estronda numa gargalhada, inventando sua reinterpretação da história:

– ...ou quem sabe estivessem de acordo, tendo a velha cedido a neta em troca de alguma vantagem, por exemplo, algumas moedas de ouro...

– ...e então – conclui o velho, casquinando com um chiado do peito – podemos descartar o sonífero e o armário: bastava que saísse de fininho, deixando o campo livre! – e arremata com uma gargalhada catarrenta.

"Sim, quero que meu namorado, quando eu tiver um, seja igual a ele...

"E por que não pode ser ele mesmo? Dentro de mais algum tempo terei crescido... daqui a quatro anos terei quinze, minha mãe disse que vai dar um baile quando eu fizer quinze anos, e que eu estarei vestida de cor-de-rosa, e que à meia-noite deverei dançar com papai uma valsa... e então, ela disse, serei adulta...

"Ora, se para ser adulta é só dançar uma valsa com papai, por que não fazer o baile logo no ano que vem?... Se bem que ano que vem ainda não terei quinze anos... deve ser por isso... Ninguém é adulto antes...

"O velho abriu a vidraça e mandou-me sair de seu quintal... estará zangado comigo por eu escutar o que ele e o rapaz conversavam?... Será que ele estava dizendo alguma coisa que eu não podia ouvir?... Ora, mas eles só falavam da Chapeuzinho Vermelho... O velho pensa que eu não escutei. Bobo. Fingi que ia embora, mas aqui detrás dessa moita ouvi tudinho...

"Chapeuzinho Vermelho era uma menina que um belo dia foi visitar a avó e levar-lhe um bolo e um pote de mel. Na floresta encontrou o lobo e eles apostaram para ver quem chegava primeiro na casa da avó. O lobo chegou na frente e devorou a velhinha, deitou na cama e ficou esperando pela menina... A história é assim, mas eles estavam inventando um final diferente...

"Minha mãe, quando eu era menor, me contava um monte de histórias: a da Bela Adormecida no bosque, a do Pequeno Polegar... Eu era bem pequena quando ela punha minha cabeça em seu colo e, alisando-me os cabelos, começava a falar... minha mãe falava com uma voz tão suave que eu acabava dormindo... dormia, mas também aprendia todas as histórias... Agora, mamãe diz, já estou ficando crescida, não é mais tempo de escutar historinhas bobas, 'a hora é de estudar' ela diz, 'estudar para crescer e ficar sabida, ser doutora'... ora, como é que ela pode saber se eu quero ser doutora? Eu gosto mais da Gata Borralheira do que do livro de matemática... Mas mamãe ainda me conta histórias, vez em quando relembra o tempo em que eu era pequenininha, me abraça, puxa minha cabeça para o colo dela e me conta uma daquelas lindas histórias!...

"Perguntei à minha mãe quando eu teria peitos. Ela disse:

‘Em breve, querida, dê tempo à natureza’, mas acontece que eu queria ter peitos agora, para que o rapaz bonito que vem conversar com o velho logo percebesse... quem sabe assim não se interessava em me namorar?... Pernas bonitas eu tenho, sei que são bonitas porque na escola, quando visto o *short* para a aula de educação física, tem sempre um menino dizendo ‘que pernas!’, e outro dia mesmo apareceu um abusado, um moleque sardento que disse: ‘Posso passar a mão nas tuas pernas?’, mas eu lhe perguntei se ele não se enxergava, ‘por que não vai passar a mão nas pernas da tua irmã?’, eu disse, e sabe o que o atrevido respondeu? ‘Porque as da minha irmã são muito magras’, onde já se viu!... Eu lá vou deixar que um moleque daqueles fique alisando minhas pernas?... É, pernas eu tenho, bem bonitas... mas peitos, às vezes eu fico apalpando minhas mimicas, os biquinhos, em volta... minha mãe diz que essa coisinha dura em volta das mimicas, feito uma bolinha, são meus peitos que estão começando a nascer, mas há que meses estão assim e não passam disso!... Será que até eu fazer doze anos terão aumentado?... Quanto tempo falta para eu fazer doze anos? Estamos em março, meu aniversário é em novembro... oito meses, puxa vida, como demora!... Em oito meses não é possível que essas bolinhas não aumentem de tamanho... em oito meses não serei adulta, não poderei dançar a valsa com papai, mas quando eu puser uma blusinha de malha bem apertada já vai aparecer alguma coisa... meus peitos, pequenos... mas o rapaz que vem conversar com o velho irá notar, duvido que não, decerto que irá perceber que eu já não sou uma pirralha, e que não sou nada feia...

“O rapaz... como será o nome dele?... Preciso saber o nome dele, pois para se namorar alguém é preciso saber o nome, onde mora, essas coisas – se eu não souber onde ele mora, como vou fazer para lhe mandar uma carta?... Ah, ele!... Ele eu deixava alisar minhas pernas!...”

– Mira – a mãe chegando à janela –, filha, saia do quintal dos outros e venha até aqui.

“Minha mãe sempre me chama quando não quero ir... se eu entrar não vou saber o fim da conversa dos dois... eles estavam rindo da Chapeuzinho, mas eu não entendi bem por que mudaram o final da história... O que o velho quis dizer com aquilo de

sedução? Duvido se não era alguma indecência... Afinal, o lobo era ou não era um lobo?... Será que ele queria namorar a Chapeuzinho?... A mamãe deve saber explicar isso...”

– Mamãe...

– Mira, quantas vezes já lhe disse para não ficar bisbilhotando no quintal do vizinho?

– Eu não estava bisbilhotando, mamãe. O que a senhora quer?

– Venha ajudar-me a secar a louça. E tome cuidado...

– ...que da última vez você deixou quebrar um prato! – a menina imita o tom de voz da mãe e apanha a toalha.

– Hum, é bom que se lembre. Tenho uma boa notícia: qualquer dia destes iremos à roça.

– Na casa de vovó Benvinda?

– Na casa de vovó Benvinda, qual é o espanto?

– Quando?

– Um dia destes...

– Sim, mamãe, mas quando?

– Ora, Mira, quando?... Se eu estou dizendo “um dia destes” é porque não sei ainda quando!

– Mamãe!... – choramingando.

– No começo de abril, penso eu.

– Mas ainda demora! Estamos no começo de março!

– E se você quiser ir, comporte-se, senão fica de castigo em casa.

– Ah não, mamãe!...

– Nada de ficar bisbilhotando no quintal dos outros, senão...

– Está bem, mamãe, eu juro, eu juro!

A mãe sorri, dá um tapinha na bochecha da filha.

– Tome, seque.

– Mamãe...

– O que é?

– Sabe a história da Chapeuzinho Vermelho?

– Sei. Eu mesma já lhe contei essa história.

– Você acha que o lobo queria namorar a Chapeuzinho?

A mãe espanta-se, sorri franzindo muito a testa:

– Que idéia é essa, Mira? Onde você ouviu um disparate desses?

– Não... é uma idéia que eu tive...

– Ora essa! Que idéias você anda tendo!

– Mas ele queria ou não queria namorar a Chapeuzinho?

– E onde você viu um lobo namorar uma menina?... O lobo era muito mau e devorou a Chapeuzinho, você não se lembra? Já lhe contei essa história mais de uma vez.

– Sim, mamãe... Mas o lobo não tinha comido primeiro a avó da Chapeuzinho?

– Sim, era um lobo muito faminto, pelo menos é o que diz a história.

– E como é que um lobo pode comer duas pessoas?... Além do mais, como é que ele comeu sem mastigar?

– E quem disse que ele não mastigou? Ele tinha dentes enormes, não se lembra da pergunta da Chapeuzinho? "Vovó, que dentes grandes você tem!" e o lobo: "São para te comer melhor"...

– Mas se o lobo mastigou, como é que o caçador veio depois e tirou a avó e a Chapeuzinho vivas de dentro da barriga dele?

– Ora, menina, menos conversa e mais atenção! Vê se seca essa louça direito.

iv | "A noite passada pensei muito no que o velho da casa ao lado e o rapaz de olhos claros conversavam... pensei, pensei, quase perdi o sono, e hoje quando acordei continuei pensando... A história que todo mundo sabe é assim: Chapeuzinho Vermelho vai na casa da avó levar guloseimas para ela e, na floresta, encontra o lobo, que lhe diz "vamos apostar qual de nós dois chega primeiro?". Daí o lobo sai correndo e chega na frente, come a velhinha e se veste com as roupas dela; deita-se na cama e fica esperando pela Chapeuzinho, para comê-la também. Mas o velho acha que o lobo tinha outras intenções, por isso deitou-se na cama e fingiu ser a avó... é que o lobo queria fazer 'coisa' com ela... O rapaz disse que o lobo devia estar de combinação com a avó, que saiu deixando-o sozinho à espera da neta... entendi direitinho o que ele e o velho falaram... Chapeuzinho, quando chegou, reconheceu o lobo, mas também queria fazer 'coisa' com ele, por isso ficou se fazendo de boba, e dizendo 'que olhos grandes você tem, vovó'...

"Mas isso eu não posso perguntar à mamãe, que ela zanga, porque são indecências... deve ser por isso que o velho me man-

dou embora, não queria que eu escutasse... não queria, mas eu escutei... Por que será que ele e o rapaz estavam dizendo essas coisas? A história não é assim!...

"Ou será que é?..."

"Daí que resolvi perguntar ao rapaz de olhos claros... ele veio hoje de manhã e eu vi quando remexia os livros do velho... agora eu estou aqui, na calçada perto da casa ao lado esperando que ele saia... mas o que vou dizer a ele?... Não sei como perguntar o que quero saber... e agora a porta da casa ao lado se abre e o rapaz sai, despede-se do velho à entrada e desce os degraus, atravessa o quintal e vai sair... então eu vou andando como quem não quer nada e quando ele passar por mim olho-o bem nos olhos de modo que ele não deixe de me notar... nem de ver que sou bonita, e quem sabe não acaba gostando de mim?... então sorrio para ele... e ele também sorri para mim..."

– Alô, menina bonita.

Mira continua sorrindo para o rapaz de olhos claros, que lhe pergunta:

– Está passeando?

– Vou à mercearia a mando de minha mãe – responde.

– Uma menina obediente! Isso é bom. Vamos juntos até lá embaixo.

Descem juntos a rua.

"Agora estou andando ao lado dele, e posso vê-lo bem de perto. Sim, é um rapaz bonito, parece um atleta!... Minha mãe costuma dizer: 'Mira, não fale com estranhos na rua', e eu sempre obedeço, mas ele não é um estranho... eu já o conheço da casa do Dr. Anatólio, afinal ele não vai lá de vez em quando? Não estava lá ainda há pouco? Não ficam conversando? Não remexe na estante do velho?... Não é um estranho, só não sei o nome dele, e se não sei o nome não custa perguntar... Ele diz que me reconhece, 'era você ontem no quintal do Dr. Anatólio, não?' e eu digo que sim, e ele diz: 'Com que então você gosta de ficar espionando pela janela dos outros, hein?', 'Eu não fico espionando' respondo, e ele: 'Não? Hum... O doutor me disse o contrário...', 'O que foi que ele disse?' eu pergunto, 'Disse: essa garota está sempre por aí, vigiando. Já esmagou minhas flores e quebrou um vaso', e eu então respondo irritada: 'Que mentira! Nunca quebrei vaso nenhum na casa dele!'... Daí ele pergunta como eu me chamo e eu

digo ‘Mira, e você?’, e ele diz ‘Gabriel’... Viu? Já não somos estranhos... acho que nunca fomos estranhos de verdade, mesmo quando não nos conhecíamos... ele tem nome de anjo: anjo Gabriel, frei José já falou sobre ele na aula de catecismo...

“Vamos andando e eu penso em perguntar sobre Chapeuzinho Vermelho, mas não tenho coragem... estamos nos aproximando da mercearia, onde eu devo parar, senão vou passar por mentirosa, e ainda não achei um jeito falar... enquanto isso ele vai falando outras coisas, fala bem e tem uma voz muito bonita, e quando olha para mim posso ver que seus olhos são claros como água, olhos verde-água... Chegamos! Não posso ir adiante... não posso continuar caminhando com dele... Então eu paro... ‘Vou ficar aqui’ digo, esperando que ele me convide para andar mais um pouco ao seu lado, mas ele simplesmente responde: ‘Sim, faça suas compras, não é bom deixar a mamãe esperando’, pisca um olho para mim, sorri e se afasta. Por que ele falou comigo como se falasse com uma criança? ‘Não é bom deixar a *mamãe* esperando’... Não vê que não sou tão criança assim?... Todo mundo diz que sou até bem alta pra minha idade... Fico parada, olhando-o ir... mas de repente tomo uma decisão: saio correndo, alcanço-o antes que ele tenha tempo de atravessar a rua no quarteirão seguinte, e toco-lhe o braço... e ele se vira para mim...”

– Hã?... Oi, Mira... o que houve?

– É que esse não meu nome de verdade... eu tenho outro.

– Ah, é?... Vejam só! E qual é seu nome de verdade?

– Chapeuzinho Vermelho.

“Digo e sinto-me corar feito um pimentão maduro... mas não lhe dou tempo de perceber meu embaraço: saio correndo de volta, sem olhar para trás, e entro na mercearia.”

v |

“Eu disse ao rapaz de olhos claros quem era, e agora ele sabe que eu os escutei aquele dia... Agora ele sabe meu segredo... Mas e se ele não entendeu? E se não compreendeu que sou Chapeuzinho Vermelho apenas para ele?... Meu Deus, será que ele não vai me achar oferecida demais? Minha mãe diz que é muito feio uma garota oferecida... Ela disse isso por causa daquela garota da outra rua, todos reparam nos modos dela... Será que meus modos se parecem com os dela?... Não, acho que não... sou uma menina

comportada, só o que faço é ir espiar o rapaz de quem gosto quando ele está de prosa com o velho... durante essa semana foi só o que fiz: espiar pela janela do velho quando ele está; fico ali, escondida atrás das moitas – sim, porque agora não posso ser vista, é preciso deixá-lo curioso a meu respeito... então fico ali escondida e o observo de longe... nessa semana ele veio três vezes, o velho mostrou-lhe diversos livros e ficaram conversando por muito tempo, mas não consegui escutar nada pois o velho não abriu a vidraça em nenhum momento... Daí não sei se falaram de mim... se o rapaz contou a ele o que eu disse...

"E quando encontrá-lo agora?... Ah, estou um pouco envergonhada... o que ele vai pensar de mim?... Tomara que não pense que sou oferecida... será que me achou bonita?... Mas ele aquele dia me disse 'alô, menina bonita'... é porque gostou de mim... se gostou de um jeito, é certo que vai gostar de outro também... só é preciso que me conheça um pouco melhor... Tenho medo de que me ache apenas uma pirralha, nem peitos eu tenho por enquanto... Não, eu não sou uma pirralha, sou bem alta pra minha idade... eu acho que sou alta, tenho pernas longas e bonitas, eu gosto das minhas pernas... gosto do meu bumbum, é pequeno e firme... ah, eu gosto muito de mim, e ele também vai gostar...

"Quando encontrá-lo de novo preciso ter coragem... muita coragem..."

**vi |** "Agora estou vindo da escola, depois da aula, e aqui no BarBado's, com suas mesinhas postas na calçada, quem eu encontro?... *Ele*, ele está ali. Paro... tenho medo de ir em frente, de deixar que me veja... tenho um pouco de vergonha do que possa pensar de mim... mas já não posso evitar que me veja, e de qualquer forma não poderei evitar para sempre encontrá-lo... é preciso encontrá-lo para que tudo dê certo... Bem, é melhor ir mais devagar, e tirar a mochila da frente do corpo; só crianças andam desse jeito, e eu já fiz onze anos, além do mais todos dizem que sou grande pra minha idade... se eu tivesse peitos ele decerto olharia, mas não tenho... ele parece tão distraído sentado naquela mesa e bebendo alguma coisa, bebe devagar e olha para a rua..."

Então o rapaz de olhos claros pousa o copo na mesa, vira o rosto, dá com a menina parada a dois passos, olhando para ele.

Sorri.

– Oi, Mira. Vindo da escola?

“Quando ele sorri eu sinto minha pele arrepiar-se, e baixo a cabeça olhando para o chão... sou uma pirralha, como um homem tão bonito vai perder tempo com uma pirralha que nem peitos tem?... Ainda bem que vim para casa com o *short* de educação física, assim ele pode ver minhas pernas...

“Mas ele me chamou de Mira, será que se lembra do que disse? Será que entendeu o que eu quis dizer?... Ele fala comigo e eu sorrio, estou encabulada, o que vou dizer?”

O rapaz leva o copo aos lábios, demora-se tomando a bebida enquanto olha para a rua, quase deserta àquela hora.

– Sente-se aí, tome um refresco. Vai me fazer companhia.

“Ele quer que eu me sente, oferece-me refresco e quer que lhe faça companhia... uma moça e um rapaz sempre se sentam num barzinho para tomar refresco, refrigerante, qualquer coisa... é desse jeito que começam a namorar... Então eu sento, o *short* é curtinho e ele pode olhar para minhas pernas se quiser... devo deixá-las bem à mostra enquanto bebo o refresco... então cruzo as pernas e recosto na cadeira, e fico olhando para ele...

“Mas ele está distraído... não, não é que esteja distraído... acho que está é encabulado, por isso não olha, e talvez com medo de eu me zangar, não sabe que é o que eu quero... Mas um dia vai olhar... As coisas não podem acontecer tão rápido, nem eu ia gostar que fosse tão rápido assim... é preciso saber esperar... ter calma e saber esperar...”

– O que vocês tanto conversam – Mira de repente pergunta.

– Hum? – Gabriel volta-se para a menina.

“...saber esperar...”

– Quem conversa? – pergunta.

– Você e o Dr. Anatólio, sobre o que tanto conversam?

– Sobre o que conversamos? – baixa a cabeça, pensa. – Um monte de coisas.

– Mas que coisas?

– Sobre coisas que estão nos livros.

– Ele deve gostar muito de ler...

– O Dr. Anatólio é um homem muito inteligente.

– Ele parece é um velho rabugento.

– Não – diz o rapaz –, não seja injusta com o Dr. Anatólio, ele tem suas manias mas não é rabugento. Sorri para a menina: – Foi meu professor de filosofia na faculdade, desde então nos tornamos amigos.

Levanta-se.

– Bem, Mira, termine seu refresco – olha o relógio –, tenho de ir. Até qualquer hora – e sai.

– Gabriel... – a menina chama.

O rapaz de olhos claros se volta. Mira está séria, encarando-o:

– Você se lembra do meu nome?

– Claro: Mira!

– Não – ela diz, ainda séria, bebendo lentamente –, o outro.

O rapaz olha para cima, contrai os lábios, depois sorri: afasta-se com um aceno, sem responder.

**vii |** "...por que demora tanto?... Eu lhe contei meu segredo e ele não entendeu... ou fingiu não entender... E agora que nos encontramos quase todos os dias, por que ainda continua me tratando assim?... Então não sabe o quanto me sinto insignificante com esse seu jeito de falar comigo como se eu fosse uma garotinha de seis anos?... Bruto!

"Só pensa em me pagar refrescos, sorvetes e doces... Será que quer me ver gorda e horrorosa? Desse jeito, é o que vai acabar acontecendo!...

"Por que não me convida para ir ao cinema?"

**viii |** – Mira, minha filha, já lhe disse para não conversar com estranhos, e outro dia você estava de prosa com um rapaz que eu não conheço em frente à casa ao lado.

"...e mais uma vez eu faço tudo para que ele olhe para mim..."

– Meninos, para o centro da quadra, já!

– E também não quero vê-la outra vez no quintal do vizinho, Mira. Quantas vezes será preciso repetir?

– Professor, a garota da casa ao lado... O senhor a conhece bem? Não lhe parece um tanto esquisita?

"...mas ele nunca me dá muita atenção, diz às vezes 'oi, garota bonita', e só..."

– Ei, Mira: que pernas você tem, que pernas!

– Então ela lhe disse que se chamava Chapeuzinho Vermelho? E o que ela queria dizer com isso?

– Não se meta com ela, sardento, ela é minha... não é, Mira?

– Sim, filha, iremos no próximo domingo.

"...não, ele não compreendeu meu segredo..."

– Ei, Mira, é mentira dele, não é?

– Bem, creio que é melhor escrever a vovó Benvinda antes, para que nos espere... O que você acha, minha filha?

– Ei, Mira... diz que é mentira dele, diz...

– Sabe o que penso, professor? Acho que ela escutou o que conversamos aquele dia...

– Não escrever?... Para chegar de surpresa, você diz... sim, pensando bem é melhor, vovó Benvinda gosta de surpresas...

– Ei, Mira, aqui, baixinho: deixa eu passar a mão, uma vezinha só... Deixa?

ix | "...hoje nos encontramos na pracinha perto de casa... a esta hora não há quase ninguém por aqui, a praça fica deserta... vim sozinha para cá, estava cansada de ficar o tempo todo em casa, pensando... venho e sento-me neste banco, e então o vejo, que vem atravessando a praça, Gabriel... decerto está vindo da casa do velho, pois está com um livro na mão... então ele me vê e vem aqui, por um momento fica de pé, bem à minha frente... Por que não hoje?, eu penso, sim, por que não hoje?... Terá de ser hoje, porque se não for, não será nunca mais... e então, se eu puxar um pouco a saia para cima, ele poderá ver minha calcinha... Quero que ele veja, homens sempre gostam de ver a calcinha das mulheres..."

– Eu sou Chapeuzinho Vermelho.

"Digo isso para chamar sua atenção, digo outra vez o meu segredo, que já lhe revelei e ele não entendeu... Digo-o para que vire o rosto e veja minhas pernas!... Os garotos do colégio sempre dizem que elas são bonitas e querem passar a mão...

"Ouvindo o que eu disse ele me olha nos olhos, então eu a-

bro um pouco as pernas... para ele perceber que eu quero que me olhe... Os garotos do colégio... olha, se você quiser passar a mão eu deixo, inda mais agora que não tem ninguém por perto... você vem e senta do meu lado, e põe a mão em meu joelho... e vai subindo... então eu abro mais as pernas... para que você toque em mim... ah, moço bonito, meu amor!, faça isso... faça isso para que eu seja feliz!...”

– Bem, Mira – ele diz, sem prestar atenção –, acho que está ficando tarde. – Pisca o olho e sorri: – A gente se vê.

Perplexa, Mira encara o rapaz – que permanecera de pé à sua frente não mais que um ou dois minutos –, move a cabeça com lentidão e o vê afastar-se rua abaixo.

“Ele não olhou... nem ao menos olhou...

...estúpido! Estúpido!...”

**x |** A mãe, chegando à porta do quarto:

– Que pirraça é essa, Mira? Então vem da rua a essa hora e nem toma banho, nem quer lanchar?

Deitada, a cara enfiada no travesseiro, a menina não responde.

– Desse jeito não vai à casa da vovó.

– Não quero ir, não quero ir – a voz irritada da menina, abafada pelo travesseiro.

A mãe senta-se na beira da cama. Toca-lhe os cabelos com carinho. A garota se retrai.

– Minha pequena pirracenta – ela diz, acariciando os cabelos da filha –, vem cá, minha pequena pirracenta, contra pra mamãe: o que foi que aconteceu?

E a menina, virando-se na cama, afunda o rosto banhado em lágrimas no colo quente da mãe.

**xi |** “E esta noite tive esse sonho confuso que não sei bem o que significa... Será que sonhos significam alguma coisa? Não sei... sei lá, tem sonho muito idiota, mas o da noite passada não parece um sonho idiota!... Como foi?... Primeiro eu estava numa estrada que parecia não ter fim, e lá ia eu caminhando com um pequeno cesto de vime na mão. Mas a estrada era muito comprida, por isso resolvi entrar por um atalho que atravessava uma floresta. O

que eu estava fazendo ali? Aonde eu ia? A verdade é que no sonho eu não sabia, apenas ia estrada afora e pretendia chegar a algum lugar, por isso entrei no atalho para chegar mais depressa e fui andando, e quanto mais eu avançava floresta adentro, mais a floresta parecia deserta e escura, embora fosse dia. O trilho ficava mais e mais estreito, e a todo momento eu tropeçava numa raiz, tinha muitas raízes grossas saindo do chão, os troncos era como se pouco a pouco se curvassem sobre o caminho fechando-se por cima dele, feito um túnel... eu já estava cansada de andar e meus pés doíam de tanto tropeçar em raízes e mais raízes quando cheguei a um lugar onde o trilho acabava, um lugar muito escuro e assustador!... Parei, e foi então que de repente escutei no meio das moitas e das árvores um barulho e vi um vulto contra o escuro das folhagens, mas eu não o conseguia ver muito bem porque a luz do sol não atravessava as copas das árvores nem chegava até o chão. Eu fiquei parada olhando o vulto, e ele também ficou me olhando, devia estar me olhando embora eu não visse os olhos dele... Então eu perguntei: 'Quem é você? O que você quer?' e o vulto soltou um rosnado feito um cachorro, e depois de um tempo respondeu: 'Você está em minha casa, menina. Sou eu que deveria perguntar quem é você e o que quer, não acha?', então eu respondi: 'Desculpe, eu não queria invadir sua casa, eu só queria pegar um atalho, pois a estrada lá adiante é muito comprida', e ele disse: 'Ah, então você estava na estrada, e saiu da estrada limpa e clara para entrar na floresta desconhecida e escura!... O que a faz pensar que você pegou um atalho, e não um caminho ainda mais comprido?', e eu respondi: 'Eu não sei... eu só pensei que fosse um atalho... mas vejo que me enganei, pois o caminho acaba aqui, bem no meio da floresta', e ele ficou quieto por algum tempo, soltando uns rosnados como se risse baixinho, e depois disse: 'E por que você está tão certa de que o caminho acaba aqui?', e eu respondi: 'Não vejo por onde o caminho continua, parece acabar bem aqui', e ele disse: 'E você não tem medo de andar por um caminho que não leva a lugar nenhum?', e eu respondi: 'Não sei... não sabia que o caminho não levava a lugar nenhum', e ele disse: 'Mas isto aqui não é lugar nenhum, é sempre um lugar, é o lugar onde eu moro', 'Não se zangue...' eu disse pensando em pedir desculpas, mas ele não deu tempo: 'Além do mais, quem sabe se o lugar onde você parou não é o início de um novo cami-

nho para um mundo muito diferente?', e eu perguntei: 'Que mundo diferente pode haver aqui?... Não vejo nenhum. Talvez eu devesse mesmo era voltar...' e ele disse: 'Pode ser que você não possa voltar, menina, a menos que você me diga seu nome' e aí é que a coisa se complicou, pois só quando ele disse isso eu me dei conta de que não sabia meu nome, nem mesmo sabia quem eu era, nem aonde ia, e o vulto tornou a rosnar, lá do escuro onde estava, como se risse, e falou: 'Uma menina que não sabe o próprio nome e nem onde está!... Que curioso!... Será que poderei ajudá-la a descobrir-se?... Vejamos: que espécie de touca é essa que você está usando?' e eu, muito espantada, levei a mão à cabeça e percebi uma touca que não sabia que estava usando, e quando vi, era vermelha; 'E neste cestinho que você tem nas mãos, vamos ver se adivinho o que há nele?... Aposto como há um pote de mel, bolos e biscoitos', daí eu olhei para o cestinho de vime e tirei a toalha que o cobria, e havia mesmo o que o vulto acabava de dizer!... 'Não sabe' ele continuou dizendo 'que é perigoso andar com uma touca vermelha na cabeça e um cestinho de vime com bolos e biscoitos, no meio da floresta, com tantos lobos à solta?', e eu comecei a ficar com medo, 'Ainda não sabe o seu nome, menina da touca vermelha?' ele disse; eu então comecei a recuar devagarinho, e respondi, como se de repente me lembrasse: 'Eu sou... Chapeuzinho... Vermelho...?', e ele: 'Ah, muito bem!... Então agora você deve imaginar quem eu sou...', e eu, já apavorada, falando muito baixo e recuando sempre: 'O lobo!... O lobo!...', daí o lobo – pois o vulto era mesmo o lobo – se mexeu, como que para avançar na minha direção, 'Mas que é isso? Está com medo?... Medo de mim?... De mim, que a fiz se recordar de quem era?... De mim, o único talvez que pode fazer com que o fim desse trilho na floresta seja o princípio de uma outra e maravilhosa viagem?... Ah, não tenha medo de mim, minha linda Chapeuzinho Vermelho!', e o lobo avançou devagar, e mesmo na quase escuridão da mata pude ver um pouco como ele era: parecia um homem embora fosse um lobo monstruoso, e tinha uma calva no alto da cabeça!... Mas quando ele ia pular em cima de mim, acordei...

"Sonho muito esquisito, que será que significa?... Nele, eu era mesmo a Chapeuzinho Vermelho, mas quem era o lobo?...

"E daí que eu me lembro de ontem... de todos esses dias,

mas principalmente de ontem... e dele... dele, que nunca me enxergou, eu nunca fui nada para ele, não passei de uma pirralha sem peitos que ele só pensava em agradar com docinhos, refrescos e sorvete... Também não quero mais conversa com aquele bruto!... Quem disse que ele é assim tão bonito?... Eu não acho... tem até o nariz grande!... Bem feito pra ele!... Vou bem deixar aquele garoto sardento da minha classe passar a mão em mim!... Vou deixar todos os meninos da classe passarem a mão em mim... vou tirar a roupa e ficar pelada, pelada!, no meio do pátio do colégio!...

"...Mas será que eu tenho coragem de fazer isso?..."

**xii |** O colégio fervilha.

Ao sinal, meninos e meninas correm alvoroçados em direção à quadra de esportes. Um professor com uniforme de educação física sai da secretaria e atravessa o pátio sem pressa. Vindo do vestiário, Mira galga os degraus da arquibancada carregando a mochila, e um menino sardento passando perto dela diz, baixinho:

– Ei, Mira, deixa eu passar a mão, uma vezinha só...

A menina se volta, pára, olha o garoto:

– Imbecil! – exclama, continua subindo e antes de sentar-se ajeita o *short*.

O professor com uniforme de educação física entra na quadra e assopra num apito. Dois times se formam, um de cada lado da rede.

"Por que não deixei o sardento fazer o que queria? Onde ele está?... Ah, ali, naquele degrau... é apenas um moleque, que graça tem?... Deve ter doze anos, feio não é, é até engraçadinho... e atrevido... se aquele bobão de olhos claros fosse atrevido assim!... Mas então? Por que não chamo o sardento lá para fora e digo que ele pode fazer o que quer... decerto vai ficar abobalhado... ou será que não?... Mas afinal, o que é pra fazermos?... Ele vem, passa a mão em minhas pernas e fica nisso? É que acho que ele não ia ter coragem de fazer mais nada... Também, onde? Tem gente por todo lado... Hum, a gente poderia ir até os fundos, atrás da lavanderia, o muro ali está quebrado e há uma passagem para o terreno do outro lado, um terreno cheio de mato onde estaríamos

seguros... Chegando lá, eu dizia pra ele: 'Você quer passar a mão em mim, não quer? Pois eu estou bem aqui', e ele vinha e punha a mão em meu corpo... a mão quentinha dele apertando minhas pernas, minhas nádegas... se fizermos isso, se ele fizer isso comigo, eu abaixo meu *short* e o deixo olhar para mim..."

Mira se levanta e desce os degraus até onde está o sardento:

– Ei, sardento, vem aqui...

O menino vira-se para ela, surpreso, Mira continua descendo e por um momento se volta, faz um gesto com o dedo, chamando-o. Fora da quadra, segura-o pela mão e o arrasta.

– Ei, o que você quer? Aonde você vai?

– Vem comigo, garoto, e não faça perguntas!

– Que garota maluca!

– Anda logo...

Arrasta-o para os fundos da lavanderia.

– Está vendo o muro? – pergunta, parando em frente ao muro.

– Claro, pensa que sou cego?

– Não seja malcriado. Veja, tem uma passagem bem aqui...

– E daí? Pensa em fugir do colégio por essa passagem?

– Não, mas quero ir do outro lado. Só não quero ir sozinha, por isso você vem comigo, para me fazer companhia. Anda, vem...

O garoto sardento a encara sem compreender. Mas Mira já atravessou, ouve-lhe a voz do outro lado, chamando-o.

"E agora eu estou aqui... ele acaba de atravessar a passagem no muro e estamos sozinhos um com o outro... meu coração está aos pulos e eu não tenho coragem de me virar para ele e dizer... dizer que... ele está esperando para ver o que eu vou fazer... sei que não entende nada, veio comigo por vir, só por vir, nunca poderia esperar pelo que está para acontecer... pedir pra passar a mão em mim ele pedia, mas nunca esperou que eu o chamasse aqui para deixá-lo fazer isso... meu coração vai sair pela boca... meus ouvidos estão zunindo... não consigo respirar direito pensando que esse sardento está aí atrás de mim... e ele fala, pergunta o que eu quero afinal... e eu então deixo a mochila cair na relva..."

– Mira, o que você quer?... Você está bem?

"Viro-me para ele, devagar, e vejo como ele está confuso!..."

– O que você veio fazer aqui, garota?

"Então eu dou um passo em sua direção, e estamos próximos um do outro agora... olhamo-nos nos olhos... minhas faces estão em fogo..."

– Põe a mão em mim – diz a menina encarando o garoto sardento.

– Quê? – o garoto sardento arregala os olhos.

– Isso que você ouviu... põe a mão em mim... nas minhas pernas, você não queria? Não vivia pedindo? Eu deixo... Anda! Põe a mão aqui...

"Por que ele faz essa cara de bobo?... Por que não faz o que lhe peço? Não era o que queria?... Então eu agarro a mão dele..."

– Passa a mão em mim...

"Eu esfrego a mão dele contra minhas coxas..."

– Anda, garoto... enfia a mão dentro do meu *short*...

O garoto sardento arregala os olhos e recua um passo, libertando a mão que Mira segurava.

– Bota a mão dentro da minha calcinha, seu estúpido, eu deixo...

– Acho... acho que você está é maluca! – gagueja o garoto e, como pode, corre, foge pelo buraco da cerca, de volta ao interior do pátio.

A menina, pasmada, vê-o escapar mas permanece ali, olhando a abertura no muro sem compreender bem o que se passara naqueles últimos minutos.

xiii | "Por que ele não quis?... Sempre que me via de *short* vinha de conversa, e quando eu deixo, ele sai correndo com medo... com medo de mim... será que o rapaz de olhos claros também teve medo de mim?... Não, aquele não teve medo, apenas não ligou para mim... garoto idiota, será que os homens são sempre idiotas assim?... Eu não queria ser homem, se fosse para ser bobo desse jeito... A quadra está cheia, todos os alunos na aula de educação física... Não, eu nunca teria coragem de ficar pelada no meio de toda aquela gente... que bobagem! A gente pensa cada bobagem!... Ficar pelada no meio da quadra, com todo mundo olhan-

do, já pensou?... Também não deixava todos os meninos daqui me passarem a mão... o sardento sim, só ele, que é bonitinho, mas já que ele não quis... os outros não... nenhum... e ficar pelada?... Nunca... nunca que eu tinha essa coragem...

"Nunca que eu tinha coragem..."

xiv | – Não tenho filhos ainda – diz um –, minha mulher diz que por enquanto é cedo. Penso da mesma forma, em certas circunstâncias filhos são um problema...

– Não acho que sejam um problema – diz outro. – Tenho dois, o mais velho está com nove anos, a caçula com seis... eu e minha mulher estamos pensando se deixamos vir mais um já, ou se esperamos um pouco mais, até estes ficarem mais crescidos...

– Ter um filho depois de os outros crescidos – diz o terceiro – é um recomeço... Lá em casa foi assim, o mais velho tinha quinze anos quando nasceu um temporãozinho.

– Eu – diz Gabriel, o rapaz de olhos claros – tenho uma filha de oito anos. – Vira-se para os outros. – É muito bonita! Às vezes fico olhando para ela, só olhando... Acho que ela vai ficar linda quando crescer!

– Ela vai ser estuprada antes de crescer.

A frase é um golpe – um cristal que se estilhaça em pleno dia: os quatro se voltam, assombrados encaram a garota que, a dois passos de distância, pálida, imóvel, apertando contra o peito a mochila, olha com ódio para o rapaz de olhos claros.

E sai correndo rua afora, desaparece na esquina.

xv | "Por que eu disse aquilo?... O que é uma pessoa ser estuprada?... Bem, eu sei... eu quase sei... não, eu sei... deu outro dia na televisão... foi assim: um homem estuprou uma garota... o homem machucou a garota todinha... é que quando isso acontece, o homem faz 'coisas' com ela, indecências... só que ela não quer, mas ele faz assim mesmo... e porque ela não quer, então ele faz a força e acaba machucando... eu perguntei à minha mãe, mas ela não quis dizer... minha mãe tem vergonha de falar nessas coisas comigo, ela pensa que eu não sei de nada... eu perguntei: 'mãe, a senhora já foi estuprada?', e ela ficou furiosa, disse que isso não era coisa que se perguntasse aos outros, principalmente à mãe,

‘você me respeite, menina, me respeite!’... não sei por que ela ficou tão zangada, não vejo o que há de errado na pergunta... se foi, foi, se não foi, não foi... eu nunca fui, se alguém me perguntar eu digo: ‘não’, e pronto!...

“Mas eu fico pensando se o lobo, na história de Chapeuzinho Vermelho, estuprou a Chapeuzinho ou não... pra minha mãe não adianta perguntar... arrisca até me bater... mas se a Chapeuzinho deitou na cama com ele, então não foi a força... Não foi isso que o Dr. Anatólio falou aquele dia?... Pena que não pude ouvir até o final... ele falou que a Chapeuzinho Vermelho não tinha como confundir o lobo com a avó, e se deitou na cama com o bicho porque quis... mas daí não entendi mais nada, pois logo os dois começaram a rir... o Dr. Anatólio e aquele outro... por que riam tanto?

“E o meu sonho?... Nele, eu era Chapeuzinho Vermelho mas não sabia, e havia um lobo... Só que, estive pensando, no sonho não havia nenhuma avó, pelo menos a avó da Chapeuzinho não aparecia pois eu nem ao menos sabia aonde estava indo nem o que levava no cestinho de vime... é que o Dr. Anatólio disse que o lobo marcou com a Chapeuzinho um encontro na casa da avó dela para não correrem perigo, pois na floresta alguém podia surpreendê-lo fazendo ‘coisas’ com a menina... daí que no meu sonho é o lobo quem descobre que eu sou a Chapeuzinho e o que eu levo no cesto, e não marca nenhum encontro: avança para mim ali mesmo, pois a floresta escura era sua casa e nela ele estava em segurança... será que o lobo do meu sonho queria fazer ‘coisa’ comigo?... a força?...

“Um lobo... se o rapaz de olhos claros fosse um lobo, teria entendido meu segredo... teria posto a mão em mim... e eu não diria o que disse... eu disse uma coisa muito feia, mas também estava com muita raiva dele... Não, ele não é um lobo, não é o lobo da história nem do sonho... O garoto sardento também não, aquele bolha não pode ser lobo nenhum, se fosse era capaz de ter medo da Chapeuzinho como teve de mim, decerto sairia correndo quando a Chapéu deitasse na cama ao lado dele... Que garoto bobo, cruz credo!... Mas afinal, quem será o lobo?...”

**xvi |** – Filha! Até que enfim veio ver essa mãe matuta! – e a velha

senhora desce os degraus da varanda para receber a filha, que acabava de saltar do carro.

– Matuta mesmo, mamãe – diz a filha –, matuta mesmo, que não sai desta roça para visitar a filha na cidade.

– Oh, filha, não se apoquente, você bem sabe: não me dou com aqueles ares... e aqui o sítio clama por minha atenção. Se me ausento um dia, que balbúrdia, que balbúrdia! Mas, e a nossa lindinha, como vai?

– Vou ótima vovó – diz a menina, que acabava de saltar e abraça a avó.

– E, vejam só, de mini-saia feito gente grande! Não está com frio nestas pernas, garota? – faz cócegas no pescoço da neta, que se encolhe com um risinho cheio de dengos.

– Pois eu acho – diz a filha – que a senhora tem quem cuide disso aqui muito bem. Podia tirar uns dias para me fazer um agrado.

– Bem, veremos... pensando bem, você tem razão, sempre tem razão, minha filha... mas vamos entrar agora. Devem estar famintas, não? A Josefa está acabando de preparar o almoço. – Puxa a neta para si: – Venha, querida – e de novo para a filha, baixando um tanto a voz: – Hoje temos visita...

– Oh, espero que não seja alguém de cerimônia...

– Claro que não. Um amigo, venha conhecê-lo...

"Então entramos na sala, e quem encontramos ali? O velho rabugento da casa ao lado da nossa, o Dr. Anatólio! Quem diria! Como é que ele veio parar na casa de minha avó? Onde se conheceram?... Agora vovó os apresenta, e ele, cheio de cortesia curva-se para beijar a mão de mamãe, e quando vovó diz 'esta é minha neta, não é linda, Dr. Anatólio?' vejo que ele me reconhece, mas não faz cara feia. Aqui não sou a menina que invade seu quintal, sou a neta de sua amiga... ou quem sabe de sua namorada, e ele me sorri... sua namorada? Será que vovó arranjou um namorado?... Hum... podia ter escolhido melhor, que graça viu nesse velho magrelo e narigudo?... Vai ver que a roupa dele fede a guardado... além do mais, vovó é bem bonita ainda, podia arranjar um namorado bonito também..."

– Devo dizer-lhe uma coisa, minha senhora – diz o Dr. Anatólio para a dona da casa –, eu e sua filha somos vizinhos! É bem verdade que de pouco tempo...

"E agora vovó parece encantada com essa coincidência... quer saber de tudo explicadinho, do jeito dela, e nos convida para sentar... O Dr. Anatólio olha para mim enquanto se senta... eu prefiro ficar em pé e me recosto no sofá ao lado de mamãe, e enquanto vovó sai um momento para a copa, mamãe se vira para ele falando qualquer coisa sobre o fato de sermos vizinhos mas ainda não nos termos conhecido bem... Embora eu de vez em quando atravesse a cerca para o quintal dele para espionar, nunca vi o Dr. Anatólio e mamãe conversando..."

– A menina eu já conheço – diz o Dr. Anatólio –, aparece às vezes no meu quintal.

– Oh, doutor, não posso com essa garota, quanto mais lhe digo "Mira, é feio entrar no quintal dos outros sem permissão", quem diz que ela me obedece?

– Criança, minha senhora, coisas de criança... é uma adorável criança, não me incomoda.

"Mentiroso! Já ralhou comigo mais de uma vez, não gosta nada que eu vá lá, porque sabe que eu fico olhando pra dentro da casa dele... mas o vaso não fui eu quem quebrou.

"E então vovó retorna com os copos e o licor de jenipapo... 'Um aperitivo enquanto o almoço não fica pronto' diz, e serve um copinho a cada um... até para mim! Ela diz: 'não se deve deixar as crianças de fora, não há perigo algum em que ela tome um pouco de licor', contrariando mamãe, para quem eu só deveria beber Crush... e agora que todos bebericam, decerto vão começar uma daquelas conversas de adultos que não acabam mais... aposto como o Dr. Anatólio vai querer explicar como se mudou para a casa ao lado da nossa, depois vovó vai falar de suas receitas e perguntar ao namorado se ele gosta de bolo de nozes, e mamãe vai meter a colher no assunto, inda que não saiba cozinhar, e vão por aí afora... ah!, eu não gosto... quer saber?, vou lá no quintal..."

– Aonde você vai, filha?

– Lá fora, mamãe.

– Tome cuidado, não vá aprontar.

– Eu nunca apronto, mamãe.

– Vê-se que é uma menina bem comportada – diz o Dr. Anatólio com um gesto de aprovação.

– Vá ao cercado, minha querida – diz a avó –, há uma ni-

nhada de patinhos para você ver... mas cuidado, não deve pegá-los pois são muito sensíveis. E fique por perto, que o almoço não demora...

**xvii |** "Então eu vou, atravesso o corredor, passo pela cozinha, dou um abraço na Josefa e lhe digo para fazer uma comida bem gostosa, daí eu saio para o quintal pela porta dos fundos... quero ver os patinhos, vovó tem muita novidade aqui no sítio! Da última vez que viemos, era uma ninhada de cachorrinhos, da cadela Fifi, que depois desapareceu, vovó acha que a roubaram pois era uma cadela muito bonita... eu acho que foi atropelada por algum caminhão... por que sempre imagino a Fifi sendo esmagada por um caminhão?... Por que o Dr. Anatólio não fez cara feia para mim, como faz quando me vê no quintal da casa dele?... Bem, não tinha mesmo graça, eu acho, fazer cara feia para a neta da namorada... mas será que eles estão mesmo namorando?... Ah, não creio, devem ser só amigos... vovó não ia querer esse velho ranzinza... Será que ele ainda se interessa por mulher?... Será?!... Duvido!...

"Os patinhos não estão no cercado, devem ter fugido por aquele buraco, ali... devo avisar vovó de que os patinhos fugiram?... É perigoso para eles andar por aí... O lago! Já sei, devem estar no lago...

"Mas por que ele não se interessaria por mulher? É homem, afinal, e homem sempre se interessa por mulher... a não ser os que não gostam... bem, mas esses... mas aquele garoto sardento parecia gostar, pois vivia me pedindo, e depois não quis nada... bah, ele não é um homem ainda, é só um garoto, bobo que eu nunca vi!...

"Sim, lá estão eles no lago... os patinhos... mamãe pata toda garbosa, nadando com a ninhada...

"Ei, patinhos... olá... vêm cá, patinhos!..."

**xviii |** "Durante o almoço eu resolvo contar o meu sonho.

"Vovó está sentada defronte à mamãe e eu defronte ao Dr. Anatólio. Daí aproveito para dizer a vovó que há um buraco no cercado e que os patinhos fugiram para o lago, 'você os viu no lago?' vovó pergunta, e eu digo que sim. Mamãe diz que eu devo

ter cuidado ao me aproximar do lago, que é fundo, 'se você cair lá dentro, não sai mais' ela diz, mas o Dr. Anatólio faz um gracejo: 'Se a minha linda pequena cair no lago, eu corro para salvá-la', ele pensa que tem graça; velho como é, é bem capaz de ir me salvar e se afogar também! Afinal, deve ter reumatismo, todo velho tem reumatismo...

"Mas então eu me lembro do sonho que tive e pergunto: 'Vovó, os sonhos significam alguma coisa?', e vovó responde: 'Há quem diga que sim, minha querida'. O Dr. Anatólio diz: 'Saiba, minha linda pequena, que os sonhos mereceram a atenção de ninguém menos que Sigmund Freud; sabe quem foi Sigmund Freud?', eu faço que não enquanto o olho admirada, e ele continua: 'Sigmund Freud foi o criador da psicanálise... Bem, talvez não seja o momento adequado para falar de um assunto tão difícil, mas para responder a sua pergunta, minha linda pequena, saiba que Sigmund Freud foi um grande estudioso dos sonhos, e garantiu que eles têm profundos significados'. (Não sei por que esse velho vive me chamando de 'minha linda pequena'! 'Minha linda pequena' pra cá, 'minha linda pequena' pra lá... acaso sou sua 'linda pequena'?) Daí que eu digo: 'Outro dia eu tive um sonho, posso contar?' e mamãe me corrige: 'Pode, filha, desde que não fale com a boca cheia e não seja inconveniente', 'não é inconveniente, mamãe, por que seria?', 'nesse caso, gostaremos de ouvir', então eu conto. Vou contando tim-tim por tim-tim, engraçado, um sonho comprido como aquele, e eu ainda me lembro de tudo que eu e o vulto, que era o lobo, tínhamos dito um ao outro... só paro na hora de explicar como era o lobo, e percebo que o Dr. Anatólio é careca no alto da cabeça... não fica bem falar de uma careca em sua presença, daí eu pulo essa parte...

"Quando termino de contar, vovó diz que é um sonho assustador, 'isso parece mais um pesadelo'. 'O que o senhor acha que meu sonho significa, Dr. Anatólio?' eu pergunto, olhando-o com firmeza, mas ele me parece meio embaraçado, 'bem, minha linda pequena...' (lá vem ele de novo!...), e mete uma colherada de sopa na boca, querendo ganhar tempo para responder. Por fim diz: 'É um sonho e tanto, valha-me Deus!... Como é que posso saber o que significa?'. É o que ele diz, mas por que eu tenho a impressão de que ele sabe a resposta? Afinal, aquele dia em que ficou bravo comigo por estar espiando pela janela dele, aquele

dia ele e o rapaz de olhos claros falavam de Chapeuzinho Vermelho... e no sonho eu sou a Chapeuzinho Vermelho...

"Será que desconfia de que eu consegui ouvir a conversa quase toda?"

xix | "O almoço termina e eu me retiro da mesa, saio para a cozinha onde a Josefa cozinheira está lavando louça, e começo a ajudá-la a secar. Estou de pé junto à pia e vou pegando os pratos e secando, e pegando os talheres e secando, e já que estão secos eu me abaixo para guardá-los no armário embaixo da pia, e assim me abaixo a toda hora, sempre que seco um prato ou um talher... Vovó Benvinda e mamãe parecem estar conversando no quarto, escuto as vozes das duas lá dentro... quando termino de secar e guardar a louça, eu me viro: o Dr. Anatólio está na porta (a Josefa não percebe, muito atarefada em arrumar a cozinha), sim, o doutor está de pé na porta e olha para mim..."

xx | – Mas, sim! – exclama a velha senhora –, tenho de um tudo aqui no sítio. Minha filha me conhece, sabe que gosto de atividade... é verdade que tenho mão de obra confiável e um bom administrador. Não, não! Terra parada é prejuízo, o falecido costumava dizer: "Terra parada é barriga vazia", o falecido era como eu.

– E ele estava muito certo, minha senhora – diz o Dr. Anatólio passando para a varanda dos fundos. – Não me canso de admirar sua propriedade, muito bem cuidada.

– Mamãe sempre foi muito caprichosa, Dr. Anatólio. E sempre adorou a vida na roça...

– É a escolha acerta, minha senhora – concorda o velho –, que eu também faria se pudesse... infelizmente muitos compromissos me prendem à cidade, e além de outras coisas ainda tenho aulas a ministrar ... por isso não perco qualquer oportunidade de passar um dia respirando o ar puro do campo...

– Mas venham – convida a dona da casa –, vamos dar uma volta pela chácara, poderemos colher algumas frutas...

"Eles estão saindo agora... vêm passear na chácara... decerto estão falando do sítio, das coisas que vovó tem, das galinhas, das plantações... o Dr. Anatólio vem atrás das duas, aposto como faz comentários assim: 'a senhora é muito empreendedora, dona

Benvinda' e 'o ar aqui é puro como não se respira na cidade' e também 'o seu pomar é um brinco, minha senhora'... Por que os velhos têm esse jeito de falar?... Agora mamãe me avista e diz que eu não devo brincar com o gato e vovó replica dizendo que é um animal muito manso e saudável... e elas seguem adiante conversando, enquanto o Dr. Anatólio fica para trás... viu-me sentada neste tronco com o gato no colo e começou a andar devagar, fingindo que olha em volta... e ele vem, e se aproxima passando a alguns passos de distância... anda como um velho que é, meio encurvado, o nariz pontudo para adiante como se fosse furar... a cabeça meio pelada no alto brilha como se a tivesse lustrado com cera... e então ele anda ainda mais devagar e olha para mim... e eu olho para ele e vejo que seus olhos me devoram... ele está olhando para minhas pernas... eu continuo olhando para ele e ele para minhas pernas, então eu tiro o gato do colo para ele ver melhor e ele pára, então eu abro as pernas um pouquinho... e ele me olha nos olhos, e eu abro mais as pernas para ele ver minha calcinha transparente..."

**xxi |** – Oh, filha – diz a velha senhora abraçando a filha –, vê se não demora a voltar... sinto tanto sua falta, e da minha lindinha!...

– E a senhora também, já que sabe o caminho da cidade.

Da varanda o Dr. Anatólio acena. O carro arranca, na estrada sobe uma nuvem de poeira, o ronco do motor vai sumindo ao longe...

"Agora eu sei... comecei a saber na hora do almoço... soube aquela hora na chácara... soube também na hora de nos despedirmos de vovó Benvinda, quando ela disse 'espere que eu tenho uma coisa pra minha lindinha' e foi na gaveta da cômoda trazendo de lá um pequeno embrulho, e quando eu abri – o que havia nele?... Um chapeuzinho vermelho de crochê... por isso agora eu sei quem é o lobo..."

**xxii |** "Atravesso o buraco na cerca e passo para o quintal da casa ao lado... esta é a casa do lobo! Já é tarde, meus pais não podem nem desconfiar que eu não estou na cama... Mas eu acho que não tem perigo, eles não têm costume de se levantar depois que se recolhem, nem voltam ao meu quarto depois de me darem boa-

noite... Então me aproximo da vidraça... lá está ele, o lobo, um lobo muito velho e feioso, mas assim mesmo um lobo... está lendo como sempre, mas sozinho porque hoje o rapaz de olhos claros não veio conversar... aquele bobão, ainda bem... É preciso dar volta à casa e ir até a entrada dos fundos... É aqui... O batom cereja que apanhei no banheiro, como vou passar batom nessa escuridão? Vai borrar tudo... não faz mal, eu passo com cuidado, se borrar um pouquinho fica até melhor... pronto... agora tiro minha roupa... primeiro o casaco e a blusa, depois a calça do pijama, por fim a calcinha de renda... ponho tudo aqui, em cima da mureta, os chinelos deixo no capacho... então bato na porta, e quando ele abrir eu entro – usando apenas o chapeuzinho vermelho de crochê que vovó Benvinda me deu."

Mira bate à porta.

Primeiro bem de leve, com o coração aos saltos, como se lhe fosse faltar o ar. Depois com mais força. Até ouvir passos no interior da casa e uma luz acender-se no cômodo vizinho – então pára, ofegante, e recua um passo. Quando a porta se abre, o Dr. Anatólio, atônito, vê à sua frente uma menina nua com os lábios borrados de batom cereja e um chapéu vermelho de tricô recobrindo os cabelos negros.

Chapeuzinho Vermelho finalmente entra na toca do lobo, e a menina nua e a velha fera se abraçam em delírio.

# Uma canção para a beleza

*A beleza! Mas que é a beleza? Que é que cria a beleza, qual é o efeito que ela exerce? (…) Mas então como será possível, em face de uma verdade tão clara, não se ficar penetrado do maior desgosto e nojo?*
*(***Thomas Mann**, Gladius Dei*)*

Ontem voltei do advogado, um certo Dr. Pessoa que me recomendaram por sua habilidade. Garantiu-me, após ouvir o que lhe expus e examinar rapidamente os papéis que levei, que a previdência deve-me dinheiro, e encarou-me com seus olhos claros e um sorriso que, talvez por sua franqueza de gestos e palavras, logo me pareceram familiares. Ficou de examinar com mais atenção o meu caso, apertou-me a mão e me despediu, marcando nova entrevista em seu escritório para daí a duas semanas. A intenção é entrar com um processo requerendo um benefício – que pelo menos não me venha a faltar para a comida e para os remédios nesses poucos anos que me restam, não muitos, penso eu, embora isso não faça em absoluto a menor diferença. A morte me assusta menos que a vida, e a minha vida parece-me tão árida e insatisfatória, que já começa a pesar-me em excesso.

É que agora, aos cinqüenta e seis anos mas muito mais envelhecido que isso, quando trago o corpo dilacerado pelas moléstias e as finanças arruinadas pelo desregramento, dou comigo na triste situação de um homem para quem, depois de ter conhecido o mundo e vivido tanto, não sobrou muito, não sobrou nada, e o balanço do que fiz de mim revela apenas o ilusório, mostra-me tão só o vazio de minha existência.

Descrente, por temperamento, de Deus e dos homens, nunca me preocupei nem com a religião, nem com a ética. Jamais

entrei numa igreja para reverenciar esse perante o qual se ajoelham os beatos e os tolos, e a dor dos meus semelhantes não existia para mim, pois que o meu semelhante também não existia: ao deparar com alguém numa situação como esta em que hoje me encontro, descartava-o sumariamente de minhas relações como a um trambolho importuno e seguia adiante sem qualquer apelo de consciência. Enfim, fui um homem sem grandes escrúpulos, talvez sem escrúpulo algum, pois se não cheguei a enveredar por caminhos ilícitos foi mais por faltar-me vocação para tanto e por nunca me faltar dinheiro. Por fim, ao me ver falido já não tinha saúde nem idade para me transformar num ladrão.

Filho único, muito cedo me vi livre de uma família que me sufocava mas que me deixou uma razoável fortuna. Transcorrido o período protocolar de luto (o excessivamente longo período de um mês!) pela morte dos meus pais, abandonei com alívio a universidade e passei a ocupar o meu tempo entre a clandestinidade dos cassinos e a pública dissolução de minha vida social, de forma que tanto me surpreende não ter caído na miséria mais cedo quanto ter-me mantido livre da AIDS – penso que a sorte me acompanhou por mais tempo do que eu merecia, até exclamar por fim "basta, não te suporto mais!": apesar de todas as mazelas que me afligem, não tenho esse bichinho terrível no sangue, e minha situação financeira só ruiu por completo de uns cinco anos para cá.

Fui, como disse, um libertino, e quando não me divertia espalhando fichas sobre o pano verde de uma roleta, entretinha-me nos motéis onde colecionava mulheres de qualquer idade, raça, nível social ou estado civil – que passaram por minha vida como as fichas de jogo: iam e vinham, simplesmente, e só tinham algum valor no momento de trocá-las no caixa. Se hoje minha solidão não chega a ser dolorosa, é porque reconheço que elas – as mulheres – nada significaram para mim: desfrutei de todas, não amei nenhuma, nenhuma decerto me amou, e nisso ficamos empatados.

Também nada construí, sempre duvidei de que valesse a pena construir alguma coisa e chegava mesmo a zombar dessa estreita noção que as mentes burguesas engendraram de que se deve "viver produtivamente", tanto para o engrandecimento pessoal quanto para o "bem comum". Ora, o bem comum... o que me

importava o bem comum? De ordinário, tinha em mente apenas o prazer imediato e pouco duradouro dos festins, e por ser pouco duradouro é que era prazeroso, e portanto urgia prolongá-lo: noitadas, festas, roletas, motéis... Qual! Faltava tempo para preocupar-me com o bem comum, e se um ou outro conhecido opunha-me, às minhas invectivas às estreitezas burguesas, o argumento de que nem todos podiam, como eu, dar-se ao luxo de passar como um *bon-vivant*, eu respondia que a nem todos calhava ter estrela, "eu tenho" dizia, "outros não, que fazer?" e concluía, dando de ombros, *"c'est la vie"*. (Não posso, contudo, afirmar, que devo somente à sorte – ou à estrela – o fato de não ter acabado com meu dinheiro há mais tempo, e aqui convém uma rápida explicação: a administração dos bens da família, após a morte dos meus pais, não ficou em minhas mãos, mas a cargo de um tio bem mais velho que, com alguma benevolência, via em mim apenas o *playboy* inconseqüente que decerto jamais se interessaria por coisas tão enfadonhas quanto um escritório, uma pauta de reuniões, as minúcias de um contrato, e acabou por assumir o duplo papel de gerente da empresa e de meu "tutor" – cuidava de tudo, ocasionalmente punha-me a par dos negócios, fazia depósitos em minha conta, puxava-me as orelhas quando eu me excedia para pôr-me um freio, e depois voltava-se para seus assuntos.Viveu muito esse meu tio, mas como tivesse de morrer mais cedo ou mais tarde, minha bancarrota começou a partir do dia de seu sepultamento. Em pouco tempo acabei com meu patrimônio, tinha cinqüenta e um anos então, começava a adoecer, conheceria a miséria.)

Alguém como eu, dirão alguns, que fez de sua vida um *continuum* de futilidades, não terá nada a contar, pelo menos nada que tenha qualquer valor ou significado. Seu passado – acrescentarão – seria, por assim dizer, cinzento, opaco, sem nenhum brilho, sem nenhuma importância, e sobretudo sem alegria, pois tudo aquilo que em certa época pudesse ter esse nome revelava-se no fim vaidade. No entanto, mesmo eu talvez possua algo de belo em meus guardados, uma coisa cuja memória rebrilhe feito jóia, feito gema intocada e pura no meio da lama, e baste para que eu não tenha, de todo, desperdiçado a vida.

O curto período de encantamento que vivi começou um dia à tarde, há vinte anos, quando o percebi – a *ele* – entre outros adolescentes numa festa do clube que então freqüentava.

Vê-lo foi uma revelação.

Poderei descrevê-lo de modo a transmitir uma idéia pelo menos aproximada do que contemplei? Como dizer "eis ali a beleza" sem incorrer nos mesmos lugares-comuns de quantos buscam expressões originais mas não as encontram, ou por não existirem ou por serem insuficientes?

Como exprimir o imponderável?

Cabelos lisos de um louro palha, compridos, não porém até os ombros, e a pele alva.

O rosto, não o de um menino de treze ou catorze anos, também não o de uma menina, ainda que a suavidade e sutileza dos traços – o nariz pequeno e afilado, os lábios finos que sorriam com indescritível graça, o tímido olhar – sugerissem uma face feminil.

Não as mãos, mas os gestos: sutis, dedos esguios, mas não longos, talvez.

Magro, o corpo – eu adivinhava – belo como o de um menino nessa idade, puro, sem sinais nem cicatrizes na imaculada pele, perfeito.

Um menino, só um menino.

A inexprimível beleza.

Moveu a cabeça, rebrilhando os cabelos ao sol...

Olhou para um dos garotos ao seu lado, sorriu para ele falando alguma coisa, outros falaram e riram ao mesmo tempo, numa algazarra breve...

Afastou-se um passo, sempre sorrindo.

Então olhou para mim.

Quando mais tarde conversávamos sozinhos, apoiados na mureta da varanda, embaixo as luzes começando a acender-se naquele princípio de noite, eu mesmo quase não dizia nada – deixava-o falar, escutava-o, e como ele também não dissesse muita coisa nossa conversa compunha-se mais de silêncios mais ou menos longos do que propriamente de palavras. Soube que era

novo na cidade, a família mudara-se há pouco tempo, por isso – pensei – não o havia conhecido antes. Agora o clube esvaziava-se: no bar do outro lado, defronte à piscina, apenas os freqüentadores habituais permaneciam. De lá vinha uma música dançante, em ondas, entre os golpes de vento que cruzavam o grande espaço descampado. Dos meninos, alguns também já haviam ido embora, outros saíam da água e se encaminhavam para o chuveiro. Mas ele continuava ali, debruçado ao meu lado na mureta, e vez por outra falava, apontava em alguma direção e fazia um comentário. Depois sobrevinha outro dos silêncios que entre nós, naquele começo de noite, compunha nosso diálogo.

Seu nome? Não devo anotá-lo aqui. Prefiro identificá-lo apenas por uma inicial, M... – é o suficiente para falar dele, que de nome não precisava. Um nome torna-se, às vezes, vulgar ao ouvido, como se de uma hora para outra já não se harmonizasse com a figura de quem o possui, ambos estranhos entre si, ainda que à época o dele me parecesse um nome agradável e eu o pronunciasse com prazer.

Depois dessa tarde no clube, voltamos a nos encontrar algumas vezes, e nesses encontros, ora passeávamos à toa pelo jardim público, ora visitávamos as lojas do centro da cidade olhando vitrines; vez por outra fazíamos algumas incursões rápidas pelo campo, e quando nesses passeios algo chamava sua atenção detinha-se e apontava, nunca porém com grandes expansões de admiração, mas naturalmente, olhando para mim e rindo feito uma criança sobre a qual o tempo não pudesse exercer sua força.

Um dos momentos mais belos e de maior ternura daquele período tão curto de minha vida deu-se certo dia num mirante aonde fôramos pela primeira vez; estávamos sozinhos nesse dia e admirávamos quase sem conversar a soberba paisagem a desdobrar-se em vales e montanhas à nossa frente até o horizonte; súbito, passei o braço sobre seu ombro e o puxei para mim, e ele, levantando o rosto, olhou-me nos olhos... Nossos rostos muito próximos, ficamos a nos olhar por alguns instantes, e então o beijei. M... não se afastou, deixou-se beijar fechando os olhos, os lábios macios, mornos e úmidos entreabertos para mim...

Posso reproduzir quase sem erro o curto diálogo que se seguiu:

– Somos namorados agora – eu disse, sem pensar concre-

tamente no que dizia tamanha a confusão que se formava na minha cabeça após o inesperado de minha atitude, e acrescentei: – Namorados mesmo: eu sou seu namorado e você é meu.

Ele moveu a cabeça e sorriu, um daqueles seus sorrisos que eram mais com todo o corpo que somente com os lábios, que mal se entreabriam:

– Não – ele disse –, eu sou *sua* namoradinha – e acentuou com intenção a palavra *sua*.

– Você é um menino – repliquei ainda aturdido.

Ele fez uma negação muito breve com a cabeça, baixando os olhos.

– Não é? – perguntei.

– Queria ser uma menina – ele respondeu, e levantou os olhos de novo para mim com um quase sorriso –, para ser sua namorada de verdade.

– Talvez eu não gostasse tanto de você como gosto.

– Não gostaria que eu fosse sua menina?

– Gosto que você seja um menino, o menino que eu adoro...

Neste curto diálogo, no entanto, direi que eu mesmo reconheço o tanto de ridículo de minhas palavras, já que eu era então um homem de trinta e seis anos; mas também de sublime na doce ingenuidade dele. Bem sei que os puritanos, os hipócritas, os imbecis hão de tachar-me de monstro, corruptor de menores, verão mais podridão e imundície nesse ponto do meu relato do que em tudo que disse antes acerca de como me conduzi na vida, e alguns chegarão mesmo a se referir a M... como "o pobre veadinho" ou outra grosseria similar. Acrescento, contudo, que ninguém poderá estar mais distante da verdade se pensar desta maneira, além do que, confesso que tal juízo importa-me tão pouco a esta altura da vida, quanto podia importar-me mesmo à época (pois se então me preocupei com isso, foi unicamente por causa dele, e em momento algum pensei em mim ou no julgamento que podiam fazer a meu respeito se a história passasse a ser conhecida). Em nada perdem de sublime as coisas ditas por M... neste diálogo, dada a pureza de seu coração infantil; e minhas palavras não serão ridículas (ou o serão, na medida exata em que os pieguismos do amor tornam ridículos os apaixonados), caso se leve em conta a sinceridade com que as dizia: amava-o menino, mas

não por ser menino e sem querer também que fosse uma menina; M... não tinha sexo para mim, não desejava dele a possibilidade de prazer físico (nunca houve entre nós nada além de beijos furtivos, trocados quando estávamos sós), amava nele a beleza, a pura beleza que, no meu entendimento aturdido de então – e não livre do arrebatamento de uma paixão nova e desconhecida –, só poderiam ter os anjos.

Porém, seis meses após nosso primeiro encontro, e ainda que meu amor por M... continuasse ardente como nos primeiros dias, tomei uma inusitada decisão: afastar-me dele para sempre.

Imagino que o leitor se surpreenda: também eu me surpreendi, pois tal decisão, apesar de repentina, pareceu-me a única coisa certa a fazer, e quanto custou-me, sim, quanto custou-me levá-la adiante!... Porque foi de improviso que se deu: conquanto já me preocupassem os motivos que me levaram afastar-me de M..., até então eu não sabia o que fazer; uma vez, porém, que descobri o único caminho a seguir, percebi que já não podia voltar atrás – e que também não convinha protelar a decisão tomada.

O rumo que nossa amizade havia tomado e suas possíveis conseqüências pareceram-me perigosos, e explico por quê: primeiramente minha má fama serviu para que a família de M... não visse com bons olhos nossos encontros. O pai, em conversa comigo certa vez, com alguma cautela para não ser direto e grosseiro, alegou a dificuldade "que encontramos nos dias que correm para criarmos nossos filhos", a natural ingenuidade dos adolescentes, o risco das más influências, os conselhos e alertas que fazia ao filho quando conversavam etc., com tudo isso querendo dizer que minha amizade com o menino poderia ser-lhe de alguma forma prejudicial (é claro que ele ou qualquer outro longe estava de saber a natureza de nossa amizade). Nas semanas seguintes a essa conversa, e ainda que não me importasse deveras com o que a família de M... pensasse a meu respeito, minha preocupação começou a girar em torno de um único ponto: aonde nos levaria nosso amor? Em nossos passeios quase diários, procurávamos estar o mais possível sozinhos e sem o risco de sermos vistos; então nos abraçávamos e beijávamos feito namorados. M... se envolvera de tal forma que já começava a demonstrar não apenas vontade de estar comigo o maior tempo possível, como

também ciúmes: irritava-se se eu me demorava conversando com outras pessoas, mais ainda se fosse uma mulher e, pior, se fosse outro menino! Nessas ocasiões, para desfazer o mal-estar daquele ciúme infantil mas tão contundente quanto qualquer outra forma exagerada de ciúme, via-me obrigado a repetir inúmeras vezes que não podia passar a vida sem falar com as pessoas, mas isso não significava que eu pudesse gostar de alguém tanto quanto dele. Pude compreendê-lo, porém, quando eu mesmo me vi enciumado certa vez em que ele, rodeado por colegas de sua idade, tardou em atender a um chamado meu para sairmos, vindo por fim com má vontade na minha direção (o que, estou certo, fez de propósito para irritar-me). Por outro lado eu reconhecia que tal situação não seria duradoura por sua própria natureza. O que eu amava em M... não era o fato de ser um menino, mas o de ser belo – já o disse, amava sua beleza; quando o beijava, também não beijava o menino, mas a beleza nele personificada, no seu rosto, na sua boca, no corpo adolescente e cheio de vida. No entanto nada disso seria permanente – pelo contrário, não apenas era passageiro como seria muito breve. Digamos que M... fosse uma menina: logo se converteria numa mulher e não haveria qualquer impedimento ao nosso amor; como menino, porém, em pouco seria um jovem rapaz, pouco depois um homem, e ainda que se mantivesse belo, sua beleza viril, se procurava antevê-la, parecer-me-ia um tanto repulsiva: eu podia beijar o adolescente de treze anos que, para mim, não tinha sexo, mas não poderia beijar um homem de vinte, nem mesmo um jovem de dezessete, no qual os sinais da masculinidade já seriam tão evidentes. Quanto tempo ainda duraria a beleza de M... da forma como a conhecera e pela qual me apaixonara? Um ano? Dois? Ora, muitos meninos aos catorze anos, mesmo aos treze, já possuem nítidos traços de masculinidade; M... era um caso à parte, o que me levava a supor que sua beleza feminil ainda permaneceria incólume por uns dois anos, mas aos quinze – era inevitável – começariam a surgir os primeiros sinais do homem que viria a ser, e estaria acabada.

Surgiu, por fim, uma outra preocupação: até então ninguém desconfiara de nós; a família, que via com reserva nossa amizade, passou a incomodar-se menos ao perceber que, apesar do que corria sobre mim (jogador, mulherengo, leviano...), mi-

nha influência sobre M... não era, pelo que julgavam, perniciosa, já que ao sairmos juntos freqüentávamos os mesmos lugares "inocentes" também freqüentados pela sociedade local, e as excursões pelo campo pareciam estar-lhe fazendo muito bem, pois ele ganhara até um pouco mais de cor e disposição física após essas várias caminhadas e passeios a cavalo. Só nos entregávamos a uma maior intimidade quando estávamos sós e livres de perigo. No entanto, supondo que as objeções acerca da idade e da beleza que referi acima não tivessem qualquer importância para mim, o que aconteceria com M... dentro de mais algum tempo, quando ele mesmo começasse a se conscientizar de sua virilidade? Por enquanto o que fazíamos parecia-lhe não apenas prazeroso mas natural; mas... e quando ele fosse mais velho? Permaneceria desejando ser "minha namoradinha" como o menino de treze anos havia dito, ou me odiaria, descobrindo em si o homem em que logo se tornaria e o aviltamento de que se julgaria vítima? – e então, quanto mal eu lhe teria feito! Sim, a situação começava a complicar-se, lembro-me de que aquela foi a única vez em que pensei seriamente no bem-estar de alguém; fazia seis meses que nos conhecêramos. Era preciso que eu me afastasse dele, e quanto mais cedo, melhor.

Na véspera de deixá-lo estivemos juntos num longo passeio ao campo, em que ficamos fora todo o dia. Era um sábado. Aproveitei para admirar-lhe uma vez mais e com intensidade o rosto encantador, deitá-lo na grama e beijá-lo com um ardor e uma paixão que se inflamavam à certeza de ser então a última vez, e quando nos despedimos bem tarde, à noite, eu disse:

– Amanhã vou escrever-lhe uma carta.

– Não nos veremos amanhã?

– Tenho de fazer uma pequena viagem – menti –, só estarei de volta lá pelo final da semana que vem...

– Que pena – ele disse antes de entrar em casa –, mas vou ficar esperando pela carta. Aliás, é a primeira que você me escreve...

Seria a única.

Nas semanas anteriores eu havia preparado minha partida: meu tio ficava incumbido de vender a propriedade de nossa família naquela cidade, aonde não pretendia voltar; objetos pessoais eu havia embalado e encaminhado a uma transportadora, que

deveria entregá-los em meu novo endereço (para ser exato, eu me mudava de estado, não só de cidade), e fora isso não havia outras providências a tomar. Na manhã seguinte bem cedo, antes de viajar, deixei na caixa dos correios uma carta com estes dizeres:

*Querido M…:*

*Estou de partida, não nos veremos mais. Imagino que minha decisão vai deixá-lo triste, tanto quanto eu mesmo estou ao tomá-la. Saiba que para mim não é nada fácil ir embora, e estou certo de não o esquecer nunca. Sempre me lembrarei de você com carinho, pois esse tempo em que fomos amigos há de ser o único na minha vida que valeu a pena. Mas você – também estou certo disso – um dia irá compreender que esta era a única coisa certa a ser feita entre nós, e apenas a mim cabia fazê-la.*

*Desejando que seja feliz, digo-lhe*

*adeus.*

Nunca mais o vi. Nem soube dele qualquer notícia.

O leitor poderá se perguntar se a importância de tal incidente em minha vida não teria bastado para que eu, de certa forma, mudasse minha conduta. Direi que não é tão simples alguém se transformar. Se o que ora vos conto fosse apenas ficção, seria natural fazer com que o sofrimento bastasse para que o libertino empedernido caísse em si e, dominado pela consciência, por fim se convertesse num homem de bons costumes, contrito e pronto para dar outro rumo à vida, recurso fácil quando se deseja acrescentar um final feliz a uma história; mas a dita *vida real* é bem menos romântica, a consciência que os idealistas alardeiam como o supremo tribunal do homem não existe para todos, e eu sou, decerto, um desses casos para os quais não há consciência; sou daqueles que dizem simplesmente: “Não matei nem roubei ninguém, estou limpo”, e se sentem limpos de fato. É possível que hoje eu não me reconheça tão limpo assim, mas que grandes crises de consciência tenho que me purifiquem das minhas sujeiras?

Não deixei de jogar nem de colecionar mulheres (melhor seria dizer “putas” – é bem esta a expressão que lhes cabe, pois

para se deitarem comigo só sendo putas da pior qualidade, ainda que em muitos casos isso ficasse muito bem disfarçado por sua posição social), nem me lembrei de Deus, nem despertou-se em mim nenhum outro sentimento elevado.

Vez por outra pensava em M..., mas conseguia recuperar suas feições na memória cada vez com menos clareza, e depois de anos o que me restava daqueles seis meses de verdadeira alegria era só a certeza de tê-los vivido.

Depois disso não voltei a conhecer o amor, como não havia conhecido antes (pois não devo chamar de amor o sentimento superficial e transitório que tive por tantas mulheres que abandonei, enfastiado, após algumas poucas semanas, nem aqueles arroubos juvenis e sem conseqüência que todos têm, com o que reconheço que por mais envolvido comigo que M... estivesse, decerto não me amava). Houve uma época em que procurei um substituto, e onde quer que estivesse ficava observando as levas de meninos adolescentes e bonitos que apareciam e desapareciam de minhas vistas. Consegui envolver-me com uns e outros, mas procurei com eles apenas o prazer físico, e que pestinhas me saíam aqueles garotos de treze, catorze anos, “bonitinhos e ordinários” como diria Nelson Rodrigues, que se encantavam com esse homem maduro que lhes oferecia uma forma inusitada de prazer além de divertimentos e algumas notas que extraía da carteira! (Quanto a isso de notas, cabe explicar que no mais das vezes procurava meninos cujas famílias tinham pouco ou nenhum dinheiro, o que era uma forma de facilitar minha conquista; mas não quero com isto dizer que apenas explorei a pobreza: trepei com meninos da boa e obtusa classe média alta, ainda que com menos freqüência, e posso afiançar que eram todos iguais, fosse qual fosse o motivo que os levasse à minha cama.) É claro que muitos repeliam terminantemente qualquer investida, afastando-se de mim mal percebiam minhas intenções; outros, porém, negaceavam, fingindo a princípio não querer, apenas para conceder depois com mais vontade, abrir-se como veadinhos em que naqueles momentos se convertiam. Houve uma época na qual, esquecido das mulheres, só me deitava com garotos; e com alguns o caso ia além de um ou dois encontros apenas para converter-se num namoro de semanas ou mesmo meses, tendo eu, como se pode deduzir, os mesmos cuidados de sempre perante o

público: à vista da sociedade, eu era somente o amigo tanto dos pais quanto dos filhos, mas na alcova convertia-me no amante destes, num sigilo rigoroso mantido de ambos os lados. Se contudo os comparava, esses tantos garotos que passaram por minha cama, a M..., a quem apenas beijara na boca, concluía algo decepcionado que nenhum poderia substituí-lo, e ao fim de certo tempo comecei a sentir-me enfarado deles, de sua juventude, de sua infantilidade, de suas nádegas lisas e nuas, de seus corpos...

Na minha vida eu conhecera a *beleza* uma única vez. Não me seria dada outra chance. Talvez não a merecesse.

⌑

Ontem, como disse, vim do advogado, esse Dr. Pessoa que me recomendaram. Dizem que é capaz de destrinchar os processos mais complicados, por isso resolvi encarregá-lo do meu caso.

Além do mais, confiei nele tão logo o vi.

É relativamente jovem, mas já exibe uma careca bastante ampla e usa óculos de lentes grossas. Tem as bochechas cheias e luzidias, o queixo mal barbeado, os dedos grossos e as mãos gordas – um começo da obesidade que há de se instalar dentro de alguns anos. Tudo isso lhe confere, porém, um ar de seriedade que me tranqüilizou.

Ocorreu, porém, uma coisa singular quando ao fim da entrevista me levantei para despedir-me do advogado: por acaso meus olhos deram com uma espécie de cômoda pequena (que devia funcionar como arquivo) atrás de sua mesa, e sobre ele vi a fotografia de um menino num porta-retratos. Não posso dizer que estremeci, afinal cheguei a um ponto de minha vida em que nada, talvez, terá o poder de fazer-me estremecer. Mas permaneci incrédulo no primeiro momento: não seria outro, senão M..., o menino do retrato. De minha posição, ainda um pouco encurvado, examinei-o brevemente mas com atenção, o que não deixou de ser percebido pelo advogado:

– Ah, o senhor notou – voltou-se um momento, sorriu, apanhando o porta-retratos: – Meu filho. Bonito menino, não? Está com doze anos – e segurou a fotografia para que ambos pudéssemos olhar, enquanto falava com orgulho das qualidades do

filho, “desembaraçado nos estudos que só vendo”, acrescentava com a alegria de um pai coruja, e eu aproveitei para fazer um elogio.

Percebi que havia, sem querer, tocado um ponto fraco do homem, que por isso tomou uma atitude familiar: abriu uma gaveta e começou a revirar os papéis.

– Vou lhe dizer uma coisa: eu era mesmo assim, nessa idade... deixe-me ver... ah, aqui está, veja – e estendeu-me outro retrato. – Eu não tinha ainda catorze anos quanto tirei este...

E aquele homem gordo e calvo pôs diante dos meus olhos ainda mais incrédulos a fotografia de um lindo menino loiro. Nela revi o meu amor de vinte anos atrás: no papel, M... sorria daquele seu jeito que era único, quase sem entreabrir os lábios finos, um sorriso porém que transparecia por todo o rosto, e de tal maneira registrado na fotografia que, olhando-o, tinha-se a impressão de que no instante seguinte ele baixaria os olhos, timidamente...

# Menino

*Semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, inflamaram-se em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu erro. (***S. Paulo**, Epístola aos Romanos, cap. 1, vers. 27*)*

Foi ao mergulhar na água morna da banheira, depois de uma corrida embaixo do sol, que o menino fez sua descoberta.

Sentou-se e, de olhos fechados, reclinou a cabeça para trás, deixando-se escorregar vagarosamente para o fundo, num desses banhos de imersão nos quais costumava esquecer-se das horas: demorava-se na água, às vezes quase adormecia, e não fosse a mãe bater à porta para lembrá-lo de que o banheiro não era sua propriedade particular ("Os outros também precisam entrar aí!"), decerto o menino esquecia-se até da vida naqueles banhos.

Nesse dia, porém, algo inesperado aconteceu: ao deslizar para o fundo, sentiu que alguma coisa o tocava entre as nádegas...

Abriu os olhos. Sorriu? Imobilizou-se para que a sensação não se desfizesse, mas já no instante seguinte mudou involuntariamente de posição... e acabou-se.

Sentou-se, investigou o fenômeno: sem se dar conta, ao submergir levara por baixo de si a mangueira do chuveirinho, que, com seu pequeno volume arredondado, o roçou por acaso, provocando-lhe aquela novidade.

O menino ficou olhando para o fundo da banheira, onde ainda podia ver a mangueira presa sob uma perna e o chuveirinho que lhe brotava entre as coxas. Durante esses instantes tão breves e tão definitivos, o menino, perplexo, ao mesmo tempo em

que desejava confusamente sentir aquilo outra vez, descobriu que já não era o mesmo: ainda tinha o mesmo nome e os mesmos onze anos, mas alguma coisa em si havia mudado.

Nos dias seguintes tentou de várias maneiras reviver a experiência: na banheira, deixava o chuveirinho embaixo do corpo para tocá-lo como da primeira vez, mas, por mais que se esforçasse, o que acontecera casualmente não aconteceria de novo quando ele tentava provocar; resolveu tocar-se, a si mesmo, com a ponta dos dedos, e conquanto alcançasse uma sensação prazerosa que até então não suspeitara existir, não conseguia reproduzir a experimentada naquela tarde, talvez por ter sido a primeira e, principalmente, por ter acontecido de forma inesperada.

Pouco a pouco passou a sentir um desejo que não só não compreendia direito como o deixava confuso, e, ainda que ninguém pudesse adivinhá-lo, o acabrunhava como algo de que pudesse envergonhar-se.

A novidade deveria, portanto, ficar em segredo, e para estar seguro de que tal segredo permaneceria guardado, de tímido que sempre fora tornou-se arredio, e se já não era de muitas palavras passou a falar ainda menos, fez-se macambúzio, evitava encarar abertamente os pais, enfiava-se no quarto proibindo que os irmãos entrassem e, se estes insistiam em incomodá-lo em seu refúgio, enfezava-se, saía para a rua, andava sem destino, escondia-se... Meditava – mas seus pensamentos não eram claros, não se fixavam num objetivo, perdiam-se, tumultuados, num emaranhado de indagações que ele não conseguia destrinçar, e numa ocasião sentiu que lhe vinham algumas lágrimas: afundou a cara nas mãos (felizmente havia trancado a porta do quarto), chorou muito, quietinho, e acabou por adormecer.

Na semana seguinte, março, recomeçavam as aulas.

De início o menino se sobressaltou com a perspectiva de reencontrar os colegas do ano anterior e de ver-se outra vez cercado pela multidão, como se aquilo que agora sabia (seja dito: apenas vagamente) se pudesse ler em seu rosto. Tranqüilizou-se aos poucos ao perceber que ninguém parecia notar nada de novo ou de especial nele, e que a turma do ano anterior, pelo menos a maioria, nem ao menos dava com sua presença miúda por ali: retraído na escola como em casa, não se enturmava, e embora

por temperamento se desse bem com todos, eram poucas suas amizades mais íntimas – que nem chegavam a ser de fato íntimas –, e dessas, as que se aproximaram para falar-lhe o fizeram tão rapidamente, envolvidos todos no lufa-lufa do primeiro dia de aula, que ainda que alguma coisa de seu segredo estivesse à mostra ninguém teria percebido.

Nada de notável aconteceu nesse primeiro dia, muitos alunos – como de hábito – faltaram e as turmas foram dispensadas após o recreio. No dia seguinte, entretanto, chegando cedo, o menino entrou em sala quando ainda não havia ninguém, ocupou sua carteira habitual – na última fila, a mais distante, a em que menos se expunha –, retirou da pasta o lápis, a caneta, a borracha, um caderno espiral, arrumou enfileiradinhos à sua frente, e esperou...

Logo os alunos – alguns novos na classe – foram chegando e ocupando seus lugares com esse imenso alarido típico das manhãs estudantis. Cumprimentavam-se entre si, os mais íntimos com abraços e saudações calorosas, os novos de maneira mais moderada, os mais atrasados com um "oi" lançado à pressa para toda a turma, porque o sinal acabava de bater e o diretor não permitia ninguém zanzando pelos corredores – mas ele, o menino, continuava em sua carteira da última fila, meio esquecido de todos: exceto alguns que já conheciam seu temperamento e iam falar-lhe, os demais o ignoravam, não deliberadamente ou por antipatia, ignoravam-no dessa maneira inconseqüente com que se ignoram as pessoas menos visíveis, que não chamam atenção sobre si.

Com a entrada do professor em sala, a aula teve início: entre a turma houve movimento, cada qual apanhou seu caderno, sua caneta, concentrou sua atenção no homem que lá na frente empunhava o giz. O menino, no entanto, parecia alheio a tudo que se passava à sua volta, algo o perturbava e ele, esquecendo-se de seus apetrechos, não se apercebendo da mão que escrevia expressões numéricas no quadro-negro, ficou olhando em certa direção, olhando longamente, olhando... distraído na contemplação de alguém que via pela primeira vez na classe, um dos alunos que ingressara aquele ano, e com espanto, sentindo por dentro como que uma verruma a perfurá-lo sem que, no entanto, produzisse qualquer dor, mas angústia – uma angústia desconhecida

que, instintivamente, sabia ligada às suas inquietações dos últimos tempos.

O novo aluno deveria ser três anos mais velho, tinha os cabelos de um loiro claro, um princípio de buço sobre o lábio, e suas feições, conquanto já denotassem a virilidade que transformaria o adolescente em homem, possuíam uma graça – não propriamente uma beleza, mas uma graça – que atraía os olhares. É possível que toda a turma tenha olhado mais de uma vez para o rosto do garoto loiro, é possível também que as meninas mais velhas o tenham olhado com mais atenção, mas é certo que ninguém se encantou com ele da mesma maneira que o menino macambúzio da última carteira.

Por que conhecer o garoto loiro fez o menino retrair-se ainda mais durante o recreio e espiá-lo furtivamente dos cantos, tirou-lhe a fome e não o deixou dormir aquela noite, de maneira que no dia seguinte seguiu para a escola tonto de sono?

Durante aquela primeira semana de aulas o menino viveu a perplexidade de ter conhecido o garoto loiro, conquanto não atinasse com o que se passava consigo, da mesma forma que não atinava com as transformações que se operaram em si desde o dia em que o chuveirinho roçou-lhe as nádegas. Agora, quando submergia na água da banheira, pensava no garoto loiro, e de olhos fechados evocava sua figura como se ele estivesse ali, à sua frente. Então deslizava a mão sobre o sexo miúdo e impúbere, e sem se dar conta plenamente do que pensava ia, aos poucos, associando a visão que se formava em sua mente com o episódio ocorrido semanas antes durante o banho.

Na escola, enquanto espiava furtivamente o garoto loiro, refletia num meio de se fazer seu amigo, de tê-lo mais próximo de si, mas não conseguia vencer a própria timidez, e bastava pensar em falar-lhe para retrair-se ainda mais. Às vezes fixava-o com tal intensidade que parecia capaz de fazê-lo voltar-se para si, desejava ardentemente que isso acontecesse, mesmo que, se acontecesse, fosse deixá-lo confuso e corado. Mas não aconteceu, a intensidade de seu olhar não seria suficiente para chamar a atenção do outro: mais fácil seria ir até sua carteira e pedir um lápis emprestado, ou durante o recreio oferecer-lhe qualquer coisa, um bombom, um pouco de sua merenda, ou mesmo perguntar-lhe simplesmente onde morava. Não se decidia, no entanto, a ne-

nhuma dessas providências, pois mesmo sabendo que teria sucesso – pelo menos atrairia sua atenção sobre si, o garoto loiro perceberia sua existência, poderiam tornar-se amigos – um pavor dominava-o, tolhia seus movimentos, paralisava-o tão logo pensasse em fazê-lo.

Uma tarde, ao sair da banheira (a mãe já viera bater à porta duas vezes, da segunda alertando-o, severa, que não pretendia chamá-lo novamente), surpreendera-se com sua própria nudez refletida num espelho grande que haviam posto ali – decerto pela manhã, sim, depois de ele ter saído para a escola, pois até o dia anterior não havia um espelho como aquele no banheiro. Pelo basculante entrava uma faixa de luz dourada, de quando o sol se aproxima do poente, e essa luz envolvia-o por inteiro, dava à sua pele um tom quase irreal como se ela própria emitisse a luz de que se via banhado, e essa surpresa inicial foi excedida por uma outra, para si uma espécie de continuação da primeira, de forma que tudo compunha e fazia parte do mesmo deslumbramento com que se contemplava dentro do espelho: a que lhe causava a própria e desconhecida beleza. Olhou suas pernas esguias, as coxas roliças e firmes, o pequenino sexo desprovido de pêlos, e virando-se admirou as nádegas, nédias e redondas, sugerindo uma maciez de fruta madura, brancas, em contraste com o tom levemente moreno da pele. Ainda na contemplação de si mesmo tocou as nádegas com a ponta dos dedos, acariciou-se, e pôde experimentar outra vez a desconhecida sensação que se lhe revelara, casualmente, durante o banho – e enquanto fechava os olhos julgava ver, daquela luz que o envolvia, o garoto loiro materializar-se à sua frente...

De súbito, acabou: pancadas na porta, a mãe esgoelando-se do lado de fora, “abra já!” e o menino não teve outro jeito a não ser embrulhar-se na toalha e correr para o quarto.

No decorrer das semanas seguintes intensificou-se a fixação do menino pelo garoto loiro; por fim inquietava-se quando não o via chegar à hora habitual, e um dia em que faltou à escola o menino permaneceu presa de secretas aflições (o que teria acontecido? Estaria doente? Não iria mais ao colégio? Mudara-se da cidade?) até que, mal contendo a alegria, o viu entrar novamente em sala e ocupar tranqüilamente sua carteira, como se nada tivesse acontecido – porque, de fato, nada havia acontecido:

na véspera recebera a visita de uns primos e tivera licença dos pais para faltar a aula e acompanhá-los a um passeio pelo campo.

Mas o menino não sabia de nada disso, e vê-lo novamente em seu lugar parecia-lhe tão incrível como se o garoto loiro, exposto a mil perigos no dia anterior, a todos tivesse enfrentado sozinho, para, vitorioso e com o risco da própria vida, estar de novo ali.

A fixação do menino pelo garoto loiro, à medida que se acentuava, contribuía para afastá-lo de si, cada vez mais longe e invisível em sua carteira na última fila, contemplando-o ao mesmo tempo com alegria e dor, pois se durante a noite urdia planos de aproximação – convidá-lo informalmente para ir à sua casa, mostrar-lhe uma figurinha rara de um álbum antigo que possuía, pedir-lhe orientação num problema mais difícil de álgebra... –, de dia dava-se conta de quão inúteis eram todos esses planos, pois um precipício o separava dele: sua timidez.

Certo dia após a aula, sem saber exatamente o que pretendia mas já exasperado com tal situação e sem tê-lo planejado, resolveu de repente segui-lo. Quando o garoto loiro saiu, foi-lhe no encalço, mantendo-se a distância para não ser percebido. Viu-o à espera do ônibus, e como no ponto houvesse uma certa quantidade de outros alunos, aproximou-se e evitando mostrar-se ficou também à espera. Entrou por último, pagou a passagem e sentou-se na parte de trás sem perder de vista a cabeça loira que, lá na frente, participava da assuada dos outros escolares. O ônibus seguiu ao longo de numerosas ruas, atravessou diversos bairros, a todo momento parava para deixar alguém descer ou subir, mas o menino não prestava atenção a nada. Aproximando-se do fim da viagem, começou a esvaziar-se, os últimos passageiros desciam e por fim restaram no veículo apenas ele e o garoto loiro, e quando este desceu no ponto final o menino esperou alguns momentos, depois correu e saiu do ônibus, procurando o outro com os olhos. Estavam agora num centro movimentado, o garoto loiro seguia pela calçada em meio à multidão e o menino teve de correr e aproximar-se mais a fim de não perdê-lo. Durante todo o percurso não se perguntara o que pretendia: abordá-lo por qualquer motivo, vê-lo entrar em casa e ir bater à porta, dar-se a conhecer para que o outro soubesse de sua existência, implorar-lhe sua amizade? Ao certo não sabia, mas não despegava dele, e ago-

ra via-o meter-se por uma rua menos movimentada, em seguida sair numa larga avenida, atravessá-la e sempre afastando-se chegar a um bairro residencial onde casas simples de um ou dois andares, com pequenos jardins à frente e antenas parabólicas nos terraços, ladeavam uma rua larga, pavimentada e quase sem trânsito. Por que não aproximar-se dele agora?, pensou; mas o que dizer-lhe?, contrapôs, já que dos planos que urdia à noite e nunca realizava segui-lo nunca fizera parte, e sentiu-se tolhido. Súbito o garoto loiro passa por um portão, cruza um pequeno jardim com amendoeiras, e desaparece atrás de uma porta! "Ele mora aqui" constata o menino, olhando o jardim, a casa, a porta fechada. Por que não bater àquela porta e, quando ele aparecesse, pedir alguma coisa – um copo dágua, uma lição de matemática –, por que não falar do seu álbum de figurinhas raras...? Mas não, pensou, recuando um passo, "não... não..." e mais uma vez o precipício abria-se aos seus pés.

Se não conseguia lançar uma ponte sobre esse precipício, tanto mais largo e profundo quanto mais pensava nele e maior a vertigem que sentia à sua borda, o menino, afastando-se dali devagar e voltando contrafeito para casa, passou a contentar-se com a silenciosa contemplação do seu objeto de culto, pois em sua fantasia ia gradualmente tornando-o seu, como alguém pode afirmar que é sua uma estrela sabendo que ninguém pensará em disputá-la consigo. Para o menino, o garoto loiro, distante feito uma estrela, tornava-se seu e não lhe ocorria que alguém pudesse tomá-lo dele. Certo dia, porém, viu uma garota da primeira fila debruçar-se-lhe no ombro, inclinar-se suavemente em sua direção, os cabelos de ambos misturando-se momentaneamente enquanto pareciam examinar o caderno aberto na carteira – então estremeceu, e sentiu-se traído.

Decidiu vigiá-los durante o recreio, espreitando-os de longe, e os viu juntos na cantina, tomando sorvete; depois os viu juntos no pátio, de mãos dadas, enquanto zoava em volta a algazarra de uma brincadeira de pique, e por fim os viu sentados embaixo de uma árvore, conversando. Num ímpeto de ódio achou de vingar-se da garota da primeira fila que ousava roubar-lhe a presença e a companhia do garoto loiro, conquanto o menino nunca tivesse tido nem uma nem outra. Decidido, subiu as esca-

das num galope, correu até a sala, àquela hora vazia, olhou para a carteira da garota da primeira fila, pensou rápido – precisava fazer logo alguma coisa, pois o sinal não tardaria a tocar. Então viu o tinteiro – a garota da primeira fila tinha a mania de usar uma caneta-tinteiro, um objeto muito caro em que tanto a pena quanto o prendedor e a pequena cinta que a circundava eram de ouro, presente de alguma tia velha pelo que ouvira dizer; para mantê-la sempre cheia, a menina dispunha de um tinteiro que habitualmente tirava da pasta e deixava em cima da carteira. "O tinteiro... a caneta!" pensou o menino e apanhou a bolsa da garota da primeira fila no escaninho; abriu-a, achou entre os petrechos escolares a caneta-tinteiro. Tirou-lhe a tampa, a pena de ouro rebrilhou por um momento... e no momento seguinte, dum golpe furioso, estava encravada e partida no tampo da carteira; mas não era suficiente, e sem titubear, destampando o tinteiro derramou toda a tinta sobre os livros e cadernos que havia na bolsa. Depois largou tudo e correu para o banheiro. Quando o sinal tocou e as classes invadiram os corredores, saiu, misturou-se à turba sem ser percebido – e entrou na sala para gozar sua vingança.

Mas o menino não se sentiu aplacado: como o poderia se, à saída, viu o garoto loiro acompanhar, solícito e carinhoso, a garota da primeira fila, que lá ia chorando devido ao desastre com seu material? Seguiu-os de longe, deteve-se detrás de um poste enquanto os espreitava, parados num ponto de ônibus, e mordeu furiosamente o lábio ao vê-los beijando-se antes que a garota embarcasse no ônibus que acabara de estacionar. Ignorou a dor: do lábio ferido corria um filete de sangue mas ele não se mexeu, antes permaneceu imóvel em seu posto de observação, espiando – pois o garoto loiro continuava no ponto mesmo depois de o ônibus sair. Por que não ia até onde ele estava agora, pensou, por que não exibia para ele o lábio cortado? O garoto loiro decerto tiraria o lenço do bolso para limpá-lo do sangue que corria, tocaria com seus dedos o ferimento, recomendaria uma pomada, teria também cuidados com ele, como tivera com a garota da primeira fila... Sim!, e sentiu-se mais afoito, mais decidido, menos apavorado, não custava tentar!, bastava ir caminhando como quem não quer nada, fingir mesmo que nem o estava vendo, parar perto dele, deixá-lo perceber o sangue... Ao dar o primeiro

passo na direção do outro parecia-lhe que um imenso peso de chumbo lhe tolhia as pernas, peso que precisava arrastar para dar outro passo, o segundo, e mais um, o terceiro, este já não tão dificultoso quanto os primeiros, e então foi avançando vagarosamente e de cabeça baixa, com indecisão e ânsia ao mesmo tempo, sentindo ofegante sua respiração que, porém, tentava controlar para não trair-se, revelando o que se passava consigo.

Parou a alguns passos do garoto loiro.

Ainda de cabeça baixa esperou, vigiando-o com o rabo dos olhos. Pareceu-lhe que um tempo exasperantemente longo transcorria antes que o outro desse com sua presença, mas por fim notou que ele voltava o rosto em sua direção. Achou por bem esperar ainda um momento e então levantaria os olhos para ele – e esperou, e levantou por fim os olhos... mas o garoto loiro, na verdade, não o havia notado: olhava qualquer coisa além dele, do outro lado da rua. O menino, por um curto momento, pôde encará-lo bem de perto, com os olhos cheios de lágrimas, até que o garoto loiro passou rente e atravessou a rua. O menino não olhou, não quis saber o que havia lá, permaneceu parado no mesmo lugar por muito tempo enquanto as lágrimas corriam abundantes, e quando deu acordo de si o outro havia desaparecido.

Mas de súbito quase foi atirado contra uma parede: virara-se num rompante para ir embora, um negro alto e corpulento passava apressadamente – aturdido, o menino olhou para o outro, “desculpe-me...” O negro seguiu em frente sem prestar atenção, sem sequer ouvir o pedido de desculpas. O menino o acompanhou com os olhos até que ele dobrou uma esquina e sumiu, e só então descobriu em si uma fúria que o fazia desejar ardentemente aquele negro enorme, de membros poderosos e uma inhaca que chegava a arder no nariz. Naquela tarde, ao submergir na água da banheira, o menino imaginou o crioulo nu, deitado entre suas pernas, e tomado de desespero feriu-se arranhando o peito e o rosto com as unhas.

A confusão que se fizera na cabeça do menino, desde a tarde de sua descoberta, aos poucos se desfazia, o que não era suficiente para apaziguá-lo. Não é difícil entender: ao descobrir aquele estranho prazer, é certo que o menino não pôde avaliar até onde o levaria sua persistência em tentar reencontrá-lo. O que sabia sobre sexo aos onze anos? Não muito mais nem muito me-

nos que outros de sua idade. Não será incorreto dizer que até então não se perguntara sobre tal assunto por ser ainda criança, porém mais exato será considerar que devido ao seu gênio pouco comunicativo e ao seu retraimento o assunto passara-lhe por alto o mais das vezes, conquanto não fosse absolutamente ignorante nele. Ao sentir-se atraído pelo garoto loiro, tal atração não se revestia ainda de uma intenção sexual, sendo quase certo que se devia mais à carência de afeto de que se ressentia, não o afeto familiar, que possivelmente não lhe faltava, nem de amigos da mesma idade, que sempre se dava bem com uns e outros; mas esse afeto de que subitamente passara a sentir necessidade e que ainda ignorava se era afeto ou outro sentimento, de um amigo mais velho que o protegesse, de alguém a quem admirar como admirava – e sem nenhuma razão aparente – o garoto loiro, admiração essa que tanto podia chamar-se assim quanto receber o nome de fixação, obsessão, quem sabe... amor. Ao querer só para si a amizade do garoto loiro, e ao sentir ciúmes dele com a garota da primeira fila, não reagia a um desejo físico que via na iminência de frustrar-se, mas a uma necessidade de sua alma, por assim dizer (que se chame alma ou psiquê não faz diferença, desde que o leitor compreenda o que se quer dizer). Vendo-o com a garota da primeira fila não se deu conta do aspecto sexual de seu ciúme: vira-os apenas conversando, caminhando de mãos dadas, tomando sorvete, mas o beijo que trocaram no ponto do ônibus, beijo prolongado e durante o qual se abraçaram estreitamente – esse beijo, portanto, teve o poder de trazê-lo para a realidade, fazendo-o, todavia, de forma brutal. Então pela primeira vez quis que o garoto loiro o beijasse da mesma maneira, e percebeu que era isso o que sempre desejara. É possível que a decisão de enfim se aproximar deveu-se a essa compreensão, que o fez superar a terrível timidez que o paralisava e caminhar até onde ele estava, parar a dois passos de distância e finalmente levantar para ele os olhos ansiosos, na expectativa – mas isso é uma especulação, pode ser que tenha-lhe ocorrido conscientemente, pode ser que não – não apenas de ser notado, mas de que o garoto loiro, vendo o sangue correr-lhe pelo queixo o limpasse e, reclinando-se, beijasse o lábio ferido com carinho. Quando o garoto loiro, porém, não se dando conta do filete de sangue que escorria de seu machucado, nem mesmo percebendo sua presença, atravessou a

rua, o menino sentiu que tal golpe estava acima do que podia momentaneamente suportar. Ao colidir contra o negro que passava sentiu por uma fração de segundo toda a força latente nos membros e músculos do homem enorme, e o desejo físico aflorou finalmente em seu corpo de forma devastadora.

Mas agora havia-se acalmado e se olhava no espelho num estado de espírito difícil de compreender: espantava-o seu aspecto, o rosto e o peito marcados por diversos lanhos vermelhos, os olhos inchados de chorar, as lágrimas descendo silenciosas pela face; mas ao mesmo tempo esse espanto não se revelava de nenhuma maneira em atitudes ou gestos nem mesmo medo de aparecer assim diante das pessoas – de casa ou de fora –, pois nesse momento não se preocupava com a reação que pudessem ter; dir-se-ia que se espantava do ponto a que havia chegado, embora em sua mente não cogitasse esquecer o motivo de tudo aquilo: afastar o garoto loiro do pensamento e com isso livrar-se de sua obsessão não era coisa que lhe passasse pela cabeça.

Desejar o negro que vira na rua aquela tarde foi momentâneo – uma vez aplacado pela dor o ímpeto auto-destrutivo, imóvel em frente do espelho, sentindo-se enfraquecido e frágil, apenas uma fantasia persistia em sua mente: que o garoto loiro súbito se materializasse da luz da tarde que entrava pelo basculante, feito um anjo descido dos céus, e viesse consolá-lo de seu sofrimento.

Secou-se, limpou o rosto o melhor que pôde, vestiu-se e saiu do banheiro.

À hora do jantar a família assustou-se com o que viu:

– Que foi isso no seu rosto? – perguntou a mãe levantando-se dum salto quando o menino sentou-se à mesa, enquanto o pai interrompia uma frase ao meio para examinar o rosto do filho e os irmãos também o espiavam, suspensos.

O menino baixou a cabeça:

– Machuquei-me no banheiro – disse, mas a explicação não era suficiente:

– Sim, machucou-se, mas... como? – a mãe insistiu, mas o menino não respondeu. Continuou de cabeça baixa, esforçou-se para não chorar, mordeu os lábios, mas em seguida desatou num choro violento e, levantando-se da mesa, fugiu para o quarto.

– O que há com esse menino? – perguntou o pai fazendo

que ia levantar-se também, mas a mãe conteve-o com um gesto: deixasse com ela, ia saber o que estava acontecendo e depois lhe contava, e dirigiu-se ao quarto do filho.

Sentou-se ao lado dele na cama. Pôs-lhe a mão sobre a cabeça afundada no travesseiro, numa leve carícia em seus cabelos. Nada perguntou, deixou-o chorar o quanto quisesse, estiveram assim em silêncio por certo tempo até que, pouco a pouco, o menino pareceu acalmar-se e, achegando-se à mãe, apoiou a cabeça em seu colo.

– Fale, meu filho, fale quando quiser.

O menino não respondeu logo.

– Um menino na escola – começou. Interrompeu-se. Recomeçou, mentiu: – Briguei com ele...

– Brigou? Hum... mas você não estava com essas marcas no rosto quando chegou, ao meio-dia...

O menino confirmou com um movimento de cabeça e, sentando-se, abriu a camisa: mostrou à mãe cada vez mais assustada o peito lanhado.

– Eu fiz isso – disse o menino –, eu...

– Mas... filho... por quê?

O menino de novo aconchegou-se no colo da mãe.

– Estava no banho... fiquei nervoso, pensando na briga que tive...

A mãe o abraçou sem dizer nada, continuou acariciando-lhe os cabelos e, quando percebeu que havia adormecido, levantou-se com cuidado. Deixou o quarto decidida a levar com urgência o filho ao médico.

Durante duas semanas o menino não foi à escola. Aos pais pareceu melhor que só retornasse às aulas depois de desaparecerem as marcas no rosto e no peito, e aproveitaram para levá-lo a um psiquiatra.

– Um psicólogo não seria mais indicado da primeira vez? – opinou o pai, sem muita convicção.

– Um psiquiatra sabe mais – disse a mãe, taxativa, argumento contra o qual, certo ou errado, não cabia ponderações.

A consulta, porém, não esclareceu em muita coisa o ocorrido: o médico conversou com o menino por quase uma hora sem perceber qualquer sinal de alteração psíquica, e concluiu do relato feito pelos pais que se tratara de uma crise de nervos, devida talvez à aproximação da puberdade. Deu-se que o menino, para

esconder o motivo de seu gesto, mostrou-se calmo e equilibrado durante a consulta, transparecendo um pouco de sua timidez natural e, no mais, respondendo a todas as perguntas com segurança. Imaginoso, inventou uma história para a briga de forma a torná-la convincente, e acrescentou uma sutileza: que o doutor nada dissesse a seus pais, mas o garoto com quem trocara alguns empurrões e xingamentos não pertencia à classe, encontrara-o na rua quando voltava da escola. O esforço em fingir perante os pais e o médico uma tranqüilidade que estava longe de sentir foi excessivo, e ao chegar em casa correu para o quarto onde desatou num choro prolongado, sufocando seus soluços no travesseiro, do que, no entanto, ninguém soube, pois julgando-o bem deixaram-no à vontade. Nos dias seguintes esteve melancólico, o que foi percebido com apreensão pela mãe, que o vigiava de longe, vendo-o ora à janela a olhar para a rua com um traço de amargura nas feições, ora à mesa ocupado com os deveres escolares, ocasiões em que, por vezes, interrompia o que estava fazendo e fixava um ponto qualquer à sua frente, permanecendo assim, imóvel, por vários minutos. Receando alarmá-lo, a mãe se afastava em silêncio, conquanto reprimisse a custo sua inquietação, e somente uma vez ou outra se aproximava, perguntando com naturalidade se estava tudo bem.

O menino aguardou o dia de retornar à escola com aparente calma, visível apenas aquele estado melancólico que, contudo, não parecia agravar-se. Nesse ínterim a mãe procurou mais uma vez o médico; disse-lhe como o menino se comportava, falou-lhe de sua apatia e tristeza, mas o médico não viu motivos para alarmar-se:

– A senhora me assegurou que em casa nada aconteceu que o pudesse aborrecer – disse o médico, ao que a mãe confirmou com a cabeça, “somos uma família equilibrada, igual a tantas, nada de anormal aconteceu” –, e ele, o menino, fora a briga com outro garoto, não me relatou nada de alarmante. A menos que ele esteja fingindo muito bem, o que eu descarto devido a minha longa experiência. De qualquer maneira – tirou a caneta do bolso –, ainda que não haja uma causa externa, pode haver uma causa interna, por isso vamos prevenir – e estendeu-lhe uma receita. – Volte quando terminar o remédio ou no caso de ele apresentar uma piora.

O menino não piorou. A segunda semana de inatividade em casa, passou-a do mesmo jeito: ou se punha à janela a espiar longamente a rua, longe de tudo que o rodeava, ou apanhava o caderno para rever a matéria e, por vezes, esquecia-se de onde estava... Também dormiu mais que o normal: passou tardes inteiras no quarto, e quando a mãe entrava pé ante pé para vê-lo, encontrava-o num sono profundo. Seria resultado do remédio prescrito? Leu a bula, mas a bula não mencionava sonolência como efeito colateral, o médico advertira que se tratava de um estimulante, embora leve, e não de um calmante, de forma que tanto sono não tinha explicação. Voltou ao consultório, "deixe-o dormir" disse o doutor, "não faz mal nenhum", e a mulher voltou para casa não de todo tranqüilizada.

Na véspera de voltar às aulas demorou-se no banho mais que de costume, mas quando a mãe bateu à porta do banheiro disse estar tudo bem, "não demoro a sair" e se levantou. Agora, sentado à borda da banheira, puxou a tampa do ralo e ficou observando a água escorrer, depois levantou-se e foi postar-se nu em frente do espelho. Podia ver-se de corpo inteiro e por isso examinava-se minuciosamente. Como já quase houvesse anoitecido, acendeu a luz, e nessa claridade frouxa de lâmpada fraca sua pele adquiria uma coloração que ele não havia observado ainda: sua cor morena acentuava-se um pouco, mas ganhava também um tom dourado proveniente da luz amarela, e como fizesse sombras em volta, seu corpo, a imagem destituída de contornos precisos, parecia emergir dessas sombras como se fizesse parte delas. Sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas, e através delas menos nítida era sua imagem no espelho, mas não menos bela: pois que não se enganava em sua admiração por si mesmo, e se sentia uma súbita angústia apertar-lhe a garganta nesse momento era ante a expectativa de que o garoto loiro não percebesse essa beleza, ou não fosse sensível a ela. Seria a garota da primeira fila, que já mostrava pequenos volumes sob a blusa, os peitinhos nascentes, mais bela? O menino não cogitava na diferença dos sexos, mas na questão da beleza. Para ele, o garoto loiro não deveria preferir a garota da primeira fila, por ser fêmea, a ele, mas escolher entre o mais belo dos dois, e começou a passar mentalmente em revista a inimiga de classe, descobrindo-lhe os defeitos: tinha sardas, que, se para alguns assenta, nela não

ficavam nada bem; era branca demais e tinha as pernas muito finas; é certo que tinha peitinhos, mas não tinha nádegas (já a vira de short na aula de educação física), e quando sorria mostrava entre os lábios finos e inexpressivos uns dentes muito irregulares na frente. E ele? Nenhum sinal ou mancha poluía a pureza de sua pele morena, suas pernas eram roliças e bem feitas, as nádegas tinham volume, os lábios sobressaíam na conformação de uma boca bonita e seu sorriso – quando não lhe parecia difícil sorrir – exibia dentes pequenos, brancos e perfeitamente alinhados.

A mãe bateu pela terceira vez na porta do banheiro:

– Filho, já faz uma hora e meia que você entrou para aí...

– Já vou, mãe – e, vestindo-se rapidamente, saiu e foi para o quarto.

De volta à escola, o menino estava mudado.

Assistia às aulas distraidamente, esquecia-se às vezes de copiar a matéria, e quando o professor o descobria na última fila e lhe dirigia uma pergunta, não ouvia, continuava alheio, olhando pela janela ou para o caderno à sua frente, que mostrava uma página em branco. Já não procurava com os olhos o garoto loiro, e durante o recreio raramente descia ao pátio. Essa transformação não foi percebida de início, mas seu alheamento durante as aulas chamou a atenção dos professores, que se referiram a ele na diretoria. Chamado ao gabinete do diretor, o menino atendeu prontamente, parou a dois passos da larga mesa atrás da qual um velho de óculos escrevia num livro e esperou; quando o velho parou de escrever e levantou a cabeça, o menino não estava ali, parecia viajar por alguma região remota, e só acordou de seu transe ao escutar uma pancada com o nó dos dedos no tampo da mesa.

– Sim, senhor – disse em voz baixa, adiantando um passo –, desculpe...

Mas da conversa com o diretor não resultou esclarecimento algum de seu estado, e o fato foi comunicado aos pais. A mãe, convocada, referiu mais uma vez com detalhes o trauma nervoso por que passara o filho, disse que o menino ainda tomava medicamentos e que em casa também demonstrava tais ausências, momentos em que literalmente o espírito parecia ter abandonado o corpo.

– O médico não se opôs a sua volta à escola?

– Não. Disse que lhe faria bem estar outra vez em contato com os colegas e professores.

– Mas é o que não vem acontecendo, senhora – disse o diretor –, ele não está em contato com ninguém, pelo contrário, mantém-se distante de todos.

O caso não teve solução. O menino continuou freqüentando as aulas, ora acompanhava as explicações do professor e o que ele escrevia no quadro-negro, ora perdia-se de si mesmo em alguma curva de sua inconsciência e se esquecia de onde estava. Os professores, informados do que lhe acontecera, já não se preocupavam e o deixavam à vontade.

Um dia, ao soar o sinal do recreio, o menino como de hábito permaneceu em sua carteira, viu todos os alunos saírem apressadamente e depois de alguns minutos levantou-se, decidindo-se por sua vez a descer para o pátio. No entanto, ao sair de cabeça baixa para o corredor vazio não percebeu a aproximação de um garoto que voltava à sala correndo...

...e com o encontrão recuou um passo, enquanto o outro garoto também recuava.

Olharam-se – o menino e o garoto loiro, que sem dar importância ao ocorrido entrou em sala.

O menino o seguiu.

De pé na porta ficou a espiá-lo, a dois passos de distância, remexer em sua pasta à procura de alguma coisa. Era a primeira vez que o via assim tão perto, pode-se dizer também que era a primeira vez que tinha coragem de chegar tão perto dele, pois mesmo no episódio do ponto de ônibus mantivera uma distância maior. O garoto loiro, percebendo sua presença na porta, interrompeu o que estava fazendo:

– Que foi? – perguntou, antes de voltar a remexer na pasta.

O menino avançou em sua direção. Parou. Continuou olhando o outro, insistentemente.

– Você gosta dela? – mas não foi ele quem perguntou, ouviu a própria voz dizer aquilo sem ter dito, ele mesmo, tais palavras. Como podia ser aquilo?, perguntava-se assombrado, como podia ele ouvir a própria voz sem que tivesse pronunciado palavra alguma?

O garoto loiro, deixando de lado a pasta, virou-se outra vez para o menino.

– Em que isso lhe interessa? – perguntou por sua vez.

O menino afastou o cabelo que lhe caía nos olhos. De novo ouviu a própria voz...

– A garota da primeira fila... você gosta dela?

...mas não ele, e sim outra pessoa pronunciando essas palavras? Onde fora buscar tanta coragem?

– O que é que você acha? – respondeu.

– Vocês estão namorando?

– Sim, e daí? Está com ciúmes?

– Estou.

– Ora, vejam só! Acha que ela vai querer alguma coisa com um pirralho igual a você?

– Acha ela bonita? – perguntou, como se não tivesse escutado.

– Se não achasse...

– Mas eu sou mais bonito do que ela.

– Quê? – o garoto loiro, admirado, virou-se para ele.

– Eu sei que sou mais bonito de que ela – repetiu, e ainda excitado por essa ousadia de que momentos antes não se julgava capaz: – Em vez dela, fica comigo.

Então aconteceu.

Mas o menino não podia esperar por aquilo, por aquele riso que principiou a abrir-se e se interrompeu para dar lugar àquela palavra cruel que, inesperadamente, escapava da boca que até então lhe parecera tão pura:

– Bichinha!

O menino estremeceu.

O garoto loiro, ainda de pé à sua frente, segurava uma espécie de estojo que apanhara dentro da pasta. Então, num gesto rápido, o menino tomou-lhe o estojo atirando-o ao chão e espalhando as canetinhas, os lápis coloridos, a lapiseira, a borracha, o grafite...

– O que é que você está fazendo...? – espantou-se o garoto loiro, recuando um passo.

Fez menção de abaixar-se para recolher o material, mas o menino, que o olhava também com um ar de perplexidade e ainda sem compreender como fizera aquilo – mas atinando que havia começado e não podia parar –, sem dar tempo a que outro recolhesse o material, avançou furioso, espalhou-o ainda mais chutando canetas e lápis para todas as direções:

O garoto loiro pôs-se de pé, dum salto:

– O que deu em você? – exclamou, segurando o menino pelos ombros e sacudindo-o com força. – O que é que você está fazendo?

Mas o menino não teve medo: sentiu em si as mãos do garoto loiro e abandonou-se à doce compressão dos dedos em seus ombros; viu o rosto dele muito perto do seu, seus olhos grandes e surpresos, suas faces coradas, a boca vermelha... E sorriu, de novo afastando os cabelos que caíam no rosto, enquanto o outro abrandava a pressão em seus ombros. Então – mas ainda seguro pelo outro – disse, num tom que ao mesmo tempo sugeria fragilidade e desafio, um sorriso sutil surgindo-lhe nos lábios:

– Lembra-se da caneta dela enfiada na carteira? Do tinteiro derramado dentro da bolsa?

O garoto loiro, cada vez mais assombrado, franziu o semblante, moveu a cabeça:

– Você é maluco! – disse, acentuando cada sílaba.

Mas o menino apenas sorriu. Já dono de uma coragem que não sabia existir em si, e sem pensar em cada palavra, disse:

– Eu sou mais bonito que ela, não vê? – e baixando a voz numa súplica: – Por que não me beija? – fechou os olhos, ergueu-se na ponta dos pés, ofereceu-lhes os lábios...

Mas o garoto loiro o afastou de si, num repelão... e o menino abriu os olhos com espanto: pois também não podia esperar que as feições tão límpidas do outro se pudessem contorcer assim, adquirindo um ar odioso e vulgar de deboche.

– Então você é mesmo um veadinho. O que é que você pretende comigo, seu veadinho? – disse, e passando por ele, como se o evitasse com repugnância, atirou: – Nojento! – e saiu, esquecendo-se do material espalhado no chão.

O menino permaneceu parado na sala vazia, olhando a porta por onde o garoto loiro sumira. Depois saiu para o corredor, que lhe pareceu então muito comprido e cheio de sombras, e se aproximou de uma vidraça que dava para o pátio em tempo de vê-lo ainda, ao garoto loiro, embaixo, dando o braço à garota da primeira fila.

Agora o menino seguia por uma ruazinha estreita e muito suja, onde, à porta dos prédios de má aparência, enormes latões

de lixo emanavam um fedor azedo de restos de comida em decomposição em meio ao ruidoso enxamear das moscas. Ninguém o vira afastar-se pelo pátio à hora do recreio em direção à saída, e uma vez na rua não se preocupou com o rumo que tomava: andou sem destino certo. De início vagou pelas ruas periféricas, ainda largas e movimentadas, mas à medida que se distanciava ia penetrando no labirinto das ruazinhas estreitas que conduziam às zonas de má fama, passava por botequins imundos onde bêbados, sentados à porta, espiavam com suas caras alvares o carteado ou os jogos de sinuca, ou simplesmente contemplavam a vida do fundo de sua embriaguez; via tanto mulheres quanto adolescentes com roupas extravagantes e pinturas vistosas transitando, mesmo àquela hora, à procura de fregueses, e uma delas chegou até a passar a mão em seus cabelos, decerto encantada por ver ali um menino bonito e bem vestido, "pena que não seja um pouquinho mais velho, pimpolho" disse, e ele apertou o passo, assustado; mas à medida que ia cada vez mais submergindo nessa infinidade de ruas, feito uma imensa teia que parecia absorvê-lo em seus liames, ia-se sentindo também ausente de tudo que via e o cercava, e assim não chegou a impressionar-se com as crianças que transitavam por ali, de ares doentios e olhos enormes a olharem para ele com espanto quando passava, e se cruzava com qualquer pessoa seguia sem encarar, não por medo ou aversão, mas simplesmente porque já não era capaz de perceber sua presença. Em volta, ruas, prédios, gente – tudo se convertera num mosaico de tons cinzentos e frios, estavam presentes, podia senti-los em redor de si como seres imateriais – sombras, miragens – que mesmo querendo não poderia tocar.

Em sua cabeça persistia a imagem fixa do garoto loiro com seu riso de deboche, e continuava ouvindo a voz dele – distante porém nítida, vindo como que do fundo de um amplo salão cujo eco soava com estranha musicalidade: "Nojento!".

O menino achou injusto que o garoto loiro risse daquele jeito, dissesse aquilo. Se os outros – se, por exemplo, toda a turma debochasse dele, não o afetaria tanto, pois lhe era possível admitir que todos da classe fossem vulgares e estúpidos, mas o garoto loiro não tinha esse direito – não o direito de feri-lo com um riso de remoque e uma palavrinha ofensiva, mas o de parecer, como os outros, estúpido e vulgar.

Sentiu uma angústia comprimir-lhe o peito, intensificar-se pouco a pouco à medida que ia refletindo sobre aquilo. Pois em certos momentos punha-se a imaginar que o garoto loiro reagia de outra maneira às suas palavras: poderia ter sorrido amistosamente e dito um gracejo qualquer, convidando-o a descerem juntos para o pátio, ou quem sabe poderia ter-lhe acariciado o rosto antes de sair da sala... Tais pensamentos sobrevinham como se tivessem o poder de reverter os fatos e, súbito, o menino estivesse outra vez na sala diante do garoto loiro, tudo acontecendo como ele desejava. Mas a realidade sobrevinha no instante seguinte desfazendo o sonho breve com que por um instante se iludira.

Agora suas faces estavam úmidas, enxergava através das lágrimas a lhe transbordarem dos olhos, e o mundo converteu-se em borrões, manchas, ausência de formas. Parou. Olhou em volta e então a estreiteza das ruazinhas emaranhadas, os casarios sombrosos, a cara triste do subúrbio produziram uma aflição que lhe apertou a garganta, um nó que o sufocava.

Atravessou a rua sem olhar, um caminhão rangeu pneus, freando a dois passos para não esmagá-lo no asfalto. Um homem pôs a cara pra fora, xingou, mas o menino não ouviu – do outro lado avançou, passou defronte a uma sorveteria onde alguns garotos tomavam sorvete e brincavam nas máquinas de flíper, dobrou uma esquina e deu consigo mesmo vindo em direção contrária, o que o confundiu momentaneamente, até compreender: estava defronte a uma perfumaria e, junto à porta, havia um grande espelho no qual vira a si mesmo de corpo inteiro caminhando na calçada. Deteve-se um momento em frente do espelho e examinou o rosto molhado, os olhos vermelhos de chorar, e ainda assim achou-se mais bonito que a garota da primeira fila – mas já não pensou no garoto loiro. Aproximou-se mais e ficou olhando, e uma senhora no interior da loja, vendo-o chorar em silêncio, veio até a porta penalizada, perguntou-lhe se estava bem, se queria entrar um pouco, mas o menino fez que não com a cabeça e se afastou.

Adiante abria-se uma estrada de rodagem, uma passarela cruzava sobre um canteiro de obras, e irrompendo dos alicerces e paredes já levantadas vergalhões apontavam para o céu cinzento, que prenunciava chuva. O menino galgou a passarela, parou junto à mureta de proteção e olhou para longe, vendo o subúrbio por

cima – e como lhe pareceu monstruosamente feio o que via: uma infinidade de terraços descoloridos e sujos a se confundir no horizonte próximo numa névoa encardida, e no meio disso tudo, pontilhando cores ali e além, roupas penduradas em varais improvisados que a viração balançava frouxamente. Então o menino, num gesto imprevisto, arrancou a camisa e olhou para o céu, fechando os olhos enquanto essa mesma viração vinha arrepiar-lhe a pele. Depois continuou tirando a roupa...

No canteiro de obras, alguns operários que retornavam do almoço avistaram no alto da passarela um garoto nu, de pé sobre a mureta.

Detiveram-se com assombro.

Imobilizaram-se, como se com isso pudessem evitar que ele se desequilibrasse. Ficaram olhando, atônitos, sem ação.

Mas o menino parecia oscilar... oscilava... e então perdeu o equilíbrio.

Caiu.

Embaixo, pontiagudos, os vergalhões esguios e negros eram pontos de exclamação que exclamavam tragicamente ao meio-dia.

# Eu, pai

*Existe uma câmara secreta, fechada com uma porta blindada. Ela contém, com alguns pobre cães enjaulados, alguns monstros dos quais o mais comovente é aquele que permanece no centro da câmara: ele é nossa íntima censura. (***Jean Genet**, Querelle*)*

Não acredito em juízes.

Quem eles pensam que são, esses sujeitos vestidos de preto com seus códigos e sua autoridade como se soubessem de tudo, e que se julgam no direito de dizer: 'você é culpado' ou 'você é inocente'?

Daí que tampouco creio na justiça, que a meu ver não passa de uma falácia. Quem, pelo menos uma vez na vida, não viu a justiça oficial cometer uma barbaridade? E olhe que não falo de um erro judiciário decorrente, por exemplo, de uma prova testemunhal falsa... Isso, ainda que indesejável, parece-me o menos grave... há coisas piores... mas, quanto a isso, fico por aqui – a verdade é que não vêm ao caso. Justiça? Quem quiser que a engula. Eu, vomito-a.

Em face do que tenho para contar, pode parecer sintomático que logo de início eu questione a justiça e os juízes: dirão os senhores que pretendo atenuar meu crime, diminuir aos olhos indignados do público a barbaridade dos meus atos. Vamos supor que eu esteja disposto a concordar com a opinião dos senhores: é natural que o culpado procure, se não perante seu próprio juízo, pelo menos perante o juízo alheio parecer menos culpado – afinal, se tenho a intenção de persistir convivendo com meus semelhantes em tais circunstâncias, é preferível que, ainda que me julguem criminoso, não me tomem por um celerado, e que no

final das contas até, como se diz, dêem um desconto, dizendo: "Coitado, errou, todos erram, e já que se emendou não vamos crucificá-lo. Podia ser qualquer um de nós".

Porém não concordo com os senhores, digo-o desde já, sem meias palavras, para que não me considerem hipócrita, e não pretendo inventar desculpas que venham a lançar dúvidas sobre minha conduta e contribuam para merecer daqueles que me escutam pelo menos um sinal de complacência: pois merece complacência o pai que se deita com a própria filha? (Aliás, isso de complacência, convenhamos, fede a piedade, àquele tipo de olhar penalizado de quem olha e diz "pobre diabo!... A que ponto chega um ser humano!", e se me disponho a tirar a roupa – em sentido figurado, está visto – é para que saibam tudo a meu respeito e no fim me desprezem, me odeiem, qualquer coisa parecida, mas não tenham pena de mim que a piedade me repugna.) Mas, oh!... Já ouço a exclamação de assombro, os senhores chegam a recuar um passo, vejo mesmo uma nuvem sobre suas fisionomias, e aproveito o primeiro impacto para provocar logo um segundo, definitivo, sem lhes dar chance de recuperar-se – então acrescento: pois eu me deitei com minha filha, e ela tinha apenas onze anos.

Bem, creio que disse tudo. No entanto, será esse mesmo o crime de que me culpo?... Atentem para a pergunta que ora faço, de capital importância: aponto-lhes de imediato um crime que pratiquei, e pergunto: *será esse mesmo o crime de que me culpo?*

Das suas caras perplexas, direi mesmo assombradas, depreendo uma natural e mui visível repulsa, pois minha atitude além de ser contra a natureza – e é natural que os senhores de imediato lancem mão desse lugar-comum para justificar seus preconceitos tacanhos, "...além de ser *contra a natureza*..."!, donde a afirmação final de que até os animais evitam buscar parceiros entre sua prole –, é também contra noções arraigadas de religiosidade e bons costumes. Com relação ao que se diz acerca dos animais, respondo que não passa de uma bobagem, não porque seja mentira, não!, sou propenso a crer que seja mesmo verdade quanto a certas espécies; mas porque nós, seres humanos, somos bichos de outro gênero. Como fazer comparações? Ora, quando alguém comete uma barbaridade é tachado de animal, apela-se para nossa condição de gente, e gente civilizada, "não podemos

nos comportar como animais" dizem; e no entanto, noutras circunstâncias "veja que nem os animais fazem isso!" exclamam, chamando nossa atenção, advertindo-nos. Não se vislumbram aí dois pesos e duas medidas? Hein?... Não, definitivamente: argumentos desse tipo não me convencem. Penso que os seres humanos, agindo bem ou mal, agem tão só de acordo com sua natureza – ainda que de todas a mais difícil de entender. Quanto aos bons costumes... bem, neste ponto a coisa muda de figura. Entre os senhores estão decerto jovens solteiros, alguns mesmo bem jovens, mas também homens e mulheres casados, pais e mães de família com filhos aos quais pretendem educar dentro de certos preceitos tidos como adequados, ou, valendo-me de um chavão em voga no momento, "socialmente corretos" (chavões são horríveis, bem sei, mas vá lá...). No entanto, digam-me cá, mesmo que não queriam admitir em alto e bom som movam apenas a cabeça numa confirmação silenciosa: além da repulsa que minha *confessione* lhes inspira, não lhes aferroa também alguma curiosidade? Pois o horror chama atenção, há que admitir-se, além do que alguns dos presentes têm filhas de dez, onze anos, e é bem possível que a um ou outro já tenham ocorrido pensamentos libidinosos acerca delas, pode ser até que se divertiram em boliná-las de forma mais ou menos discreta – e aqui me detenho pressentindo já a primeira resposta, ou o primeiro contra-ataque, pois reconheço que acabo de atacá-los duramente: afinal, não só me pus a falar das minhas baixezas, como acabo também atribuir-lhes os mesmos vícios. Mas sabem por que faço isso? Porque conheço a natureza humana; como disse acima: somos bichos de outra classe, e é certo – se me permitem o lugar-comum (outro!) – que há por aí muito lobo em pele de cordeiro. Aqueles que se sentem atingidos levantem-se e vão-se embora, é um desafio que lanço: na posição que ora ocupo sinto-me à vontade para lançar desafios, sendo certo que ninguém vai se levantar e denunciar-se, mas permanecer em seu lugar, a contragosto, olhando-me com uma irritação crescente e ruminando consigo mesmo "esse sujeito tem topete!". Mas não me intimido: esperneiem contra mim, porém permaneçam em seus lugares. Eu estou aqui para falar, os senhores para ouvir, cada qual cumpre seu papel: cumpram-no os senhores sem reclamações. Ódios não me atingem.

E agora que estamos entendidos, sigamos em frente.

Tinha uma filha de onze anos.

Ponho o verbo no pretérito não porque já não tenha uma filha, mas porque ela hoje está um pouco mais velha. Em face do que lhes vou contar, é de bom alvitre antecipar minhas relações atuais com ela: devo dizer que nos damos bem, embora aqueles tempos tenham ficado para trás e nossas relações esfriado bastante. Tratamo-nos com cortesia, é certo, ela cumprimenta-me e parece gostar de mim: não será um grande amor filial, só uma afeição sem arrebatamentos e, mesmo tendo-se tornado uma mulher independente, em precisando não recusa a ajuda que lhe ofereço. Isso, porém, é raro acontecer e não merece que se mencione. Passamos às vezes dois ou três meses sem nos vermos, conquanto moremos na mesma cidade, e, quando após esse tempo calha nos encontrarmos na rua, paramos para um dedo de prosa, ela me faz o favor de um sorriso sem muitas expansões e eu me mostro menos reservado convidando-me – eu mesmo – a aparecer, o que no mais das vezes fica só no convite, mas não por ela acaso insinuar que não deseja minha visita – deseja-a, trata-me bem nas ocasiões em que vou à sua casa: sou eu quem não se sente bem privando de sua companhia em intimidade, pois vive só. Tem um namorado – conheço-o de vista, não somos íntimos, nem mesmo nos relacionamos –, mas ainda não decidiu casar-se com ele, embora pelo que sei o rapaz já tenha insistido para que o aceite. “Por que não o aceita logo?” eu perguntei numa dessas raras visitas, ao me lembrar de que os vira juntos na véspera e trazer o assunto à baila sem que ela esperasse; mas ela me olhou demoradamente com uma expressão de enigma, ou de interrogação... Quem, afinal, estava ali a olhar-me daquele jeito estranho: a mulher de vinte e nove anos ou garotinha de onze com quem eu me deitei?

Aquilo não durou mais que um momento: sorri-lhe, desculpei-me, “não devo intrometer-me” e ela “oh, não tem importância” serviu-me mais um pouco de café, que eu beberiquei em constrangido silêncio.

Por essa filha, quando criança, apaixonei-me de forma tão arrebatada que, confesso, cheguei mesmo a pensar em vender todas as minhas propriedades e partir para longe, um lugar onde

não me conhecessem, de preferência uma roça distante de qualquer arraial, e ali viver esse amor em sua plenitude e até o fim dos meus dias. Com isto fica claro que a paixão sempre nos faz voltar à adolescência, quando julgamos que tal sentimento há de durar a vida inteira, que a força de atração de uma pessoa sobre nós é capaz de permanecer a mesma ao longo dos anos, que o encantamento nunca se desencantará. Como devem suspeitar, não fiz nada disso, e por algumas razões até mesmo trágicas... mas não devo antecipar-me: feita a revelação principal, e não decerto não lhes prometendo mais grandes surpresas, minuciemos o caso com mais vagar, voltemos ao começo.

Chamo-me Olímpio e direi para começar que me casei bastante jovem: aos vinte e três anos recebi no altar, das mãos de um velho de barbas brancas, uma noiva de vinte e dois a quem namorava há um ano e meio, moça sem muitos atrativos mas com alguma graça, e em especial uma educação primorosa. Posso mesmo garantir que me atraíram em Irene principalmente sua educação e sua inteligência: era versada em cinco idiomas; tocava o piano com virtuosismo, mas, apesar do convite de um grande maestro estrangeiro para acompanhá-lo à Europa a fim de aperfeiçoar-se, recusou, e não quis seguir a carreira de concertista; acabara de formar-se em química, mas garantia-me que por fim não reconhecia em si nenhuma vocação para essa ciência, e pensava em ingressar na faculdade de direito no ano seguinte. Quando lhe perguntei se pretendia ser advogada, respondeu-me com naturalidade: “Quero ser juíza”. Casamo-nos num final de novembro. Em janeiro minha mulher entrou para a faculdade, à qual se dedicaria nos anos seguintes sem, contudo, negligenciar as atividades domésticas. Era bastante curioso ver aquela mulher tão jovem e talentosa, que poderia ser intérprete em alguma grande firma ou concertista de renome, lidar em casa com tanta naturalidade e ao mesmo tempo estudar tendo como objetivo para seu futuro uma toga. Nada contra togas quando se trata de uma profissão, porém alguém que poderia simplesmente brilhar escolher uma carreira no exercício da qual passaria a vida submersa em papéis, e numa obscuridade de fazer dó, era algo que me fugia à compreensão.

Nosso casamento transcorreu sem novidades. Irene estu-

dava e cuidava da casa, sentava-se ao piano quase todas as noites por uma ou duas horas, alegando que a música fazia-a descansar das aulas da tarde e das fadigas do trânsito, preparando-se assim para o dia seguinte. Eu trabalhava na direção de uma pequena empresa que, auxiliado por meu pai (de quem recebera suporte financeiro), havia montado pouco antes de casar-me, obtendo naqueles poucos anos iniciais um crescimento tão expressivo que já cogitava numa audaciosa expansão. Tinha quase todo o tempo ocupado durante a semana, mas reservava os sábados e domingos para a família, que por enquanto permanecia restrita a mim e a minha mulher: é que Irene não engravidava, e descartada minha esterilidade, a dificuldade era mesmo com ela. Isso entristeceu-nos um pouco, creio que mais a ela do que a mim, conquanto eu também quisesse uma criança. O médico que consultáramos, contudo, não nos desiludiu: passando por um tratamento, disse ele, Irene poderia ser mãe, mas ela, de seu natural bastante prática, não quis iniciar o tratamento antes de formar-se; eu insinuei então, meio de brincadeira, meio a sério, que, uma vez formada, ela não iria querer tratar-se antes de fazer um concurso, e uma vez empossada no cargo esperaria ainda algum tempo até enfronhar-se bem de todas as suas atribuições, e com isso o tempo iria passando. Irene, para minha surpresa, disse que não faria nenhum concurso para juíza pois chegara à conclusão de que tal carreira não lhe convinha e que se havia enganado quanto à sua vocação: “Creio que não tenho nenhuma” admitiu com naturalidade, “a não ser a de doméstica” e essa declaração me surpreendeu ainda mais.

Irene era mesmo uma mulher de causar surpresas, e a maior de todas estava reservada para breve: pois logo após apanhar o canudo tratou-se, engravidou, deu à luz e... morreu. Tudo isso no espaço de pouco mais de doze meses! Pois formou-se em dezembro, engravidou em maio, em fevereiro deu à luz nossa filha Isabela e em março estava enterrada. Fazia um mês que Isabela nascera: uma tarde Irene amamentava quando se sentiu mal; deixamos a criança com a empregada e corremos para o hospital. Internada e logo transferida para o CTI, à noite estava no balão de oxigênio e pela manhã o médico veio dar-me os pêsames. Contou uma história que eu não compreendi bem devido ao meu estado de nervos, mencionou um tumor num dos pulmões, eu não pres-

tei atenção e mais tarde não me animei a ler a Certidão de Óbito, guardei-a numa pasta qualquer e a esqueci em alguma gaveta. Não sei se amava Irene, mas me apegara a ela o suficiente para sofrer um grande abalo com sua perda; por outro lado tinha de preocupar-me com minha filha e com minha empresa: para os mortos o mundo acaba-se, os vivos estão incumbidos de continuá-lo. Foi o que fiz: segurei o pau do andor e o levei em frente.

Isabela cresceu como qualquer criança: não podia ser diferente, e eu a vi crescer sem grandes sobressaltos. Não fui um pai extremoso, tampouco estive ausente – pelo menos enquanto bem pequena. Durante o dia ficava sob os cuidados da babá, uma senhora de certa idade chamada Catarina. À noite, de ordinário, eu procedia como pai, mas era sempre a babá, que por não ter família na cidade morava em nossa casa, quem punha Isabela a dormir: já maiorzinha, a menina vinha beijar-me, dizia-me boa-noite e saía pela mão da outra.

Como posso explicar o que aconteceu depois?

Não, não pretendo justificar-me, o que já deixei claro. Tampouco tive a intenção de fazer rodeios ao falar de meu casamento; pretendi apenas, referindo o começo de minha vida adulta, mostrar que, até onde se pode perceber, eu passava por um sujeito normal, isto é, não era um lúbrico e muito menos um tarado; para ser mais claro: não sentia grande atração por adolescentes, e nenhuma por meninas ainda mais novas. Assim sendo, como pude envolver-me com uma criança da forma como me envolvi? Esta é uma pergunta crucial, porém não pretendo respondê-la: qualquer coisa que diga será insatisfatória, não convencerá nem a mim nem a ninguém. O fato foi que me apaixonei por minha filha de uma forma que eu não podia prever.

Isabela desenvolveu-se bem, e aos oito anos, mais alta e com mais corpo para a idade, aparentava dez.

Foi algum tempo antes dessa época que os negócios em fase de expansão fizeram com que me afastasse dela. Negócios são negócios, absorvem-nos duma tal maneira que não é incomum negligenciar-se a família para atender às suas exigências, e foi o que fiz durante aquele período que medeia os sete e os dez anos de Isabela: épocas houve em que cheguei a ausentar-me de casa por três, quatro meses, falando-lhe pelo telefone uma vez a cada

quinzena, e assim mesmo de relance. Isso durou até perto de Isabela completar dez anos, e como a certa altura começasse a lamuriar-se com freqüência em nossas conversas telefônicas, alegando que eu não lhe dava mais atenção, que não a amava mais, que deixara de ser seu pai etc., compreendi que minha ausência poderia ser-lhe nociva e decidi delegar a meu diretor geral as ocupações que me obrigavam a estar fora e dedicar mais tempo a minha filha. Entrei em casa certa tarde, após uma ausência de quase cinco meses, e confesso que estranhei quando aquela garota alta e bonita, com um moderno corte de cabelo e lábios exibindo um batom cereja, correu para mim pulando-me ao pescoço. Abraçamo-nos muito forte, e quando Isabela encarou-me com expectativa não quis protelar a surpresa: "Filha" fui logo dizendo, "não viajo mais! Agora estarei quase todo o tempo em casa", e vi seus olhos se encherem de lágrimas.

À noite, saindo do banho, veio ao meu encontro na sala onde eu relaxava reclinado no sofá, espiando, desatento, para a TV: vestia um *short* que lhe fazia ressaltar as pernas longas, e uma blusa de malha que lhe deixava à mostra o umbigo. Isabela pôs um joelho na borda do sofá e se inclinou para mim, "estou bonita?" disse, e de sua pele recendia um leve cheiro de sabonete. Esse conjunto de sensações – a penumbra da sala, o perfume de sândalo, o bronzeado de seu corpo – causou-me uma impressão que não durou muito, mas forte o suficiente para perturbar-me, e por três ou quatro segundos não respondi, detive-me apenas a contemplar a linda menina que se debruçava sobre mim. "Linda" enfim disse, ajeitando-me no sofá enquanto a abraçava. Isabela deixou o corpo sobre o meu pousando a cabeça em meu peito, "você não vai mais viajar, ou só disse aquilo para engambelar-me?" perguntou, e eu sorri apertando-a nos braços, "não, filha, não pretendo viajar mais. Agora vou ficar com você". Era verdade; mas ainda que não fosse, do rumo que as coisas tomaram, eu de qualquer forma deixaria tudo de lado para ficar com ela.

Não se vá porém inferir que desejei Isabela naquele momento. Por enquanto era apenas a filha saudosa que se reclinava sobre o pai, e eu, apenas um pai nos últimos tempos ausente o bastante para perturbar-se com tal situação. Logo, porém, nos pusemos à vontade e conversamos até bem tarde sobre todas as

banalidades que vêm à cabeça de uma garota daquela idade; ao nos recolhermos éramos os mesmos de outros tempos, só com alguns anos a mais.

Forçoso é admitir que o processo de sedução teve início naquela noite, mas antes que os senhores me advirtam, devo dizer que não houve então qualquer intento da parte dela, e eu mesmo, apesar daquela perturbação inicial, não pensei mais no caso. Pode-se dizer, de uma forma psicanalítica, que a coisa jazeu em meu subconsciente? É possível; como disse, a sedução teve início nessa noite e continuou alguns dias depois, na festinha que Isabela mesma organizou para festejar seu aniversário: naquela tarde ensolarada de sábado, enquanto a casa enchia-se de meninos e meninas, todos se reunindo à volta da piscina em trajes de banho, Isabela apareceu à minha frente com um biquíni vermelho, e ainda que estivesse completando só dez anos, no minúsculo corpete já avultavam uns discretos princípios de seios. Outra vez não pude evitar – e agora com um certo sobressalto de minha parte – o embaraço que me tolheu quando ela, vindo direto para mim no meio de todas aquelas crianças, pendurou-se no meu pescoço e outra vez perguntou: “Estou bonita?”. Fiz que sim com a cabeça, meio sorrindo, meio sem jeito, e ela acrescentou “para você papai”; apertou o corpo contra o meu, “para que não ache nenhuma das minhas amigas mais bonita que eu”, e vendo-a afastar-se em direção à piscina comparei-a com as outras: Isabela havia convidado para sua festa presumo que quase toda sua classe, além de algumas crianças da vizinhança, estavam ali pelo menos umas vinte crianças com idades que deviam variar dos nove aos doze... seria que eu a enxergava dessa maneira, ou minha filha era mesmo a mais alta de todas? Não, senhores, não se antecipem num julgamento precipitado, saibam que estou aqui para falar a verdade, não tenho a intenção de esconder-me atrás de um conjunto de argumentos falaciosos, porém não quero deixar de avaliar todas as possibilidades. É possível que aquele gérmen, aquele “bichinho” malicioso que se instalara em meu subconsciente, já estivesse fazendo das suas; sim, mas não devo diminuir a verdade: Isabela não passava de uma criança, era porém mais desenvolvida que todas as outras presentes, mesmo os meninos – alta, membros esguios, quadris salientes, nádegas redondas, um

princípio de seios apontando embaixo do corpete, o que se via era uma garota de doze anos que por enquanto só completara dez.

Quando, para meu pasmo e desgosto, me dei conta de que sentia atração por minha filha? Quando percebi que ela também sentia-se atraída por mim?

A essas perguntas, em especial à segunda, já ouço clamores, e não nego: justificados clamores. Uma menina daquela idade sabe o que seja atração? Talvez admire o pai – vamos lá, Freud mais uma vez –, porém confunde essa admiração com uma atração sensual? Competia a mim pôr um basta naquilo que eu começava a perceber, dirão todos, e até aqui admito: cabia-me cumprir o meu dever, e concedo que me deixei um tanto levar pela curiosidade – sim!, curiosidade, não era outra coisa a não ser curiosidade, pelo menos no começo – e ver até onde iria. Competia a mim, e me deixei levar... Porém não quis deixar-me levar? Não sentia prazer com aquilo, conquanto o julgasse uma atitude sem conseqüências – e até afirmasse para mim mesmo que eu, afinal, era o pai e sabia quando parar?

O jogo, como eu o chamei, que se desenrolava entre nós tinha no início a aparência de uma simples brincadeira. Se via Isabela vestida para um passeio, ou com um *jeans* trivial e uma miniblusa adequados para uma ida ao *shopping*, ou com uma roupa social para assistir a uma cerimônia, chamava-a linda e ela correspondia ao cumprimento enlaçando-me pela cintura; porém, se era um final de semana em que não saíamos, e Isabela transitava pela casa de biquíni, o corpo ainda molhado de quem acabara de sair da piscina, eu a advertia dos riscos de expor-se demais ao sol para em seguida aludir a o quanto estava bonita morena assim e apertá-la em meus braços. Mas Isabela também "jogava": mais de uma vez naqueles dias quentes, estando eu num canapé à sombra das árvores do jardim entretido com alguma leitura, ela se aproximava no seu minúsculo traje de banho; como se não desse com minha presença ali, a uma distância de meia dúzia de passos, e quase de costas para mim à beira da piscina, passava a ocupar-se então com o ritual de espalhar vagarosamente o óleo bronzeador pelo corpo, depois do que, a fim de certificar-se de que eu a observava (no mais das vezes eu fingia não reparar ne-

la), virava-se para minha direção, mas apenas um pouco e sem olhar-me diretamente, logo voltando à sua posição inicial; então, para verificar o quanto se bronzeara, puxava a lateral do biquíni, e como essa estreita marca branca lhe parecesse insuficiente para avaliar, virava um tanto para trás o pescoço baixando o biquíni sobre a nádega e revelando dessa forma uma área branca maior, que ela estava certa de que eu também podia ver. Uma vez, naquele mesmo canapé, percebendo-a aproximar-se larguei o livro e fingi cochilar. Isabela acreditou que eu de fato cochilava? Ou agiu com a intenção de dar a entender isso, embora certa consigo mesma de ser provável que eu apenas fingia e, entre as pálpebras semi-cerradas, a estivesse observando? Sem voltar-me as costas dessa vez, isto é, permanecendo de frente para mim no lugar de costume, entregou-se à atividade de espalhar o bronzeador pelo corpo, demorando-se nela o mais que pôde e procedendo com gestos que inegavelmente podiam ser qualificados de sensuais; se eu até então tivesse alguma dúvida quanto à possibilidade de ela estar "jogando" ou não, nesse dia qualquer dúvida se desfez: Isabela de novo quis verificar o quanto estava bronzeada, porém não levantou a tirinha lateral do biquíni, senão que puxou para baixo a parte da frente provocando-me um tal abalo que eu, não fora mais precavido, teria dado a perceber; ela, porém, não fora tão ousada a ponto de exibir-me seu sexo: revelou apenas uma pequena área branca da região pubiana e a virilha direita, o que não deixava ser tentador. Esteve assim cerca de meio minuto, depois ajeitou o biquíni e sem apressar-se entrou na água.

Quanto tempo durou esse jogo?, perguntarão os senhores – isso se acharem que houve mesmo um jogo jogado por nós ambos, mas sou propenso a crer que em seu puritanismo de sacristia e bodega é certo que para os senhores era eu o devasso, o que julgava avistar fumaça onde não havia fogo, e que minha filha agia apenas com a naturalidade e a pureza que a infância propicia.

Da maneira como se conta, tem-se a impressão de que as coisas aconteciam em seqüência, porém não era bem assim. Eu e minha filha tínhamos, no mais das vezes, um relacionamento natural: durante o dia eu trabalhava, à noite conversávamos enquanto assistíamos televisão e vez por outra recebíamos a visita de meu pai, que a pretexto de ter saudades da neta passava por lá

para uma prosa. Por outro lado, vale ressaltar que não estávamos sozinhos em casa: dona Catarina, que servira de babá nos tempos de Isabela pequena, continuara a meu serviço, agora como uma espécie de governanta, e conquanto suas dependências fossem separadas para proporcionar-lhe privacidade, tinha livre acesso ao interior da casa a qualquer hora da noite através de uma portinhola nos fundos de um corredor, de forma que pelo menos ali, na sala, tínhamos de nos comportar. De resto nos comportávamos, por enquanto nos comportávamos. Assim o jogo prolongou-se, e quando Isabela completou onze anos (parecendo ter treze) e de novo organizou, ela mesma, sua festinha de aniversário, também numa tarde de sábado à beira da piscina, surpreendeu-me com a roupa escolhida para a ocasião: presumi que fosse usar traje de banho, como as demais crianças convidadas, porém apareceu vestida com um *short* branco que realçava de forma extraordinária suas coxas grossas e morenas, e a blusa, também branca, era de um tecido tão fino que chegava quase à transparência, exibindo sutilmente o rosado escuro dos mamilos que avultavam. Eu estava na varanda, de onde se tinha uma excelente visão de toda a extensão do jardim, naquela tarde repleto dos convidados de Isabela que se espalhavam pelo gramado entre as árvores e na piscina, ou na água, ou deitados na beirada tomando sol; eu estava, pois, na varanda, quando Isabela apareceu vestida da forma como descrevi causando-me um impacto – mais um, de quantos ela já me havia proporcionado –, e parou à minha frente. Olhamo-nos. “Não é preciso perguntar” eu disse, “você está linda, mas...”, seu semblante ensombreceu, então havia um ‘mas’ para obstar-lhe a alegria?, “mas” eu repeti, e prossegui “isto...” e indiquei com o dedo a transparência da blusa que lhe deixava ver os mamilos, os seios já bem desenvolvidos, “não é conveniente que você se mostre a todos dessa maneira”, “eu sei, pai” ela disse baixando os olhos com timidez, “não é para os outros verem” e achegou-se a mim, encarando-me agora: “É só para você”. Estremeci. Minha mão tremeu ao tocar por um breve instante aquelas delicadas protuberâncias, e então Isabela enlaçou-me pela cintura apoiando a cabeça em meu peito. Espiei na direção do jardim, temeroso de ser visto em tal atitude – conquanto nada houvesse de mal no carinhoso abraço de um pai e uma filha que faz anos;

está claro que o meu receio era de que pudessem enxergar o que havia, enfim, no fundo dessa atitude. Mas dona Catarina nesse momento aproximava-se com uma bandeja de docinhos e foi logo cercada por algumas crianças numa algazarra que despertou o interesse das demais, de forma que seria pouco provável alguém lembrar-se de olhar para a varanda naquele momento. Por outro lado, as numerosas plantas em vasos que havia aí obstruíam bem a vista que se pudesse ter lá de baixo. Estávamos seguros. Havia cálculo no que fiz em seguida? Decerto não, foi com naturalidade que a enlacei também e, deslizando as mãos ao longo de seus quadris, apanhei-lhe as nádegas redondas e firmes numa carícia suave e prolongada, comprimindo-a contra mim. Isabela não me repeliu, ao contrário, senti seu corpo relaxar nos meus braços... mas logo me dei conta do que fazia e de que começava a excitar-me de verdade, e a afastei de mim: "Está bem" disse quase sem voz, respirando com dificuldade, "mas agora vai lá dentro...", "não, pai" ela me interrompeu espalmando as mãos em meu peito com pancadinhas leves e alternadas, típicas de uma intimidade filial, "não é preciso dizer" e se afastou com um riso matreiro. Ao retornar, via-se sob a blusa transparente um sutiãzinho de rendas cor-de-rosa claro.

Teria ela percebido minha excitação? Compreendeu o que se passava comigo? Também a essas perguntas não respondo, para dizer no entanto que nessa tarde eu me masturbei pela primeira vez em muitos anos.

Bem, se tenho de aturar a cara feia dos senhores... e é certo que tenho, pois quando resolvi falar, ou como vulgarmente se diz "despejar o saco", podia prever tal reação, aliás naturalíssima; pois se tenho aturar-lhes a cara feia, terão de aturar-me também, o que de resto entre nós é uma espécie de comunhão. Estamos aqui a detestar-nos, porém não arredamos pé: continuamos no mesmo lugar, cada qual desempenhando seu papel. Então eu, o pai, masturbei-me no banheiro pensando na própria filha? Oh, que horror!... Como se alguns dos senhores... bem, deixa pra lá, isso não vem ao caso, o seu saco continua sem despejar, e eu não tenho nada a ver com isso. Mas não pretendo negar, aliás se o disse é para ser entendido dessa forma, sem tirar nem pôr: eu me masturbei pensando em minha filha, e sentado no vaso, a calça

arriada até os tornozelos, enquanto acariciava meu pênis em busca do prazer imaginava Isabela nua à minha frente, seu sexo liso e puro, as nádegas com a marca do biquíni entreabertas ao dar uma voltinha a meu pedido, e por fim ela vindo em minha direção, sentando-se em meu colo de frente para mim e deixando-se penetrar enquanto uma expressão de doloroso prazer transfigurava-lhe as feições...

Mas tudo isso – essas minúcias que pareço fazer questão de descrever, o tom de minha voz enquanto falo nelas, a própria expressão do meu rosto e, direi mesmo, a cor da minha aura, se essa coisa de aura fosse real e os senhores pudessem percebê-la – é sórdido, bem sei, bem os escuto remexendo-se em seus assentos: uma onda de indignação os agita, e já não serei eu quem irá fazer qualquer insinuação maldosa ou mesmo um gracejo acerca da triste condição humana dos senhores. Reparem bem e verão que já não rio, e se acaso podem vislumbrar em meus lábios um sorriso, ah, que sorriso é esse, senhores, que sorriso é esse!...

Em tudo isso, o que lhes parece hediondo?

Minha indagação, bem sei, é crua e direta, e a princípio os senhores não entendem bem o que pretendo. Deixem-me ser mais explícito: o que será mais hediondo – que eu tenha tido tais pensamentos acerca de minha filha de onze anos, ou que tenha enfim me deitado com ela? – Pois aconteceu, acabou acontecendo, aliás era inevitável que acontecesse...

Não poderá haver algo pior que isso?

E eis que os senhores se agitam outra vez, de novo uma onda – agora de curiosidade mesclada à crescente indignação – faz com que se remexam em suas cadeiras: poderá haver algo pior? Isso já é bastante medonho, e eu aqui estou me propondo a apresentar-lhes algo ainda pior?...

Entre mim e Isabela, depois daquela tarde de sábado, a situação chegou a um ponto em que não havia mais lugar para a dúvida, e conquanto tenhamos "jogado" ainda por algum tempo, as coisas se encaminharam para a única direção plausível em se tratando de uma adolescente fogosa e de um homem sem escrúpulos.

Durante esse período de "jogo", em que tacitamente nos compreendíamos conquanto não tivéssemos avançado além de

certo ponto, os dias transcorriam sem que nossos hábitos passassem por qualquer alteração. Durante o dia eu estava no escritório enquanto em casa dona Catarina administrava a vida doméstica com o costume dos anos; Isabela ia para a escola pela manhã e regressava ao meio-dia, passava a tarde estudando e à noitinha esperava-me. Mais tarde, por volta das sete e meia, jantávamos, fazendo-nos companhia dona Catarina que escutava com o interesse da polidez qualquer banalidade que eu tivesse para contar. Depois de retirar a mesa despedia-se, recolhia-se para suas dependências e não aparecia mais. Ficávamos então sozinhos, Isabela e eu. Ela fingia retirar-se também, mas como não me dava boa-noite eu sabia que se retirava apenas para voltar mais tarde à sala, onde eu permanecia o mais das vezes escutando música. Quando reaparecia, coisa que eu esperava e contava como certa, vinha com uma camisolinha de rendas que disfarçava mas não escondia sua nudez, "ouvindo música, pai?", perguntava sentando-se ao meu lado no tapete e recostando-se em mim. Às vezes demorava-se, deitava-se no tapete e punha a cabeça em meu colo, outras vezes sentava-se atrás de mim no sofá e, reclinando-se, envolvia-me o pescoço ou os ombros com os braços, mas também noutras ocasiões sentava-se à minha frente para que, na semipenumbra do ambiente (eu tinha o hábito de ouvir música apenas com a luz do abajur acesa, de forma que a sala, muito ampla, permanecia às escuras, exceto pelo círculo de vaga claridade onde estávamos), pudesse olhar para ela e ver à transparência da camisolinha seus seios em formação, a curvatura das nádegas ou suas coxas morenas nuas na confluência das quais sumia-se o triângulo da calcinha. Algumas vezes eu arriscava, sufocado, uma breve carícia pousando a mão sobre um daqueles botõezinhos de rosa que apontavam sob a renda, ocasiões em que Isabela sobrepunha suas mãos à minha e exercia, com um sorriso, uma suave pressão em seu peito; noutras vezes, porém, prosseguíamos nosso jogo sem nem ao menos nos tocar: ora Isabela estendia-se de comprido no tapete, deixando as pernas entreabertas, ora levantava-se a meu pedido e ia trocar o disco na vitrola; para não causar nenhum acidente acendia a luz principal, pretexto também para exibir-me de forma natural mas direta e não menos insinuante suas graças, que eu admirava sabendo que ela sabia que eu estava admirando; depois apagava a luz, o ambiente recaía na

penumbra e ela regressava para junto de mim, sentando-se outra vez à minha frente com estudada negligência, apoiando-se no chão com uma das mãos de forma que a alça da camisola lhe descaía do ombro...

Na noite em que deflorei minha filha, fi-lo sem qualquer remorso, tal a espontaneidade do nosso ato de entrega. Dona Catarina já se havia recolhido há bem umas duas horas, na casa fazia-se o mais absoluto silêncio, e na sala eu havia deitado no tapete para escutar música, uma excelente regravação de Glenn Miller que comprara por aqueles dia e deixava rolar baixinho na vitrola. Havia fechado os olhos e, súbito, quando os abri, de pé à minha frente Isabela encarava-me. Percebendo que eu abrira os olhos, sorriu-me e veio sentar-se junto a mim no tapete enquanto eu me levantava. Fiz-lhe uma breve carícia no rosto, brinquei com seus cabelos, e disse:

– Imagino que as músicas que eu gosto de ouvir não sejam do seu agrado.

– Ué, por quê?

– Bem, uma menina na sua idade prefere coisas mais alegres, pelo menos mais barulhentas, e Glenn Miller...

– Glenn Miller? – e soergueu-se, pondo-se de joelhos e apanhando de sobre o sofá a capa do disco; permaneceu naquela mesma posição enquanto passava os olhos pelos títulos das faixas. – Qual está tocando?

– Moonlight Serenade. Quer dizer mais ou menos “serenata enluarada”.

– Eu gosto – ela disse –, é uma música triste – e de joelhos à minha frente, tão perto de mim, largou sobre o tapete a capa do disco e voltou a encarar-me –, ou de uma alegria triste, como do luar quando estamos sozinhos.

A observação de Isabela acerca da música surpreendeu-me, não só me pareceu inteligente como tocou-me, fez brotar em meu peito uma súbita e arrebatadora ternura. Eu poderia premeditar o que fiz em seguida? Não, nem premeditei, nem poderia tê-lo feito, conquanto eu soubesse já há tempos (ainda que não ousasse expressá-lo em voz alta) que em algum momento o jogo haveria de chegar ao fim.

Eu estava apoiado no tapete com uma das mãos. Minha outra mão passeou numa carícia despretensiosa pela parte interna

de sua coxa, e depois invadiu-lhe a camisola num movimento vagaroso e impreciso. Aprumei o corpo, e agora com as duas mãos livres contornando-lhe espalmadas os quadris, segurei delicadamente a calcinha pelas tiras laterais e fui puxando-a para baixo devagar, sem que Isabela fizesse qualquer gesto para evitar-me, revelando-se aos meus olhos o esplendor de sua nudez infantil. Contemplei-a por um tempo indefinível, enquanto ela, suspensa e palpitante, olhava para mim sem se retrair, e por fim curvei-me e beijei-lhe o sexo puro, belo, desprovido de pêlos... e de então por diante já não é possível qualquer descrição sem que aquilo para o que as palavras não bastam caia na trivialidade.

...Mas eu me antecipo à pergunta que lhes adivinho nos rostos perplexos, e garanto: eu não tive remorsos, nem nessa noite nem no dia seguinte, nem nos dias e semanas que se sucederam; tampouco Isabela demonstrou qualquer arrependimento ou pesar, e noite após noite – já não no tapete da sala por precaução, mas no quarto dela, às vezes no meu – nos entregávamos um ao outro com alucinação, num tal desvario que cheguei a imaginar sandices tais como desfazer-me de tudo que possuía e mudar-me com ela para muito longe, de preferência uma roça, um meio de mato onde não fôssemos conhecidos e minha filha pudesse impunemente passar por minha amante...

Porém, isso que entre nós passara por um lento progresso para inflamar-se enfim com tal ímpeto poderia durar?

Como foi que a loucura terminou?

Antes de tocar nesse ponto, e no interesse da própria narrativa, convém referir como o comportamento de Isabela, desde que nos tornamos amantes, modificou-se com o tempo.

Transcorridas as primeiras semanas, digamos as primeiras quatro ou cinco semanas de envolvimento durante as quais nos entregávamos ao amor com frenesi sem nunca nos lembrarmos, quando estávamos na cama, de que éramos pai e filha (verdade é que isso às vezes passava-me pela cabeça, mas usufruir daquele corpo jovem e vigoroso que parecia querer mais, sempre mais, e chegava a exaurir-me, bastava para que tal lembrança se fosse tão rápido quanto viera), Isabela começou a tornar-se exigente e irritadiça.

Cumpria que tomássemos todos os cuidados na presença

de dona Catarina para que esta não desconfiasse (e penso que, se chegou a desconfiar, soube manter-se neutra pois não deu qualquer demonstração e continuou a desempenhar-se de suas funções e a sentar-se conosco para as refeições como sempre). Um dia, porém, estávamos ainda à mesa eu e dona Catarina, quando Isabela, que havia se retirado por alguns momentos, voltando foi sentar-se em meu colo e envolveu-me o pescoço num abraço caloroso, o que ao mesmo tempo que me excitou deixou-me alarmado: minha reação foi afastá-la com indiferença e levantar-me, pretextando um compromisso que à última hora me vinha à lembrança, e sair. Não me demorei na rua nem meia hora, porém ao retornar encontrei Isabela mau humorada, e quando me aproximei recuou, evitando-me com um repelão. Olhou-me a distância com uma raiva muito nítida, e nada que eu dissesse foi suficiente para convencê-la de que meu gesto fora necessário para evitar uma suspeita por parte de dona Catarina: naquela noite ela soube punir-me com seu capricho de menina mimada, e cada um dormiu em seu quarto.

No dia seguinte repetiu-se a cena à mesa e eu tive de tomar cuidado – tanto para não aborrecê-la quanto para que dona Catarina visse no nosso abraço não mais que um carinho natural trocado entre pai e filha. Penso que soube representar bem o meu papel, e mais tarde, quando a tive nua em meus braços, Isabela disse com malícia:

– Viu? Dona Catarina nem desconfiou. Se a gente souber fazer as coisas, ela não vai saber nunca.

Eu concordei, mas respondi que “de qualquer forma era melhor não facilitar e evitar tais demonstrações em sua presença com tanta freqüência”.

Isabela, entretanto, aos poucos tornou-se difícil. Durante a semana, se acaso eu chegava um pouco mais tarde que de costume, vinha esperar-me à porta e interrogava-me sem rebuço quanto ao porquê da demora, onde eu estivera, com quem, por que não havia ligado para preveni-la, atitudes típicas de uma esposa chata e ciumenta.

Quando saíamos nos finais de semana, fosse durante o dia num passeio pelo *shopping*, numa ida à praia, ou à noite, se jantávamos fora, ou íamos ao cinema, ao teatro, o que eu tinha ao meu

lado não era uma garota de onze anos mas uma quase adulta, que digo?, uma mulher adulta embora com a aparência de uma garota de onze anos dominada por um ciúme que chegou a tornar-se insuportável. Isabela controlava meus passos e meus olhares, vigiava-me, agarrava-se à minha mão como se eu pretendesse escapar-lhe, beliscava-me o braço com fúria a ponto de deixar-me marcas roxas, e mais de uma vez pulou-me ao pescoço em público obrigando-me a encará-la e perguntando sem mais nem menos se eu havia olhado "para aquela garota loira que passou aqui", ou se eu estava "paquerando a balconista da loja", finalizando por fincar-me um olhar que era uma fisga repleta de farpas, e dizer em voz baixa e incisiva:

– Você é meu, senhor Olímpio – e acentuou com ironia o meu nome, ao precedê-lo da palavra 'senhor'–, só meu! Portanto, cuidado!

Não posso negar que esse "cuidado!" soava-me ameaçador e chegava a intimidar-me. Bem, os senhores podem achar inverossímil tudo que lhes tenho dito, e sou forçado a concordar: é inverossímil, porém asseguro que não exagero nem acrescento à verdade nenhum traço de fantasia, e se é viável que se tenha medo de uma garota de onze anos... basta saber do que são capazes as crianças para ter-se medo delas: Isabela revelava-se ciumenta, possessiva, arvorava-se de dona de mim e não havia meios de meter-lhe na cabeça que nada justificava tal comportamento – ela simplesmente via "fantasmas" em toda parte.

Parece engraçado? Ora, o que de início me pareceu apenas um capricho, até com uma certa dose de graça, com o tempo transformou-se num tormento que me obrigava a estar em permanente alerta. Certa feita uma dessas demonstrações de Isabela em público foi tão exagerada que eu não duvidei de que sua intenção fosse deixar transparecer a todos o que havia entre nós. Aconteceu numa sexta-feira, em que não houve expediente; havíamos saído logo depois do almoço pois Isabela pedira-me para comprar-lhe uns brincos que vira uns dias antes, e já no *shopping* passeamos algum tempo olhando vitrines; pelo meio da tarde resolvemos tomar sorvete, e como a sorveteria estivesse apinhada àquela hora foi com algum custo que conseguimos um lugar. O que aconteceu então? Com um céu límpido e um sol brilhante,

como de súbito se forma uma tempestade como aquela? Fomos servidos por uma garçonete jovem, pouco mais que uma adolescente (dezesseis, dezessete anos), de olhos verdes e sardas nas faces brancas; talvez fosse seu jeito, era muito sorridente e desembaraçada, anotou com presteza nossos pedidos e piscou-me o olho sem qualquer malícia, mordendo com seus dentes grandes e brancos a tampinha da caneta e logo se afastando.

Quando olhei Isabela outra vez vi não apenas o céu encoberto, mas a ameaça real de uma tempestade que não tardou a desabar.

– Paquerando essa nojenta? – perguntou lançando fagulhas dos olhos e amarrotando a toalha da mesa, a voz um sussurro furioso.

– Está doida? – respondi também num sussurro, inclinando-me ligeiramente para ela. – Eu, paquerando?

– E eu não vi essa delambida piscando o olho para você?

– Mas filha...

– Filha?! – ela me cortou, quase debruçando-se sobre a mesa. – Como é que você me chama de filha agora?

– Isabela...

– Então ela não piscou para você, sorrindo e se desmanchando toda?

– Mas ela não sorriu para mim, sorriu para nós, quis ser simpática, só isso.

– Ah, então ela é simpática? – e Isabela já não se preocupava em falar baixo para não atrair as atenções, de forma que nas mesas mais próximas todos os olhares se voltaram para nós.

– Isabela – tentei dar à voz uma entonação de segurança –, eu não quis dizer... – o que foi inútil, pois fui interrompido bruscamente, cada vez mais chamando atenção de todos sobre nós:

– Velho lambão, então ela é simpática? E eu? Pensa que eu sou o quê? Um traste inútil junto de você?

– Filha, estamos em público!... Aqui não!

– Dane-se, se estamos em público! – gritou, levantando-se da cadeira e encarando-me como uma dessas esposas criadoras de caso e sem um pingo de compostura. – Pensa que pode me humilhar? Ficar namorando qualquer uma na minha frente?

Tais coisas, ditas por uma criança que de súbito crescia, tornava-se adulta e se impunha, não apenas me surpreendia mas

fazia com que todos nos olhassem com curiosidade, talvez um tanto divertidos de início, decerto algo alarmados depois...

Nesse ínterim a jovem garçonete voltava, mas Isabela com um safanão – "some daqui, sua banana madura!" – atirou-lhe na cara as taças de sorvete e avançou sobre mim, que, ainda sentado e sem reação, apenas a olhava apalermado. Foi quando tive a impressão de que ela pretendia que todos soubessem de nós, pois atirou-se ao meu pescoço e assim esteve por algum tempo, ofegante, o rosto muito próximo, os lábios entreabertos, os olhos fixos nos meus... Pretendia beijar-me em público? Isabela teria percebido o medo que eu senti de repente? E também – devo admitir – o desejo? Meu rosto crispou-se, tenho de reconhecer que estava à sua mercê e se ela naquele momento tivesse me beijado eu não a teria repelido, pois ao assombro que me imobilizava enquanto ela permanecia agarrada ao meu pescoço juntava-se esse desejo medonho – que eu não sei como explicar – de que ela, de fato, me beijasse, embora se isso tivesse acontecido todos saberiam que não éramos apenas pai e filha. Mas no instante seguinte Isabela soltou-me e correu para fora atropelando cadeiras e pessoas, enquanto eu ensaiava umas desculpas, "não reparem, senhores... cresceu sem a mãe... está passando por um período difícil de adaptação... com licença, com licença...", mas ainda hoje eu me pergunto se ninguém ali desconfiou da verdade.

Por fim tornou-se raro sairmos. Agora, nos finais de semana, quando nada nos prendia em casa e podíamos sair para nos divertir (*shopping*, praia, cinema, qualquer programa com ela valeria a pena, se...), Isabela vinha meio tímida, meio insinuante, choramingar um pedido que eu recusava; não que eu a mantivesse em casa contra sua vontade, eu apenas respondia que não tinha vontade de sair, ou que não estava me sentindo muito bem, ou que precisava terminar de ler o jornal, "ligue para aquela sua coleguinha que veio aqui ontem" eu dizia, "como é que ela se chama?, Luíza?, sim, a Luizinha, vai com ela ao cinema. Pega o dinheiro na gaveta", e diante disso ela recuava, afastava-se em silêncio. Às vezes seguia minha sugestão, saía com uma de suas coleguinhas de escola e voltava tarde (raramente dormia fora), entrando em casa com ar de indiferença; outras vezes porém não conseguia disfarçar seu desapontamento e depois eu ia encontrá-

la no quarto, chorando. Para suavizar a crise eu a abraçava e prometia que no dia seguinte faríamos um passeio, promessa que cumpria temeroso de novas cenas de ciúme em público – às vezes, e por mais que eu me esforçasse, inevitáveis, o que pelo menos me permitia justificar minhas negativas anteriores, "está vendo?" eu dizia então, "é por isso que não tenho mais prazer em sair com você". Ela por fim se aquietava, voltávamos para casa cada qual com sua tromba, e nossa rotina recomeçava: não importava que cenas ela tivesse aprontado, em que embaraços em público tivesse me enfiado: quando a apertava em meus braços à noite e a possuía com a fúria de um apaixonado tudo se esfumaçava.

Se, contudo, eu procurava ultimamente evitar sua companhia em lugares públicos, não posso omitir que mesmo em casa meu sobressalto era permanente a fim de evitar que dona Catarina acabasse desconfiando, pois Isabela, embora sabedora da necessidade de dissimular, às vezes se descontrolava e explodia em tão descabidas demonstrações de ciúme em sua presença que me deixava sem ação.

Um dia vi-me na obrigação de uma justificativa.

Isabela acabara de promover uma de suas cenas terríveis, e por um motivo banal: eu chegava da rua, e como tivesse de carregar alguns pacotes para casa, uma vizinha que passava naquele momento, vendo-me atabalhoado a recolher os pacotes na mala do carro, prontificou-se a ajudar-me. Essa vizinha era uma mulher ainda jovem com quem mantinha relações algo distantes, embora cordiais. Ainda que fosse naturalmente simpática, não possuía grandes atrativos, e além disso verdade era que eu não me interessava por mulher alguma. O que se passou, porém, na cabecinha de Isabela para agir como agiu? Pois mal a moça se afastou, Isabela, ali mesmo à entrada, e sem perceber dona Catarina, que viera pelo corredor parando à porta, passou a inquirir-me com uma raiva mal contida desejando saber por que "aquela lambisgóia" estava comigo, que tinha eu com ela para aceitar-lhe os préstimos, se eu não tinha olhos na cara para ver que era uma mulher horrível, e como a cada uma de suas perguntas eu tentasse responder sem que ela me desse tempo, exasperada Isabela terminou por atirar-se contra mim aos sopapos e só a muito custo a contive; a garota, contudo, não se rendeu: sacudiu-se, esper-

neou de tal forma e promoveu tal berreiro que tive de soltá-la, deixando-a correr furiosa para dentro enquanto eu, suspirando, meti as mãos pelos cabelos e desabafei:

– Essa menina anda muito estranha, dona Catarina. Talvez seja necessário levá-la ao médico.

– Mas então o senhor não percebe, doutor Olímpio? – dona Catarina perguntou, com seu ar imperturbável.

– Se eu não percebo? Mas o quê?

– Ela tem ciúmes do senhor.

– Ciúmes!... Mas que absurdo!

– É natural, doutor Olímpio, muito natural no caso de uma menina como Isabela...

– Mas o que é isso? – eu perguntei como se não entendesse. – O que tem Isabela de diferente das outras?

– Ora, filha única, criada sem a mãe, com uma tendência para o retraimento e a solidão... E além disso o senhor se manteve um bom tempo distanciado...

– Será isso? Antes não era assim...

– Acontece que antes, isto é, quando o senhor deixou de viajar para ficar em casa, as coisas ainda estavam, como direi?, muito frescas... agora não, o tempo passou, ela sente ciúmes por temer que o senhor acabe por desinteressar-se dela e resolva ausentar-se de novo, como naqueles tempos; ou arranjar uma namorada. Viu-o com aquela moça, desconfiou, e isso foi o bastante... Mas com o tempo isso passa, o senhor verá. Logo tudo volta ao normal.

– Hum... – e durante algum tempo fingi estar pensativo. – Pode ser – disse por fim –, mas ainda assim me parece aconselhável levá-la ao médico.

– Não digo que não – anuiu a outra –, mas ele lhe dirá o que eu disse. Enfim, pode ser que prescreva algum calmante...

Esse diálogo deu-me certeza de que a dona Catarina não desconfiava de nada, o que não bastava para tranqüilizar-me: dia a dia, apesar de meus protestos, de minhas advertências e mesmo de minhas zangas, a garota tornava-se cada vez mais temperamental – e eu cada vez mais exasperado...

...Porém quando, à noite, a casa silenciosa e às escuras, eu entrava no quarto de Isabela e a encontrava nua, pronta para mim; quando sentia o calor do seu corpo, a força com que me

abraçava, as carícias, e escutava os gemidos e os palavrões que soltava baixinho no meu ouvido... ah, aquela insânia era suficiente para adormecer minha razão, acalmar-me, pelo menos até a manhã seguinte, ou até a próxima cena que ela aprontasse.

A situação tornou-se insustentável a ponto de a idéia que referi no começo, vender minhas propriedades e nos mudarmos para longe, tornar-se numa necessidade, não com o intuito de fazê-la publicamente minha amante conforme disse, mas de escapar do perigo cada vez mais iminente de sermos descobertos.

Porém tal medida não foi necessária: de súbito, sem que pudesse prever, o problema se resolveu.

E é então que, a meu ver, se revela minha mesquinharia.

Terá sido ruim o que fiz com minha filha? Perante a religião, para o que nunca dei muita bola, e em face da sociedade, representada pelos senhores me escutam agora e para a qual tampouco ligo qualquer importância, o que fiz foi medonho. Perante mim mesmo, no entanto, foi amor – não um amor de perversão mas natural, livre de barreiras, atendendo tão só ao clamor da natureza. É certo, porém, que não um desses amores idealizados dos quais se diz "para a vida inteira", pois cedeu lugar a um gesto – este sim – que ainda hoje, tantos anos depois, me provoca um peso na consciência, uma íntima revolta contra mim mesmo.

Eram meados de janeiro.

Eu estava no escritório certo dia e pensava justo em Isabela, que completaria doze anos em breve, e na situação embaraçosa em que me via, querendo e ao mesmo tempo não querendo livrar-me dela, quando, pouco antes do almoço, o telefone tocou: dona Catarina, em prantos, tentava fazer-me compreender que alguma coisa havia acontecido, e aos poucos, reunindo os fragmentos de sua fala interrompida, anotei o endereço do hospital para onde, segundo entendi, Isabela fora levada após um automóvel tê-la atropelado em pleno centro da cidade.

Ao chegar no hospital Isabela encontrava-se na mesa de operações, ali esteve por duas ou três horas ainda e quando regressou ao quarto não podia abrir os olhos.

– Ainda está sedada – disse-me o médico. – Não sofreu lesões graves, conquanto deva permanecer algum tempo em observação; porém...

– Porém... – eu disse, aflito.

– Sua filha, sr. Olímpio, sofreu um esmagamento à altura do tornozelo esquerdo... deverá submeter-se a cirurgias de reparação, mas...

– Sim...? Seja franco, doutor!...

– É certo que ficará com um defeito permanente.

– Um defeito... permanente?!

O médico moveu a cabeça devagar, assumindo uma atitude séria e profissional, olhando a paciente com a piedade típica de quem, todos os dias, convive com a dor alheia.

– Não quero dar-lhe esperanças. É certo que poderá andar, é certo que com os recursos de que dispomos irá melhorar bastante... mas é inevitável: ficará com um defeito permanente.

E ficou.

A perna esquerda ficou mais curta e Isabela passou a manquitolar. Após longo tempo imobilizada, e mesmo passando por seções contínuas de fisioterapia, além de mais curta, sua perna ficara também um tanto mais fina que a outra devido à atrofia dos músculos de forma que, se por um lado ela ainda podia locomover-se, por outro toda a harmonia do conjunto se desfizera!

No dia em que Isabela entrou em casa já livre da cadeira de rodas, pude ver consternado que aquilo que mais me atraía nela já não existia. Não que ela tivesse se tornado feia: seu rosto ainda possuía a mesma frescura da adolescência, a mesma beleza, talvez um pouco abatida e pálida pelo longo tempo no hospital, mas as cores cedo lhe voltariam às faces... no entanto, quando a via manquitolando pela casa, quando espiava a perna mais fina e ligeiramente mais curta e me dava conta de que a harmonia do conjunto se perdera para sempre, todo o desejo que aquele corpo inflamava em mim noutros tempos arrefecia por completo.

“O cristal pode ser belo, mas se tem uma rachadura...”

Isabela percebeu, ou por outra, eu mesmo, ainda que sem intenção, mas num gesto involuntário, dei-lho a perceber... aliás, vinha-lhe dando a perceber mesmo durante o período de internação: ia visitá-la quase todos os dias e, como pai, tinha licença especial de entrar em seu quarto a qualquer hora e até de passar a noite em sua companhia; mas, mesmo quando estávamos sozinhos, eu já não me portava de outra maneira que não fosse como pai, e não adianta me pedirem explicações para isso: são atitudes que não se explicam. Isabela ressentiu-se, a garota voluntariosa

dera lugar a uma menina frágil e de vontade alquebrada que me suplicava um beijo ou uma carícia como uma esmola – pois eu não lhe negava então meu carinho, todo o meu carinho... de pai, somente de pai.

Na noite em que nos vimos a sós outra vez em casa e ela se aproximou de mim com aquele caminhar cambeta e a perna atrofiada não pude evitar um gesto em que se evidenciava uma certa repulsa. Quando a encarei, percebi que tinha os olhos cheios de lágrimas. Ela se curvou para mim, beijou-me a face, "boa noite, papai" disse, e retirou-se, manquitolando escada acima, apoiando-se no corrimão com algum esforço.

Nunca mais nos tocamos.

Bem, bem...

Senhores: deixo-os agora com aquela pergunta que lhes fiz no começo e enfatizei; cada qual responda como puder que eu, de mim para mim, já a respondi. Também estou pronto para receber a condenação, se não a dos senhores, pelo menos a minha própria – e não por ter-me deitado com minha filha, do que não tenho qualquer arrependimento, mas por não tê-lo feito quando mais ela precisava.

# Na noite voraz

*É noite, e, à noite, a escândalos e incestos*
*É natural que o instinto humano aceda!*
*(***Augusto dos Anjos**, A um mascarado [Eu e Outras Poesias]*)*

Agora ele estava outra vez ali, na semi-obscuridade do quarto, e eu podia vê-lo à luz do *abat-jour* sobre a cômoda: seu sorriso que se diluía na sombra, o gesto quase imaterial em minha direção. (Levitava?) Trouxera-me uma xícara de café quente, que aceitei segurando-a entre as mãos para aquecê-las; sorri para ele, depois bebi aos golinhos e logo uma onda suave de calor animou-me o corpo.

Eram três da manhã. Havia chovido desde a véspera, e por volta de uma hora, tendo estiado, um forte nevoeiro tornava o ar mais úmido e o frio mais intenso: as poucas pessoas na rua encolhiam-se sob as marquises ou buscavam abrigo nos cafés. Eu havia saído de casa, apesar do mau tempo, perto de meia-noite, e ficara perambulando pelas ruas do centro sem nada para fazer e sem ter aonde ir, ora parando para uma cerveja com algum conhecido, ora espiando no interior dos inferninhos o movimento noturno, que apesar do rigoroso inverno não diminuía. Foi quando resolvi me aventurar para a direção da via férrea, onde uma ou outra casa suspeita já havia atraído minha atenção em outras ocasiões...

Mas minhas lembranças foram interrompidas pela presença dele outra vez no quarto. Saíra por alguns minutos enquanto eu bebericava o café, e agora regressava com um prato de sopa e dois pãezinhos numa bandeja. “Não tem nada melhor, mas não está de todo mau” disse-me, e pôs a bandeja em cima de uma

mesinha que havia num canto, puxando-a em seguida até perto de mim. “Não era preciso...” eu comecei, mas ele sorriu, deu de ombros e baixou a cabeça corando um pouco, como que tomado de um repentino encabulamento; apoiou-se com as duas mãos na mesinha, curvou-se assim levando a cintura para frente num movimento lânguido, quase com um desleixo consigo mesmo, “era preciso sim, depois do que houve”, lançou-me uma espiada de esguelha, procurando conter o sorriso, “depois eu volto” disse então, e saiu outra vez. Comecei a tomar a sopa, cortei um dos pãezinhos em pequenos pedaços e, como ainda estivesse confuso, continuei a rememorar os últimos acontecimentos a fim de entender o que havia acontecido.

Eu disse que para os lados da via férrea havia umas casas suspeitas. Era na verdade um local bastante freqüentado por prostitutas e toda sorte de elementos de má conduta, talvez por ficar mais distante do centro e ter assim certo ar de privacidade – conquanto não seja este um adjetivo muito próprio para um lugar assim. Mas é fácil entender: as casas de diversão noturna mais próximas do centro possuíam uma clientela mais seleta, a polícia aparecia com uma freqüência maior a fim de parecer mais atuante (p. ex., de vez em quando via-se por ali uma equipe de telejornalismo fazendo reportagem), além do que as propinas costumavam ser mais gordas. Na via férrea isso não acontecia e os freqüentadores se sentiam mais à vontade, não apenas para se engalfinhar durante suas bebedeiras, como também para usar drogas, e era muito comum verem-se usuários enrolando seus “fininhos” ou cheirando ali mesmo na calçada; quando muito procuravam algum recanto mais discreto, um beco, um canto de muro ou atrás de alguma parede. Raro passava uma patrulha, e quando passava era apenas para dizer “estamos de olho”, mas todos já sabiam: ali ninguém estava de olho, e a verdade é que a incidência de crimes graves era a mesma dos locais mais fiscalizados. Esse quase clima de independência é que era responsável pela sensação de privacidade a que aludi há pouco; foi também o que me levou para aqueles lados por volta de uma da manhã, quando estiou e desceu o nevoeiro.

O frio, com a chegada da madrugada, acentuava-se. Num barzinho horrível encontrei um conhecido da época em estagiara na Petrobrás como engenheiro, e resolvemos tomar algo mais

forte para brindar o reencontro e comer tira-gostos. Algo mais forte para o balconista significava uma aguardente de má qualidade que ele despejava de uma garrafa precária em copinhos ainda mais precários, e os tira-gostos, uma mistura nojenta de pedaços de carne e nacos de gordura salgados em excesso que, contudo, levávamos à boca por meio de palitinhos, aliás sem prestar muita atenção na aparência (do contrário, comeríamos aquilo?), ocorrendo-me no entanto que ali se fazia mais urgente a presença da fiscalização sanitária que a da segurança pública (o que não deixaria de ser também uma forma de segurança pública): bêbados e maconheiros entendiam-se mais ou menos bem, as mortes eram raras, mas os estômagos e fígados destruídos, e as conseqüências dessa destruição seriam, por certo, responsáveis por um número de vítimas fatais muito maior, ainda que não tão imediato.

Terminados a primeira dose e o primeiro pratinho de salgados, meu conhecido intimou-me: “Agora eu pago”, e a contragosto aceitei uma segunda rodada em sua companhia, assegurando para mim mesmo que seriam os últimos. O que me garantia era a certeza de que na manhã seguinte por meio de um extrato de jurubeba e de uma corrida na praia poria pra fora – no meu entender – todo aquele veneno.

A que horas saí da asquerosa espelunca? Não tinha certeza, mas que importância teria? Deixei lá o infeliz enfrentando uma terceira dose (terceira que eu havia contado...) e saí caminhando ao longo da calçada. Raro percebia alguém passar por mim, daí a impressão de estar sozinho na rua, impressão contudo enganosa pois, súbito, surdindo do nevoeiro um vulto se aproximou, parou à minha frente, segurou-me pelo braço:

– Vamos brincar, benzinho?

Parei, olhei para o vulto de que não conseguia enxergar o rosto, mas cujo cheiro de perfume barato misturado com inhaca e álcool fez-me embrulhar o estômago. Estremeci.

– Largue-me, diabo! – disse soltando o braço num repelão.

– Ora, que é isso, benzinho? De graça, só pra esquentar o frio...

– Porra, me deixa em paz – e me afastei deixando o vulto para trás, submerso na névoa. Corri? Devo ter corrido, sentia-me cansado e adiante parei para respirar, aproveitei o momento para

uma breve introspecção. Minha primeira pergunta foi: “O que estou fazendo aqui, afinal?”, murmurada enquanto levantava a gola do blusão para proteger o pescoço de uma rajada de vento, e tal pergunta deixou-me um tanto perplexo, como se só então eu me desse conta de estar ali, aonde chegara sem ter consciência. Mas a pergunta ia mais longe que isso: não que eu estivesse inconsciente de ter saído de casa e me dirigido para ali, eu me perguntava na verdade que motivos levariam um homem como eu, jovem (eu não tinha completado ainda vinte e oito anos), boa pinta e de formação superior, sobretudo pertencente uma família de certa forma tradicional e tendo uma bonita namorada, a escolher de uns tempos para cá essa vida noturna errante, da qual em absoluto não gostava, mas a que começara a acostumar-me a ponto de sentir falta de toda aquela miséria – o encontro momentos antes com a prostituta negra arrepiara-me, o cheiro que exalava de seu corpo havia me provocado engulhos e deitar-me com ela seria a última coisa a fazer na vida, mas ao mesmo tempo vinha-me a consciência de necessitar daquilo, da proximidade com o submundo, do contato com a imundície; com isso julguei compreender o que sente alguém viciado numa dessas drogas que em dois tempos destroem o organismo, ao enfrentar a mesma pergunta, “o que estou fazendo, afinal?”: tendo chegado a um certo ponto de degradação, é impossível que esse viciado não perceba a que está se reduzindo, mas ele se tornou dependente daquele tipo de miséria como eu começara a me tornar desse outro que acabo de descrever. É provável que a segunda pergunta que me fiz naqueles instantes de introspecção, “por que não vou embora?” seja a mesma que o viciado se faça, “por que não paro com essa merda?”. É possível até que a resposta seja a mesma, “não posso”, sendo que esse “não posso” significava também “não tenho forças, sou um fraco, sou um estúpido” ou algo parecido.

Então ventava forte, em rajadas intermitentes que haviam dissipado a névoa; já no ar frio e transparente da madrugada, sob uma garoa fina as nítidas luzes eram testemunhas vivas mas impotentes em face desse horror que perdura na noite urbana, o rotineiro e banal apodrecimento da vida.

Não tive tempo, contudo, de aprofundar essas questões, pois de repente me vi agarrado por dois pares de mãos que me

seguraram com força, arrastando-me alguns metros até os fundos de um prédio – onde estaríamos longe das vistas da rua –, e me atiraram contra o muro da via férrea com gritos sussurrados e imperiosos de “fique quieto! Nem um pio se não quer morrer!”, e eu, abalado e surpreso com a rapidez com que os caras agiram, quis espernear, levantei-me, ou pelo menos tentei numa tíbia reação, pois de novo caí, desta vez sob o impacto de algo duro e pesado – por certo a coronha de uma arma – que me atingia a têmpora esquerda, embora com não muita força – o suficiente para deixar-me tonto. As mesmas mãos que me haviam segurado remexiam agora em minhas roupas à procura da carteira, que encontraram no bolso interno do casaco, afastando-se alguns passos para a claridade. Os dois sujeitos eram tão audaciosos em sua certeza de segurança que não saíram correndo com o produto de seu roubo, mas permaneceram ali, sob a luz do poste – mesmo um tanto confuso devido à pancada, eu conseguia vê-los ali – revirando a carteira à procura de dinheiro, dizendo entre si algo como “diabos, não tem nada aqui”, “veja se está numa das divisões de dentro”, “estou vendo, nada”, “porra, olha bem! Abra esse fecho!”, “se esse filho-da-puta estiver duro, dou um tiro nele”. Então aconteceu algo inesperado e surpreendente: ainda caído, senti uma mão tocar-me de leve o ombro, e quando me virei para o canto mais escuro do beco alguém cochichou, “shhh, venha, não faça barulho, tem uma portinha aqui”. Havia alguém ali que eu não conseguia identificar, mas não era hora de preocupar-me com detalhes: sabia estar correndo perigo, por isso era melhor obedecer. No muro da via férrea, a dois passos de onde eu estava caído, havia uma portinha de aço; enquanto os dois rapinas discutiam, vasculhando minha carteira, eu me arrastei até lá e, uma vez do outro lado, a portinha outra vez fechada, respirei com alívio. “Como...?” eu disse, e a pessoa apontou para cima, “eu vi lá de cima” e indicou uma janela iluminada num segundo andar. “Vem comigo” disse-me, sempre cochichando, a pessoa que eu ainda não conseguira identificar. Passamos por uma outra portinha baixa que dava acesso ao prédio, a qual foi da mesma forma trancada por dentro, e só então pude ver quem me havia salvo: tratava-se de um garoto, por sua aparência, de não mais que treze anos; loiro, tinha os cabelos lisos e cortados mas não rente, os olhos eram verdes e ao sorrir formavam-se em suas faces duas

covinhas. “Que menino bonito!” pensei ao mesmo tempo que lhe perguntava “quem é você? O que faz aqui?”, mas ele não respondeu logo, segurou-me pela mão, “venha, você está machucado” e me levou por escadas e corredores até o segundo andar de onde dissera ter-me visto; entramos num quarto iluminado por um *abat-jour*, naquele onde agora pensava nos últimos acontecimentos, e o garoto foi até a janela, de onde espreitou para baixo. “Não estão mais lá”, disse, e me chamou para ver. Chegando à janela avistei, embaixo, o lugar onde fora abordado, o poste sob o qual os ladrões vasculharam minha carteira e o ponto no beco onde estivera caído. O beco, bem como a rua, estavam vazios. Volteime para o garoto: “Por que...?”, “você não estava em apuros?”, “não nego!”, “então me lembrei da portinhola que tem no muro, achei que dava tempo...”, “e deu!” exclamei sentindo ainda a mesma sensação de alívio, e caí sentado na cama, “por mais um pouco, puh!, nem quero pensar!...”. Já o menino se aproximava de mim e me examinava mais de perto, “é preciso fazer um curativo” disse, “eles bateram em sua cabeça”, e eu, levando a mão à fronte percebi meus cabelos e parte do rosto empapados de sangue; só então senti dor, aliás, já vinha sentindo dor desde lá embaixo mas ainda não prestara atenção nela devido ao afobamento da situação; porém, com o perigo afastado, a dor recrudescia. “Ali tem um lavatório” o menino indicou uma portinha ao fundo, “pode se lavar, eu já volto”.

Feito o curativo, fui espiar-me no espelho do lavatório: não ficara mau, pelo menos a ferida aberta em minha fronte não estava à mostra nem sangrava mais; o menino parecia ter prática, pois trabalhara em meu ferimento com precisão e quase sem provocar dor, “você é um bom enfermeiro” brinquei, ainda no lavabo, “verdade?” ele respondeu do quarto, “pois foi a primeira vez na vida que fiz um curativo” garantiu, mas não acreditei, e ia dizê-lo quando, retornando ao quarto, vi que o garoto já não estava ali. Sentei-me na cama e esperei que voltasse; pretendia pedir-lhe que me mostrasse a saída, já devia ser muito tarde e eu queria ir embora, prometendo-me deixar o quanto antes essa vida boêmia que nada me tinha trazido de bom e, por fim, quase acabava comigo de vez. Foi quando ele regressou com a xícara de café.

Terminando a sopa com pãezinhos, e já me sentindo resta-

belecido, fui ao lavatório para mais uma espiada em minha cara, lavei outra vez as mãos e o rosto com um sabonete que encontrei no *box*, e retornei ao quarto. Sentei-me de novo na cama à espera do garoto, que me indicaria a saída, e súbito senti um grande cansaço. O menino, porém, acabava de entrar com um volume de roupa de cama limpa nas mãos, deixando tudo em cima da cômoda. “Preciso ir embora” eu disse, mas ele parou a um passo de mim e, sem parecer ter-me ouvido, ficou ali, parado, encarando-me sério e com simplicidade. “O que foi?” perguntei, “eu disse que tenho de ir agora, onde é a saída?”; ele então avançou, “não, você não deve ir” disse, muito próximo a mim, “por quê?” perguntei, “bem, porque está machucado... além do mais...”, “além do mais...?”, “...além do mais aqueles homens podem estar por aí ainda, e se o encontram...”, “ah... não, não creio que estejam por aí. Com medo de serem denunciados, já devem estar longe”, “eu não quero que vá” ele disse, e assim tão próximo podia ver-lhe melhor as feições suaves, quase impúberes, de criança e sentir sua respiração acelerar-se enquanto voltava a encarar-me com uma expressão de doce seriedade. De súbito segurou meu rosto e, sem que eu esperasse, beijou-me.

Que reação eu tive? Ou talvez eu deva perguntar: como explicar a reação que tive? Não deveria tê-lo afastado? Não deveria ter-me levantado e me afastado, eu mesmo, dele? Não seria o mais racional a fazer?, em vez de aceitar-lhe o beijo, como fiz, e abraçá-lo e beijá-lo também, com cada vez maior envolvimento até recliná-lo na cama e continuar beijando-o, muito, muito, uma voracidade, um frenesi, um desejo que me parecia tão surpreendente quanto inesperado...! “Fica comigo hoje” ele pediu, olhando-me nos olhos, e eu fiquei.

Em algum momento daquela noite ele me disse “eu faço programas” e eu, assombrado, “mas você é só uma criança!”, e ele, reclinando-se sobre mim, “já completei treze. Mês passado”. Noutro momento, ele “de você eu gostei”, e eu “e amanhã? Isto é, quando amanhecer...”, e o menino deu de ombros; “você gostou de estar comigo?”. Como resposta, puxei-o para mim, conchegando-o em meus braços, beijando-o mais, e mais... Quando abri os olhos de manhã, já não o encontrei.

Para minha surpresa, avistei em cima da cômoda minha

carteira, junto a ela um bilhetinho: “Tive de sair cedo para o colégio. Sua carteira foi encontrada e devolvida embaixo, na boate”. Verifiquei: o dinheiro fora levado, mas os documentos e o talão de cheques estavam intactos. Arrumei-me como pude e procurei a saída. Descendo as escadas desemboquei numa espécie de salão onde havia diversas mesas com as cadeiras em cima, e a um canto um balcão, atrás do qual se via uma prateleira com grande quantidade de bebidas. Uma das portas de aço estava baixada pela metade; um homem de meia idade, corpulento e sanguíneo, barba por fazer e má aparência, com um avental e tamancos, esfregava o piso. Presumi ser o dono da casa.

– Ah, senhor, antes de mais nada, bom-dia...

O homem respondeu de má vontade com um grunhido breve que não entendi.

– Gostaria de saber se devo alguma coisa... um garoto ontem me fez entrar pelos fundos a fim de que eu escapasse dum assalto... suponho que seja seu filho...

Desta vez, porém, sua resposta foi clara, embora sempre com maus modos:

– Eu lá sou pai de filho veado?

Tal resposta teve o poder de fazer-me parar, imobilizou-me por instantes.

– Mas... – gaguejei por fim – eu pensei...

– Pensou o quê? – continuou o homem com maus modos. – De que se espanta? – e interrompendo o trabalho virou-se para mim: – Afinal, você não dormiu com ele?

– M-mas senhor! – gaguejei, desconcertado –, não compreendo... do que está falando, afinal? – Conquanto fosse verdade, tais palavras, ditas por aquele tipo, e principalmente por verificar que ele sabia do ocorrido entre mim e o garoto, tinham o poder de pregar-me no chão.

Ele me lançou uma olhada entre irônica e irritada e voltou a esfregar o piso.

– Bem – eu disse –, em todo caso... desejo de saber se há alguma despesa...

– Nenhuma. Bom-dia.

Passei todo aquele dia em casa sem tirar da cabeça o episódio da noite anterior. Se tentava distrair-me lendo ou assistindo

TV, ou mesmo procurando a companhia de minhas irmãs para conversar, logo me abstraía, as letras ou as imagens embaralhavam-se, já não prestava atenção ao que se dizia em volta e só tinha pensamento para o menino – pois minha fixação não era outra que não a lembrança do menino, do que ele me dissera acerca de fazer programas e do que ocorrera entre nós. "De você eu gostei", e essa simples frase, dita assim de forma que eu quase poderia qualificar de inconseqüente, tocou-me tão fundo no momento em que a ouvi que não pude conter-me e o tomei outra vez nos braços. Ocorrerá ao leitor perguntar se seria essa de fato minha preferência sexual, meninos, e eu não tenho qualquer dificuldade em afirmar que não, pois que até aquela noite isso não havia acontecido. Como explicar o envolvimento com o garoto, e mais, como compreender tamanho poder de sedução num adolescente, que em vez de repelir sua investida a aceitei e deixei-me envolver sem titubear? Menos compreensível se torna o episódio ao me dar corta de que naquele momento eu não pensava no caso a não ser de forma um tanto vaga, pois quando o garoto me beijou eu aceitei e retribuí como se já esperasse por aquilo, como se fosse uma coisa natural entre nós.

Não convém, ainda, deixar de mencionar que o episódio não ocupava meu pensamento de tal maneira apenas pelo que possuía de inusitado, mas porque na verdade o que eu queria – o que eu com efeito queria e não procurava esconder de mim mesmo – era encontrá-lo outra vez, outras vezes, ficar com ele enquanto durasse sua infância. "Volto lá logo à noite", pensei, resoluto, mas passei pela decepção de encontrar a rua deserta e a casa fechada. "Diabos!", praguejei, "dia de folga, um maldito dia de folga!", e fiquei perambulando pelas ruas até tarde. Voltei para casa cansado e de mau-humor, só conseguindo pegar no sono de manhãzinha.

Nas duas noites seguintes algumas urgências que não vem ao caso detalhar (diga-se apenas que tinham a ver com minha namorada) impediram-me de realizar meu intento, mas na terceira noite davam onze horas e eu me aproximava outra vez daquela casa. Passei pelo mesmo lugar onde fora abordado pelos dois rapinas, espiei pelo beco, dei uma olhada na janela do segundo andar, na portinha que havia no muro da via férrea, e caminhei para a entrada. O salão estava cheio, não avistei mesa

alguma disponível, mas reconheci atrás do balcão o homem corpulento e caminhei reto até ele.

– Olá – eu disse, sentando-me num daqueles tamboretes altos que costumam ficar junto aos balcões. – Desejo falar-lhe.

O homem reconheceu-me de imediato, e pela cara percebi que não lhe agradava ver-me de novo ali – mas não respondeu. Estava lavando copos, atirou-me uma olhada rápida e continuou lavando copos.

– O garoto do outro dia – eu disse –, quero saber onde encontrá-lo.

O homem pareceu impacientar-se, interrompeu seu trabalho e, curvando-se na minha direção, disse em tom sibilante, sem altear a voz:

– Como vou saber onde está todo mundo? Hein? Diga-me!... Por que não vai embora e esquece isso? O senhor deveria pensar que talvez fosse o melhor!

– Eu sei o que é melhor para mim. Agora o senhor vai me dizer onde posso encontrar o garoto de outro dia?

Nesse momento um negro alto com físico de halterofilista, vestindo uma escandalosa camisa estampada, exibindo grossas correntes de ouro no pescoço e nos pulsos, sobretudo mau-encarado devido aos óculos escuros que usava, aproximou-se falando com o proprietário mas fitando-me detrás das lentes negras:

– Algum problema, Espanhol? – chamou-o assim, conquanto o outro não tivesse nenhum sotaque.

– Problema nenhum, Boxer – mas o apelido do preto não podia quadrar-lhe melhor, tinha de fato o aspecto de um boxeador no momento de aplicar um nocaute. – Este senhor queria uma informação, mas já estava de saída.

– Vossa pessoa deseja saber onde fica a saída?

Olhei ora um, ora outro e, por fim:

– Eu sei onde fica a saída – e saí.

Revoltado comigo mesmo por minha covardia, conquanto soubesse que não tinha como enfrentar um sujeito do porte daquele negro, perambulei pelas ruas até quase as cinco da manhã, e quando cheguei em casa, exausto, caí na cama e dormi até perto das três da tarde. Acordei de mau humor, tive de me conter para não ser grosseiro com minha mãe que, preocupada com minhas andanças noturnas, viera, apreensiva como sempre, saber se eu

estava bem – mas não pude evitar bater o telefone quando minha namorada me ligou e principiou com suas cobranças mesquinhas (sempre nos parece mesquinho o interesse que têm por nós as pessoas que nos amam).

– O que deu nele? – perguntou minha irmã mais nova que acabava de entrar, mas minha mãe fez-lhe um gesto significativo, que fingi não perceber, e ambas se retiraram deixando-me só.

Minha irritação provinha de eu não me conformar com o acontecido. Para lidar com gente como aquela, eu me dizia, não poderia intimidar-me; eram duros devido ao meio em que tentavam sobreviver, mas se encontrassem alguém que lhes respondesse à altura talvez amaciassem um pouco.

"Volto lá esta noite" decidi.

Era perto de uma da manhã quando entrei na boate. O barulho produzido pelas caixas acústicas, o ar impregnado de fumaça, o cheiro dos corpos suados que se moviam com frenesi, a feiúra dos freqüentadores (de um modo geral, gente paupérrima das periferias e favelas, sobretudo negros), tudo isso conferia ao ambiente uma aparência ao mesmo tempo surreal e doentia.

– Quero ver o garoto – disse chegando ao balcão. O Espanhol, que parecia não ter arredado pé daquele lugar desde a noite anterior, pois continuava como o havia deixado, atrás do balcão lavando copos, nem ao menos olhou-me.

– Não sei do que o senhor está falando – disse com maus modos. – Não há garoto algum por aqui.

– Um garoto loirinho de treze anos – insisti, como se não tivesse escutado. – Quero vê-lo. Por favor, mande que venha, ou me diga onde posso encontrá-lo.

Então o outro curvou-se para mim numa atitude que lhe parecia costumeira, e sibilou:

– Talvez o senhor prefira falar com o segurança – e alto, soerguendo o peito e a voz: – Boxer!

De um canto escuro brotou o vulto do negro, que veio se aproximando devagar.

– Acontece – eu disse sem demonstrar medo e inclinando-me também em sua direção, destacando palavra por palavra – que eu me encontrei com esse garoto em sua casa, portanto deve ser sua a responsabilidade sobre ele, não só porque ele parecia muito íntimo daqui, como também por ser menor. – Sem me

voltar para o negro, apontei em sua direção e continuei a falar com o proprietário: – E mande seu gorila parar onde está – o braço ainda estendido na direção do negro, bati com a outra mão na cintura –, hoje estou prevenido.

O negro parou, indeciso, e a um sinal do Espanhol, que estendia as mãos abertas recuando um passo "não quero confusões, não quero confusões!", voltou para o canto de onde saíra. Então o Espanhol se aproximou de novo inclinando-se para mim. Cochichou, fazendo má cara:

– Saiba o senhor que não tenho qualquer responsabilidade sobre o menino e pouco se me dá que seja menor. – Fez uma pausa, relanceando os olhos pelo salão, e prosseguiu: – Aliás, não sou responsável nem por ele nem por qualquer das mulheres, e faço questão de frisar bem, das *mulheres de fato*, que marcam seus encontros nesta casa. Eu apenas vendo bebidas e ponho música para o pessoal dançar. Só! Entendeu bem?

– Pois ouça o que vou lhe dizer – e então foi minha vez de aproximar bem o rosto para que só ele escutasse, ainda que com o barulho fosse pouco provável que mais alguém percebesse sobre o que conversávamos –, a polícia talvez queira saber de uma certa casa que admite menores em suas dependências. Saiba que sou de família influente!

Ao ouvir a palavra "polícia" o homem recuou outra vez. Começou a secar os copos, vez em quando relanceando a vista pelo salão, onde alguns casais haviam começado a dançar ao romantismo brega de uma música da moda. Depois inclinou-se novamente para mim:

– Já disse, não quero confusões em minha casa. Creio que podemos conversar.

– Mas é o que estou querendo desde que entrei ontem aqui: conversar.

– Pois bem – e então ele chegou ainda mais perto, e quase cochichando: – Suba ao quarto...

– Ao quarto?

– Está visto! Ao mesmo quarto em que esteve na outra noite. Ele está lá agora. Vá. Se não entender, volte e conversaremos.

Não esperei, subi as escadas mal iluminadas até o segundo andar. Não foi difícil encontrar o quarto onde estivera na outra

noite. Não bati, a porta encontrava-se encostada, e entrei: o menino estava sentado na cama, meio despido, e nesse momento um homem saía do lavatório enxugando a mãos. Notei que tinha também um curativo na cabeça, o que, porém não me prendeu a atenção, e conquanto já tivesse ouvido do próprio garoto que fazia programa, aborreceu-me encontrá-lo com alguém. Senti ciúmes? É certo que foram ciúmes, mas é certo também que estranhei o fato de o garoto olhar-me com indiferença, como se não me reconhecesse. O homem também me examinou por alguns momentos e depois pareceu esquecer-se de mim, mas o garoto encarando-me, disse:

– O senhor por favor se retire. Há aqui uma pessoa que precisa de cuidados.

Não compreendi, continuei parado no mesmo lugar, encarando-o, mas o menino levantou-se da cama e empurrando-me para fora do quarto fechou-me a porta na cara. Confuso, desci até o salão e procurei o homem corpulento.

– Viu? – ele me perguntou.

Eu dei de ombros, mostrando que não havia entendido. Então ele me fez um sinal indicando um cômodo nos fundos do salão, “ali estaremos mais à vontade” disse, e nos dirigimos para lá. Entramos e ele fechou a porta. Sentou-se detrás de uma mesa, apontou para uma cadeira “sente-se” e recostou-se, franzindo o rosto enquanto olhava com ar distraído para o teto.

– Não entendeu? – ele perguntou.

– O que há para entender?... Havia um homem lá... aliás, na outra noite o garoto me disse que faz programas... isso apesar de não passar de uma criança... E, com franqueza... não sei como o senhor admite, em sua casa... uma criança!...

– Uma criança com quem o senhor se refestelou – ele disse olhando-me nos olhos. – Ora, faça-me o favor!

– O senhor não tem provas disso! – exclamei com uma indignação fingida.

– Ora ora, meu caro, ora ora!... Deixemos disso. Afinal, ele é mesmo muito bonitinho, não? – e com aquele seu jeito característico de inclinar-se para reforçar suas palavras: – Eu o compreendo, ele é mesmo um garoto muito... como direi?... gracioso!... para os que gostam, está visto, e saiba: o senhor não é o primeiro que volta por causa dele, talvez seja o mais teimoso, mas não o

primeiro. Só que ele não... como direi?... não *recebe* a mesma pessoa duas vezes, compreende? – Voltou a recostar-se, olhando direto para mim. Tinha um sorriso de ironia no canto dos lábios? Mas logo se pôs sério. – Criança, o senhor disse!... Criança!... Um demoniozinho, isso sim, um perfeito demoniozinho!

Eu nada respondi a tais comentários. Continuava à espera do que teria a dizer-me.

– Havia um homem lá, foi o que disse?

Fiz que sim com um movimento.

– Por acaso não percebeu que o sujeito estava com um curativo na cabeça, assim como aquele que o garoto lhe fez outro dia?... Por outra, não estranhou sua carteira ter sido encontrada e devolvida tão rapidamente?

Estremeci. Começara a vislumbrar a verdade? Levantei-me devagar, assombrado com o pensamento que, súbito, me ocorrera.

O homem corpulento parecia um pouco triste, prosseguiu com um gesto de desânimo:

– Ele gosta de rapazes, que é que se pode fazer?... Enfim... o menino é mesmo meu filho... os outros dois também, os que simularam o assalto... Não compreende? É uma fantasia... excita-o fingir que está salvando a vida do... do... digamos, do *namorado*... Por que não me oponho? – suspirou, demonstrando abatimento: – Às vezes somos forçados a aceitar certas coisas... A vida não anda fácil, o senhor sabe... Mas então é um golpe!, dirá o senhor, mas que sórdido!, há de exclamar, quanta baixeza!, e fará uma cara horrorizada... bem, é um golpe... nem sempre se lucra, não há dúvida... mas a escolha recai às vezes sobre alguém que pela aparência tenha condições... como o senhor... enfim, desculpe pelo dinheiro, que decerto não há de lhe fazer falta... mas saiba que ninguém se fere seriamente – e reforçou com uma ênfase cheia de gravidade: – não senhor!, ninguém até hoje se feriu seriamente... agora, quanto ao garoto... enfim, o garoto... é a fantasia dele...

Não continuei ouvindo.

Saí do cômodo apertado onde já começava a sufocar. Corri para fora da casa e busquei as ruas desertas onde poderia respirar livremente e, enquanto caminhava, pensar sobre aquele horror.

# Uma questão judicial

*As mulheres têm sempre uma tendência natural para contrariar os maridos; não perdem uma só ocasião de fazer o contrário do que eles querem e a mais tola desculpa basta para justificá-las plenamente aos próprios olhos. (***Montaigne**, Da afeição dos pais pelos filhos [Ensaios]*)*

Ao certo não se sabe como o caso veio a público. Acontece que a imprensa fareja, e se o que fareja assemelha-se a escândalo então se agarra à sua presa como um cachorro faminto abocanha o osso. Nós, que aqui estamos apenas para contar uma história, e que temos a pretensão de conhecer os fatos (apesar de termos dito acima "não se saber ao certo", o que é uma contradição mesmo diante da narrativa que se segue), não podemos nos omitir – inda que o que de nossa pena resulte não seja de todo agradável e possa mesmo arrancar do leitor comentários bem pouco complacentes. Mas nisso de opinião não nos metemos, cada qual com a sua, e já que viemos aqui devemos nos sujeitar ao julgamento alheio, seja qual for. (Uma observação que não devo deixar escapar é quanto ao uso da expressão "nossa pena", acima, numa época em que já não se escreve nem a caneta, nem mesmo a máquina, mas por meio de um teclado que nos permite dominar facilmente as palavras que vão surgindo na tela. A expressão "nossa pena" sugere-nos, porém, um romantismo que o teclado do computador não possui, donde valer-me dela por bem calhar.)

Mas não nos detenhamos mais em considerações supérfluas. Vamos à história.

Uma senhora, acompanhada de sua filha de treze anos (consta que completados alguns dias antes), ao fim de uma tarde

tórrida do mês de março estaciona seu carro à porta de uma delegacia de polícia, salta ajeitando no rosto os óculos escuros, põe a menina na frente e entra. Dirige-se com muita dignidade ao inspetor de plantão:

– Boa tarde, senhor, gostaria de registrar uma ocorrência.

O policial deixa de lado – pela metade – um pão com mortadela que comia a seco, olha para a mulher como para algo inusitado e se levanta, indo baixar um pouco o volume da TV, que apresentava com estardalhaço um conhecido programa de auditório. Ao sentar-se de novo agarra o pão, dá outra mordida e mais uma vez olha a mulher como algo inusitado. Por fim indica uma cadeira. A senhora senta-se de frente para o inspetor enquanto a menina fica-lhe atrás.

– Qual é caso, senhora?

A senhora num gesto comedido retira os óculos e os segura com os dedos trêmulos enquanto se prepara para falar. O policial percebe-lhe as olheiras, percebia melhor agora seu ar de abatimento.

– Trata-se de minha filha Talita – e num gesto vago indica a menina atrás de si –, foi vítima de abuso... – suspira com resignação – ...abuso sexual.

O inspetor olha a menina que o encara com simplicidade, sem baixar os olhos: não demonstra constrangimento, pelo contrário, apenas desvia o olhar para o aparelho de TV, mas não se detém aí, circunvaga as vistas inspecionando o ambiente, masca um chiclete com indiferença e por fim volta a encarar o policial, olhando alternadamente para ele e para o pão, que ficara largado em cima da mesa e umas moscas começavam a sobrevoar.

– Compreendo – diz o inspetor assumindo um ar de seriedade. O caso parecia grave, talvez devesse encaminhar a mulher e a filha para o delegado. Por enquanto, porém, apenas informa-se dos fatos. – Diga-me o que se passou.

– O pai... foi o pai.

O inspetor embrulha o pão pela metade no mesmo papel em que viera da padaria, mete-o na gaveta e apanha aí um formulário para registro enquanto pergunta:

– Como a senhora ficou sabendo?

– Bem, eu... – a mulher fez um gesto de indecisão com as mãos, suas feições assumiram um ar de maior desvalimento, as

palavras custavam a sair. – Desculpe-me... o senhor vê... é um assunto...

O inspetor faz que sim com a cabeça, via, estivesse à vontade.

– Obrigada – e tentou um sorriso. – Eu... eu vi sangue em uma de suas calcinhas... bem, não seria de estranhar se fosse o período... o senhor sabe, aquele período...

– E como a senhora tem certeza – interrompeu o policial – de que não se tratava "daquele período"?

– Bem... sempre se sabe... a gente é mãe, sempre sabe essas coisas acerca das filhas pequenas...

– Ah...

– Pois é...

– Bem, vou encaminhá-la ao delegado. Trata-se de um assunto que talvez ele queira apreciar antes da confecção do registro. Acompanhe-me.

O inspetor se levantou, meteu-se por um corredor mal iluminado e foi bater a uma portinha onde se lia, numa placa, 'Gabinete da Autoridade'. Dentro, uma voz, "entre" – e ele entrou. Num minuto explicou o caso ao delegado e fez entrar a senhora e a menina. Ao sair encontrou-se com um colega que com um movimento de cabeça indagava, curioso, sobre o assunto. Baixou a voz:

– A menina – disse –, o pai "papou".

– Que piteuzinho!

– Se é!

Meia hora mais tarde o delegado de polícia saía do gabinete acompanhando a senhora e a menina e as encaminhava para uma sala nos fundos. Ali, preso à parede, um ventilador barulhento dava a impressão de a qualquer momento desprender-se de lá e espatifar-se no chão, girando furioso sem, contudo, atenuar nem um pouco o calor. Um homem que trabalhava numa pilha de inquéritos olhou contrariado para os três, adivinhando: final de expediente e, de última hora, lá vinha maçada!

– Vou deixá-las com o escrivão, que reduzirá a termo suas declarações – disse o delegado, e para o escrivão, baixando um pouco a voz: – Jairo, abuso sexual. Ouça esta senhora e também a garota. Depois a encaminhe a exame de conjunção carnal.

– Sim, doutor. Qual das duas?

– Qual das duas o quê, Jairo?
– A exame...?
– A garota, Jairo.
O escrivão meteu papel na máquina.

**Termo de Declarações**

Aos oito dias do mês de março do ano de 2001, compareceu a esta Delegacia Policial a srª **Edna Vitório Alcântara**, devidamente qualificada no R.O., a qual, inquirida pela Autoridade Policial, disse **que**: é casada há cerca de dezenove anos com o sr. Ernesto de Souza Alcântara, tendo dessa união uma filha com a idade de treze anos recém-completados, de nome Talita Vitório Alcântara; no dia de hoje, por sua livre e espontânea vontade, dirigiu-se a esta delegacia a fim de noticiar abuso sexual sofrido pela referida menor e praticado pelo genitor da mesma; relatou que há cerca de uma semana percebeu manchas de sangue numa peça íntima (calcinha) pertencente à sua filha, peça que encontrou no cesto de roupa suja; que então desconfiou de a menor ter tido sua primeira experiência sexual, e um tanto alarmada procurou observar seu comportamento nos dias seguintes, não descartando porém a possibilidade de outra explicação para o fato; que dois dias depois achou outra calcinha da menina com manchas de sangue, porém então a declarante, após reunir e refletir sobre os seguintes indícios, começou a desconfiar de abuso sexual contra Talita por parte de seu genitor: com referência às manchas nas calcinhas da menor, mesmo podendo ser oriundas de sua menstruação, pareceu-lhe que esta não se encontrava em seu período menstrual por não ter a declarante, por exemplo, visto no cesto de papéis do banheiro absorventes femininos utilizados; que de uns tempos para cá pôde perceber que seu esposo Ernesto de Souza Alcântara, pai da menor, vem criando situações de modo a estar sozinho com a filha, no mais das vezes em casa, aproveitando-se dos horários em que, por força de seus compromissos profissionais, a declarante tem de ausentar-se – o que só agora, com a germinação da suspeita, lhe pareceu evidente, pois de início não interpretou dessa forma suas atitudes; relata por exemplo que, no dia anterior àquele em que encontrou pela primeira vez a peça íntima da menor suja de sangue, o sr. Ernesto

aparecera em casa logo depois do almoço dizendo que não haveria expediente à tarde no escritório, o mesmo acontecendo dois dias depois, quando então alegou que algumas salas da repartição onde trabalha passavam por uma reforma, razão pela qual durante alguns dias não haveria expediente nesse horário; que tal comportamento vem ocorrendo há pelo menos um mês, pelo que pode lembrar-se; que, porém, após encontrar as calcinhas da menor manchadas de sangue, juntou os fatos e resolveu interrogá-la, tendo por fim Talita confirmado sua suspeita; referiu que o pai abusara dela por duas vezes na última semana, ocorrendo penetração vaginal, mas que já o vinha fazendo na forma de carícias íntimas há coisa de dois meses mais ou menos; em face do exposto, achou por bem comparecer a esta unidade para registrar o fato; em tempo, a declarante acrescenta que não tomou a providência de reservar as peças íntimas manchadas de sangue para possível exame pericial devido a esquecimento e também à sua falta de experiência em tais assuntos. E mais não disse.

**Termo de Declarações**

Aos oito dias do mês de março do ano de 2001, compareceu a esta Delegacia Policial, acompanhada de sua genitora, a menor **Talita Vitório Alcântara**, de treze anos, devidamente qualificada no R.O., a qual, inquirida pela Autoridade Policial, disse **que**: com efeito, sofreu abuso sexual por parte de seu genitor, ocorrendo penetração vaginal em duas ocasiões, a primeira há cerca de dez dias, e a segunda dois dias depois; esclarece que seu genitor desde algum tempo já a vinha assediando, valendo-se de momentos em que se encontravam os dois sozinhos para acariciar-lhe ora as pernas, ora as nádegas, ora mesmo sua genitália, sendo que a menor afirma ter sempre repelido essas investidas; que, porém, certo dia o sr. Ernesto chegou mais cedo e disse que, por motivo de o escritório onde trabalha encontrar-se em obras, passaria aquela tarde em casa; que depois do almoço a mãe saiu para trabalhar e, como fizesse calor, a menor pôs o biquíni e foi tomar sol na piscina, ocasião em que seu genitor, aproveitando-se da circunstância de estarem apenas os dois em casa, foi ter com ela, forçando-a por meio de ameaças a praticar sexo com ele; a menor garante que era virgem até então; que a segunda vez

deu-se, conforme dito, dois dias depois, quando o sr. Ernesto a levou para um quarto da casa; que nada relatou do ocorrido à mãe por ter medo do que o pai pudesse fazer a ambas, já que formulava ameaças contra suas vidas, garantindo que, se ela contasse alguma coisa a alguém, ele as mataria e se mataria em seguida. E mais não disse.

O escrivão meteu outro papel na máquina, datilografou, usou o corretivo duas ou três vezes, retirou o papel e se levantou, entregando-o à senhora:

– A senhora deve encaminhar a menina amanhã ao IML a fim de submetê-la a exame de conjunção carnal. Agora vá até o plantão para fazer o registro.

No corredor o delegado, que vinha de fora, parou-a por um momento:

– Muito bem, dona Edna – disse a Autoridade como a tranqüilizá-la –, vou instaurar imediatamente o inquérito policial e seu marido será intimado para depor amanhã mesmo. Pretendo encaminhar o procedimento à Justiça tão logo venha o laudo pericial, e para apressá-lo já me comuniquei com o legista, que dará prioridade ao seu caso.

A coisa terminaria por aí; este seria mais um caso simples que, bem esclarecidos ou não os fatos, resolvido ou não pela polícia, bem ou mal julgado pela Justiça, de qualquer forma não emergiria da obscuridade dos cartórios repletos de processos para a primeira página dos jornais, não fosse por certas circunstâncias em si mesmas inofensivas, mas que somadas resultaram num pequeno desastre.

Em primeiro lugar, diga-se que o acusado, Ernesto de Souza Alcântara, um classe-média membro dessa pequena burguesia que numa grande cidade passaria despercebida, nesse burgo interiorano onde se desenrola nosso drama, e cujo nome por discrição preferimos omitir, gozava de notoriedade. Acrescente-se a isso que trabalhara não só como cabo eleitoral nas últimas eleições mas como diretor de *marketing* político na campanha do atual prefeito, subira em palanques, pronunciara discursos com uma verve cívica invejável em prol do candidato e de sua lisura na administração pública, fora visto por todos, passava por privar da

amizade de sua excelência e ser íntimo em sua casa – e como sua excelência planejasse candidatar-se a deputado nas eleições seguintes, o Sr. Ernesto já começara de seu lado também a "mexer os pauzinhos".

Por último, acrescente-se que tendo a Srª Edna Vitório Alcântara e sua filha saído da Delegacia após a confecção do registro, o inspetor lembrara-se do pão com mortadela que havia embrulhado e metido na gaveta. Com calma, apanhou-o e foi aumentar o volume da TV, e enquanto assistia o noticiário das seis e mastigava sossegado o sanduíche, entrou na sala um preto baixinho, mirrado, de óculos grossos que, muito confiado, apoiou as mãos na mesa e, curvando-se em sua direção, perguntou em voz baixa enquanto indicava as recém-saídas:

– Qu'é que'stá pegando?

O inspetor, sem desviar os olhos da TV e ainda com a boca cheia, disse:

– Abuso sexual...

– ...?

– ...um pai que papou a filha.

O preto baixinho sentou-se franzindo muito o cenho:

– Verdade?! – e sua voz saiu num sopro de estupefação.

O inspetor olhou para ele com um certo desprezo:

– E daí? É o que mais acontece.

– Que seja, mas... sabe quem são essas daí?... Não?... Pois vou lhe dizer!

E contou. No final, esfregava as mãos:

– Viu? Essa é das boas! Agora me dê os detalhes...

O inspetor soergueu-se e, por cima da mesa, segurou o preto mirrado pelo colarinho, num ar de falsa ameaça:

– Escuta aqui, Xavier, se o meu nome aparecer no teu pasquim...!

– Não, não tem que ver! Eu nem estive aqui. Adivinhei tudo, os espíritos me contaram, não sabe que eu sou espírita kardecista?

– Paga a cerveja? – perguntou o inspetor levantando-se.

– Uma coisa pela outra – disse o preto mirrado levantando-se também.

– Sem dúvida – e pondo a boca para o corredor: – Jairo, segura aqui pra mim quinze minutos – e com um tapinha no ombro do outro: – Vamos lá.

**Laudo de Conjunção Carnal**

Aos nove dias do mês de março do ano de 2001, o Estado designou os peritos abaixo assinados para proceder a exame de conjunção carnal na menor de treze anos **Talita Vitório Alcântara**, a fim de atender-se requisição da Autoridade Policial, descrevendo com verdade e todas as circunstâncias o que encontrarem, descobrirem, e observarem, para responder aos seguintes quesitos:

**Primeiro:** Se a paciente é virgem;

**Segundo:** Se há vestígios de desvirginamento recente;

**Terceiro:** Se há outros vestígios de **conjunção carnal** recente;

**Quarto:** Se há vestígios de violência e, no caso afirmativo, qual o meio empregado;

**Quinto:** Se da violência resultou para a vítima incapacidade para as ocupações habituais por mais de trinta dias, ou perigo de vida, ou debilidade permanente ou perda, inutilização de membro, sentido ou função, ou incapacidade permanente para o trabalho, ou enfermidade incurável, ou deformidade permanente, ou aceleração de parto, ou aborto (resposta especificada);

**Sexto:** Se a vítima é alienada ou débil mental;

**Sétimo:** Se houver outra causa diversa de idade não acima de quatorze anos, alienação ou debilidade mental, que a impossibilitasse de oferecer resistência.

Posta a paciente em posição ginecológica, observamos região pubiana revestida de pequena quantidade de pelos de cor castanho-claro; o períneo anterior e posterior apresentam-se íntegros; a orla himenal mostra-se alargada e rota no quadrante inferior direito, ruptura e cicatrização recente, datando de poucos dias. Terminada a perícia, responde-se aos quesitos: 1º – Não; 2º – Sim; 3º – Sim, ruptura do hímen; 4º – Sim, em face da idade da menor; possivelmente, por mais natural, o pênis; 5º – Não; 6º – Não e 7º – Prejudicado. Nada mais havendo, encerra-se o presente que vai devidamente assinado.

**Auto de Qualificação**

Aos quatorze dias do mês de março de 2001, presente o Delegado Titular desta Unidade Policial, compareceu em Cartório, atendendo a Mandado de Intimação, o sr. **Ernesto de Souza Alcântara**, retroqualificado, o qual só neste momento toma ciência do ilícito penal que lhe é imputado. Às perguntas feitas pela Autoridade disse **que**: surpreende-se com a acusação que lhe é feita por sua esposa e por sua filha, e nega a prática de tal ato; no mais, reserva-se o direito de permanecer calado e falar somente em Juízo, esclarecendo apenas que nunca foi preso nem processado. Nada mais havendo, mandou a Autoridade encerrar o presente que, lido e achado conforme, vai por todos assinado.

O barco seguia a bom vento, o que significa dizer que à Autoridade, instaurado o inquérito e já figurando nos autos as oitivas dos envolvidos e o laudo pericial, restava apenas relatar o feito e encaminhar à Justiça, que daí por diante se incumbiria do resto.

Sendo o delito daqueles que atiçam a ira das gentes o delegado não achou conveniente protelar, e vamos encontrá-lo agora, pela manhã, uma semana exata depois de ter recebido em seu gabinete a lamentosa mãe e a pequena vítima, a redigir o relatório numa mui legível letra de traços inclinados e corpo cheio. Valia-se para isso de uma bonita caneta-tinteiro com pena de ouro, presente de sua esposa, com que valorizava os termos do documento:

**Relatório**

Tendo-me chegado ao conhecimento o noticiado pelo Registro de Ocorrência nº 000.069/01, determinei a fim de se proceder à apuração dos fatos a imediata instauração do presente inquérito, do qual lavro o relatório final, figurando:

Às fls. 02 e 03, Registro de Ocorrência;

Às fls. 04, Termo de Declarações de Edna Vitório Alcântara, que nos informa de ter sua filha menor Talita Vitório Alcântara sofrido abuso sexual por parte de seu genitor, Ernesto de Souza Alcântara;

Às fls. 05, Termo de Declarações de Talita Vitório Alcânta-

ra, que assistida pela mãe confirma ter sofrido abuso sexual por parte de seu genitor, com penetração vaginal em duas ocasiões, acrescentando ainda que desde algum tempo vinha sofrendo assédio por parte dele, que lhe impunha silêncio mediante ameaças contra sua vida e a vida de sua mãe;

Às fls. 07, Laudo de Conjunção Carnal, no qual os peritos constatam que a menor já não é virgem, verificando também sinais de desvirginamento recente;

Às fls. 08, Auto de Qualificação do indiciado, Ernesto de Souza Alcântara, que ao depor nega a autoria do crime;

Às fls. 09, solicitação da Folha de Antecedentes Criminais do indiciado, protestando a autoridade signatária pelo posterior encaminhamento.

Conclusão – Em face das inequívocas declarações da menor e do resultado do exame pericial, conclui-se que o sr. Ernesto de Souza Alcântara cometeu abuso sexual contra sua filha menor de 13 anos Talita Vitório de Alcântara, e ora o indicio por prática de crime tipificado no artigo 213 do Código Penal, combinado com o artigo 226 do mesmo Diploma Legal.

Encaminhe-se o feito à Justiça.

P..., 15 de março de 2001.

De seu lado, o Xavier soubera explorar sua camaradagem na polícia, pouco tendo-lhe custado (para sermos precisos, não teria custado mais que um razoável uísque nacional para o Oficial de Cartório Jairo e uma caixa de cervejas para o inspetor Patrocínio) ler os autos à noite, na ausência do delegado, inteirar-se dos fatos com a minúcia da letra oficial, de forma a poder ostentar a seguinte

**Manchete**

na primeira página do tablóide "A Província" (pelas máslínguas e por motivos óbvios alcunhado de "O Pró-Vício"), de sua propriedade, na manhã de 16 de março de 2001, sexta-feira, rapidamente esgotado:

**Diretor de *marketing* do Prefeito abusa da própria filha**

Transcreve-se na íntegra a notícia, apesar das inconveniên-

cias de estilo inerentes a esse tipo de publicação e do risco de atentar-se contra o bom-gosto:

> 'A Província' apresenta nesta edição, para conhecimento e revolta de nossa ilustre sociedade, uma nota que, chegando de última hora ao nosso conhecimento, obrigou-nos a transferir para as próximas edições assuntos já em pauta, e a qual nos alarma pelos nela contidos indícios de o quanto pode estar adiantada a dissolução moral dos bons-costumes que a todos nos interessa preservar.
>
> Soube-se através de comentários, ainda não em toda a extensão do município propalados, que uma personagem ilustre de nossa sociedade havia praticado horrendo delito. A direção deste periódico, agindo com a prudência que o caso requer, procedeu a cuidadosa investigação a fim de certificar-se da veracidade dos comentários ditos tão só em surdina, e para isso dirigiu-se à delegacia onde pôde confirmá-los amplamente. Consigna-se ainda que nosso insigne delegado despachou ontem para o Fórum da Comarca o inquérito que apura o fato.
>
> Consta dos autos que o autor do delito é o sr. Ernesto de Souza Alcântara, o qual, conforme declarações ali contidas, teria abusado da criança de nome T., que é sua própria filha e tem apenas treze anos de idade. Os autos referem que o sr. Ernesto de Souza Alcântara vinha há tempos assediando a menor com propostas e carícias, até que finalmente, mediante ameaças contra sua vida e a vida de sua mãe, logrou seu nefando intento, qual seja, o de deitar-se com ela, e com tal gesto não apenas despedaçando sua própria família mas destituindo a menor de sua inocente pureza.
>
> Apenas para mais cabal esclarecimento, registra-se aqui que o autor de tal ato que nos horroriza é também assessor de *marketing* político do Sr. Astério Rezende, nosso excelentíssimo prefeito – o qual, por certo, ignora o caráter de seu cabo eleitoral, pois em face de sua integridade e lisura na administração da coisa pública não admitiria junto a si e a seu serviço tal pessoa se bem a conhecesse (o que se ressalta por necessário a fim de eximi-lo de qualquer mácula).

Ao lado do texto aparecia, grande, a cara do criminoso Er-

nesto e embaixo uma foto menor (conseguida sabe-se lá como) da mulher e da filha – esta com o rosto oculto por uma tarja. Mesmo desnecessária, via-se também uma foto de campanha em que aparecia o prefeito e seu assessor em palanque, durante um comício.

O prefeito Astério Rezende, que naquela manhã queixara-se em casa de uma enxaqueca e só iria à prefeitura à tarde para assinar uns despachos, foi informado pelo telefone (e por uma voz que juraria pertencer ao próprio Xavier, conquanto estivesse disfarçada) de que deveria dar uma olhada n'A Província daquele dia, cujo exemplar lhe fora deixado na porta bem cedo, e sofreu tal abalo ao ler a notícia que de imediato esqueceu-se da dor de cabeça, tocou para a prefeitura, convocou uma reunião urgente a portas fechadas com parte de seu secretariado mais o Dr. Aluízio Peixoto, assessor jurídico da casa, para discutir a novidade e as providências a serem tomadas.

Uma coisa era certa diante da folha sobre a mesa, à volta da qual diversas caras sérias se concentravam: verdadeira ou não a acusação, o escândalo parecia inevitável e a candidatura de Astério Rezende a deputado no próximo pleito perigava. Urgia, portanto, tomar uma medida eficaz – mas... qual? Alguém sugeriu uma nota de desmentido num grande jornal da Capital, mas não pareceu conveniente aos demais, afinal havia um inquérito, logo haveria um processo, não se podia desmentir, nem mesmo apresentar uma boa "desculpa", antes de um veredicto da Justiça. "Mas a Justiça demora" murmurou com desânimo e não sem razão o prefeito, pois sim: por mais rápido que a coisa ande, sempre se passam duas, três semanas, um mês, e nesse tempo o fogo já chegou à pólvora, "e o Xavier" lembrou um dos presentes "já deve ter passado a nota para algum cupincha de qualquer jornal de vulto", "com certeza, esse canalha não me tolera desde que retirei d'O Pró-Vício a publicação do orçamento municipal".

É quando, depois de uma leve batida na porta, a cara gorda e séria da secretária de sua excelência aparece por uma fresta. Em seguida, enquanto os presentes a encaram como se estivessem diante de um animal desconhecido, a porta abre-se mais dando passagem a seu corpo roliço, e ela se aproxima com passinhos rápidos e seguros que atendiam à gravidade do momento e denotavam competência. Perfilou-se, rígida, e disse em voz baixa:

– Seu Ernesto está aí fora, Dr. Astério. Deseja falar com o senhor.

Astério Rezende deu um pinote na cadeira, pôs-se de pé, empalideceu primeiro, depois enrubesceu e gotículas de suor brotaram em sua testa. Desnorteado olhou cada um dos presentes, deu três ou quatro pulinhos sem direção, por fim largou o corpo outra vez na cadeira.

– Impossível! – sibilou. – A senhora sabe que é impossível, não sabe dona Dulce? A senhora sabe do que estamos tratando aqui, não sabe?

– Sim, senhor prefeito, mas...

– Então, se sabe, volte lá e diga-lhe que neste momento é impossível...

– Digo-lhe que estão discutindo a manchete d'A Província?

– Não, dona Dulce, pelo amor de Deus! Tino, é só o que lhe peço nesta hora, tato, a senhora compreende? Diga-lhe que estou em reunião...

– Mas ele sempre teve acesso a todas às reuniões, senhor prefeito...

– Mas não a essa! Diga-lhe que é ultra-secreto, invente qualquer coisa, mas não o deixe entrar. Ande, dona Dulce, não seja atolada!

– Desculpe, senhor prefeito, é que é uma situação tão extraordinária...

– ...que exige uma eficiência igualmente extraordinária da sua parte, dona Dulce! Agora vá...! Vá!

A rechonchuda secretária saiu. Desincumbiu-se como pôde da tarefa. Ernesto compreendeu e resolveu não insistir, "agora rejeitam-me" pensou enquanto descia as escadas de cabeça baixa, "irão crucificar-me, com certeza" ia pensando rua afora. À tarde recebeu em papel timbrado do gabinete do prefeito uma recomendação tão breve quanto taxativa:

> "Ilmo. Sr. Ernesto de Souza Alcântara:
>
> "No presente momento, em face dos acontecimentos, requeremos um comportamento discreto de sua parte. Esteja em sua casa, procure ser visto o menos possível. Contamos com sua compreensão.
>
> Gabinete do Prefeito"

O documento, porém, não estava assinado. Ninguém quisera arriscar-se, conquanto todos tenham achado conveniente que tal recomendação fosse feita de forma mais ou menos oficial.

Quanto à reunião, estiveram reunidos ainda por quase uma hora: discutiam, alvitravam, não encontravam uma boa saída. Por fim decidiu-se que o diretor de *marketing* de sua excelência era mesmo culpado, "mesmo sem um veredicto final?" e Astério Rezende franziu a testa com uma ponta de remorso, lembrando dos serviços prestados, mas o Dr. Peixoto foi categórico:

– Não se pode ter complacência neste momento, Sr. Prefeito. É sua posição de autoridade municipal que está em jogo, pode-se mesmo dizer que é o destino do município que está em jogo.

Diante de tal argumento aquietaram-se as consciências: seguiram-se um arrastar de cadeiras, um limpar de gargantas, um ajeitar de gravatas, todo esse cerimonial de fim de reunião que leva a crer que os presentes decidiam o destino da humanidade e carregavam sobre os ombros arqueados o peso de todos os pecados do homem.

### Tribuna Democrática

Como prosseguimento da estratégia traçada pelo Dr. Aluízio Peixoto, o Tribuna Democrática, folha mais ou menos nova na cidade – bem mais nova que A Província – mas que já conquistara a credibilidade do público, a publicação do orçamento do município e o respeito de todos, largou na semana seguinte uma entrevista de duas páginas com sua excelência, na qual Astério Rezende falou largamente de sua administração, das obras concluídas e das em andamento, da verba destinada pelo Estado para a construção de uma escola, uma creche e uma quadra esportiva; enalteceu o governo de cooperação que vinha fazendo com a Câmara Municipal, lembrou alguns nomes importantes daquela casa que haviam sido oposição mas que, compreendendo situar-se acima dos interesses políticos o bem da comunidade, deixaram-os de lado para participarem do governo. Só *en passant* tocou-se no que seria o assunto do momento, mas que naquela entrevista não mereceria nenhum alarde, como coisa de somenos:

Tribuna Democrática – O que V. Exª nos diria acer-

ca do escândalo envolvendo o nome do Sr. Ernesto de Souza Alcântara, e em que medida compromete sua administração e mesmo sua ascensão a outros cargos eletivos, já que esteve vinculado ao nome de V. Exª durante sua campanha para prefeito?

Prefeito Astério Rezende – Não estamos de todo inteirados do assunto, que de forma alguma compromete nossa administração ou nossa postulação futura a outros cargos, uma vez que, como é de todos conhecido, o Sr. Ernesto, tendo trabalhado em minha campanha, já há tempos desligara-se de nós por motivos de natureza político-partidária. Soubemos que cometeu um grave delito, e lamentamos se for verdadeira, como parece ser, a acusação contra sua pessoa. No entanto, somos solidários às partes atingidas por seu ato e aguardamos da Justiça o máximo rigor no tratamento do caso.

E a pergunta seguinte já tratava de questões de nenhum interesse para a história, sendo de interesse no entanto observar, como se observa, que o caso começara a ganhar os jornais e a transformar-se em estardalhaço, pois nessa mesma edição saiu, não com grande destaque mas ainda assim bastante visível, uma

**Nota**

a respeito:

Transcorreu na data de ontem, no Fórum desta comarca, a primeira audiência do caso que envolve o Sr. Ernesto de Souza Alcântara num crime de abuso sexual contra sua filha menor T., de treze anos.

Ao ser inquirida pelo juiz da comarca acerca dos abusos sofridos, relatados por sua genitora e por ela própria em suas declarações preliminares no Inquérito Policial, a menor confirmou o assédio que vinha sofrendo por parte de seu genitor e os abusos que se exacerbaram ao extremo como subseqüência.

Deverá ter lugar na próxima semana o interrogatório do acusado, quando este então poderá falar em sua defesa.

Soubemos, contudo, que Sua Exª o MM. Juiz de Direito da Comarca, Dr. Leopoldo Pimenta, agiu com bastante rigor e, baseado no conteúdo dos autos, decretou

esta manhã a prisão preventiva do acusado, que deverá aguardar preso o transcurso do processo. Como não possui curso superior, o acusado não terá direito a cela especial, e permanecerá recolhido a uma cela comum da cadeia municipal.

Ernesto, preso em sua casa naquela manhã, foi conduzido à delegacia onde, em consideração à sua posição na sociedade provinciana, acabou recolhido à melhor das três celas ali existentes, a qual contudo dividiria com mais nove presos. Enquanto isso o Dr. Peçanha, seu advogado, esfalfava-se nos corredores do fórum numa vã tentativa de obter sua soltura através de um *habeas-corpus* não acatado pela Autoridade Judicial. No princípio da noite foi entrevistar-se com seu cliente, que lhe apareceu de calções, olhos vermelhos e olheiras roxas junto à grade da cela:

– Inútil – disse sem rodeios. – Daqui por diante teremos de proceder de maneira drástica.

– Mas o juiz não acatou...?

– Não, Ernesto, não acatou nada! O caso é grave, um pai abusar da própria filha...

– Mas Peçanha, eu não fiz isso...

– Eu sei, Ernesto, não estou dizendo que fez, vê se me compreende! O juiz, está entendendo?, pra ele você fez, por isso está agindo com rigor. É por isso que temos de contra-atacar.

– Contra-atacar! Mas como!

Peçanha fez-lhe um sinal e se aproximou mais da grade. Por algum tempo confabularam em voz muito baixa, de tal forma que não chegamos a compreender o que diziam (do que mais uma vez nos desculpamos perante o leitor, lembrando da afirmativa inicial de conhecer os fatos e não podermos, agora, fornecer informações que talvez fossem relevantes). Fiquemos nisso, porém, pois quando se afastaram, o advogado assumiu um ar de segurança e perguntou em voz alta apenas a título de confirmação:

– Na sua gaveta, no escritório, você tem certeza?...

– Dentro de uma pasta verde.

– Então está bem – e se retirou.

Na terça-feira da semana seguinte uma bomba iria explodir no centro do município de P...

## A bomba

### Suposta vítima de estupro desmente a acusação

Os tipos pesados mais sombrios pareciam devido ao processo obsoleto de impressão d'A Província, que conferia ao texto impresso um aspecto sujo e mal acabado. Logo abaixo lia-se o seguinte:

> Pressente-se uma reviravolta no caso recente noticiado pela imprensa local e que vem suscitando o clamor público, caso em que o sr. Ernesto de Souza Alcântara, personalidade notória de nossa sociedade interiorana por sua ativa – e por que não dizer decisiva – atuação na campanha política de nosso ilustre prefeito, fora acusado de prática de abuso sexual contra sua filha T., menor de treze anos. Este periódico colheu de fonte segura informação dando conta de que a menor, em novo depoimento ontem, perante o juiz, teria desmentido a acusação feita por sua genitora contra o esposo, e pela mesma menor confirmada tanto ao depor na polícia quanto, depois, em juízo.
>
> Conforme laudo pericial constante dos autos, a presumível vítima não seria mais virgem, evidência na qual se basearia a acusação contra o Sr. Ernesto de Souza Alcântara, mas em seu novo depoimento a menor admitiu que o verdadeiro responsável seria um adolescente que conhecera na escola e com quem tivera um envolvimento amoroso, recusando-se porém a declinar sua identidade.
>
> Foi-nos possível apurar ainda que a mãe da menor, movida talvez por interesses de ordem particular, tê-la-ia coagido a confirmar a acusação contra o pai, conquanto soubesse da verdade, aliás aproveitando-se sem nenhuma dose de escrúpulo das reais circunstâncias em que a menor se via envolvida. Consta que a referida senhora manteria um caso secreto com um homem de fora da cidade, novidade esta subsidiada pela fotografia que ora publicamos e na qual se descortina, sem sombra de dúvida, a pessoa de dona Edna de Souza Alcântara beijando um homem que, pelo que se verifica, não se trata da pessoa de seu legítimo esposo.

Se até então não tínhamos um exemplo claro dos motivos que levaram o público a apelidar o tablóide do Xavier de "O Pró Vício" – e a lê-lo até mesmo antes dos grandes jornais da Capital, devido ao interesse que futricas desse tipo despertam na gente provinciana –, este nos vem a calhar. O leitor talvez nos questione, alegando que uma nota como essa é não só inverossímil como também perigosa para o próprio jornal, razão pela qual o Xavier não arriscaria a pele em publicar.

Algumas considerações, contudo, devem ser feitas a fim de compreender-se não só por que tal notícia seria de qualquer forma publicada, ainda que inverossímil, como também por que o Xavier arriscava-se.

Diga-se primeiro que o "Pró Vício" (adotemos o apelido de vez em quando), se como sói acontecer com esses periódicos interioranos que não extrapolam os estreitos limites de seu município não só não vendia bem como nem vendia, correndo de mão em mão por distribuição graciosa em alguns pontos como rodoviária, loja de loteria, uns e outros botequins tipo "pé-sujo"; por suas próprias características editoriais atraía como foi dito a atenção o público e tornava-se útil para a publicidade local, o que sempre significava algum lucro, ainda que pouco expressivo, com anúncios; diga-se no entanto também que o Xavier esperava de seu jornal menos o lucro líquido que a satisfação de fazer ferver a opinião pública através de seus pequenos e mesquinhos escândalos (os quais, para se tornarem grandes, dependiam apenas da extensão geográfica de onde aconteciam e a dimensão espiritual daqueles que por eles se interessavam), rendendo-lhe muito em uma popularidade que o envaidecia, e pelo que seu dono, editor e redator arriscaria a própria pele sem dó da pele alheia. Se considerarmos que a isso acrescia-se ainda, vez por outra, um lucro real e sub-reptício (como não deixaria de acontecer no presente caso), teremos motivo de sobra para que ele não hesitasse em correr riscos.

Segundo, pode-se dizer que se o tablóide havia ganho notoriedade, passara também a ser temido. O Xavier, como se costuma dizer, não dava ponto sem nó: se ele houvesse publicado a nota acima sem a ilustração de uma fotografia comprometedora, talvez corresse algum risco, mas a foto – e, com efeito, era mesmo a mãe da menina Talita que se via ali a beijar um homem bem

mais velho, não claramente na boca, parecia mais que no rosto, o que não obstante isso não deixava de ser um beijo, um inequívoco beijo –, conseguida sabe Deus como (conquanto nos arrisquemos a supor ter sido encontrada dentro de uma pasta verde, misturada a outras pastas no interior de alguma gaveta de escritório, a propósito do que nos ocorrem à lembrança as últimas frases trocadas pelo Dr. Peçanha e seu cliente à grade de sua cela alguns dias antes), enquanto não se esclarecesse a verdade acerca dela deixava a pobre senhora em tão embaraçosa situação, que teria de pensar duas vezes antes de intentar um processo de desagravo contra o periódico.

Por último, e disso o Xavier não tinha dúvida, a notícia acabaria saindo também – e com maiores indicativos de certeza – noutro jornal da região, no Tribuna Democrática, por exemplo, e quem sabe mesmo em algum jornal da Capital, o que bastaria para livrá-lo de qualquer ônus.

Assim a bomba explodiu pela manhã, a edição esgotou-se na única banca da cidade, e à tarde a srª Edna de Souza Alcântara foi convocada a comparecer às pressas na prefeitura, para audiência com o prefeito Astério Rezende.

Ao entrar no gabinete de sua excelência, vestida com discrição e com os olhos velados por óculos escuros que tinham decerto a função de esconder suas olheiras, ali estava também o Dr. Aluízio Peixoto que, pressuroso, levantou-se e lhe ofereceu uma cadeira.

Sua excelência não se manteve indiferente à entrada da senhora e também se levantou, percebeu-lhe o abatimento e só voltou a sentar-se quando a viu acomodada.

– A senhora aceita um cafezinho...?

– Não, Sr. Prefeito.

– Um chá, talvez... ou um refresco...?

– Agradecida, mas não apeteço nada. Se não fosse inconveniente, pediria que fôssemos direto ao ponto...

– Oh não, claro... vamos direto ao ponto... – e olhou para o advogado: – Dr. Peixoto...

O advogado percebeu a deixa. Levantou-se dum salto, esteve de pé um tanto desconcertado por alguns momentos e em seguida sentou-se de novo, percebendo que era inútil estar de pé.

Assumiu uma expressão concentrada, franziu o cenho, mordeu os lábios e, fazendo por fim um bico, bufou.

– Imagino, senhora, que toda essa situação... enfim...

– Sim, doutor... mas vamos adiante...

– Sem dúvida, claro... sem dúvida... Vejamos... A senhora decerto percebe que os últimos acontecimentos... Sabe a que me refiro... Em tempo, gostaria de em meu nome e no nome de sua excelência expressar o profundo desgosto que nos causou... um fato dessa natureza é deveras... Mas, toca!... O caso é que os últimos acontecimentos têm-nos deixado em uma embaraçosa situação, mormente em face das intenções eletivas do Dr. Astério Rezende no próximo pleito para a Assembléia Legislativa...

A senhora permaneceu imóvel, detrás dos óculos escuros parecia uma figura de pedra.

– Bem... Como se não bastasse tudo isso, publica-se hoje n'A Província uma nota ainda mais comprometedora... dando conta de que tudo talvez não passasse de... de...

E aqui o Dr. Peixoto, sentindo-se tolhido, moveu nervosamente as mãos como se com tais gestos pudesse exprimir as palavras que não lhe ocorriam, e olhou com desespero para o prefeito, esperando que o acudisse. A senhora no entanto, ainda imóvel, completou a frase:

– ...de mentira minha, não? Como se eu tivesse inventado tudo aquilo apenas para ver-me desembaraçada de meu marido e correr livre para os braços do meu amante, não é isso?

Peixoto e Astério trocaram um olhar constrangido. O prefeito pôs-se um tanto vermelhusco, e o advogado sorriu para demonstrar descontração:

– A senhora foi direto ao ponto, conforme suas próprias palavras – e em seguida ficou sério de novo. – Compreenda, senhora, nossa situação... estão em jogo muitos interesses... inclusive do próprio município, como se pode verificar...

– Eu compreendo, senhor. Está em jogo o interesse de seu cliente em eleger-se deputado. Mas está também em jogo o meu interesse em defender minha filha.

– Sem dúvida!... Não, sem dúvida! – e aqui o Dr. Peixoto de novo levantou-se dum salto, abriu sua pasta, apanhou aí alguns papéis dos quais não precisava, tornou a fechá-la e voltou a sentar-se. – A menor... a criança em primeiro lugar, não há dúvida.

É para isso que existe a Lei... o ECA[1], oh, senhora, o ECA! A Lei! A Justiça! Oh, a Justiça!...

E se calou por alguns momentos, como que enlevado, num transporte de emoção ao som dessas palavras – ECA, Lei e Justiça – por ele mesmo pronunciadas.

– Porém agora surge uma nova história, dona Edna – disse um tanto de chofre o prefeito, por momentos esquecido das boas maneiras e aproveitando-se da pausa feita pelo advogado –, segundo a qual sua filha tem um namorado e que foi com ele...

– Mas o senhor não está acreditando nisso, Dr. Astério! – quase se exaltou a senhora. – Então não vê que não passa de uma infâmia!

– Não vem tanto ao caso, excelência – contemporizou o Dr. Peixoto prevendo uma tempestade, conquanto a nova história viesse mesmo ao caso.

– Como não! – exclamou o prefeito, exasperado. – Um garoto da escola foi citado como tendo sido ele a tirar os tampos da menina, saiu até no jornal!

– Sim, excelência, sim, porém...

– Ora, ora, ora!...

– ...uma coisa de cada vez – e o Dr. Peixoto gesticulava, baixando a voz quase ao inaudível.

– Está bem, está bem! Mas a senhora teria ao menos uma explicação para aquela fotografia, dona Edna? – insistiu o prefeito no mesmo tom.

– Posso garantir-lhe, excelência – respondeu a senhora com alguma irritação –, que não é meu amante, mesmo porque não tenho amante nenhum.

– Mas a senhora está beijando um homem, dona Edna, naquela fotografia!

– Talvez não seja uma foto muito feliz para o momento, foi tirada há muitos anos e não imagino como foi parar na redação do jornal... aliás, imagino, a verdade é que imagino sim... De fato parece que eu o estou beijando de forma inconveniente; contudo, trata-se apenas de um beijo no rosto. Aquele homem era um tio meu. E como se pode ver, bem mais velho.

– Bem – disse o Dr. Peixoto suspirando –, isso de certa

[1] Estatuto da Criança e do Adolescente

forma nos tira um peso da alma... mas é preciso trazer a público... é preciso desmentir essa parte da nota publicada n'A Província, a fim de garantir a idoneidade da senhora no caso.

– Receio que isso não seja possível.

– Mas por quê, Deus do céu? – exclamou o prefeito.

– Primeiro porque meu marido, a única pessoa que poderia confirmar o que lhes digo, por óbvias razões não estará disposto a fazê-lo, aliás, só pode ter sido ele quem passou essa foto... através do advogado... ao jornal, para publicação.

– Hum-hum – o Dr. Peixoto, pensativo, mordiscava a cabeça de um lápis –, para desacreditá-la. E não há mais ninguém que pudesse...?

– Ninguém mais daqui conhecia aquele senhor, ou sabia desse parentesco.

– A menina, talvez...

– Ela também não chegou a conhecê-lo. A foto foi tirada quando Talita contava com pouco mais de quatro anos, num sítio em Minas. Esse meu tio faleceu algum tempo depois, de forma que também ele não poderá aparecer e desmentir a notícia. O máximo que posso fazer é negar a acusação, mas é pouco provável que acreditem em mim agora. Como se vê, pelo menos por enquanto terei de passar por mulher adúltera perante o povo de nossa cidade.

A senhora sorriu levemente, um traço de amargura em suas feições.

– Creio que sua candidatura corre mesmo perigo, excelência – acrescentou em voz baixa e com uma pontinha de ironia.

Astério Rezende baixou a cabeça. O Dr. Peixoto raspou a garganta, concentrou-se de cenho franzido, fez um bico. Moveu a cabeça num gesto vagaroso e suspirou com desânimo. A senhora levantou-se.

– Posso ir?

– Pode, senhora – respondeu o prefeito. – Passe bem.

Enquanto esta conversa acontecia no gabinete do prefeito Astério Rezende, o Meritíssimo Juiz Dr. Leopoldo Pimenta interrogava Ernesto que, apesar de reiterar inocência e mencionar a notícia publicada naquele dia n'A Província, "notícia, excelência, que me faz ver com mais clareza agora nesse lodaçal em que me encontro" teria dito com comoção na voz e os olhos marejados,

"que me faz compreender a nefanda intenção de quem eu só poderia esperar amor e respeito por ter-lhe sempre propiciado o mesmo, respeito e amor"; que, portanto, apesar de afirmar sua inocência, não lograra cair nas graças da autoridade.

Na tarde anterior, uma segunda-feira, o Dr. Leopoldo atendendo a solicitação do Peçanha Borba adiara para o dia seguinte a audiência com o acusado, e ouvira de novo a menina Talita, que desmentindo a acusação contra o pai mencionava inesperadamente um namorado, e, apesar de recusar-se a dizer de quem se tratava, garantia ter sido com ele que "transara pela primeira vez".

Já naquela manhã o juiz tomara conhecimento da nota publicada. Conhecia de longa data a fama do "Pró Vício" (valhamonos uma vez ainda do epíteto), e chegava a pensar que tudo aquilo não passasse de um estratagema do réu e de seu advogado, diga-se de passagem, chicaneiro arguto e inescrupuloso que raro perdia uma causa, e que não hesitava lançar mão de quaisquer expedientes desde que para obter sucesso – do que o Dr. Leopoldo também tinha conhecimento, por essa mesma razão mantendo-se de pé atrás. Estaria o meritíssimo, no entanto, enganado desta vez?

Ora, conquanto até então encontremos na conta do réu Ernesto uma acusação de violência sexual tendo como vítima sua filha de treze anos, confirmada em juízo pela garota mas por ele negada com veemência, que ainda afirmava ignorar as razões por que sua esposa e filha ter-se-iam unido numa mentira contra sua pessoa, que além de "homem bem sucedido, chefe de família exemplar sempre fora um pai extremoso"; a verdade é que certeza nenhuma podemos ter acerca do caso. Convenhamos: seria mesmo inverossímil que a mulher, aproveitando-se do fato de a filha ter perdido a virgindade há pouco com um namoradinho qualquer, induzisse a garota a mentir para livrar-se de um marido incômodo e poder fruir com mais liberdade um amor secreto? Talvez o "chefe de família exemplar e pai extremoso" não fosse tão exemplar nem tão extremoso, de forma que nem a mulher hesitaria em recorrer a um expediente pouco honesto, nem a filha teria remorsos de ajudá-la em tal empresa. Por outro lado, podemos cogitar que talvez até o fosse, mas uma esposa sob certos aspectos insatisfeita, e por que não dizer frustrada, é bem

capaz de deixar de lado alguns escrúpulos, e uma menina de treze anos quem sabe não é capaz de, num primeiro momento, corroborar a mentira de uma mãe a quem ama o suficiente para isso, e só mais tarde dar-se conta de seu erro e, arrependida, voltar atrás? O leitor poderá alvitrar que um inocente não faria publicar uma notícia infamante contra a mulher como a que se publicou n'A Província, porém que razões tem para tal afirmativa? Lembremo-nos de que o infeliz encontrava-se preso sob a acusação de um crime hediondo, e o pavor da prisão é no mais das vezes suficiente para que não se recue diante de qualquer artifício a fim de ver-se livre; como a fotografia suspeita encontrava-se numa pasta em seu escritório, e não em casa num álbum de família, não é plausível que essa esposa até então considerada honesta tenha cometido há tempos um deslize, quem sabe já perdoado e mantido secreto entre as paredes conjugais, mas do qual restara como comprovação aquela única fotografia, apenas por acaso – e por sorte – preservada numa gaveta do escritório? E não resta dúvida de que parecia convir muito bem a história acerca de um parente falecido há tempos e desconhecido de todos que encobrisse uma verdade que vinha à tona através de um tablóide escandaloso.

Mas tudo isso talvez não passe de especulações. É possível que a garota, sabe-se lá por que razões, tenha inventado essa história de um namorado com quem perdera a virgindade (do contrário, por que se recusar a dizer quem era e onde morava?) apenas para livrar o pai da cadeia, e este seja mesmo culpado, tendo por sua vez recorrido a um meio ardiloso para tentar desviar a atenção da Justiça de seu crime e aparecer como a verdadeira vítima em toda essa trama; e aquela fotografia antiga seria mesmo de sua esposa beijando um parente querido, um desses tios chegados que muitas vezes têm-se na conta de um grande amigo ou até de um pai. E de novo, tudo isso talvez não passe de especulações...

Só uma coisa era certa: o caso ganhara com bulha os jornais, estabelecera-se definitivamente o escândalo.

O meritíssimo juiz, embora atento à maneira com que o advogado do réu conduzia seus casos, não pôde mais ignorar a notícia espetaculosa d'A Província quando, na segunda-feira seguinte, veio uma confirmação através do sério

## Tribuna Democrática

Teve prosseguimento na tarde de sexta-feira última, com o interrogatório do Sr. Ernesto de Souza Alcântara, esse caso que vem sendo acompanhado com atenção pela imprensa local e que a todos nos comoveu, em que figura a própria filha menor do acusado como vítima de abuso sexual.

O réu mais uma vez negou ter cometido o crime que lhe é imputado, protestando inocência e apresentando um extenso currículo social como demonstrativo de seu caráter. O Sr. Ernesto, como bem o sabem nossos leitores, figurou como diretor de *marketing* político na campanha do atual prefeito, sendo uma das peças-chaves para sua eleição. Além disso pertence ao quadro de honra do Rotary Clube local, e sempre pautou por uma conduta irreprochável em sociedade, pertencendo também a outras agremiações benemerentes e mesmo religiosas (os leitores que vão à igreja aos domingos certamente já o viram no coro a acompanhar os cânticos com sua bonita voz de barítono).

O caso, contudo, que parecia simples de resolver-se em face da convicta segurança com que a vítima descreveu o assédio e por fim o abuso sofrido, vem passando por reviravoltas.

Na última terça-feira foi noticiado por outro periódico local que a menor/vítima teria retrocedido em suas declarações, alegando ter sido coagida por sua genitora a acusar o pai, mencionando ainda ter-se envolvido amorosamente com um adolescente com quem teria mantido relações íntimas sem, contudo, dizer de quem se trata.

O Tribuna, procurando conhecer a verdade, soube da Srª Edna de Souza Alcântara que é caluniosa a nota então publicada, que a fotografia em que ela aparece beijando no rosto um homem foi tirada em um sítio em Minas Gerais, e o homem é um tio seu muito chegado e já falecido – o que é do conhecimento de seu esposo. A Srª Edna não autorizou que conversássemos com a menor que, no entanto, estando presente durante a entrevista com sua mãe, disse a certa altura, mesmo sem ter-lhe sido perguntado, que se arrependia de ter acusado o pai, e muito exaltada, até mesmo com lágrimas nos olhos, deixou a sala.

Nenhuma referência, porém, foi feita na ocasião pela menor acerca desse possível namorado.

Conversamos em seguida com o réu, na cela que divide com mais nove detentos, e ele negou com veemência o crime que lhe é imputado, negando também conhecer esse suposto tio de sua esposa.

Assumiu a causa do réu o conhecido advogado de nossa cidade, o Dr. Peçanha Borba, que nos garantiu certeza quanto à inocência de seu cliente, e que tudo fará de legítimo para defendê-lo e limpar seu nome.

Apesar desse vaivém de informações, nada disso seria suficiente para abalar a convicção de um juiz, estivesse ele certo ou da culpa ou da inocência do acusado; seriam clamores que nem mesmo chegariam a ultrapassar a porta de seu gabinete, pois não lhes daria mais importância que aquela que concede aos ruídos da rua – ora, um juiz atém-se aos autos, e basta!

No entanto as coisas nem sempre correm como se espera, e às vezes mesmo um juiz tem necessidade de pesar os prós e os contras de sua atitude num tribunal. Era certo que se condenasse Ernesto, seu advogado entraria com recurso em instância superior, onde talvez obtivesse absolvição, e ele, juiz antigo na comarca, poderia dormir sossegado, sabendo que agira conforme sua consciência e que ao mesmo tempo a outra parte teria resolvido suas dificuldades, não ficando ele, juiz, mal com ninguém (era possível, claro, que em instância superior Ernesto fosse novamente condenado, mas então o caso já fugia a sua alçada, e além do mais ele tinha tantos processos empilhados em sua mesa que não lhe sobraria tempo para preocupar-se com aquele que, no fim das contas, já estaria caindo no esquecimento, pelo menos ali, no âmbito exíguo de seu gabinete). Se acompanhamos bem o pensamento do juiz, descobrimos que ele desejava ser justo, se ser justo significa julgar conforme suas convicções, mas ao mesmo tempo receava cair no desagrado popular, embora sempre corresse esse risco. Quando, porém, isso deixasse de ser um risco para converter-se numa quase certeza, então já se teria o bastante para que ele titubeasse.

Acrescente-se uma ampla matéria publicada num importante jornal da Capital, que descrevia com minúcias todo o enre-

do do caso, ilustrada com fotografias do réu em atitude causar dó, da mulher beijando aquele suposto tio, da própria vítima presuntiva – sem faltar a tradicional tarja negra sobre os olhos, mas com uma significativa legenda: "A menor por fim contou a verdade!" –; matéria na qual se mencionavam os nomes do prefeito da cidade, do advogado do acusado bem como do promotor público e dele, juiz, incumbido de desmanchar tal nó; acrescente-se, portanto, essa matéria e veremos que o juiz tinha já motivos de sobra para titubear.

E titubeou.

E o resultado foi, no decurso da semana seguinte, ver-se obrigado a receber uma comissão de cidadãos que pretendiam falar em favor do réu. De onde havia saído aquela gente não se sabia, e em seu íntimo desconfiava de ser apenas mais uma chicana do Peçanha Borba, mas não pôde fechar a porta na cara daqueles respeitáveis cidadãos, conquanto entre os tais pelo menos um dava mostras de encontrar-se ligeiramente alcoolizado, e uma das senhoras talvez – mas apenas *talvez*, pois certeza não havia – não fosse de todo desconhecida na noite. Contudo ali estavam aquelas pessoas, desejavam falar ao meritíssimo juiz, e falaram. Ou melhor, apenas uma delas falou: as demais tão só faziam presença. E o que foi dito? Primeiro que um cidadão de bem encontrava-se preso em face de uma acusação leviana, "sim senhor, meritíssimo doutor juiz, leviana, se me permite a expressão" disse a senhora que em nome dos demais tomara a palavra, fazendo uma pausa como que a esperar uma permissão do juiz para pronunciar a palavra que, enfim, já pronunciara; e prosseguiu com uma enxurrada de razões que abonavam a conduta idônea daquele inocente "além disso, sempre presente aos ofícios sagrados, um homem de muita religião"; enquanto era sabido que sua esposa, conquanto muito discreta, "sim, verdade seja dita, trata-se de uma pessoa discretíssima", não se portava bem, "ah, mas quanto a isso!... Pois com uma coisa o meritíssimo juiz há de concordar: que há uma larga diferença entre ser alguém discreto e portar-se bem". O juiz suspirou. "Por isso vimos solicitar a V. Exª que pondere bem sobre o caso, requeira uma investigação mais acurada. Muita pena nos causaria ver um inocente condenado."

E o Dr. Leopoldo Pimenta percebeu que desta vez o assunto era mais sério do que a princípio ajuizara.

Depois das últimas novidades, o rumo tomado pelo caso e o zunzunzum que se ouvia pelas esquinas, fez com que Astério Rezende convocasse nova reunião em seu gabinete. Fosse pela urgência, fosse pela gravidade da situação, à qual até os mais chegados desejavam esquivar-se, ou fosse por ambas as razões acrescida de uma terceira, a saber, que o prefeito, num estado de ânimo deplorável, já não desejava muita gente envolvida na história, participaram, além do Dr. Peixoto, duas pessoas que não podiam tirar o corpo fora: o Presidente da Câmara e o Secretário de Obras, por acaso sogro e cunhado de sua excelência.

A discussão girou em torno do fato de ter a menina recuado em sua acusação contra o pai, insinuando – ou afirmando – que fora induzida a isso pela mãe e garantindo não ser virgem devido ao seu envolvimento amoroso com um adolescente que conhecera na escola.

– Mas e essa novidade acerca de um namorado que seria o responsável por... por...? – questionou à certa altura o Presidente da Câmara e sogro de sua excelência, um homem gordo e velho, de nariz vermelho feito um pimentão, que arfava muito e suava em bicas (diga-se, ainda que seja irrelevante, que naquele dia faltara energia, por isso nem o ar condicionado nem o ventilador funcionavam).

– Bem, é verdade que o "Pró Vício" foi o primeiro a falar – disse o Secretário de Obras e cunhado de Astério Rezende –, porém o Tribuna também publicou... e o Tribuna merece crédito...

– Mas isso é certo? – voltou a insistir o sogro com suas maneiras autoritárias. – A garota deu mesmo essa declaração? O senhor, Dr. Peixoto, por acaso leu os autos?

– Bem, quanto a isso – disse o Dr. Peixoto –, entendam bem, senhores, oficiosamente... é como na maioria das vezes se obtêm as informações, pois os autos são de certa forma... sigilosos... oficiosamente...

– Oficiosamente, Dr. Peixoto – interpôs o sogro –, que informações são essas, Dr. Peixoto?

– Que ela teria mesmo garantido que não foi o pai, mas esse garoto da escola que... que... enfim, os senhores sabem, que mexeu na "coisinha" dela...

– O diabo – voltou a bradar o sogro, levantando-se com a rapidez que seu volume lhe permitia, tirando o paletó e secando o rosto com ele enquanto dava passos a esmo pela sala, sem parar de bufar – é que a moleca menciona um namorado e não diz quem é!

– E agora? – pela primeira vez Astério Rezende dizia alguma coisa, abalado diante da ameaça cada vez mais iminente que vislumbrava sobre sua candidatura à Assembléia Legislativa, em decorrência do escândalo em torno do nome de alguém que, era público e notório, dispunha de todos os trunfos para uma campanha vitoriosa.

Foi então que num feliz improviso o Dr. Peixoto saiu-se com uma providência surpreendente, talvez até mesmo para ele:

– Agora – ele disse –, duas coisas: primeiro, o Ernesto tem, a todo custo, de ser inocente; e segundo: o namorado tem de aparecer, e se não existir, temos de providenciar um.

E, no silêncio que se seguiu, todos se entreolharam, surpresos, quase ainda sem compreenderem direito o poder dessas palavras. O advogado, refeito também da surpresa, explicou:

– O juiz tem de se convencer de que esse namorado é real e não um produto da fantasia da garota, e com isso de que o Ernesto não fez nada com a filha.

Astério Rezende duvidou:

– E se ele não se convencer, e cheirar nisso aí algum interesse?

O Dr. Peixoto limpou a garganta, fungou forte, ajeitou os óculos. Com sua esperteza, dominava agora a atenção de todos.

– Ele terá de ser convencido a acreditar na garota. Para isso temos alguns expedientes que vamos usar ao mesmo tempo: o primeiro, uma visita que farei à dona Edna Vitório Alcântara, depende apenas de mim; já os outros...

– E quais são? – perguntou o prefeito.

– Uma visita, desta vez ao Peçanha Borba, é um deles.

– Por que ao porco do Borba? – disse o cunhado.

– Porque, ou muito me engano, ou essa história incompleta sobre um namorado da menina Talita é coisa dele. Vamos completá-la e para isso... – faz um expressivo gesto com os dedos.

– O que isso quer dizer? – rosnou o sogro com sua impaciência obesa e úmida, voltando a sentar-se.

– Significa que teremos de comprar um namorado para a garota.

– Vai sair caro? – quis saber o prefeito.

– Nem tanto. Gente pobre contenta-se com qualquer agrado: um punhado de telhas, uns tijolos, uns sacos de cimento para as reformas em casa, coisas assim...

– E pode-se saber em quem está pensando? – Astério Rezende tinha ainda suas dúvidas.

– Eu conheço uma família na Grota...

– Na Grota? – saltou da cadeira o sogro, sacudindo sua papada, pois justo na Grota contava com seu principal eleitorado, não podia arriscar-se a ficar mal-visto por lá caso o plano não desse certo e o escândalo, em vez de diminuir, mais se acentuasse. – Em quem está pensando, Peixoto?

– Tranqüilize-se, meu caro, tranqüilize-se – disse o Dr. Peixoto com um sorriso superior, e como se adivinhasse os temores do outro: – A coisa vai funcionar tão bem, que seu nome por lá vai continuar em alta. Trata-se da Glória Machadinho, conhece? Ela tem um filho de quinze anos que estuda na mesma escola da filha do Ernesto.

Porém o sogro de sua excelência levantou-se e, curvando-se sobre a mesa na direção do advogado, esbravejou:

– Mas você está variando, Peixoto! Acaso está variando? Então a Glória Machadinho não é preta? Vê se a filha do Ernesto ia dar trela prum crioulinho feito o filho dela?... Ora, ha-ha-haaa! Essa é muito boa! – e com um riso de ironia largou o corpo na cadeira, que chegou a ranger, mas resistiu.

Mas Aluízio Peixoto gesticulava com as mãos, que o Sr. Presidente da Câmara se acalmasse que ele sabia o que estava fazendo, e ponderava: se a menina ia ou não dar trela pro crioulinho era irrelevante, o mundo não está cheio de gente branca que casa com gente preta? Então! O que interessa é convencer a opinião pública: se o garoto se apresenta como o tal namorado e a menina confirma, o resto pouco importa...

– ... além do que, há uma conveniência nessa escolha...

– ...?

– ...?

– ...?

– ...a Glória Machadinho está justamente com a casa em obras!

Haveria outra coisa a fazer a não ser concordar?

– Mas você referiu ainda um terceiro expediente – lembrou o cunhado.

– Ah, sim, o terceiro expediente... este, porém, não envolverá uma pessoa... digamos... pobre... e por isso teremos de contar com alguma coisa expressiva – e fez de novo aquele sinal com os dedos.

– Explique-se logo, homem! – explodiu o exasperado sogro, pondo-se outra vez de pé, os nervos à flor da pele. – Fica falando aos pouquinhos, que diabo!

– Quero dizer que o Dr. Leopoldo Pimenta precisa de um bom motivo para acreditar na história e arquivar o processo. Eu vou providenciar alguns, mas os senhores precisam mexer-se também.

Todos se aquietaram.

– É claro que não vai sair tão barato – prosseguiu Aluízio Peixoto à guisa de comentário –, mas é o jeito...

– Não, se for garantia de sucesso... – disse Astério Rezende, e vigiou o cunhado com um olho agudo: – Alguma obra precisando de uma reavaliação no orçamento?

O outro encolheu os ombros, "ajeita-se" não chegou a dizer, apenas confirmou com um trejeito dos lábios.

Astério Rezende olhou para o advogado com um assentimento.

O assunto parecia resolvido.

Fechando a pasta, que estivera sem razão alguma aberta à sua frente, já que em nenhum momento fora preciso apanhar dentro dela qualquer documento, o Dr. Peixoto pôs-se de pé:

– Bem, senhores, esta parte fica por sua conta. Quanto ao que me compete, pretendo agir logo – dito o que, retirou-se.

E a reunião chegou ao fim.

O Dr. Peixoto achou por bem não procurar a mulher de Ernesto em sua casa: ligou para ela, falou de um assunto grave e solicitou que comparecesse em seu escritório naquele mesmo dia às 13:00 h, "só não deixe, digníssima senhora, de vir" encareceu ao telefone com uma voz melíflua e suplicante que a um bom entendedor denotaria mais interesse seu do que dela naquele convite. Edna Vitório Alcântara, talvez sem condições de ser então uma

boa entendedora, foi pontual. Preservava os óculos escuros e seus modos: sentou-se ereta e imóvel na cadeira e escutou, sem mover um músculo da face, a proposta que lhe fez o advogado.

O Dr. Peixoto foi conciso, disse diretamente que devido ao que vinha acontecendo em torno do caso ele, em nome de sua excelência o prefeito, contariam com seu bom senso. Fez uma pausa curtíssima, como se esperasse ser questionado, mas decidiu seguir em frente, e acrescentou explicando que bom senso, àquela altura, seria ela, como mãe da menor ofendida, não tocar o caso adiante.

– Não entendo o que o senhor quer dizer com bom senso, Dr. Peixoto – respondeu a outra sem alterar-se, diga-se mesmo que o fez movendo tão só os lábios –, e não sei se percebe que me deixa numa situação difícil ao propor-me tal coisa.

O Dr. Peixoto baixou a cabeça, concentrou-se franzindo o sobrecenho naquele seu jeito peculiar e comprimiu os lábios sem, no entanto, formar seu típico bico. Em seguida, apoiou os cotovelos na mesa e, juntando as mãos com os dedos cruzados, disse ainda mais sério:

– Deixe-me explicar-lhe a situação, senhora. – Apoiou os lábios nos dedos cruzados, pareceu concentrar-se ainda mais, por fim prosseguiu: – A senhora não pode, como vulgarmente se diz, "retirar a queixa". Estamos numa situação assaz... incomum... Porém a menina voltou atrás em suas declarações, isso por qualquer razão inexplicável... – e aqui levantou uma das mãos: – Não, por favor, de forma alguma pense que acredito naquela infâmia d'A Província, tenho a senhora em alta conta, porém... E compreenda que seria melhor até mesmo para a criança, pois afinal sua filha é ainda apenas uma criança... pense nas seqüelas psicológicas que decorrerão de toda essa publicidade negativa em torno de sua pessoa... É lamentável que o culpado não seja punido, porém...

– Seja mais direto, senhor – a senhora disse com uma brandura incisiva. – O que quer, exatamente?

O Dr. Peixoto limpou a garganta, fez um gesto breve com a mão espalmada, e seguiu em frente:

– Como eu dizia, a menina voltou atrás em seu depoimento. Surgiu essa história de que ela tem um namorado... embora sem que se saiba quem seja... Noutras circunstâncias talvez o juiz

não reconsiderasse... o Dr. Leopoldo é muito criterioso e ele poderia tomar esse novo depoimento da menor como uma invencionice a fim de atender sabe-se lá a que interesses, no entanto... no entanto o caso ganhou uma dimensão inesperada, saiu até num jornal da Capital, e com que destaque!... O juiz não pode fechar os olhos a isso, se é que a senhora me compreende...

– E no fim das contas sabe-se a quem isso interessaria.

– Mas não nos julgue mal, senhora... sim, há interesses... porém...

– O que eu devo fazer, senhor?

– Já lhe explico. Devo informá-la de que sua atuação não possui, por assim dizer, expressividade jurídica, se é que me entende... porém a intenção é convencer a Justiça de que o prosseguimento do caso seria desairoso para a criança, confusa como já se encontra em vista de suas declarações contraditórias, resultando-lhe mais mal do que bem a prisão do pai nas atuais circunstâncias de exploração do caso pela imprensa.

– Enfim, eu devo suplicar ao juiz que arquive o processo e até mesmo admitir que eu talvez tenha me precipitado em levar o caso à polícia.

– Entenda isso, senhora, como um sacrifício, sim, e como posso avaliar as dimensões de tal sacrifício!, mas que seja em prol da criança!

A senhora levantou-se e, sem se despedir, encaminhou-se para a porta.

– Dona Edna – disse ainda o Dr. Peixoto –, só mais uma coisa...

A senhora parou, voltou-se para o homem atrás da mesa.

– Perdoe-me tocar num assunto assim tão delicado, porém... Com tudo isso, penso que a senhora talvez pretenda separar-se de seu esposo...

Ela não respondeu. Imóvel esperou pelo que viria.

– Bem... No entanto... veja bem... é conveniente que por enquanto... para que as pessoas não comentem... Por enquanto vá tocando... procure... dar a entender, quem sabe, que a paz conjugal foi restaurada, assim todos pensarão que tudo não passou de um terrível engano... Isso seria de especial interesse para todos, a senhora entende... sim, em política há imperiosas necessidades... mas para a criança, principalmente!...

E o advogado embaraçava-se com suas próprias palavras. Fez uma pausa, sem saber como prosseguir. A senhora não esperou que ele reatasse o discurso.

Quando a porta de seu escritório fechou-se atrás da mulher, Peixoto estendeu a mão para o telefone.

– Alô. Aluízio Peixoto. É do escritório do Dr. Peçanha Borba?... É ele?... E aí sujeito?... Escuta, está lembrado daquele "doze anos" que eu tenho aqui no armário?... Que tal passar por aqui para tomarmos uma dose?... Às seis?... Fico esperando... Até lá!

Na edição seguinte

**A província**

trazia uma breve e incisiva nota, da qual se destaca o seguinte trecho:

> (…) e este periódico enfim logrou apurar o endereço do menor em questão, e procurando seus familiares, que não se recusaram a falar, pôde confirmar a veracidade dos fatos. Garantiram eles saber do namoro de seu filho com a menor T., filha do Sr. Ernesto de Souza Alcântara, namoro que não lhes agradava em vista do desnível social entre ambos. "Sabíamos que ia nos trazer problema" disse-nos, aflita, a mãe do menor, dona Glória Machadinho, moradora no bairro da Grota, "garoto pobre e preto que se mete com menina branca e rica dá nisso". O adolescente confirmou ter mantido relações íntimas com T. duas ou três vezes, e disse gostar dela e pretender casar-se tão logo tenha idade e condições para isso. E assim mais uma vez obtivemos êxito em levar ao leitor a notícia revestida da expressão da verdade e ainda (…)

Sim, não transcrevemos a matéria na íntegra, parece-nos desnecessário fazê-lo, mas garantimos não haver nela qualquer referência à visita feita pelo advogado Peçanha Borba ao Dr. Peixoto, e nem foi dito que ao final da palestra fora requerido o urgente comparecimento do próprio Xavier, editor, redator e dono do tablóide alcunhado "O Pró Vício", e que os três mantiveram ali uma animada palestra que durou duas ou três horas à volta de um Scotch doze anos e palitos de porrinha apostados a centavos,

jogo no qual o Xavier era mestre – mas essas são bagatelas que não merecem por mais tempo nossa atenção, a qual já se desvia para a

**Tribuna Democrática**

e para a nota que, na semana seguinte, a gente de P... pôde ler com o merecido destaque:

> Encerrou-se finalmente na data de ontem o caso que nas últimas semanas mobilizou a imprensa local e a opinião pública, envolvendo o Sr. Ernesto de Souza Alcântara, ex-diretor de *marketing* político do prefeito Astério Rezende, num crime de abuso sexual contra sua própria filha menor.
>
> O juiz, Dr. Leopoldo Pimenta, decidiu por arquivar o processo em face de ter a menor vítima retrocedido em suas declarações, inocentando seu genitor de qualquer atentado contra sua honra.
>
> Também não se confirmou o boato de que a ilustríssima e digníssima senhora esposa do acusado, dona Edna Vitória Alcântara, tivesse intenção de prejudicar o esposo e fiel companheiro de longos anos com uma acusação infundada, resultando claro que tudo não passou de um conflito nervoso da adolescente, atitude, embora incomum, explicável nessa idade pela esfera médica. Ressalte-se que os boatos que pudessem lançar uma nódoa sobre a honra de pessoas tão distintas de nossa sociedade partiram sabem todos de onde, e como a fonte não é digna de crédito, tudo deve para o bem geral relegar-se ao esquecimento.
>
> Ouvido por nós, o Ex.$^{mo}$ Prefeito Astério Rezende garante sua intenção em minorar o mal sofrido por seu fiel companheiro de política, reintegrando-o no cargo que sempre ocupou ao seu lado, seja na administração pública, seja nas suas lides eletivas.
>
> O nosso estimado Sr. Ernesto neste momento já se encontra em liberdade, gozando do conforto de seu lar e tentando esquecer o triste episódio que o levou a conhecer por algumas semanas o infamante desgosto das grades de uma prisão.

Não foi dito na manchete do Tribuna Democrática que al-

guns dias antes o juiz Leopoldo recebera em seu gabinete duas visitas: uma, da mãe da criança supostamente ofendida; a outra, cuja audiência estendeu-se por quase toda a tarde, de Sua Exª o prefeito Astério Rezende, que se fazia acompanhar do Dr. Peixoto, de seu sogro e de seu cunhado mas que, a certa altura, ficou sozinho no gabinete com o juiz. Decerto são minúcias de pouca importância para um jornal, afinal nada parece haver de incomum numa visita do prefeito ao juiz da comarca, é até natural que as duas máximas autoridades de um município se encontrem vez em quando a fim de discutirem os interesses da comunidade, seja no âmbito da administração pública, seja no âmbito da Justiça, o que resta sem dúvida proveitoso para todos.

E isso também nos parece irrelevante para a história – pois se lá esteve o Sr. Prefeito, lá o recebeu o Dr. Juiz, ambos conversaram por muito tempo, tomaram café e até repetiram o café, que se fez acompanhar de uns excelentes biscoitos amanteigados de fabricação local, muito agradáveis ao paladar das duas autoridades, e quando se separaram cada qual levava um sorriso de satisfação nos lábios, no que não se vislumbra também nada de estranho, pois duas autoridades quando se encontram, se têm interesses comuns, hão de sentir-se felizes em poderem palestrar acerca desses interesses, e assim foi.

Talvez convenha, no entanto, para a história a descrição de uma última cena, para a qual devo tomar o leitor pela mão e conduzi-lo através das ruas de nossa pequena cidade nesta noite, uma das últimas do mês de Abril, quando já começa a esfriar e, por ter chovido toda a tarde, veio com um nevoeiro que persiste ainda depois das dez. Mas se devo conduzi-lo, caro leitor, vamos cortar caminho ali pelo beco; assim não precisaremos dar uma volta maior, e chegaremos logo a uma casa, aliás uma excelente casa, onde se pode ver no segundo pavimento uma única janela acesa, estando o primeiro quase às escuras: digo quase, pois como o leitor pode com seus próprios olhos verificar há uma pouca claridade que provém de um quebra-luz na sala de estar.

Não, não julgue o leitor que vamos cometer alguma indiscrição. Ou melhor, será talvez uma indiscrição, mas necessária, e como podemos passar despercebidos, cometamo-la com um mínimo – o mínimo possível – de remorso, se o leitor

é daqueles que sentem algum remordimento ao praticar uma indiscrição.

Assim, vamos nos aproximar da janela e espiar lá para dentro. Trata-se de uma janela muito ampla, verdadeiramente panorâmica, guarnecida por vidraças e com cortinas que para nossa sorte não se encontram de todo corridas. Não receie o leitor, podemos estar aqui à vontade, que as sombras do jardim nos protegem. Espiemos portanto lá para dentro.

E convém espiar logo; se ainda resta algum escrúpulo da indiscrição iminente, desfazer-se dele sem demora, pois neste momento vemos ali, na penumbra da sala, sentada naquele sofá com a cabeça reclinada para trás uma senhora; firmando bem as vistas, a penumbra não é suficiente para esconder-lhe as feições, e o leitor decerto já a reconheceu: trata-se da mesma senhora com que esta história começou; parece dormir, mas não dorme, dir-se-ia mesmo que uma angústia velada se reprime em seu ser mas transparece em seu rosto na forma de uma sutil contração que lhe franze os cantos da boca. De repente vem de dentro, presume-se que da cozinha, pela direção de onde surge (talvez lá estivesse a fazer um lanche, uma "boquinha", que a essa hora é costume) uma garota, uma adolescente que parece ter completado treze anos há pouco por sua aparência ainda um tanto infantil em que, contudo, começam a se delinear os traços da jovem adulta em que em breve há de tornar-se; decerto o leitor também a reconheceu: outra não é que não a menina Talita, vestindo um delicado *peignoir* meio transparente que lhe deixa as penas de fora.

Talita surge da porta dos fundos e vem, com displicência, trazendo nas mãos um potinho de iogurte, do qual retira o papel-alumínio levando-o à boca para lamber. Passa defronte à mãe mas não pára, isto é, pára, mas próximo à escada que conduz ao segundo pavimento; volta-se por um momento e contempla a mãe, que permanece imóvel como que ignorando – mas sem ignorar decerto – a presença da filha; como se acha meio de costas não podemos ver-lhe bem as feições, mas eu estou propenso a afirmar – e o leitor talvez possa confirmá-lo, pois se encontra num ângulo do qual pode observar melhor a cena – que ela sorri, um sorriso leve que mal lhe contrai as faces enquanto leva o po-

tinho de iogurte aos lábios... um sorriso, porém, irônico? Será mesmo isso? E em seguida, dando de ombros, sobe devagar os degraus.

Decerto irá para o quarto – aquele cuja única luz no segundo pavimento se encontra acesa –, já é tarde: como diziam os mais velhos antigamente, "hora de criança estar na cama". Mas depois daquele sorriso e daquele dar de ombros, nossa curiosidade nos levaria atrás dela escada acima se a porta estivesse aberta e pudéssemos entrar em residência alheia sem sermos convidados – e agora sou eu quem devo pedir cautela ao estimado leitor, que se adianta e não hesita em galgar essa árvore defronte para espiar.

Que fazer? Sou obrigado a ir-lhe no encalço, meu caro leitor, aqui estou eu... aqui estamos nós encarapitados na árvore defronte a janela.

Mas não se espante, prezado, com o que vê, pois se eu resolvi conduzi-lo até aqui não foi à toa. "Você já sabia?" pergunta-me, e eu lhe respondo "eu estou na posição daqueles que tudo sabem, sou o narrador da história", e ainda sem acreditar você se agarra ao galho e contempla a cena no interior do quarto:

A porta se abre e aparece Talita, que pára e sorri para alguém em sua cama. Vira num gesto infantil o pote na boca, e um fio de iogurte escorre-lhe pelo canto dos lábios queixo abaixo, e ela acha graça. Esse alguém em sua cama levanta-se – e o leitor se surpreende ao constatar que é decerto um namorado, pois quem, senão um namorado, estaria em sua cama com tão poucas roupas em cima do corpo? – e avança para ela, que com um gritinho se encolhe deixando-se abraçar enquanto o leve *peignoir* lhe cai dos ombros. Se ainda não vimos quem seja por estar de costas, de antemão contudo podemos concluir que o filho da Glória Machadinho, moradora da Grota, não é, devido à alvura da cútis, e o leitor quase despenca do galho no momento em que ambos giram como que num passo de dança que termina com os dois deitados no tapete, e o rosto do homem aparecendo por um curto momento sob a luz, nele reconhecemos as singulares feições do Sr. Ernesto de Souza Alcântara. É quando os vemos, pai e filha, homem e mulher, entregarem-se ao impetuoso furor do incesto.

# Três vozes na planície

*Voar, voar,*
*Subir, subir,*
*Ir por onde for,*
*Descer até o céu cair*
*Ou mudar de cor,*
*Anjos de cais,*
*Asas de ilusão.*
*(***Biafra**, Sonho de Ícaro*)*

**– O menino –**

eu estava sonhando quando eles chegaram

dormia?

sonhava acordado

a gente sonha acordado eu às vezes sonho

deito aqui na pedra e fico espiando o céu as nuvens construindo e desconstruindo coisas bichos gente

a brisa vem rasteira arrepia os cabelinhos do meu braço e eu fico ali deitado sonhando de olhos abertos

nestas lonjuras

do alto da pedra a vista do campo é uma vastidão que só aqui se vê essas campanhas as ondulações tão longe no horizonte o azulado mundo

a estrada que some ao longe em curvas recurvas

o mais é só o silêncio cortado pela brisa que assovia nos arames da cerca ou por uns latidos que ao certo nem sei onde

cachorro no mato no pasto atrás de boi

esse mugido assim choroso é de bezerro procurando a mãe deve de ser o bezerro da Mimosa só o bezerro da Mimosa berra choroso assim

eu sonhava mas com quê

que estava voando uma campina verdinha um rio que corria e eu lá no alto

sonhar só desse jeito se voa eu queria ser um passarinho

mas era desse jeito

mesmo desse jeito que eu sonhava quando o barulho do jipe anunciou que ele chegavam

eu ainda não sabia que eram eles

sentei-me na pedra e fiquei espiando quem será que vem lá

o jipe estrada afora a poeira levantando lá atrás depois baixando vagarinho

até cruzar a porteira

eu nunca poderia imaginar tudo que eles mesmo sem saber traziam para mim

**– Ele –**

Essas coisas não se prevêem. Se pudéssemos prever, eu estaria aqui agora, noite adentro, estrada afora, indo atrás dela – que não sei para onde foi e a quem não sei se verei de novo? Se pudéssemos prever teríamos vindo?

Em primeiro lugar: por que viemos? Por que cruzar meio-mundo para estar aqui, se já sabíamos que não havia remédio para nós? (Ainda que talvez pudesse ter havido...)

Talvez buscássemos apenas um pretexto. Sempre se precisa de um pretexto, uma desculpa para que depois não se diga: "Podíamos ter tentado isso e aquilo", ou "falhamos porque paramos no meio do caminho", ou qualquer coisa parecida. A verdade é que o ser humano tem o gosto da complicação, agrada-lhe complicar tudo, onde pode ser uma linha reta acha de fazer curvas e mais curvas, onde pode dizer apenas um sim ou um não perde-se em argumentos fúteis que no fim das contas não dizem nada além de um *sim* ou um *não*, quando pode tomar uma decisão inventa subterfúgios.

Nós também inventamos o nosso, ou melhor, ela inventou – essa vinda para o meio de lugar nenhum, só com a finalidade de adiar o irrevogável. Mas podíamos esperar que nosso subterfúgio nos levasse a isso? Bem, as coisas acontecem: é o inesperado com suas surpresas – nem sempre boas, nem sempre más, e isso é natural. Mas há coisas que não só não esperamos que acon-

teçam, como também quando acontecem nos atiram para um estado de perplexidade, uma espécie de transe, em que por muito tempo ficamos a nos perguntar "como isso pôde acontecer?". O que procurávamos, de forma mais ou menos inconsciente, era um último recurso – ou, como queiram, um subterfúgio –, e no entanto o que obtivemos... ah, o que obtivemos!...

**– Ela –**

Isso talvez seja coisa de gente da cidade, como se diz por aqui.

Gente da cidade, somos gente da cidade no sertão. Parece que aqui tudo é mais simples, o céu tem um azul sem rebuços, e quando chove, chove, simplesmente. Foi o que aprendi nos primeiros dias.

Não, a gente daqui não tem as mesmas complicações que criamos por lá, e esta era uma das poucas coisas com que ainda concordávamos, eu e ele. É a simplicidade, a não-necessidade do disfarce, o que se pensa diz-se sem ser indelicado. Pois não foi assim comigo? Luzia, a dona da casa, é dessas mulheres antigas embora não tenha ainda cinqüenta anos; usa uma trança feito uma tiara no alto da cabeça e tem uma expressão bastante séria. Vendo minha calça muito justa disse:

– Aqui não se usa essa roupa. Você deveria trocar-se, poderão chamá-la de puta.

Disse-o assim, com uma naturalidade que, embora tenha me surpreendido, não me desconcertou, e em seguida nos indicou nosso quarto com a familiaridade de uma tia velha.

É preciso dizer que nos tornamos amigas?

Para não desgostá-la troquei-me logo: quando apareci na cozinha com um vestido leve de musselina, de um bege discreto e que não deixava o joelho à mostra, Luzia aprovou com um movimento de cabeça, mas – como de costume – sem sorrir:

– Agora parece uma senhora – e mudando de assunto: – Ele não vem?

– O Paulo? Oh, sim, vem, está terminando de trocar-se.

E preparou a mesa. Eram três horas, e o que nos serviu foi um desses autênticos cafés de roça com que eu não estava acostumada: havia três ou quatro tipos de pães diferentes, bolinhos de

sal e broa de milho, manteiga caseira, no leite de fazenda sobrenadava uma nata gorda, e o café fortíssimo cheirava divinamente.

Não esperei por Paulo, confesso que estava faminta e tudo aquilo parecia um acinte à minha gula: cortei uma larga fatia de broa e pus no pires, servi-me do café com leite e adocei com açúcar mascavo produzido também na fazenda; Luzia aproximava-se com uma travessa na qual fumegavam espigas de milho...

**– O menino –**

por aqui não se tem muito que fazer

alguém é capaz de imaginar um lugar assim

o mundo parece não ter fim

os morros nem são altos umas colinazinhas que vão se juntando mais pra longe até formarem aquela risca ondulada que quase se apaga

o resto são baixadas pasto para o gado matas extensas e a estrada

quando se olha de um lugar mais alto como a pedra onde eu estava quando eles chegaram parece uma tira

uma tira de pano branco muito fina e comprida que vai indo vai indo até sumir na lonjura nas ondulações

então a gente pensa a estrada acaba por lá chega-se a alguma cidade ainda não é Porto Alegre está longe de ser Porto Alegre fica muito depois Deus me livre de lugar tão longe

mas vai ver que a estrada lá naquelas ondulações chegou numa cidade e se acabou inda que passando dela vai para mais adiante mas aí já é outra estrada

então se fica com vontade de aventurar-se afinal nem parece tão longe assim é só seguir a tira branca e chegar lá porém que engano

a estrada não acaba lá não senhor pois se chegarmos a subir numa daquelas colinas que mal se vêem direito daqui continuamos a enxergar as planícies as colinas se juntando em novas ondulações no horizonte enevoado dum azul branquicento e a tira branca prossegue sumindo-se

eta lugar nunca vi

quero dizer vi se nasci neste lugar e aqui vou crescendo logo faço treze anos quer ver

estamos em fevereiro e meu aniversário é em agosto seis meses daqui a seis meses um pouco menos que isso faço treze anos

por enquanto tenho doze

doze anos vivendo aqui então o que não vi foram outros lugares a não ser na televisão

cidade grande por exemplo Porto Alegre

um lugar que eu tinha vontade de conhecer é Porto Alegre pois titio já esteve lá e disse que é de cair o queixo

mas ele é raro ir a Porto Alegre tão raro que eu era bem menor quando esteve lá pela última vez

acho que eu devia ter oito anos nem lembro bem deve ser isso

lembro-me só de que eu perguntei se ele ia me levar mas ele respondeu que de outra vez sim

de outra vez

pois sim que outra vez se ele não faz outra coisa a não ser cuidar da fazenda

sai de manhã cedinho pra campear ele e os outros vêm tarde pro almoço nunca almoça antes das duas a não ser sábado e domingo quando folga depois torna a sair e entra em casa já anoitecendo

tem vez que vou com ele mas nem sempre e era mesmo isso que eu estava começando a dizer e não disse é que a gente vai falando inda que falando sozinho feito eu sempre faço e assunto puxa assunto uma coisa no rabo da outra a gente até se perde

às vezes vou com ele pois não se tem muito o que fazer por aqui a não ser campear a menos que seja época de escola então eu vou pra escola de manhã e meio-dia eu volto aí tenho de sentar para fazer os deveres de casa que não são poucos o professor não dá moleza pra turma

mas nesses tempos de férias fica-se o dia todo sem fazer nada é preciso inventar história ajudar a tia e as pretas da lida a cuidar das galinhas dos patos dos marrecos dos gansos eu ajudo depois saio por aí

brinco

sozinho às vezes às vezes com algum garoto da vizinhança não parece não mas por aí tem muita casa escondida não se vê por causa da distância vizinhança aqui não é que nem mostra na televisão as casas tudo juntinhas por aqui são lonjuras

a mais perto por exemplo é preciso andar bem um vinte minutos para chegar

e quando não tenho nada mas nada mesmo para fazer saio por aí procuro algum dos meninos e corremos juntos ou a pé ou no lombo de algum cavalo manso ou vamos nadar no rio pescar

mas quando saio com titio pra campear sempre é uma diversão diferente embora titio não aprove muito que eu vá

não vou criar meu sobrinho pra peão costuma dizer

tem intenção de mandar-me pra cidade pra eu continuar meus estudos assim que terminar o ginásio

termino esse ano

e como termino esse ano lá pelo ano que vem devo ir embora

não para Porto Alegre não decerto uma cidade menor mas com um bom colégio titio tem essas manias tudo pra ele tem de ser pelo melhor vamos procurar um colégio especial para você diz fazendo planos quero que meu sobrinho seja doutor

a verdade é que eu não me importo muito com isso pra que serve ser doutor

o que eu gosto mesmo é de viver aqui de conhecer Porto Alegre também eu gostaria mas só para conhecer ficar lá uns tempos assim pra passeio depois voltar

voltar pros campos da fazenda pros meus campos

mas titio quer que eu seja doutor se você voltar pra cá algum dia menino ele diz tem de ser de anel no dedo

enquanto isso os dias são grandes o sol parece que não se põe nunca

então quando vem uma visita quando surge uma novidade a gente quase fica mais feliz

vi o carro parar no terreiro da fazenda e eles saltarem daí tia Luzia veio lá de dentro atender

deve ser gente conhecida cá comigo eu pensei chegando pra perto devagar e com cuidado para não ser visto

não queria ser visto por enquanto às vezes tenho um pouco de vergonha de estranhos enquanto não me acostumo tenho vergonha sou só um menino

titia ficou conversando um pouco com eles ali no terreiro

depois mandou que entrassem subiram para a varanda sumiram-se dentro de casa

do esconderijo de onde estava vigiando fui saindo fui chegando para perto do carro novinho reluzia

mas eu estava pensando mesmo não era no carro não e sim na moça de pele morena e uns cabelos que chegavam até o meio das costas e loiros

loiros feito um sol em ponto pequeno na cabeça dela

**– Ela –**

Depois de alguns dias eu já me sentia como em minha própria casa.

No começo não: éramos tratados com cerimônia, eu mais que Paulo, pois afinal Paulo, embora não se vissem há anos, é sobrinho do proprietário, mas eu era a estranha. Luzia, com seu jeito de matrona, sempre tão séria, a trança enrolada na cabeça, somente pouco a pouco foi-se fazendo mais íntima e com isso deixando-me à vontade.

Foi por ela que eu soube da primeira mulher de seu marido. Disse-me que não se toca ali no nome dela, pelo menos não para que o chefe da casa ouça. É assunto proibido, "ela está morta" ele havia dito certa ocasião num tom que não deixava dúvidas, "e ponto final".

Mas não estava morta: abandonara-o, fugindo com outro, um engenheiro que viera medir terras e se hospedara na fazenda. Era muito nova, muito mais nova que o marido, foi embora e não se soube mais dela.

Luzia é sua segunda mulher, vivem juntos há anos. Contou-me a história certa tarde, em voz baixa. Estávamos apenas as duas sentadas na varanda, e ela, que ainda preservava sua seriedade natural conquanto a reserva comigo se fosse desfazendo aos poucos, se mais nem menos começou a falar. Está visto que ao terminar o relato recomendou que eu não comentasse aquilo com ninguém, é reiterou: "É assunto proibido nesta casa".

Mas no dia em que chegamos, não, Luzia dissera-me com uma naturalidade severa aquilo sobre mulher não usar calça comprida, e depois na cozinha tratou-nos com cerimônia – a cerimônia que se devia às visitas pouco familiares, e talvez não muito bem-vindas (impressão inicial que, porém, se desfez, e eu vi que éramos bem-vindos).

– Supimpa! – Paulo disse após empanturrar-se, e ficou de pé. Tratou Luzia por tia, o que não a afetou, "vou andar por aí, tia" e encaminhou-se para fora, "esticar as pernas até o tio Neco chegar".

Nesse momento espiei na direção do corredor, e vi o menino.

– Luís – disse Luzia ao dar com ele ali –, venha cumprimentar a visita.

O menino estava na penumbra do corredor, recostado a uma parede. Olhava para mim como se eu fosse um animal estranho. Vendo-se descoberto baixou a cabeça, ao chamado de Luzia aproximou-se, estendeu-me a mão.

– É sobrinho de Neco – disse Luzia –, criou-o de pequeno, quase recém-nascido.

– Oi, Luís – eu disse apertando-lhe a mão –, então você é um dos donos da fazenda.

O menino pareceu atrapalhado, mas no instante seguinte levantou os olhos para mim e seu sorriso parecia um clarão, uma repentina luz. Afastou-se, foi sentar-se à mesa e serviu-se de café com leite.

– O pai – Luzia achou por bem explicar – era irmão de Neco, o irmão mais novo, e ambos cuidavam da fazenda, mas uma cobra malina pegou ele. Morreu antes de Luís nascer. Já a mãe era doente – e baixou a voz como se o menino não devesse ouvir aquela revelação, que no entanto não lhe devia ser desconhecida –, do peito – esclareceu –, o pobrezinho não tinha completado ano e meio quando ela veio a faltar.

E em seguida, como que para ver-se livre de mim:

– Luís, vai dar uma volta por aí com a moça, mostrar a fazenda a ela.

Segurei a mão do menino, notei-a úmida, talvez trêmula.

**– Ele –**

Eu gostava dela, pelo menos no começo.

Depois a gente se acostuma. O que eu quero dizer com isso? Que se deixa de gostar e se acostuma um à companhia do outro? Seja, vale para ambos. E diga-se de passagem: não duvido de que, com ela, tenha-se passado mais ou menos assim – embo-

ra não o admitisse, ou não quisesse admitir, pois no fim das contas, mesmo não falando percebia-se que Linda nos últimos tempos andava um tanto enfarada de tudo.

Quando eu digo que depois a gente se acostuma, isso significa também que no começo é bom, bom até demais, e depois fica "água-e-sal", uma coisa morna que nem voltará a queimar nem gela de uma vez se não tomarmos a iniciativa de botar um ponto final na história. Eu já vinha pensando em tomar essa iniciativa há muito tempo, já estivera a ponto de jogar tudo para o alto, como se diz: chutar o balde, largar-me pelo mundo livre como um cachorro sem dono. No fim de todas essas ocasiões, recuei. E por quê?

Porque... porque...

O porquê é que é o caso: nunca se explica suficientemente, nunca é satisfatório. Sei de uma infinidade de casais que só se mantêm juntos devido a razões as mais tolas, as mais insuficientes; suportam-se, muitas das vezes mal, ou porque acham que os filhos... e lá vem aquela história de que filhos precisam dos pais, que filhos de pais separados sofrem... baboseira!... ou porque as conveniências, a posição social... mais baboseira!... ou ainda porque a religião... e dá-lhe baboseira! Santo Deus! Aqui estou eu criticando esses pobres infelizes, e é natural que quem me escuta faça a infalível pergunta: "Ei, você: afinal, por que você ainda se mantinha casado com sua mulher? Por que não chutou o balde?"

A resposta, a triste resposta é que, apesar de não termos filhos (e se os tivéssemos seria o mesmo), e de eu não dar bola para o que diz a religião e muito menos para as conveniências sociais, sentia que meu casamento, falido como parecia estar, era como (perdoem-me a comparação) aquele calo que nos dói mas temos uma imensa pena de extirpar – sabe como? Um carinho, sempre resta por ele um carinho, e se minha mulher já não me seduzia, se já não tínhamos nada em comum na cama (embora mais uma vez ela não o quisesse admitir), sentia por ela uma doce afeição, e não deixo nem por um momento de reconhecer que se tratava de um excepcional caráter – pois nesses doze anos de casamento tudo pode ter esfriado entre nós, porém é forçoso admitir que sempre tive ao meu lado uma excelente esposa. (Vejam que 'esposa' é anagrama de 'pessoa', e poderia muito bem ter dito que sempre tive ao meu lado uma excelente pessoa...)

Quando nos casamos eu era um homem que, aos vinte e oito anos, ainda tentava impor-me em minha profissão; ela com vinte e um mal obtivera seu registro na OAB, e conquanto a família fosse bem situada e não precisasse trabalhar para sobreviver, tinha ganas de tornar-se independente e caçava um escritório de advocacia onde pudesse iniciar-se na carreira. Nós nos conhecêramos seis meses antes, pensávamos estar apaixonados – creio mesmo que estivéssemos – e nos casamos construindo um castelo sobre nuvens. Verdade é que se tratava de um castelo cor-de-rosa, mas nuvens sempre são nuvens, e mesmo que nunca adquiram a cor sombria das tempestades não possuem qualquer solidez como alicerce, principalmente para um castelo, que pesa tanto! O que ficou de nossa construção foi esse tédio... embora Linda, repito, sempre se recusasse a admitir o tédio que nos consumia. “Eu não acredito que tudo tenha se acabado” dizia às vezes com a voz desolada, e eu suspirava, tardava uma resposta, o calo estava ali, doía, mas que saudade me vinha mesmo antes de procurar o calista; então sorria para ela, balançando a cabeça, “você tem razão, Linda, isso é só uma fase”, e o leitor por certo já deve ter percebido que, quando num casamento trôpego tudo o que se pode dizer é que se trata de “uma fase”, essa fase não tem mais fim e que se vai arrastando os dias, vai-se vivendo juntos sem saber ao certo para quê.

E assim foi...

Foi quando Linda, julgando-se muito original, ou quem sabe lançando mão de um recurso derradeiro, propôs:

– Paulo, e se fôssemos passar uma temporada na roça?

– Na roça, Linda? – eu respondi meio desconcertado e já bolando uma negativa.

– Ora, sim, porque não? Na fazenda daquele seu tio que você não vê há tantos anos, e que eu ainda não conheço...

– Mas é tão longe, Linda...

– Ora, longe... desde que inventaram as estradas e os automóveis as distâncias não são mais empecilhos.

– Mas o seu trabalho, Linda... o meu escritório...

– Paulo!... Diga logo que não quer, mas não ponha obstáculos frouxos!

Que remédio! Depois de uma dessas podia eu lá admitir que não queria, que achava a idéia uma bobagem, que eu estava

apenas inventando desculpas? “Linda” eu disse, “quer saber? Você tem razão. Dane-se seu trabalho, dane-se meu escritório!” e então viemos... viemos, eu sem saber ao certo para quê, sem jamais imaginar o que, no entanto, teria pela frente.

**– O menino –**

mas do que eu gosto mesmo é da planície

essa campanha

tudo aqui é uma baixada às vezes a gente tem até a impressão de que vai se perder só de olhar só de ficar olhando pra essas distâncias

umas vezes eu fecho os olhos quando estou sozinho assim olhando pra longe fecho os olhos e abro os braços

faço muito isso do alto daquela pedra de onde vi pela primeira vez o carro deles vindo

fecho os olhos abro os braços e penso que vou voar porque eu já sonhei que estava voando e era mesmo assim do alto duma pedra ou dum morro fechava os olhos e abria os braços e sem pressentir o chão ia sumindo debaixo dos meus pés até que eu não sentia mais o chão só um ventinho no corpo todo porque no sonho eu estava pelado não tinha ninguém vendo mas eu estava pelado e sentia aquele ventinho de leve então abria os olhos

abria os olhos e estava voando era assim

daí eu inclinava um pouco o corpo e fazia uns movimentos com os braços e então podia ir para um lado e para outro subir descer e lá de cima olhar as coisas cá embaixo o mundo cá embaixo as vacas até miudinhas no pasto e chegava uma hora que eu não percebia mas a coisa acabava e daí eu abria os olhos de verdade e então estava na minha cama

aquilo também foi como voar aquilo que eles trouxeram que eles traziam mas eu não podia saber quando vi o carro vindo pela estrada a poeira ficando para trás ficando para trás até que o carro chegou no terreiro da fazenda e eu vi os dois

ele

e ela a mulher de cabelos tão longos tão loiros tão lindos

**– Ela –**

O menino olhava-me muito no início – ficava como que me

examinando como se eu fosse... o quê? Um bicho curioso? (Talvez meus cabelos lhe chamassem a atenção, pode ser, todos sempre elogiam meus cabelos.)

Olhava-me, mas sempre disfarçadamente, e quando eu o surpreendia ele baixava os olhos como que envergonhado, às vezes até virava de costas para esconder o acanhamento. No dia de nossa chegada foi bastante embaraçoso para ele, suponho, sair comigo para dar uma volta pelas imediações. Ele ora um pouco adiante, ora um pouco atrás, ia sem dizer nada – a não ser que eu perguntasse, e então sua voz saía um tanto rouca, como se a timidez lhe tolhesse as palavras: uma timidez natural, eu pensava, enquanto não nos púnhamos à vontade, enquanto ele não se acostumasse comigo. Mas depois eu percebi que a timidez persistia demasiado pelos dias seguintes, e conquanto ele já falasse com um pouco mais de desenvoltura, sua voz ainda tinha um toque de insegurança e seus olhares para mim eram furtivos.

Percebi isso e um dia resolvi fazer uma experiência: saíramos para dar uma volta logo depois do almoço e eu fui sentar-me num banquinho que havia no pomar, então lhe pedi que sentasse à minha frente e me falasse das coisas da fazenda. “Que coisas?” ele perguntou, e eu fiz um movimento de indefinição, dei de ombros, “das coisas, de tudo, conte-me tudo”, e ficamos nisso. Eu não pretendia que ele discorresse sobre coisa alguma, queria apenas que se pusesse numa posição que me permitisse observá-lo, e então ele sentou-se à minha frente, na grama, e quando Jaspe, um grande e velho cão da casa veio e se deitou ao seu lado, alisou-lhe a cabeça e as orelhas e entreteve-se a brincar com o cão em silêncio. Então me recostei no espaldar do banco e soergui um pouco o queixo como se olhasse para o alto das copas mais ao longe, fingindo distração mas na verdade atenta aos seus movimentos. Percebi que ele, conquanto não dissesse nada acerca do que eu havia sugerido, limitando-se a ficar sentado à minha frente na grama enquanto brincava com o cão ao seu lado, em dado momento volveu o rosto para mim e olhou-me por muito tempo. De súbito então encarei-o de frente, diretamente, e vi que ele ruborizava e baixava os olhos com embaraço, para em seguida virar-se quase de costas para mim e, esquecendo-se de Jaspe, permanecer de cabeça baixa.

Levantei-me, agora certa de que minha presença o deixava pouco à vontade, mas quando o convidei para acompanhar-me numa caminhada pelos arredores ele aceitou de bom grado, pondo-se logo de pé; tomando-lhe a mão fomos em frente e tratei de procurar um meio de descontraí-lo, perguntando-lhe uma infinidade de pequenas coisas sobre ele próprio e sua vida ali – mas percebi que sua mão suava na minha, e conquanto ele respondesse às minhas perguntas e por fim acabasse também por querer saber coisas a meu respeito, por exemplo em que eu trabalhava, há quanto tempo eu era casada, se tinha filhos – é verdade que falando de modo canhestro e com uma voz um tanto surda –, estar próximo a mim ainda era embaraçoso para ele.

Em dado momento tirei as sandálias e passei a andar descalça na areia macia do caminho. Margeávamos um rio quando sugeri que gostaria de vê-lo nadar, e como ele se mostrasse indeciso eu o aticei dizendo duvidar de que ele soubesse nadar melhor do que eu, e sem mais entrei na água assim como estava, de vestido, e ele acabou por acompanhar-me.

Na volta encontramos Paulo, que vinha de outra direção com o tio Neco e, juntos, sob uma reprovação bem humorada deste último, que se escandalizava ao ver-me encharcada, entramos em casa conversando animadamente.

Antes de me separar do menino no salão, e ambos já sozinhos (pois tio Neco seguira com Paulo direto para a cozinha, atrás de um café de caldo que Luzia acabara de coar e cujo cheiro parecia invadir toda a casa), curvei-me para ele e dei-lhe um beijinho no rosto, que de imediato se pôs rubro como um pimentão – o que fingi não perceber para não deixá-lo ainda mais vexado.

**– O menino –**

tem uma coisa que eu vi uma vez

às vezes penso nisso e fico lembrando

que eu não vi uma vez só mas mais de uma vez e eu até fiquei nem sei como fiquei nem sei bem se espantado se encabulado vi mas não deixei saberem que eu vi nem contei pra ninguém

era um dia de manhã e eu havia levantado cedo porque a Mimosa tinha dado cria foi da outra cria da Mimosa e ela estava muito braba no curral tio Neco com seu chamego pela Mimosa

achou que deveria fazer um curral só pra ela onde ela ficasse sozinha pra não se espantar tanto

o curral da Mimosa era depois das palmeiras um lugar onde tem uma quantidade de palmeiras e por lá corre um rio é um lugar bonito se bem que mais retirado anda-se um trecho grande para chegar e eu tinha ido lá aquele dia

e tinha o Brás um preto que vive aqui na fazenda dizem que desde pequeno nasceu aqui e trabalhou pro tio Neco a vida toda o Brás agora é um homem quase que velho diz que não tem certidão de nascimento mas que já fez cinqüenta anos é o que ele diz e deve ser verdade nem dentes mais ele tem a não ser uns pedaços

o Brás dos peões todos que trabalham pro tio Neco era o único que sabia lidar com a vaca por isso ficara encarregado de cuidar dela e da cria

e então eu fui lá aquele dia ver a Mimosa com a cria que tinha nascido na véspera e então de longe eu vi o Brás mais o Tito que vinham vindo da direção do curral mas eles não me viram e entraram pelas palmeiras

o Tito é um garoto tem a mesma idade que eu e é filho de dona Filomena que lava a roupa lá de casa só que ele não é preto que nem o Brás

daí eu fui andando devagarzinho pelo caminho pra não fazer barulho e espiar o que eles estavam fazendo nas palmeiras e fui andando e fui

e eu também entrei pelas palmeiras e fui indo com cuidado pra não pisar nas folhas secas e fazer barulho e quando cheguei perto vi o Tito sem roupa e o Brás também sem roupa abraçando ele por trás e então eu fiquei espiando até eles acabarem de fazer aquilo eu não sabia bem o que era aquilo mas mesmo assim não queria que eles me vissem ali por isso fui saindo devagarinho fui e fui e cheguei no curral e depois o Brás e o Tito chegaram e o Brás começou a cuidar da Mimosa tirar o leite raspar o pêlo enquanto o Tito ficava só olhando

e outras vezes eu vi os dois sempre o Brás e o Tito e quando os via juntos em algum lugar já sabia e ia atrás de longe seguindo os dois quando entravam no mato eu ia e entrava também e ia até onde estavam sempre cuidando de não fazer barulho e procurava um lugar melhor de onde espiar então via eles fazendo aquilo

que de vezes eu vi que de vezes

**– Ela –**

Era apenas um menino tímido. Uma criança.
Como podia ser diferente?

**– Ele –**

Na verdade, cheguei a pensar que a idéia de vir para cá fora boa e daria resultado quanto ao nosso quase extinto casamento. “Ela acertou” eu pensei, “quem sabe agora as coisas não dão certo entre nós?”

Sim, porque aquela noite...

Acontece que nos primeiros dias de nossa estada por aqui houve mudanças entre nós. Alguma coisa que não é fácil definir nem descrever. Teriam sido os ares do campo? Os longos passeios que fizemos por essas extensões sem fim que o tio Neco chama, no seu jeito lá caipirão, de “umas terrinhas que tenho”, dias havendo em que, na companhia do tio Neco, saía de manhã e só punho os pés em casa outra vez de noitinha? Assim conheci os vilarejos próximos, os mais distantes, as casas dos colonos, as lavouras, o gado, o alambique onde se produz uma cachaça finíssima, leve, que tio Neco deixa envelhecer vários anos antes de trazer para consumo... E também botei a mão na massa: só de bermudas, adentrei o curral para tirar leite, aprendi (mal) a laçar com os peões, ajudei na colheitas, e tudo que para mim eram novidades da vida no campo tinha gosto de divertimento, e não só: revigorou-me, desopilou-me o fígado, deu-me novas cores, uma energia que eu não julgava capaz de possuir ou recuperar.

Mas, e ela? Linda também parecia outra, já que de seu lado não estivera inerte: pois aprendeu a lidar com o fogão a lenha e a fazer alguns pratos da roça, ela, que na cidade não fritava nem mesmo um ovo, e também ajudava a cuidar das galinhas, dos patos e marrecos, dos gansos e perus pela manhã, e até se divertia às vezes na horta, garantindo-me depois que mexer com terra era uma coisa que sempre quisera fazer na vida; além do que, todos os dias à tarde ou passava algumas horas nadando no rio, ou saía passeando por aí, em longas caminhadas junto com o menino, isso quando não acompanhava a mulher de tio Neco à casa de algum colono em suas visitas de costume. Ela também desopilou-se, melhorou de aspecto, fez-se mais bonita e atraente,

e conquanto nos primeiros dias – diria mesmo que nos primeiros oito ou nove dias – nos encontrássemos quase somente à noite, e exaustos do dia cheio que tivéramos, ao nos recolhermos aí pelas nove – portanto cedo, pois na cidade nunca íamos deitar antes de meia-noite –, era com uma intimidade renovada que ficávamos lado a lado na cama, conversando banalidades até que o sono vinha chegando de mansinho...

Foi só depois dessas transformações, que observávamos um no outro até mesmo com alguma surpresa, que passamos a nos olhar com um interesse renovado. Eu me sentia atraído novamente por minha mulher? Certa noite quando a vi apenas de calcinha e sutiã, as pernas bronzeadas e grossas, os cabelos loiros – que mais loiros me pareceram – descendo até os quadris, o rosto corado, a tudo isso somando-se seu amplo e alvo sorriso; nessa noite, portanto, senti um baque por dentro. Pois foi no momento em que eu entrei em nosso quarto: Linda ajeitava o cortinado da janela e, à minha entrada, voltou-se para mim num movimento espontâneo e sorriu. Apenas sorriu.

E no momento seguinte nos enlaçávamos, caíamos na cama rasgando as roupas com a brutalidade do desespero, do furor incontido, da necessidade que súbito aflorava, de suas pernas que se abriam e me envolviam a cintura puxando-me para si, da penetração violenta que tanto produziu prazer quanto dor, do gozo há muito desconhecido de nós... E depois, quando ainda atordoados respirávamos exaustos um ao lado do outro na cama desfeita, tomados de espanto nos perguntávamos como podíamos ternos esquecido daquilo por tanto tempo!

Estávamos nos reencontrando? Que milagre fora aquele?

**– Ela –**

Ia para três semanas que estávamos na fazenda, não tínhamos previsão de quanto tempo ficaríamos, conquanto se dependesse da vontade de tio Neco não voltaríamos mais para a cidade, “você está com outra cara” ele exclamava com seu vozeirão diante de minha aparência saudável, “e o Paulo, vigia, está me saindo um olho de primeira! Já me deu idéias!” e reforçou “já me saiu com idéias! Se vocês resolvem ficar de vez por aqui eu o ponho na administração e vou levar a vida na moleza” finalizava

abrindo os braços e o riso largo. Admito que, contrário ao que seria de esperar, eu não me sentia enfastiada: ainda que viver na roça fosse o oposto de viver na cidade, toda aquela paz me fizera tão bem que por dentro me sentia enjoada só em recordar o cheiro dos processos, a convivência com clientes, rábulas e juízes, e o prédio do fórum onde freqüentemente defendia minhas causas era uma imagem incômoda, uma nódoa nas minhas lembranças.

Desde a noite em que Paulo me surpreendeu, e que parecia redescobrirmos o encanto do nosso casamento, aquele "condão" que – só ele – é capaz de manter duas pessoas juntas; desde aquela noite, portanto, eu vivia uma vida dupla, ou talvez seja mais certo dizer uma expectativa dupla, pois enquanto desejava que nosso reencontro fosse verdadeiro e me alegrava com isso, ao mesmo tempo tinha dúvidas, sentia-me insegura como se minha intuição quisesse alertar-me contra o engano em que me encontrava.

Eu voltara a amar meu marido, posso afirmar sem exagero, como nos primeiros dias de nosso casamento, e noite após noite, quando ele me tomava nos braços e me possuía com aquele mesmo ímpeto dos primeiros tempos, eu sentia renovar em mim a certeza de que estávamos no caminho certo, e depois, enquanto repousávamos, debruçava-me sobre seu peito largo e dizia baixinho junto ao seu ouvido: "Eu não disse que aqui, na fazenda, as coisas iriam mudar?"

Porém, pela manhã, quando ao acordar já não o encontrava na cama (pois o Paulo, que na cidade nunca abria os olhos antes das oito, na roça passara a levantar-se às vezes antes das seis para acompanhar o tio nos afazeres do dia), sobrevinha-me a incerteza, uma angústia surda quase me fazia chorar ante à possibilidade de estar vivendo uma ilusão, de que, transcorridos aqueles dias de descanso na fazenda, ao retomarmos nossa rotina na cidade tudo voltaria à estaca zero e nos veríamos obrigados (eu, mais que Paulo) a admitir que fracassáramos.

Era com esforço que eu desanuviava as feições para que as pessoas da casa não notassem minha aflição. Certo dia, porém (isso umas três semanas depois de termos chegado), minhas incertezas matinais decerto eram maiores, ou eu talvez estivesse cansada de fingir, o fato é que o menino percebeu.

Depois do almoço saíramos para fazer uma caminhada. Lu-

zia também havia notado minha má cara e disse naquele seu jeito reservado “vá passear com o menino, moça, espairecer. Calundu é coisa que dá e passa”.

Jaspe, como de costume, ia conosco, seguia adiante, e como já fosse um cachorro velho limitava-se a ir estada afora, às vezes farejava alguma coisa no mato, mas fosse o que fosse não lhe parecia compensar uma investida e ele seguia adiante, superior, experiente. Eu, que nesses passeios puxava assunto acerca de qualquer ninharia, estava deprimida e calada, e foi com um sentimento indefinível de angústia que a certa altura, tendo seguido por um trilho que subia uma colina, sentei-me à beira do barranco e fiquei espiando a paisagem – a planície, a campanha sem fim com suas ondulações.

Foi então que o menino disse aquilo...

**– O menino –**

ela estava triste eu sei que estava

vai ver ela estava triste por causa dele

devem ter brigado eu pensei cá comigo

mas ele não parecia triste hoje esteve comigo na cozinha e passou a mão em minha cabeça parecia bem alegre

depois o tio Neco chegou e os dois pegaram a conversar eu fiquei ali tomando café eu sou só um menino não converso com adultos quando eles estão conversando entre si fiquei só olhando para ele e para tio Neco

tio Neco é um homem quase velho já tem até cabelos brancos e a barba também quando ele não raspa começa a despontar aquela fiapada branca então tio Neco parece ainda mais velho como se tivesse mais rugas do que tem

mas ele não

ele é moço e é bonito deve ser por isso que casou com ela que ela gostou dele e casou com ele porque ela é linda até o nome já diz

com aqueles cabelos aqueles cabelos

os cabelos dela

ela é linda e só podia casar com um homem bonito também

será que algum dia eu vou casar com uma moça linda assim

eu queria casar com ela mas eu sou só um menino e ela não ia querer casar com um menino

por que uma mulher feito ela não pode casar com um menino feito eu se gostasse de mim e eu dela

podia eu sei que podia mas vai ver que ela não ia gostar de um menino feito eu porque uma mulher gosta mas é de um homem assim feito ele

porque dá mesmo mais certo um homem feito ele casar com uma mulher feito ela

ela deve gostar dele e devia estar triste por causa dele mas como ele não parecia triste quando o encontrei pela manhã eu tive aquele pensamento

só podia ser aquilo

então perguntei pra ela

ele maltratou você foi isso

é por isso que está triste

ela estava sentada à beira do barranco espiando a paisagem Jaspe havia deitado ao lado e eu estava do outro lado em pé

acho que ela se espantou com minha pergunta porque virou o rosto para mim e franziu o cenho pensei até que fosse ficar zangada pelo que eu disse mas não ela só deve ter estranhado pois logo sorriu

não é nada ela disse não liga não que não é nada mas como eu continuasse olhando para ela assim sem entender bem disse ainda Paulo não me maltratou não fique tranqüilo

mas eu não fiquei tranqüilo fiquei foi matutando se ele a maltratou deve ter sido de noite depois que foram dormir porque durante o jantar até pareciam alegres e então tive uma idéia

eu tinha de tomar cuidado para não ser descoberto mas se fosse escutar à porta do quarto deles saberia se ele a maltratava quando estavam sozinhos

**– Ela –**

Então à noite ele nos viu: o menino nos viu.

Estou certa de que fomos vistos, e era o menino, pelo vulto que percebi fugir no escuro corredor afora.

Foi naquele dia em que ele me perguntou se Paulo me maltratava. Talvez não tenha acreditado no que eu disse e quis certificar-se.

Quando Paulo chegou ao fim da tarde mal tivemos tempo

de nos falar: estava suado, beijou-me rapidamente e disse que precisava de um banho urgente pois estivera com a peonada o dia todo. Não lhe notei diferença alguma durante o jantar, e até nos recolhemos um pouco mais cedo, pois tio Neco se queixava de um princípio de gripe, "a garganta" dizia ele, "é assim que começa: uma comichão, e se eu não afundar na cama e não tomar um suadouro amanhã estou que não me agüento".

Cada qual recolheu-se ao seu quarto, as luzes foram apagadas, a casa ficou silenciosa. Paulo não agiu diferente das outras noites, desejava-me ainda e mais uma vez me tomou: eu estava ainda de pé à beira da cama quando ele tirou minha calcinha...

Como não percebemos que a porta, por acaso mal encostada, abriu sem ruídos, decerto por ação de alguma corrente de ar? (Como fizesse calor e a janela do quarto fosse bastante alta a deixáramos aberta para o ambiente permanecer fresco.)

Agora, quando ainda respirávamos ofegantes, lado a lado na cama desfeita, o que foi?, um som que de tão leve seria quase imperceptível?, uma mancha clara no escuro do corredor, para onde inadvertidamente volvi os olhos e só então percebendo que a porta do quarto estava aberta?

Sobressaltada sentei-me na cama, mas a mancha – o vulto – desaparecera sem fazer barulho, e Paulo, percebendo meu movimento brusco, sentou-se também.

– O que foi?

– A porta – e apontei na direção da porta –, estava aberta.

– E daí? A casa é tão grande, nosso quarto tão distante dos outros... Além do mais não fizemos quase barulho nenhum.

– Mas se alguém passasse no corredor...

– E o que é que alguém viria fazer por aqui a uma hora dessas?...

– E se alguém viesse, por um motivo qualquer?

– Você não viu ninguém, viu?... Eu não escutei nenhum som de passos...

Não respondi, preferi não confirmar a impressão de que havia um vulto a nos espiar do corredor, mesmo porque talvez não passasse de impressão: o que eu vira, afinal? Uma mancha menos escura entre as sombras? Isso podia ser alguém ou apenas uma ilusão de ótica? Por outro lado, eu vira mesmo alguma coisa

ou teria sido tão só o resultado do sobressalto de perceber a porta aberta?

– Não – disse por fim –, está claro que não vi ninguém, só me assustei com a possibilidade de que alguém passasse diante da porta, que esquecemos aberta, e nos visse... foi um descuido, afinal de contas.

– Bem, sim, foi um descuido – ele disse, levantando-se e fechando a porta –, mas não tem perigo, não – deitou-se outra vez –, ninguém vem nesta ala da casa a essas horas.

"Era o menino, estou certa de que era o menino."

**– O menino –**

hoje eu vi o Tito

o Tito filho da Filomena que lava a roupa aqui de casa

vi de longe quando entrava no mato e era ainda de manhãzinha o tio Neco nem tinha levantado ainda porque ontem estava com um começo de gripe

o Tito

ele estava sentado num toco no terreiro dos fundos enquanto a Filomena arrumava uma trouxa para levar para o tanque quando o Brás passou na direção da mina o Brás mora do outro lado da estrada mas de manhã cedinho costuma ir buscar água na mina

êh Brás ele disse quando viu o preto e o Brás fez um gesto 'dia Tito 'dia sá Filomena 'dia seu Brás ô mãe eu vou com o Brás na mina dágua pois vai Tito ajude o Brás com o balde dágua ajudo mãe

eu só vendo da janela da cozinha tia Luzia fritava bolinho os bolinhos estralando na banha quente eu na janela vi o Tito se levantar e correr na direção da mina pra aonde o Brás também estava indo e depois os dois sumiram na curva

então saí

a Filomena botava a trouxa de roupa na cabeça

bom dia dona Filomena bom dia sinhozinho Luís o Tito dona Filomena ah o Tito foi mais o Brás na mina ah e a Filomena se foi com a trouxa e eu fiquei por ali esperando até que não esperei mais e fui também na direção da mina já sabia o que estava acontecendo mas eu queria ver de novo e então eu fui bem quie-

tinho e de longe avistei a mina e o balde embaixo da biquinha mas nem o Tito nem o Brás estavam lá

na baixa eu pensei pois da mina descia-se até um brejo de tiririca alta onde havia um trilho pelo meio da tiririca amassada e depois chegava-se a um terreno plano e mais na frente era a baixa uma grota funda e escondida mas se eu fosse pelo trilho eles podiam já estar vindo e me ver então eu fui por outro caminho um caminho mais longo que contornava o terreno plano entrava no mato e ia dar na direção da baixa mas por cima de modo que se podia ver tudo de lá então corri e entrei no mato e me meti por debaixo da capoeira e cheguei na beira do barranco donde se avistava a baixa

eu estava certo

eles nem desconfiavam que alguém pudesse aparecer àquela hora por isso nem procuraram uma moita a própria mata já era uma moita grande demais e tão cedinho assim quem estaria ali só alguém que fosse tirar lenha mas se alguém tirasse lenha escutariam o barulho do machado e não havia machado algum batendo

por isso eles se sentiam seguros

e estavam os dois feito as outras vezes fazendo aquilo e eu fiquei espiando eles demoraram um tempão o Brás dava uns arrancos e o Tito ficava quieto mas deixava ia deixando ia deixando até que o Brás acabava

fica mais um pouco o Tito disse

não o Brás respondeu se a gente demorar demais alguém pode desconfiar

então você vem buscar água amanhã de novo o Tito falou

venho disse o Brás amanhã de manhãzinha eu venho

então eu venho com você e daí o Tito botou o calção e o Brás sungou as calças foi sungando devagar abotoou na frente afivelou o cinto enquanto o Tito ficou sentado espiando

então eu fui saindo dali com cuidado pra não fazer barulho

aquilo do Tito e do Brás já tinha virado costume

**– Ele –**

Não podia negar que a proposta de tio Neco fosse tentadora. Eu já estava mesmo enfastiado da vida na cidade, só que não

havia me dado conta ainda. Embora tivesse meus negócios encaminhados no escritório, poderia deixar tudo com alguém de confiança e instalar-me aqui, indo lá de tempos em tempos só para ver como as coisas estavam.

Perguntava-me contudo se Linda estaria disposta a ficar. Seria uma pena se ela não quisesse, pois afinal começáramos a nos entender de novo, e com isso teria de pesar bem os prós e os contras de acompanhá-la de volta à cidade. O que nos reaproximara foi isto aqui, o lugar, a mudança de ares, as novidades... estava quase certo de que se nos víssemos outra vez a enfrentar o trânsito de todos os dias, eu no escritório e ela com seus processos no fórum, comendo um hambúrguer venenoso na hora do almoço porque se tem pressa e o relógio não perdoa, indo daqui pr'ali mecanicamente porque já se sabe o que se tem de fazer, feito robôs, e sempre com pressa porque de novo o relógio não perdoa... ah, com pouco tempo estaríamos na mesma de antes, e então é certo que já não haveria remédio para nós.

Teria de convencê-la a ficar, mas talvez não fosse uma tarefa difícil, além do que não precisaria ser definitivo. Por alguns anos, depois poderíamos mudar outra vez, fazer umas viagens, conhecer quem sabe a Europa... enfim, novas perspectivas, sim, novas perspectivas é o que ambos teríamos pela frente...

Já ia para quase dois meses que estávamos aqui e era preciso decidir. Mas de súbito a decisão por si só se impôs.

**– Ela –**

E então aconteceu... mas será que eu poderia esperar por aquilo?

Foi tão súbito que me deixou atordoada, tão espontâneo que não fiz sequer um gesto de recusa, e conquanto devesse permanecer em segredo não conseguia ver no que fiz algo de que me devesse envergonhar... Bem entendido: algo de que me devesse envergonhar perante mim mesma... e perante ele... mas quanto aos outros...

Os outros não entenderiam...

**– O menino –**

ela tinha ido sozinha

eu fora a cavalo na venda comprar umas coisas pra tia Luzia e na volta soube que ela tinha ido sozinha

eu vou lá também eu disse e tia Luzia pois vai o sol está quente a água há de estar boa

tirei a camisa e deixei-a no varal o sol queimou minha pele o sol tão quente queimaria minha pele se eu já não estivesse acostumado

e quando cheguei no rio ela estava nadando e sem me ver veio vindo para a margem e ficou de pé na parte mais rasa onde a água lhe dava pelos joelhos

e ela havia tirado a blusa e seus peitos estavam de fora e eu fiquei assombrado de ver

então ela me viu mas não ficou com vergonha fez sorrindo um gesto para que eu me aproximasse e eu me aproximei mas eu estava trêmulo e assustado e nem sei como não saí correndo de volta para casa como consegui entrar na água e chegar perto dela

ei não precisa ter medo ela disse em algumas praias lá na cidade é natural tomarmos banho sem a peça de cima do biquíni

é eu disse ainda meio assombrado

é que aqui não é comum e se alguém visse ela disse bem se alguém visse não iria entender mas não vem ninguém agora não é

não eu disse está todo mundo na lida

então não sei como foi que eu levantei a mão e toquei os peitos dela

senti aquilo macio e duro ao mesmo tempo

e ela em vez de afastar minha mão e brigar comigo pelo meu atrevimento não ela pegou minha mão e comprimiu-a de encontro aos seus peitos e eu sentindo aquilo ao mesmo tempo macio e sedoso mas duro os peitos dela eram duros firmes e os biquinhos empinadinhos

eu já tinha visto peito de mulher por aqui mas só dando de mamar uns peitos feios molengos inchados caídos

os dela quanta diferença

e então o que ela fez depois o que foi que ela fez que eu nem sabia direito o que era porque ela me abraçou e me levou para um recanto mais ermo do rio e abaixou meu calção e eu estava com meu negócio durinho e ela afastou um pouco o biquíni e me puxou para junto de si e eu senti meu negócio encostar ali e en-

trar e ela me beijou na boca e eu não me tinha mais em mim mesmo aquele calor úmido em meu negócio que ela fazia entrar e sair e depois eu comecei a voar a voar e foi um vôo tão longo que eu pensei que não voltaria mais e por fim quando acabou vi que não havíamos saído do lugar

ela ainda me abraçou com muito carinho acariciou-me o corpo e eu me deixava ficar aninhado em seus braços

você gostou ela disse gostei eu respondi com a voz rouca e sumida você não vai contar pra ninguém não é ela disse não eu respondi você quer de novo ela disse ainda quero eu respondi então amanhã voltaremos aqui

**– Ela –**

E agora ele dormia tranqüilo, exausto não apenas do dia no campo junto do tio e dos peões, mas principalmente por aqueles poucos mas intensos momentos entre os lençóis, momentos de que participei sem qualquer senão de consciência, mas passados os quais, enquanto ele caía no sono eu permanecia acordada, com um começo de dor de cabeça e uma insônia que se prolongaria madrugada adentro.

Ele era o homem a quem eu me submetia, aquele que me possuía com a doce brutalidade de homem, que me segurava entre seus braços com vigor e abria minhas pernas como quem invade uma fortaleza, que me deitava de bruços e me sacudia de quase afundar o colchão, horas selvagens e plenas de delícia aquelas que eu procurava retribuir – por que não dizer revidar – na medida de minhas forças...

O outro era o menino – aquele que se submetia a mim.

Mas de uma outra forma. Eu não o dominava pela força, mas pela meiguice; não pelo arroubo ou frenesi mas pela ternura, pela delicadeza quando o tomava nos braços como a um filho e o acariciava como quem acaricia um cachorrinho; segurava seu rostinho miúdo e moreno entre as mãos e beijava-lhe a boca apenas pousando meus lábios sobre os dele e passando a língua entre seus dentes; corria os dedos por seu corpo de menino e com a mão dentro do *short* procurava por seu pequenino pau durinho, durinho; trazia com jeito seu corpo contra o meu e o conduzia para dentro de mim enquanto o escutava arfar como o canto de

um passarinho e deixava-o repousar depois no meu colo, os membros lassos, a respiração ofegante, os olhos fechados e um quase sorriso florindo seus lábios. Apesar de tão pequeno, sentilo em mim era-me tão prazeroso quanto a virilidade brutal de um homem, mas de outra forma, e por isso até mais prazeroso, pois naqueles momentos o que eu experimentava só poderia ser compreendido por quem compreende a suavidade de uma pétala sobre a pele, um murmúrio de brisa na folhagem, o sabor do leite cru e morno sobre a língua...

Quantas vezes o tive em meus braços! Como, aos poucos, eu o ia dominando com minha experiência de mulher, e ele a mim com sua inexperiência de menino! Às vezes até nos descuidávamos, deixando de tomar as precauções necessárias para evitar uma surpresa de conseqüências desastrosas como, por exemplo, sermos surpreendidos por alguém: primeiro foi no rio, num recanto da margem onde podíamos nos sentir seguros, tanto porque na hora em que íamos para lá o pessoal da fazenda estava na lida, quanto porque o ponto que havíamos escolhido não era visível do caminho que conduzia até ao rio, e se alguém se aproximasse seria visto primeiro por nós, o que nos daria tempo de nos recompor; mas depois já não éramos tão cuidadosos na escolha do lugar de nossos encontros, e só quando nos recompúnhamos eu me dava conta do risco que corrêramos e o dizia a ele, que em sua inconseqüente inocência dava de ombros. Um dia foi dentro de casa, em meu quarto. Acabáramos de almoçar há meia hora se tanto, e enquanto Paulo e o tio saíam a cavalo e a Luzia ficava na cozinha dando os últimos toques na arrumação eu fora até o quarto a um pretexto qualquer que já não lembro, e pouco depois ele apareceu na porta – sempre com aquele jeitinho de garoto tímido.

Eu estava sentada diante da penteadeira e arrumava algumas miudezas nas gavetas quando o vi, “vem cá” chamei-o para perto de mim. Continuei sentada, demorei-me a fitá-lo nos olhos enquanto lhe acariciava no rosto, e em seguida, gesto inexplicável!, apanhei um batom sobre a penteadeira e comecei a tingir-lhe os lábios de vermelho, cuidadosamente para não borrar e procurando destacar-lhe bem os contornos da boca. Então, ainda sentada, abaixei seu *short* apenas o suficiente e puxei-o para entre minhas pernas, aninhando-o em mim... Não sei, talvez não

seja exagero dizer que eu não conhecia o prazer até então, ou que nunca havia gozado como naqueles breves instantes, algo tão intenso que tive de fazer um esforço extraordinário e até morder as mão para não gritar, meus olhos se encheram de lágrimas que me encharcaram o rosto enquanto ele piava feito um pintinho quase imóvel entre os meus braços.

Mas então sobreveio o susto, o medo de sermos surpreendidos, e nos recompomos rapidamente, eu tratando sem demora de não deixar nenhum vestígio de batom em seus lábios e de lágrimas em meus olhos.

**– O menino –**

e aconteceu o que ia acabar acontecendo do jeito que a coisa ia tinha de acabar desse jeito

uma hora o povo ia descobrir tudo

foi um escândalo

tio Neco ficou fulo quando vieram lhe contar quem foi que viu ele perguntou tia Luzia estava até branca de susto porque tio Neco é um homem muito bonzinho e sossegado falar alto rir alto é lá o jeito dele todo mundo já está acostumado mas quando ele fica bravo não é sempre nem é por qualquer coisa que ele fica bravo poucas vezes vi o tio Neco bravo mas quando ele fica bravo começa por avermelhar a cara os olhos se arregalam e as veias do pescoço parecem até que vão estourar

daí ele esbraveja ninguém fica perto quando o tio Neco esbraveja

tio Neco fica de dar medo

então todo mundo já sabia da pouca-vergonha e ele era o último berrou na direção de tia Luzia que se encolheu no canto do fogão

mas a Filomena que estava por ali acudiu não seu Neco não o senhor'stá sabendo quase que primeiro que o resto da gente foi o Totônio quem pegou os dois lá na sem-vergonhice e veio me contar e eu vim falar pra dona Luzia seu Neco é que o Totônio também relatou aí por fora

pois então me mande vir os dois aqui já e já de novo ele berrou e agora na direção da Filomena que não sabia se secava as lágrimas ou se saía para atender a seu mando

eu só ali espiando vendo no que ia dar

mas também o Tito e o Brás não tomavam mais nenhum cuidado

que de vezes eu vi os dois uma hora mais alguém ia ver alguém que não ia ficar quieto que nem eu fiquei

daí que quem viu foi o Totônio que é muito religioso e sempre anda de Bíblia embaixo do braço todo domingo vai na igreja paletó e gravata faz pregação e tudo crente que nem o Totônio não ia deixar passar em branco daí que ele foi falar com a Filomena que toda chorosa foi relatar o caso pra tia Luzia

agora todos sabiam

zunzum

falatório o povo todo comentando que vergonha

o Brás tinha sumido decerto com medo de tio Neco o Tito havia se escondido debaixo da cama foi a Filomena mãe dele que o tirou de lá a poder de vara de marmelo até tio Neco interceder e não deixar que ela batesse mais é uma criança dizia tio Neco penalizado safado é o Brás negro sem compostura ah se ele aparece por aqui quebro-lhe um ipê no lombo

mas o Brás tinha rapado fora

na hora do almoço ninguém falava em voz mais alta todo mundo sem graça ela ele tia Luzia tio Neco

o senhor não deve se alterar assim seu Neco ela disse dando uma espiada na minha direção pode não fazer bem

ah minha filha minha filha e como é que uma coisa dessa pode fazer bem

tio Neco e foi a vez dele falar essas coisas acontecem sim claro não deixa de ser desagradável mas

enfim

enfim o almoço acabou e tio Neco foi tirar uma pestana

procuraram pelo Brás o dia todo tio Neco esperou que ele aparecesse até de noite queria passar-lhe uma descompostura bater no preto não batia não tio Neco não é ruim duvido que batesse mas uma descompostura e na presença de todo mundo ah lá disso o nêgo não escapava

mas o nêgo cadê o nêgo

cadê ele

cadê

**– Ela –**

Eu sabia que não ia durar, pelo menos devia saber. Uma coisa assim não tem futuro, por mais que se queira, e eu queria, oh, como eu queria!

Uma coisa assim não dura, não pode durar. Mas tampouco podia imaginar que o fim fosse aquele, pois pior que perdermos aquilo que mais queremos na vida é o modo como o perdemos.

Às vezes é quase como perdermos a própria vida.

**– Ele –**

Alguns de nossos atos terão explicação?

Como podemos fazer uma coisa que nunca antes nos ocorreu, e fazê-lo quase sem refletir, fazê-lo como se fosse um hábito, ou mesmo que não um hábito mas algo que já existisse ali, nas nossas intenções?

Aconteceu dois ou três dias depois do escândalo.

Tio Neco, que desde alguns dias antes vinha sentindo aproximar-se uma gripe, finalmente caíra de cama com uma febre que o fazia bater os dentes de frio embaixo do cobertor, apesar do verão ensolarado. Linda saíra com tia Luzia e o menino logo depois do almoço, iam à casa de alguém e só voltariam à tardinha; a moça da arrumação perguntou-me se eu precisava de alguma coisa, esteve com tio Neco para saber dele algum mandado e como não fosse mais necessária fora embora.

Como não tivesse nada para fazer resolvi recostar-me um pouco no quarto para ler o jornal que o tio Neco assinava e chegara naquela manhã. Entretive-me com as novidades da política durante um bom tempo. Na casa fazia uma quietude vez ou outra quebrada apenas pela tosse distante do enfermo, ou por esses ruídos campestres que antes de quebrar o silêncio a ele se integram, dele passam a fazer parte de tal forma que se tornam um outro aspecto do próprio silêncio.

A certa altura, ao virar uma folha do jornal, olhei na direção da porta e vi o menino de pé ali, não que hesitasse entre entrar e recuar, apenas permanecia de pé ali como se estar ali fosse algo que sempre tivesse feito na vida.

– Já voltaram? – perguntei no entanto sem estranhar sua presença.

– Elas foram – ele disse –, mas eu não queria ir... preferi voltar.

– Ah – eu disse com indiferença, continuando a folhear o jornal e a deter-me nos títulos mais interessantes. – Se quiser entrar, fique à vontade.

Então o menino se moveu, entrou, não lhe prestei atenção. Creio que andou daqui pr'ali, olhou em volta, depois foi sentar-se defronte à penteadeira. Escutei-o mexendo nas quinquilharias de Linda mas não me importei, posso mesmo garantir que por algum tempo, entretido com uma notícia a que o jornal dava grande destaque, esqueci-me de sua presença.

Sobressaltei-me quando o vi de pé à minha frente.

Olhei-o: tinha os lábios pintados de vermelho, borrara toda a boca com o batom cereja de Linda. Encarando-me, disse:

– Faz comigo... o que o Brás fazia com o Tito.

**– Ela –**

Tio Neco esteve de cama por quase três semanas. A gripe, acompanhada de uma febre alta, quando dava mostras de uma ligeira melhora, trazia uma recaída; complicou-se com uma pneumonia dupla que quase deu com ele na cova – tanto que o médico de uma cidadezinha próxima acudindo ao chamado decretou uma dieta severa e uma série de remédios e injeções para combater o mal, que de tal forma combaliu o pobre homem que, o rosto emagrecido, os olhos fundos e a barba por fazer, não só adquiriu as feições de um cadáver como mal tinha forças para levar uma colher de sopa à boca.

Eu e Luzia nos revezávamos à sua cabeceira para que nada lhe faltasse. "É sempre assim" Luzia explicava sem contudo esconder sua aflição, "é difícil o Neco pegar uma gripe, mas quando pega é pra ficar arriado".

Estando o tio impossibilitado de sair, Paulo também permaneceu em casa. Houve em nossas noites um certo arrefecimento que me pareceu natural em face da situação de doença em casa – conquanto a fase perigosa do mal já houvesse passado e o doente respondesse bem ao tratamento, recuperando-se, embora muito lentamente. Como eu estivesse sempre ajudando Luzia a cuidar dele, naqueles longos dias também não tive oportunidade,

a não ser em duas ou três ocasiões, de estar com o menino. Eu podia estranhar que agora ele e Paulo saíssem todas as tardes? Caberia alguma suspeita acerca desses passeios, se nessas poucas ocasiões em que nos encontrávamos (e devido ao escândalo acontecido há pouco eu agora tomava o máximo cuidado nesses encontros), o menino continuava o mesmo para mim?

Certa tarde eu e Luzia saíramos em busca de umas ervas para fazer chá, avisando em casa que talvez nos demorássemos um pouco, mas acabamos voltando mais cedo do que supúnhamos. Deixei Luzia na cozinha preparando uma infusão enquanto fui ao quarto trocar-me.

O que me fez tirar as sandálias? Pois caminhando descalça no assoalho de madeira eu não fazia qualquer ruído, não podendo anunciar minha aproximação. Mas não, eu não tirara as sandálias por precaução, por ter qualquer desconfiança: foi apenas uma infeliz coincidência.

E quando eu cheguei à porta do quarto, apenas entreaberta, e já do corredor ouvindo um som que me confundiu e que não pude – não quis, resisti a – compreender de imediato (longe, do outro lado da casa, o tio Neco tossia vez em quando); e olhei para dentro, vi... vi o que não esperava ver, o que não queria ter visto, o que preferia ter continuado a ignorar: o menino e Paulo, ambos nus na cama. Enquanto Paulo o cavalgava com a violência de um peão enfurecido a domar um potro selvagem, o menino, sacudido pelos arrancos do outro, fechava os olhos e sorria – do mesmo jeito que fechava os olhos e sorria quando estava comigo.

**– Ele –**

Ela soube.

Deve ter-nos surpreendido hoje à tarde. Como fui descuidar-me assim?

Viu-nos e não quis dar a perceber, partiu de forma tão intempestiva que ninguém entendeu. O bilhete, “Paulo, você sabe por que eu fui embora”, escrito às pressas como se nota pelo traçado da letra, deixou-o sem assinatura em cima da mesa da sala, saiu sem que ninguém a visse. Deve ter conseguido uma carona no caminho, do contrário eu já a teria alcançado.

Perguntaram-me por que ela teria partido, “no bilhete ela

diz que você sabe, Paulo" o tio Neco ainda um tanto abatido soerguendo-se no leito; mas eu: "Não tio, não sei..." e procurei safar-me numa mentira: "Bem, ontem à noite tivemos uma discussão... mas pensei que hoje estava tudo bem".

Agora estou indo atrás dela, mas não sei o que lhe dizer quando a encontrar – se a encontrar, conheço-a bem, deve chegar em casa, jogar as roupas na mala e sumir por uns tempos. Mas eu, eu... Como poderei olhá-la nos olhos e dizer: "Apaixonei-me por um menino de doze anos"? É quase impossível que me compreenda e perdoe... se eu mesmo não me compreendo.

Será que voltarei algum dia? É provável que não ponha mais os pés na fazenda... e estou partindo num lampejo de lucidez... não é só para procurar Linda, mas para afastar-me do menino: a verdade é que aquilo não podia continuar; acabaríamos descobertos, nossa sorte foi sermos surpreendidos por Linda e não por um outro qualquer. Mas ainda que isso não acontecesse... que outro fim teria? Talvez tenha sido melhor assim... não, não volto aqui tão cedo... talvez não volte mais...

Acabou, acabou.

**– O menino –**

eles foram embora e eu fiquei só

ela foi primeiro de repente sem que ninguém esperasse esteve fora toda a tarde quando já anoitecia perguntávamos por ela e tia Luzia só sabia dizer que haviam chegado juntas em casa

só então ele descobri em cima da mesa da sala um pedacinho de papel um bilhete meio escondido embaixo de um jarro ela dizendo que ele sabia por que ela estava indo embora

daí eu pensei que ela deve ter visto a gente e foi porque ficou com raiva e o tio Neco quis saber mas ele disse que haviam brigado na noite anterior só se foi isso tio Neco ele disse mas eu pensei que hoje já estivesse tudo bem mas era mentira dele disse aquilo apenas por dizer só pra dar uma resposta

vai procurá-la disse tio Neco e ele fez que sim com a cabeça

mas de que jeito ela foi se o carro ficou na garagem isso foi ele quem comentou enquanto punha suas coisas na mala tia Luzia acha que ela deve ter pegado uma carona na estrada e deve mesmo e já deve estar é longe a essa hora

estou triste porque eles foram embora e decerto não voltam eles que me trouxeram uma coisa que eu não conhecia

quando ele ligava o carro na garagem eu corri queria despedir-me queria mesmo era que me levasse com ele e entrei no carro pedindo que me levasse mas ele disse que não podia

eu tinha lágrimas nos olhos quando pedi que ele me levasse e ele respondeu que não podia

você vai embora e não volta mais eu disse e ele não sei talvez não volte mesmo e ficou quieto por algum tempo acelerando devagarinho o carro em ponto morto depois do que aconteceu não poderia voltar tão cedo eu vou ficar sozinho disse mas ele não não vai tem o tio Neco a tia Luzia não é deles que eu estou falando e ele ficou de cabeça baixa por um tempo eu sei disse não é deles

mas eu tinha pintado minha boca de novo com o batom então ele me puxou para si e me beijou a boca beijou muito beijou meu rosto meu pescoço e de novo minha boca

depois eu saí da cabine limpando o rosto por causa das marcas de batom e das lágrimas que teimavam em continuar rolando e ele engrenou o carro acelerou foi saindo devagarinho e agora o carro já ganhava velocidade

os faróis acesos na noite uma poeira quase invisível no escuro

lá se foi e eu fiquei do terreiro vigiando até sumir na estrada ao longe

estou sozinho agora

sozinho

mas fiquei com essa coisa que eles me trouxeram e eu não conhecia

essa coisa que me fazia ter asas

porque eles

sim

eles me ensinaram a voar

# Colecionador de brinquedos

*Pai Francisco entrou na roda*
*Tocando seu violão, pa-ra-lã-pã-pã.*
*Vem de lá seu delegado,*
*E pai Francisco foi pra prisão.*
*(*Cantiga de roda*)*

Então aí está você.

Não sei como você entrou, ou melhor, como descobriu este meu esconderijo; entrar só pode ter sido por eu ter deixado a porta aberta, é um hábito meu deixar a porta aberta, e, diga-se de passagem, um mau hábito, pois permite que gente bisbilhoteira venha imiscuir-se em meus assuntos, os quais não são da conta de ninguém. Por essa razão moro neste bairro, um bairro afastado de uma pequena e provinciana cidade; aliás, a maior parte de minha vida preferi cidadezinhas de roça, com seus recantos de ruas sossegadas e quase sem vizinhos, pois privacidade é algo que prezo e de que necessito.

No entanto, você conseguiu descobrir-me – não sei como, mas não importa, pois você já está aí, e é certo que não me livro tão cedo de sua presença... Eu disse que meus assuntos não são da conta de ninguém, mas no seu caso, você é escritor, não?, pois bem, no seu caso meus assuntos até podem ser de interesse; escritores costumam ser bisbilhoteiros por força de sua profissão: estão sempre espiando o mundo, quando não a vida alheia, em busca de inspiração para suas historietas... desculpe-me referir-me ao seu trabalho de forma tão pouco lisonjeira, "historietas é o rabo da mãe" diria você, se fosse um sujeito irritadiço e não vislumbrasse por aqui alguma coisa de útil, pois afinal ei-lo aí passeando os olhos em redor de si e pensando "esse sujeito é singular, tem em sua casa coisas bastante curiosas".

Sim, são coisinhas curiosas, principalmente tratando-se da casa de um homem de meia-idade, solteiro, sem filhos, e quase posso ler em seu pensamento "aí tem dente de coelho" (se é que você não prefere uma expressão menos batida).

O fato é que eu deixei a porta aberta, ou melhor, só encostada como de hábito, e o vento deve tê-la aberto – aliás, não seria a primeira vez, houve uma ocasião mesmo em que um gato de rua entrou e fez cocô no tapete; em vez de enxotá-lo passei a cuidar dele, dou-lhe um pires de leite e uma ração diária, e ele em agradecimento caça os ratos; quando não está caçando ratos, deita-se ali no sofá (veja, está ali agora mesmo, ronronando) e fica bem quietinho, não interfere nos meus negócios, e vez por outra vem espreguiçar-se roçando por minhas pernas sem nenhum preconceito –; mas, como eu dizia, o vento deve ter aberto a porta e você, que ia passando – conquanto eu ainda não atine com o que estaria fazendo numa ruazinha deserta, quase um beco, como esta –, lançou uma espiada indiscreta para dentro e resolveu entrar.

Eu poderia enxotá-lo, pois afinal estou em minha casa, cheguei mesmo a pensar em pedir-lhe que saísse, mas depois me lembrei do gato: "Não é meu costume mandar embora os visitantes, mormente porque esse daí não fez nenhum cocô no meu tapete e pode até vir a ser útil" – sim, pois o reconheci, você é bem mais popular do que imagina, e sua utilidade para mim seria contar uma história, uma singular história num de seus próximos livros –; assim resolvi deixá-lo ficar e espionar.

Esteja à vontade.

Como já olhou aqui pela sala, pode dar uma espiada no quarto; não repare, a casa é pequena e só tem um quarto, mas pode entrar no banheiro também (se usar o vaso não deixe cair papel, pois uma vez entupiu e foi uma dificuldade para desentupir, tive mesmo de quebrar o piso, e nesses tempos de vacas magras além da amolação que uma coisa assim causa, há que se levar em conta os gastos – mas não os gatos, pois como eu disse só tenho um. Hê-hê-hê, desculpe o mau trocadilho...). Mas aproveite e veja a copa, vá até a cozinha, pois ali também há o que ver, de resto sempre o mesmo em todos os cômodos: brinquedos e brinquedos – bonecas, carrinhos, trenzinhos etc., dezenas deles, em conta redonda oitenta e nove brinquedos –, o que só se explica

(tratando-se, como já disse, de um celibatário sem filhos) com o fato de eu ser um... colecionador de brinquedos?...

Será?...

...Ou será que pode haver uma outra explicação?

Não, não disfarce, pois a primeira não o convenceu e tampouco lhe agradou, pois que graça pode haver num colecionador de brinquedos?, e você já se desiludia, "ora, estou perdendo meu tempo na casa desse sujeito"; só não foi embora logo por eu ter deixado no ar a possibilidade de haver uma outra explicação, mais interessante, talvez pouco recomendável, e até por isso mesmo...

Ora, meu caro, sente-se aí no sofá, o gato está dormindo e é manso, não se preocupe se ele for aninhar-se no seu colo: é um bichano bondoso que simpatiza com todo mundo. Sente-se aí, pois se o que você procura é uma história, eu vou lhe dar uma.

Primeiro são necessárias algumas considerações sobre essa mania de colecionar coisas. Pois a verdade é que há quem colecione de tudo, desde latinhas de cerveja a selos, passando por coleções de automóveis e de quadros, entre milhares de outras. Eu até compreendo que alguém colecione automóveis, que além de úteis são caros, e os mais antigos acabam se tornando verdadeiras raridades, que passam a valer mais por serem raridades do que por serem automóveis. Mas colecionar latinhas de cerveja ou selos, francamente... latinhas de cerveja sabemos que não valem muita coisa, e pedacinhos de papel valem menos ainda, no entanto uma coleção de selos pode valer milhões, o que para mim é incompreensível. Quanto a brinquedos, bem, há quem colecione bonecas. Nada contra, embora eu não saiba que graça há em bonecas (desculpe-me se pareço um chato que não vê graça em nada, mas é que o ser humano é bastante estranho com suas inexplicáveis manias), e como qualquer outra coleção tem um elemento comum a todas as peças: são bonecas, assim como são automóveis as coleções de automóveis, e são selos as coleções de certos pedacinhos especiais de papel, e assim por diante.

No entanto, olhando todos esses brinquedos alguém dirá que não se trata de fato de uma coleção, pois não há unidade alguma nela: ali na estante, onde deveria haver apenas livros, ou pelo menos mais livros que qualquer outra coisa, o que se vê? Bonecas – algumas muito simples –, um trenzinho de ferro, car-

rinhos de plástico – alguns de metal – sem valor nenhum, um joguinho eletrônico tipo *Genius*, bonecos de super-heróis, uma caixa de Lego, um revolverzinho de espoleta, uma espingardinha pendurada na parede. Tem mais no quarto, no banheiro, numa prateleira na copa, em cima do armário da cozinha, enfim, por toda a casa poderão ser encontrados mais brinquedos, simples, sem nada de especial nem valor monetário nenhum, muito menos algo em comum que possa conferir unidade a tão esdrúxula coleção.

Não, isso não é uma coleção, diria você, tudo isso não passa de uma bobagem. Mas eu disse "diria você", sim, "diria", porque você na verdade não diz que isso não é uma coleção, que tudo isso é uma bobagem, e não o diz porque você fareja: um escritor também tem algo de cão, um faro para o inusitado, e é por causa desse faro que você está aí, sentado depois de espionar por todos os cantos, esperando.

No entanto eu lhe digo: isto que você viu – todos esses brinquedos sem nenhum valor – talvez seja mesmo uma... coleção.

Direi mais, uma coleção extremamente rara pois cada uma de suas peças é algo que não tem preço e uma vez que se perca, não se recupera. Direi tudo de uma só vez: trata-se não de uma coleção de brinquedos, mas de inocências perdidas.

Vejo que sua expressão se aguça e, ao mesmo tempo, se torna sombria. Curiosidade e horror, é bem isso que se desenha em seu rosto pois você quase começa a perceber. E enquanto você franze o cenho e crispa a face na expectativa do que tenho para lhe contar, eu aproveito para acender um cigarro, pois tenho o hábito do fumo – não que eu seja um fumante de fato, não, não sou, fico às vezes dias seguidos sem botar uma porcaria dessas na boca, mas vez por outra sinto vontade de dar uma tragada, então acendo um cigarro, e muito raramente mais de um no mesmo dia.

Hoje, por exemplo: este é o primeiro e já são, vejamos, quatro da tarde. Ontem não fumei, e anteontem parece-me que só um pela metade. Provo com isso que não sou um fumante de fato, apenas tenho mais ou menos um hábito, mais ou menos porque nem chega a ser de fato um hábito. A fumaça o incomoda?... Se incomodar, eu apago... Não? Então fiquemos por aqui com

esse assunto: não pretendo lhe falar – nem lhe interessa saber – sobre cigarros e se eu sou ou não um fumante. Sua curiosidade – que não se desfez, apesar dessas voltas que dei – é sobre essa minha estranha coleção.

Mas antes de esclarecer o assunto é preciso que diga: eu sou um esteta, não um... degenerado, ou um criminoso. Não senhor! Essas duas palavras são de todo equivocadas se aplicadas ao meu caso, além do que se trata de palavras feias, pode-se dizer ofensivas.

Eu sou um esteta, e para justificar minha afirmação eis como o Aurélio define tal verbete:

> *[Do gr. aisthetés, 'aquele que sente'.]*
> *S. 2 g.*
> *1. Pessoa que adota uma atitude exclusiva e requintada com relação à arte e à vida, colocando os valores estéticos acima de todos os outros.*
> *2. Pessoa versada em estética.*

Veja que eu decorei textualmente o significado do verbete para não ser preciso recorrer ao dicionário numa circunstância como a presente. Pois é verdade que eu ponho os valores estéticos acima de todos os outros, sem, é claro, generalizar: tais valores se restringem para mim a um certo objeto, assim como se restringem por exemplo a obras de arte para aqueles que colecionam ou admiram obras de arte. Além do mais não posso negar que seja uma pessoa versada em estética – e julgo não ser necessário referir aqui este outro verbete, que também conheço de cor. Menos ainda há que citar minhas leituras de filosofia e história da arte. Ora, o objeto de meu interesse não deixa de ser resultado de uma criação artística, conquanto nesse caso o artista seja a natureza, e posso mesmo dizer que através de fundas lucubrações tenho desenvolvido não propriamente uma teoria, pois tal palavra não se aplica ao caso, mas – procurando ser simples e direto – algumas idéias que resultaram num breve manuscrito acerca dessa forma especial e singular de beleza, bem como das emoções e sentimentos que é capaz de suscitar.

Refiro-me à beleza do corpo infantil.

Foi no começo de minha juventude – e olhe que hoje ando

pelos cinqüenta – que tive a atenção despertada para essa forma de beleza, já não me lembro em que circunstância. Pode ser que nem tenha havido uma circunstância em particular, mas todo um conjunto de elementos menores que, acumulando-se em meus sentidos e no meu subconsciente foram, pouco a pouco, chamando minha atenção para ela. Devo antecipar que a mim nunca interessaram crianças muito pequenas, mas meninos e meninas em geral entre os dez e os doze anos, e, mais raramente, com nove ou treze. O fato é que, a certa altura, eu me tornara capaz de parar na rua e esquecer-me na contemplação dessa ou daquela criança, acompanhá-la até desaparecer, atento a todos detalhes que pudesse colher dessa investigação distante. Observava o formato do corpo, o volume e as curvas das pernas e das nádegas (crianças obesas ou esqueléticas não me agradavam nem um pouco, mas tão só as bem proporcionadas), o contorno suave do rosto e do pescoço, a textura aveludada da pele, os cabelos, a expressividade dos olhos, a delicadeza dos lábios, formas que depois, quando sozinho em meu recanto, eu procurava reconstituir e esmiuçar de memória, como quem faz esculturas de névoa.

Assim procedi um sem número de vezes até dar-me conta de ter-se tornado imperiosa a necessidade de aproximação, pois olhar sempre de longe já deixava de ser satisfatório. Ainda hesitei algum tempo antes de tomar tal iniciativa, mas se hesitei não foi por alguma noção tacanha de escrúpulo burguês e sim por não saber bem como deveria agir. Por exemplo, o que eu diria? Qual seria a reação do infante a quem eu me dirigisse? O que viria depois de travarmos relações superficiais? Eu não tinha uma resposta para tais perguntas.

O que aconteceu, aconteceu de forma imprevista e natural, tanto que depois eu me pegava vez por outra a refletir – até com surpresa – sobre como se deu o caso, pois não fora necessário nenhum plano, nenhuma estratégia, e o sucesso foi absoluto. Está vendo aquele aviãozinho em cima da mesinha ao lado do abajur? É a história dele, para começar, que lhe vou referir agora.

Deu-se num domingo à tarde, trinta anos atrás. Eu seguia pela rua da feira, no subúrbio onde morava então, e súbito resolvi, sem mais nem menos, atravessar uma pracinha que havia próximo dali. Alguns meninos corriam atrás de uma bola nessa pracinha e eu me detive a admirá-los de longe, quando um deles, um

garoto moreno de uns doze anos, correu até perto de mim para apanhar a bola que rolara em minha direção. Por um breve momento nossos olhares se cruzaram, mas o menino moreno logo retornou para junto dos outros. Continuei no mesmo lugar, mas agora só tinha olhos para ele, que corria com agilidade, o corpo dourado pelo sol, as pernas velozes, os cabelos negros quase longos a agitar-se ao vento e com os movimentos ligeiros que fazia. Duas ou três vezes pareceu-me que o menino passou de propósito perto de onde eu estava e sempre que o fazia lançava-me uma espiada; percebendo que eu o olhava, sorria, afastando-se em seguida.

A certa altura, com a chegada de outros garotos na praça, o menino moreno abandonou a brincadeira, dizendo aos demais que iria parar, e cedeu seu lugar a um outro. Como que distraidamente, veio sentar-se à beira de um canteiro próximo de onde eu estava; de início não me encarou, fingiu mesmo ignorar minha presença e eu, sem pensar no que fazia, avancei dois passos em sua direção e disse, enquanto continuava a olhar os outros:

– Não vai mais jogar?

O menino moreno então levantou o rosto para mim por uns dois segundos:

– Não – respondeu, desviando olhar para o grupo do qual se retirara há pouco –, cansei.

– Você corria muito – eu comentei, observando suas faces coradas e a testa úmida de suor –, mais que os outros. Deve ser por isso.

– Eu sempre sou assim – ele disse –, corro muito e acabo cansando-me.

– Mas não está cansado para dar umas voltas por aí, ou está?

– Ir aonde? – ele perguntou sem olhar-me.

– Em nenhum lugar especial – respondi –, só andar por aí e conversar um pouco. Quer?

– Pode ser.

– Vamos então?

– Vamos.

Saímos da praça e enveredamos por uma ruazinha que conduzia para lugares menos movimentados, e conquanto caminhássemos um ao lado do outro, seguíamos em silêncio, como se

agora já não tivéssemos o que dizer. Senti-me momentaneamente embaraçado, vigiando-o de esguelha, que seguia ao meu lado olhando para adiante com uma natural indiferença.

– Você me pareceu um garoto legal – de súbito eu disse, depois de alguns momentos de indecisão, mas ele não respondeu. Olhou-me talvez de relance, mas só, e eu me senti ainda embaraçado com seu silêncio. Tive vontade de tocar-lhe os cabelos, e o fiz, com um gesto tímido, dizendo: – Gostei de você assim que o vi.

O menino moreno pareceu encabular-se, baixou a cabeça com um sorriso mas ainda sem responder. Deu mais alguns passos, sempre de cabeça baixa, e por fim, num murmúrio e sem levantar os olhos:

– Eu também...

Morava com a mãe viúva numa casinha cercada de árvores. Beijei-o pela primeira vez naquela mesma tarde entre as árvores nos fundos da casa, deserta àquela hora ("Não seremos vistos?" eu perguntei, "não" respondeu, "minha mãe só chega à noite."), e ele entregou-se ao beijo com uma candura que me enterneceu. Não se mostrou contrafeito quando nos encaramos depois desse beijo – a pureza de suas feições sem mácula denotava uma absoluta naturalidade –, nem tampouco por timidez me impediu de despi-lo do *short* para contemplá-lo nu, o que fiz com uma espécie de reverente devoção que me deixava trêmulo ao tocar-lhe o corpo pouco a pouco com os dedos inseguros. Acariciei-lhe a pele do rosto, macia feito um pêssego, senti-lhe a firmeza das coxas esguias e roliças e das nádegas rijas, toquei-lhe o pequenino sexo com um pouco de receio e um tanto de assombro, e por fim abracei-o outra vez e o beijei então com mais ardor, ele correspondendo numa total entrega.

A mãe era uma mulher miudinha de trinta e quatro anos, feições insignificantes e um tanto desgastadas, a quem fui apresentado pelo menino moreno no decorrer daquela semana. Viu com satisfação nossa amizade, "ele se ressente da falta de um pai" disse-me certa vez (não sei se com a intenção de que eu substituísse a presença do pai também em sua cama, o que – já adianto – não aconteceria nunca), "e um amigo mais velho decerto é melhor do que essa molecada que anda por aí" acrescentou lançando-me um olhar comprido que eu temia interpretar. Mas nunca desconfiou de nada.

Mas de nada o quê?, você decerto se pergunta, está no seu direito, já que eu resolvi lhe falar dessas coisas, é justo que você queira entender o que de fato aconteceu entre nós. Amor? Paixão? Simples desejo físico? Ou apenas um sentido de estética de minha parte, e uma correspondência da dele? Essa última explicação parece-me a mais exata, pois o que eu admirava no menino moreno era a beleza e a perfeição de seu corpo; era isso, e não mais, o que despertava em mim aquele sentimento indefinível que não se pode chamar de amor nem paixão, tampouco de simples desejo físico, embora desejo houvesse de ter aquele pequeno corpo nu entre os meus braços, a pele macia sob meus lábios, o abandono com que ele se submetia às minhas carícias... Foi isso que houve entre nós, e durou um ano. Quando nos separamos, foi com a mesma naturalidade com que nos havíamos aproximado, não restando ressentimentos nem saudades.

Você pode indagar-me acerca desse sentimento de estética a que me referi, perguntando-me se eu não seria capaz de apreciar a nudez de uma mulher ou de um homem em vez de preferir a de uma criança. Pressuponho que em vista do que acabo de lhe relatar, você me considere também não mais que uma bicha que gosta de pegar garotinhos desprevenidos. Mas acerca dessas questões cabem muito bem duas ou três palavras de esclarecimento. Não posso negar que do ponto de vista estético o corpo humano – seja de homem, seja de mulher – é uma fonte perene de beleza, tanto mais quanto mais se expõe hoje em dia, quase gratuitamente pode-se dizer, na televisão, nas revistas, nos *outdoors*, no cinema... Mas a nudez infantil vem acompanhada de inocência (além de ser livre de certos traços indesejáveis que se encontram nos adultos), e é esse acréscimo que a reveste de um encanto particular. Quanto ao fato de eu ser veado, pensar isso não passa de um crasso engano. Se por um lado não sinto qualquer atração por uma mulher adulta, ainda que seja bonita, por outro eu jamais beijaria, por exemplo, um homem, e não consigo disfarçar meu nojo quando vejo certos “casais” de bigodudos exibirem em público sua bichice como se tal aberração fosse motivo de alarde e orgulho. Esses tais sim são degenerados, merecem o repúdio e o desprezo por serem capazes de amar o feio, o asqueroso, insensíveis à angelical beleza de um corpo imaculado de criança.

Quando beijei o menino moreno na boca, quando lhe percorri todo o corpo com meus lábios e minha língua, não procedi dessa forma por tratar-se de um garoto, mas por ser belo: o que eu beijava, o que eu possuía, o que eu adorava nele era a beleza independente do sexo que tivesse. (Fosse um pretinho fedido de olhos esbugalhados, e eu nem chegaria perto...)

Mas chegou ao fim, e um dia compreendemos que não fazia mais sentido continuarmos. O que tínhamos para oferecer um ao outro esgotara-se, conquanto ele não tivesse deixado de ser belo e, como disse, separamo-nos sem qualquer mágoa. Depois disso nos vimos casualmente pelas ruas até com certa freqüência; às vezes nos falávamos, às vezes não. Tempos mais tarde, por fim, o perdi de vista, quando se mudou com a mãe para outra cidade. Um dia, antes de irem embora, ele me procurou em minha casa e me deu aquele aviãozinho que está junto do abajur, "guarde como lembrança" disse, e sorriu. Por um momento tive a impressão de que ainda queria que o beijasse e até que me deitasse com ele ali mesmo, na sala, conquanto já não fosse um menino mas um adolescente de catorze anos, mas penso que devo ter-me enganado, pois em seguida estendeu-me a mão, que eu apertei com um sorriso de amigo mais velho, e se foi. Assim terminou a história da primeira inocência de minha coleção, e foi a partir daí que tive a idéia de guardar um brinquedo de cada criança de quem eu me aproximasse.

São ao todo oitenta e nove brinquedos até agora, oitenta e nove casos numerados e catalogados, que eu tenho o cuidado de registrar num caderno com a data, um resumo e breves comentários para não esquecer.

Você se espanta?

Em sua maioria não há grandes particularidades a referir, são por assim dizer quase repetições de uma mesma história... o que eu quero dizer é que são na maioria histórias simples, assim como essa que lhe contei do menino moreno, e se amiudei aquele caso foi por ter sido o primeiro. Por exemplo, este revolverzinho pertenceu a um menino de dez anos que costumava brincar no quintal de minha casa. A mãe o julgava seguro, e a bem da verdade estava, pois que perigo correria ali? Um dia, como o visse sujar-se de terra, disse-lhe que a mãe iria zangar-se se o visse assim, e o convidei para entrar, levei-o até o banheiro e tirei sua

roupa para dar-lhe banho. Mas também dei-lhe beijos por todo o corpo e ele gostou, embora tenha se assustado um pouco no começo, tanto que alguns dias mais tarde pediu que lhe desse banho de novo. Quantas vezes isso se repetiu? Várias, até que eu me cansei dele, mas sem me esquecer de guardar o brinquedinho que por inadvertência havia deixado cair em meu quintal. Já esta caixinha de música com uma bailarina me foi dada por uma garota de treze anos que se insinuou para mim durante uma festa e a quem levei para casa, onde, sem maiores preâmbulos tirei-lhe a roupa e me surpreendi com o pedido que me fez, logo de cara: queria que eu a sodomizasse antes de qualquer outra coisa; confesso que isso me decepcionou bastante, pois prefiro a inocência como parceira da beleza, embora eu devesse saber que uma moleca de treze anos não é mais nenhuma criancinha e já tem malícia de sobra. Pedi-lhe que da próxima vez trouxesse uma prenda qualquer, "nada de importante" eu disse, "um brinquedinho seu, por exemplo, uma bonequinha" e ela me trouxe esta bailarina. Encontramo-nos uma terceira vez e eu a despachei determinado a não recebê-la novamente, tão chata e sem graça ela era – determinação que mantive, conquanto por algum tempo ela continuasse a rondar minha porta.

Este bonequinho do Homem-Aranha foi de um menino de nove anos. Aconteceu um dia durante uma caminhada que fiz pelo campo. Nessa época, contra meu gosto, eu morava e trabalhava num grande centro; por isso passava com freqüência meus finais de semana na roça, ora em casa de amigos, ora em alguma pousada de cidade interiorana. Na ocasião a que me refiro – era um final de semana prolongado – eu me encontrava numa cidadezinha que é inútil referir, e no sábado pela manhã saí da pousada para um passeio pelo campo, afastando-me mais do que de costume, aliás eu saíra para caminhar de fato, disposto a ir o mais longe possível, andar o dia todo se agüentasse. Tais exercícios sempre me fizeram bem, e como eu nunca negligenciei os cuidados com meu corpo e minha saúde, dispunha – como ainda hoje – de uma forma física e uma resistência excelentes. Assim, após meio dia de caminhada alcancei um lugar bastante ermo onde as raras casas ficavam quilômetros distantes umas das outras, afundadas no sertão. Devia ser por volta de uma da tarde quando, seguindo por um trilho na subida de uma encosta, avis-

tei o menininho. Vinha em minha direção, estava descalço e vestia apenas um *short* encardido de terra. Quando lhe perguntei, disse-me que tinha nove anos e que morava "lá para baixo", indicando algum lugar no vale por onde eu havia passado há pouco. Era branquinho, tinha sardas e os cabelos pretos. Convidei-o a sentar-se comigo embaixo de uma árvore de ramagens amplas que fazia uma sombra fresca e ficamos conversando. O menino segurava este boneco do Homem-Aranha, então lhe propus um negócio: eu lhe daria o bonito isqueiro dourado que trazia comigo em troca do boneco, e ele aceitou. Pedi-lhe que ficasse de pé à minha frente e comecei a acariciá-lo. Opôs-se quando tentei tirar-lhe o *short*, sim, porque isso vez por outra acontecia, e neste ponto é oportuno abrir uns parênteses para falar sobre tal questão. Crianças houve que opuseram uma resistência tão obstinada, que eu acabava desistindo, já que eu nunca quisera obter nada por meio da força; violência é uma coisa que me horroriza. Mas às vezes, como no caso do menininho de nove anos, era uma oposição frouxa, talvez até por um tanto de acanhamento, que eu conseguia vencer por meio da persuasão. Essa persuasão consistia tanto de gestos quanto de palavras, por exemplo, através de carícias despretensiosas enquanto seguia falando de coisas diversas a título de distração e para mostrar que não havia naquilo mal e vergonha alguns; com o menino de nove anos foi assim, e enquanto o acariciava e lhe contava histórias, insinuava minha mão dentro de seu *short*, até livrá-lo dele. É claro que isso demorou algum tempo, foi preciso ganhar-lhe a confiança outra vez e fazer algumas promessas, mas o fato é que o menininho deixou-se por fim desnudar, e eu pude vasculhar-lhe o corpo à vontade.

Esta pequena locomotiva de ferro pertenceu a um menino negro de onze anos. Até um macaquinho!, você exclama entre escandalizado e curioso, principalmente tendo em vista meu comentário de há pouco. Sim, também um macaquinho, e pode estar certo de que não cheirava mal (aliás, houve outras crianças negras na minha coleção, poucas, pois minha preferência foi sempre por crianças loiras e, em segundo lugar, morenas, mas houve). Não era bonito, tinha o nariz tipicamente achatado e os lábios grossos, mas o corpo era perfeito, a pele lisa e luzidia como um ébano polido, e eu o tratei bem, bem até demais porque depois da primeira vez não saía da minha porta (a essa altura eu já

me havia mudado para o interior, para ser mais exato, mudara-me para L..., onde fora ocupar uma casa parecida com esta, pequena e aconchegante, numa ruazinha isolada e silenciosa como esta); a qualquer pretexto o menino aparecia e ficava por aí, falando coisas, esperando que eu o tocasse outra vez... o que eu – não posso negar – desejava; aliás "tocar" no caso do menino negro chega a ser um eufemismo, pois era ele quem de fato me tocava, e com que furor!, você nem imagina do que aquele negrinho de onze anos era capaz, com que voracidade se atirava ao meu pênis como um náufrago a uma tábua de salvação, chegando a machucá-lo com seus dentinhos afiados e como sugava e engolia os jorros que eu lhe derramava na boca aberta e ofegante!... um menino extraordinário, mas que acabou enfadando-me, até que por fim o mandei embora de vez.

Já esta Barbie... a dona era uma garota morena de cabelos negros e escorridos, os olhos amendoados feito uma indiazinha, aliás era assim que eu a chamava quando estávamos juntos, "minha indiazinha". Tinha doze anos. Nua diante de mim, exibiu-me o corpo esplendoroso de um intenso bronzeado e peitinhos incipientes com os biquinhos cor-de-rosa. Passamos uma noite juntos e pela manhã estávamos ambos extenuados. Encontramo-nos muitas outras vezes, ou na minha própria casa, ou na dela, uma vez durante uma ausência dos pais, ou em outros lugares que combinávamos conforme nos exigisse a cautela para não sermos surpreendidos. Depois, como tudo mais na vida, acabou. Curioso foi o que aconteceu anos mais tarde. Eu mudara de cidade havia pouco, e um dia tive de ir ao banco já não me lembro bem para quê, decerto um entrave qualquer desses que nos atrapalham a vida, então encaminharam-me à gerente. Detrás de uma mesa estava sentada uma mulher enorme, de uma obesidade medonha, a cara inchada de gordura feito uma broa. Apesar de tal deformidade, sim, porque tanta gordura não pode ter outro nome que não esse, deformidade; apesar, portanto, de tal deformidade, pude reconhecer alguns traços cuja identidade se confirmava também pela placa sobre a mesa, com um nome. Ali estava a linda "indiazinha" que me encantara quinze anos atrás completamente arruinada. Penso que ela também me reconheceu, mas ambos fingimos, e muito bem, ignorar em absoluto a identidade do outro, e foi com alguma consternação que saí de lá. Sempre

que ia ao banco não conseguia evitar uma olhada para o horrendo hipopótamo sentado detrás da mesa da gerência, até um dia em que não a avistei. Soube que havia sido promovida e transferida para uma agência de maior porte, e a partir de então não soube que destino teve.

Tal caso não foi único, talvez tenha sido o mais extremo, mas quantas vezes vi um lindo menino que eu havia amado por sua beleza converter-se num adolescente feio com a cara coberta de espinhas, e, mais tarde, num homem insignificante até mesmo como homem; ou uma menina encantadora numa mulher inexpressiva, de gestos e atitudes vulgares que logo engravidava e paria sua prole esquecendo-se de si mesma e deixando que o tempo somado aos acasos da vida a destruísse mais rapidamente. Aliás, esse foi – e continuará sendo – o fim de todas as crianças encantadoras cujos cândidos corpos pude admirar e ainda admirarei, não há escapatória, sendo porém que em alguns casos o arruinamento é tão acentuado, como aconteceu com a "indiazinha", que chega a doer.

E assim vai: não há como referir todos os episódios pois tomaria muito – e desnecessariamente – o seu tempo e o meu. Há no entanto uma história singular, decerto a mais intensa de quantas vivi com todos esses infantes que passaram por minha vida, aquela que ainda assombra meus dias como se, furtiva, ficasse a espiar-me dos cantos, do retiro dos cômodos escuros... Um fantasma?, você suspeita; sim, eu confirmo, é certo que sim, fantasma, assombração... uma assombraçãozinha ao mesmo tempo doce e terrível... Quer ouvir?... Sim, quer, eu sei que quer, e então você se recosta para trás, cruza as pernas, os braços, e passado um momento dá de ombros como quem diz "se quiser falar, fale, se não quiser, não faz diferença", fingindo um desinteresse que, vê-se logo, é de todo falso.

Vou lhe falar daquela bonequinha de trapos em cima do piano, está vendo?, o único brinquedo em cima dele como que num lugar especial... um lugar sagrado... um altar?... Talvez um altar... Que acha dela? Engraçadinha? A dona desta bonequinha tinha onze anos quando a conheci.

Não, não é uma história agradável, mas é diferente de todas.

...Mas me perdoe se me calo por um momento e fico em si-

lêncio, e não se surpreenda se em meu rosto aparece um vestígio de dor que, com algum embaraço, procuro lhe ocultar virando-me noutra direção. Não pense que não tenho sentimentos, pois então foi a primeira vez na vida que chorei... pensei que enlouqueceria e cheguei a desejar a morte... Mas não!, morrer não resolveria nada, tampouco devo entregar-me agora ao sofrimento e ainda mais na presença de um estranho, bastam esses indícios... bastam esses sinais para que você saiba...

Quando conheci a menininha loira minha coleção de brinquedos já se compunha de um bom número de peças. Eu há muito deixara de ser o jovem de vinte anos que beijara o menino moreno entre as árvores num fundo de quintal, e entrara resoluto na casa dos trinta... A essa época já morava em L... há alguns anos, e minha casa dava para um quintalzinho gramado que se abria para uma rua no mais das vezes deserta, como disse, uma rua muito parecida com esta, cujo silêncio me propiciava um clima adequado para a música. Devo dizer que não sou nenhum virtuose, mas como recebera aulas ainda na adolescência e praticara bastante – tendo sido por essa ocasião que meus pais me deram este piano de presente –, desenvolvi uma técnica bastante boa e cheguei mesmo a fazer umas apresentações em público. Numa delas um maestro muito conhecido convidou-me a especializar-me sob sua orientação, mas declinei do convite, e lhe expliquei: eu nunca seria um músico profissional pois não tinha a disciplina necessária para tanto, agradava-me apenas tocar sem qualquer compromisso.

Bem, voltando à história.

Dias antes mudara-se para a casa do lado, vaga havia tempos, uma família à qual só prestei atenção quando certa manhã, enquanto eu dedilhava ao acaso o piano, olhei pela janela e vi uma cabecinha loira espreitando-me do portão. Interrompi o dedilhado e cheguei à porta: ali estava uma menina de onze anos, olhos grandes e azuis, cabelos longos cujos cachos dourados rebrilhavam ao sol, linda!, olhando com curiosidade para mim. “Ei, menina bonita” eu disse, “gostou da música?”, e ela fez que sim com a cabeça. “Quer ouvir mais?”, ela sorriu e novamente fez que sim, “então entra, vem aqui que eu toco para você”.

– Posso? – perguntou entre tímida e afoita empurrando de leve o portão.

– Claro, vem até aqui.

Ela entrou olhando em volta enquanto eu puxava uma cadeira para junto do piano.

– Sente-se – eu disse. – Você gosta de música?... Gosta?... Então vou tocar uma música bonita para você.

E toquei. Já não lembro o que toquei naquele dia, lembro-me apenas de que a menininha loira permaneceu parada muito tempo, a atenção fixa no teclado, e só se moveu quanto terminei.

– Gostou?

A resposta foi um sorriso amplo e franco que iluminou a sala, o dia, e um relâmpago azul que brotou dos seus olhos ao me fitarem. Num gesto contido toquei-lhe o rosto, mexi nos cachos dourados e recolhi a mão em seguida.

– Gostaria de aprender a tocar?

– Você me ensina?

– Ensino.

– Ah... – vi suas feições se acenderem duma súbita alegria, mas logo baixou os olhos e a alegria pareceu esvair-se. – Eu não posso...

– Por que não?

– Meu pai não tem dinheiro para pagar...

– Ora essa! – exclamei. – E quem disse que eu pretendo cobrar? Dou-lhe aulas de graça!

– De graça?

– Se você quiser, e se seus pais deixarem...

Então ela passou a vir todas as manhãs. As aulas duravam cerca de uma hora apenas, para não cansá-la. O resto do tempo (pois a menina se demorava sempre um pouco mais em minha companhia) passávamos conversando; eu lhe falava de como aprendera a tocar, de outros lugares onde já havia morado, ela contava casos da escola, ríamos dos acontecimentos engraçados, mil coisas, e um dia ela trouxe a bonequinha de trapo – uma nova peça para minha coleção, eu pensei, então pedi que a deixasse em cima do piano, como enfeite.

Durante as aulas, eu tinha o cuidado de manter a porta da frente sempre entreaberta a fim de não levantar suspeitas, mas corria a cortina da janela, expediente que me permitia vigiar a aproximação de alguém, pois a transparência da cortina propiciava uma boa visão de dentro pra fora mas não de fora para dentro.

No começo a mãe aparecia, decerto para certificar-se de que a filha estava em segurança, cuidado que deixou de ter depois que eu me tornei mais íntimo da casa. Eu era agora o "professor de piano" da filha, e vez por outra aceitava o convite para jantar em família, ocasiões em que me enfadava – mas sem dar na vista – a ouvir os infindáveis relatos do marido acerca de seu emprego na cozinha de um restaurante: uma série de casos sem graça que eu, por polidez – e principalmente por saber que o fazia por uma "boa causa" –, comentava e de que chegava mesmo a rir a fim de estimulá-lo a falar mais, conquistando-lhe com isso a estima.

Dessa maneira, podia agora dar-me gradualmente a certas liberdades com minha aluna, à medida que ganhava sua confiança, mas sempre com muita cautela para não assustá-la.

Às vezes segurava-lhe as mãos entre as minhas enquanto conversávamos, brincando displicentemente com seus dedinhos, os quais apertava com ternura um a um enquanto a ouvia falar; outras vezes tocava-lhe o rosto com carinho, deslizando os dedos por sua face até o canto da boca; nesses momentos eu me calava, fitando-lhe firmemente os lábios, que, numa carícia sutil, eu entreabria, premindo com leveza o lábio inferior, que mostrava então uma fileira de dentes pequenos e perfeitos; ao acariciá-la dessa forma, a menininha loira também se calava e, a princípio, mantinha-se suspensa como que numa tensa expectativa; à medida que, com o tempo, esse tipo de carícia se tornou habitual a tensão desapareceu, mas não a expectativa, pois ainda me encarava suspensa do que eu faria em seguida; para não alarmá-la, no mais das vezes não ia além e, mudando o rumo de nossa conversa, eu me levantava fingindo ocupar-me com qualquer banalidade para que ela também se levantasse e partisse; mas uma vez ou outra eu ousava um beijo suave em sua fronte, ou um leve roçar de meu rosto no dela.

Um dia pedi que ficasse de pé, de costas para mim, para eu prender-lhe os cabelos com uma fita, e terminando fiz-lhe uma carícia no pescoço tão alvo, deslizando minhas mãos por seus ombros e seus braços nus, "seus cabelos são lindos soltos" eu disse, "mas você fica bonita também com eles presos" acrescentei fazendo-a voltar-se para mim, "quer ver?" e lhe estendi um espelho. "Viu?", e ela fez que sim, olhando ora para mim, ora para si

mesma no espelho. Então fiz que se aproximasse um pouco mais, toquei-lhe o rosto com a ponta dos dedos numa carícia que estendi até os lábios, da maneira a que ela já se acostumara, "você é tão bonita" eu disse, "tão branca a sua pele" e agora ao longo do pescoço até os ombros, e ergui as alcinhas de seu vestido. "Sabe o que eu queria?" perguntei, e ela moveu a cabeça, que não sabia, "eu queria ver você sem isso" e fiz como se fosse deixar cair as alças do vestido, "posso?" e ela encolheu os ombros num gesto de dúvida, os olhos arregalados e dum azul cintilante, os lábios entreabertos, a respiração um pouco apressada; então eu fiz-lhe resvalar ao longo dos braços as alcinhas do vestido, que, ao cair revelou um pequeno corpo da alvura da neve e de soberba beleza! Resolvi soltar-lhe de novo os cabelos, que caíram sobre os ombros e recobriram os mamilos que principiavam sua floração e que acariciei com o cuidado de quem toca uma milenar boneca de porcelana chinesa; em seguida curvei-me beijando-lhe o ventre e pousando meu rosto em seu peito para sentir-lhe a quentura... Mas parei por aí: recompus-lhe a roupa, dei-lhe um tapinha nas faces para descontraí-la e segurei suas mãos.

– Gostei de te ver – disse.

Ela sorriu e baixou os olhos.

– Vem amanhã?

Fez que sim com a cabeça, viria.

– Eu gostaria amanhã de ver você outra vez...

Ela olhou para mim.

– ...mas só se você não se importar.

– Eu não me importo – respondeu num quase inaudível sussurro.

– Mas você deve guardar isso como um segredo só nosso, está bem?... Agora vai, já é quase hora do almoço e sua mãe deve estar esperando.

Meu progresso com a menininha loira foi lento mas ininterrupto. Ela continuou indo à minha casa todas as manhãs, sentava-se ao piano e sob minha supervisão executava os exercícios cada vez melhor. No fim da aula ficávamos a conversar, mas já não afastados um do outro, pois eu a puxava para perto reiniciando o ritual que se tornara costumeiro mas sempre com variações: compunha-lhe os cabelos de diversas maneiras, ora trançando-os, ora prendendo-os num rabo de cavalo, ou simplesmen-

te deixando-os soltos e em desalinho, jeito que eu preferia por deixá-la ainda mais linda. Tirava-lhe o vestido como da primeira vez, contemplava-lhe o corpo, as pernas roliças, as coxas de uma musculatura firme e cobertas de finos pelos dourados, acariciava-a contendo a custo meu arrebatamento, e assim como da primeira vez não se opusera, também agora não se opunha, pondo-se até mais à vontade.

Um dia – e já ia para quase três meses que ela recebia aulas de piano – fiz que ficasse de pé em cima da mesinha de centro, por acaso esta mesma que você vê à sua frente, e, quando o vestido lhe deslizou pelo corpo, afastei-me e admirei sua beleza durante alguns instantes para, em seguida, aproximar-me e, tomando-lhe o rosto entre as mãos, beijar seus lábios. Então ajoelhei-me à sua frente e puxei para baixo, num gesto lento e suave mas determinado, a calcinha – lembro-me bem, branca como sua pele –, e beijei a lisura e maciez de seu sexo impúbere, e passei a língua entre os grandes e carnosos lábios sentindo-lhe a minúscula e rija protuberância do clitóris...

Eu havia ido longe demais nesse dia para parar, por isso a tomei nos braços e a levei para o quarto. A menina submeteu-se sem resistência nem acanhamento, chorou um pouco com a dor da penetração, depois eu a fiz gozar feito uma pequena messalina e ela abraçou-me muito forte dizendo que me amava. (Poderia acrescentar, sem o risco de parecer exagerado ou melodramático, que também eu a amava?... Pois melodrama ou não, a verdade é que eu me apaixonara pela garotinha loira como nunca antes por ninguém, por nenhum dos meninos e meninas que passaram por minha vida, e de tal maneira que já nos últimos tempos preocupava-me o futuro com relação a ela. Está visto que não cogitava afastar-me, queria tê-la cada vez mais comigo, afligindo-me o fato de não poder retê-la em minha casa por mais tempo em face do perigo de que viessem a desconfiar... Momentos havia em que a imaginava crescendo e, ela mesma, afastando-se, como seria natural na adolescência, afinal eu não poderia esperar que aquela declaração de amor feita num momento de transporte tivesse qualquer coisa de definitivo; nesses momentos eu reconhecia, tomado de grande consternação, estar fadado a perdê-la, e quando isso acontecesse... então eu estacava, como diante de um muro: quando isso acontecesse, o que seria de mim?... Que estranho

– você não é capaz de imaginar – é alguém amar apaixonadamente uma criança e saber que se trata de um amor sem esperança... Porém o mundo tem seus enleios, suas soluções inesperadas, ainda que dolorosas.)

Naquela tarde o tempo mudou de repente, um nevoeiro desceu sobre L..., depois choveu e, olhando-se pela janela, via-se no céu turvo do entardecer imensos blocos de nuvens rasgados pela ventania. Fez frio aquela noite, o dia seguinte amanheceu chuvoso e gelado e minha pequena aluna não apareceu. Tampouco apareceu no outro dia, mas à tarde quem veio foi a mãe aflita: a menina fora hospitalizada na véspera à noite com uma pneumonia dupla e ela precisava de uma certa importância em dinheiro pois o hospital, explicou, desprovido de recursos, não dispunha dos medicamentos que seriam eficientes num quadro tão agudo como o que se apresentava, "desculpe-me incomodá-lo, afinal somos nós que lhe devemos pelo muito que tem feito por nossa menina, mas tão logo meu marido receba...". Pus-me à disposição, acompanhei-a ao hospital, procurei acalmar o pai angustiado dizendo que a criança estava nas mãos de excelentes médicos e repeti que podiam dispor de mim para o que precisassem e estivesse ao meu alcance.

Ora, ora... e não é que ainda hoje, passados tantos anos, ainda me vêm umas lágrimas renitentes?... Não, meu prezado amigo, eu não sou um monstro, sou um esteta, e consigo chorar... mas vá!, acalme-se, homem!, afinal quantos invernos trouxeram chuva e frio depois disso!...

Tudo foi inútil. Na tarde seguinte pude contemplar, tresnoitado, arrasado e a ponto de perder o juízo, a menininha loira vestida de branco em seu caixãozinho, em cima da mesa na casa modesta onde vivera aqueles últimos meses. Enquanto estava ali aproximou-se o pai, sumido em sua dor, e pousou a mão no meu ombro:

– Ficou bem com esse vestidinho branco, não? – disse.

Movi a cabeça, que sim, que ficara linda.

– É um vestidinho novo, custou caro mas era para o aniversário dela – achou por bem esclarecer. – Ia fazer doze anos mês que vem.

Suspirei enquanto lágrimas desciam silenciosas pelas minhas faces.

– E o branco está de acordo – acrescentou –, é a cor da pureza. Afinal era pura, a minha menina. Uma virgenzinha...

Não suportei mais e saí dali. Em casa, cheguei a preparar um copo de veneno e levar até a boca, mas não foi por medo ou covardia que deixei de tomar: foi por reconhecer que eu precisava sofrer aquela dor, pois um esteta deve sofrer até o fim quando a obra de arte que tanto admira e ama é, por uma casualidade, destruída. Então atirei o copo pela janela e vivi.

Bem, bem... Que dramalhão! dirá você, eu bem sei que o dirá, afinal escritores do seu quilate não suportam dramalhões... Mas, fazer o quê? Isto é a vida, meu caro, não é literatura, não há cerebração aí, a vida se compõe também de tais e tamanhos dramalhões...

Bem sei que dirá também que melhor seria se eu tivesse ingerido o conteúdo daquele copo, "pelo menos", você pensa, "não teria continuado sua nefasta coleção". Acertei?... Mas não é grande coisa adivinhar o pensamento de alguém em tais circunstâncias. Eu gostaria ainda de poder dizer que a tragédia fez que eu me emendasse e parasse com minha insânia, mas isso também seria literatura, e má literatura, diga-se de passagem. O fato é que eu continuei minha coleção, ei-la espalhada à sua volta, e continuarei ainda pelos dias futuros... uma coleção de brinquedos a encher-me a casa? Não, uma coleção de inocências roubadas a preencher-me a vida.

# João e Maria

## O que de verdade aconteceu no fundo da floresta

*Desejando, na mais sincera apreensão, como bem requer o Nosso Apostolado, que a Fé Católica, mormente em Nossos dias, cresça e floresça por todas as partes, e que toda a depravação herética seja varrida de todas as fronteiras e de todos os recantos dos Fiéis, é com enorme satisfação que proclamamos e inclusive reafirmamos os meios e métodos particulares pelos quais Nosso desejo piedoso poderá surtir os efeitos almejados, já que quando todos os erros forem erradicados pela Nossa dissuasão diligente, um maior zelo e uma observância mais regular de Nossa Santa Fé venham a ficar mais firmemente impressos no coração dos fiéis. (***Papa Inocêncio VIII**, Bula datada de 4 de dezembro de 1848*)*

Idade das trevas. Ano de Nosso Senhor de 1470.

O *malleus*[2] ainda seria escrito, mas a Santa Inquisição, com as bênçãos da Igreja e o beneplácito do demônio, seguia incendiando a Europa, e a luz das fogueiras iluminava a noite como um terceiro luminar, alheio ao Sol e à Lua e de que as Sagradas Escrituras não falam, nem sequer cogitam. O terror cavalgava negros corcéis, embuçado em sombrios agasalhos, escuras sotainas, e deixava à sua passagem um rastro de cinzas, ossos e medo...

Alto, porém! Não sigamos tão de imediato por esse caminho: pelo contrário, façamos uma conveniente pausa a fim de ponderar nossas palavras, pois se delas dependemos, com muita justiça nos exigem uma reflexão.

Entendemos, por exemplo, que "incendiar a Europa" talvez não seja um termo adequado, e que o parágrafo que deixamos

[2] **Malleus Maleficarum**, obra dos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, utilizado como uma espécie de código para conduzir os processos do Santo Ofício.

inconcluso – melhor dizendo, que concluímos com umas bem oportunas reticências – peca por um certo exagero de melodrama, recurso de mau autor que se vale do adjetivo descabido, da ênfase desnecessária para granjear interesse. Estivéssemos, no entanto, por essa recuada época numa típica e precária estalagem de aldeia, à hora do jantar, e de súbito fossem nossas narinas invadidas por um cheiro, um certo cheiro que nos levasse a olhar na direção da cozinha forçando-nos a suposição de que o cozinheiro se distraíra, cheiro porém que em absoluto não provinha daquela direção; estivéssemos portanto ali e então, compreenderíamos que qualquer ênfase ou exagero soaria somenos diante dos fatos.

Mas o melodrama fisga o leitor – por ócio ou inadvertência deste, ou real interesse que acaso desperte, e aqui não deixamos de fazer uma observação assaz justa: todo leitor de histórias é alguém que se põe à janela para investigar a vida alheia, sendo que nesse caso a janela assume o formato de um *in-fólio*; e o leitor nos acompanha: primeiro rua afora, uma rua ladeada por casarios baixos e escuros onde, nas janelas, oscila a luz trivial das velas de sebo; depois através de uma porta estreita que dá para um salão exíguo onde o bafio sufoca, mas não o suficiente para perdermos o apetite, afinal a viagem foi longa, recuamos excessivamente no tempo e o estômago reclama; sentamo-nos, e enquanto se espera – sem cogitar qualquer cheiro, mesmo porque essa noite, ao contrário de tantas outras, parece tranqüila e sem sobressaltos – resolvemos referir, ainda que sem nos estendermos, algumas minudências depois das quais entraremos por fim na história.

Uns poucos parágrafos, acreditamos, serão suficientes.

A Inquisição, que poucos ignoram o que tenha sido, instituída aí pelo século XII com a finalidade de opor-se à heresia, podia com alguma propriedade ser comparada ao soro antiofídico: combater o mal pelo mal, pois dúvidas nenhumas restam acerca de sua verdadeira natureza. O perdão fora abolido naqueles tempos, e em seu lugar erguiam-se as câmaras de tortura a meio caminho entre o calabouço e a fogueira – que naquelas noites trevosas decerto produziria um soberbo espetáculo (não fosse o cheiro, aquele cheiro sempre nos obrigando nas tascas a espiar na direção da cozinha a ver se o cozinheiro dormitava).

O pavor possui asas imensas, pois nos parece que serão asas, ainda que não de todo visíveis, esse ar sombrio que paira sobre os rostos à menção da palavra “inquisidor”, e cada qual sorrateiramente começa a espiar a casa de seu próximo para lançar sobre ele uma culpa inexistente a fim de não ser a si próprio imputada uma culpa tão concreta quanto a que o é ao incauto vizinho – apenas porque este, na véspera, teria apetecido um caldo, um pirão de galinha cujas penas e alguns restolhos foram atirados para o monturo, sem se prestar atenção a que eram penas pretas e que pelo monturo vagava algum gato esquelético, por azar também ele retinto.

Esses indícios, que nos parecem hoje não só insuficientes porém ingênuos e mesmo infantis, bastavam para a instauração de mais um auto-de-fé, e novas fogueiras se acendiam...

Com essas reticências podemos retornar à história, da qual nos desviamos breve porém instrutivamente, lembrando que sentíramos o aperto do estômago e, tendo já anoitecido, adentramos uma estalagem com o intuito de obter um repasto e, quem sabe, um pernoite. O repasto veio, algo deficiente mas não de todo desprezível, mais ainda que a premência sempre nos faz parecer melhor ao paladar aquilo que à vista não se mostrou tão favorável, mas quanto ao pernoite, somos informados de que os dois únicos quartos haviam sido ocupados naquela mesma tarde por um viajante ilustre com sua comitiva, que não constava senão de meia dúzia de serviçais, acrescentando o estalajadeiro em voz sussurrante, enquanto se curva como que para apanhar a enorme bandeja na qual trouxera a refeição, “padre” e baixando ainda mais a voz, “inquisidor”, e aprumando-se, em voz alta nos informa que, no entanto, poderíamos ficar no celeiro, sobre uns feixes de feno que haviam sido armazenados ali.

O celeiro não seria de todo mal, mas a noite, assim que saímos para o pátio, tão agradável nos pareceu, com uma lua muito clara que começava a nascer, que mesmo frio como estava resolvemo-nos a uma caminhada. Talvez tenhamos instado um pouco com o leitor que, decerto cansado da viagem, preferia o repouso nos feixes de feno, mas conseguimos convencê-lo lembrando-o de que nem sempre teremos oportunidade de caminhar por uma noite medieval agradável como aquela, pois é bem certo que não

teremos muito tempo aí, sempre havemos de retornar às miudezas de nosso dia-a-dia, além do que estamos num vilarejo sem nome, ou pelo menos cujo nome perdeu-se da memória dos homens, em algum lugar da Europa que pelo idioma falado pudemos identificar pertencente ao território do Império Alemão, não apurando contudo muito mais que isso. Uma estrada entra ao sul por esse vilarejo e sai ao norte, e em ambos os lados do caminho, mal se afastando das últimas casas, ergue-se a floresta.

Sabemos que nada temos a fazer no meio do burburinho, se se pode entender como "burburinho" esses poucos que transitam daqui pr'ali, recolhendo-se às suas casas, e essas janelas que se abrem revelando um interior escuro de onde vêm uma que outra voz adulta ou choro de criança. Pretendemos o recolhimento do campo, por isso vamos nos afastando, distraídos com o luar que se intensifica, com o canto das corujas e outros ruídos noturnos, ou mais próximos ou mais distantes dentro da mata, com as curvas da estrada, as subidas e descidas, seus pedregulhos e buracos que tão dificultoso tornam o trânsito das caleças, e outras peculiaridades do lugar.

Súbito ouvimos um ruído de galope às nossas costas. Voltamos e eis que uma carruagem vem à toda, os cavalos resfolegando e lustrosos de suor, passa por nós levantando uma nuvem de pó e desaparece adiante numa curva. De relance pudemos perceber um vistoso brasão na porta do carro, não restando já quaisquer dúvidas de que em seu interior seguia algum alto dignitário da Igreja, e quase apostamos que se tratava da mesma personagem que, ocupando os únicos quartos da estalagem onde há pouco jantamos, nos relegou, embora sem o saber, aos feixes de feno do celeiro.

Já não é possível manter esse ritmo vagaroso em que vamos se quisermos conhecer o destino dessa carruagem, e para tanto é preciso arrancar o leitor de seu devaneio. Batemos palmas, é um recurso de que sempre podemos nos valer, nós, os contadores de histórias, de repente adquirimos controle sobre o tempo e sobre o espaço e não é difícil seguir a carruagem que passou por nós à toda; não é difícil nem mesmo nos antecipar a ela, ultrapassá-la, esperar adiante por sua chegada.

Não nos delonguemos: já que dispomos desses inusitados recursos, aproximamo-nos de uma casinha que é possível avistar

somente porque a noite é clara, tão retirada da estrada se encontra e tão submersa na planície que a floresta impenetrável circunda.

Aproximamo-nos da casinha, e sem nos preocuparmos com questões de boa educação vamos colar um ouvido à porta.

Sabemos que aí mora um casal de camponeses nem jovens nem velhos, de uma idade indefinível entre meados da terceira e da quarta década de vida. Têm, ambos, a aparência desgastada que os envelhece, um ar cansado e sujo e as roupas em frangalhos, mas, contrapondo-se a esse começo de ruína, conquanto a ruína por ali já andasse avançada e não apenas em seu começo, podia-se vislumbrar, reparando com maior atenção, um certo brilho nos olhos emurchecidos que se podia atribuir a uma certa esperança, e os músculos, principalmente os do homem, que vibram sob a pele ressequida, demonstram ainda se não o mesmo vigor de outrora pelo menos uma vitalidade inesperada. Esses sinais de resistência, valendo-nos de uma expressão popular, podiam muito bem representar "o canto do cisne" para essas pessoas, seus últimos fiapos de vigor, e talvez seja bem isso que estejamos prestes a testemunhar. Aproximemo-nos um pouco mais.

Uma espiada mais atenta para esse interior mostra um cômodo espaçoso e mal iluminado que deve servir ao mesmo tempo de sala e cozinha, pois ao fundo e à direita vemos um fogão com o fogo aceso, achas de lenha queimando enquanto em cima de uma chapa de ferro um caldeirão parece ferver. Ao lado do fogão, um monte de lenha e, perto deste, uma prateleira meio desmantelada mas que ainda se mantém de pé, atulhada de vasilhas enegrecidas e outros badulaques indiscerníveis, além de uma vela que nenhuma falta faria se estivesse apagada. Na parede do lado esquerdo pode-se ver, aos fundos, uma abertura que, supomos, dá para outro cômodo, que deve ser um quarto e se encontra às escuras. É possível que seja o único cômodo da choupana além deste que podemos enxergar de onde estamos, e decerto é dividido por uma meia parede, como é costume em tais construções, sendo que numa repartição dorme o casal e na outra os filhos, se houver. Somos propensos a crer que esse casal não possui filhos, uma vez que não enxergamos criança alguma ali: decerto estariam bem à vista, e talvez à volta da mesa grande e rústica que há no meio dessa cozinha que também faz as vezes de sala: mas sen-

tado à mesa está o homem, e, no momento em que espiamos, a mulher se aproxima com uma grande panela de ferro depositando-a sobre um trapo, já que a mesa não se encontra provida de toalha. A mulher também se acomoda, e concluímos que é hora da janta para eles, embora tarde, pois talvez sejamos nós que estamos desacostumados a comer nesse horário. O casal janta, ou melhor, come umas rapas do fundo da panela, daqui podemos ouvi-los com as colheres de ferro raspando ruidosamente o que ainda resta naquele vasilhame, um caldo ralo de aspecto preocupante com alguns elementos sólidos que não conseguimos descobrir o que seja por mais que nos apliquemos, e que apesar da aparência é devorado em silêncio e com gosto, tanto mais quanto menor a quantidade disponível, e ao fim das poucas colheradas que metem na boca ambos permanecem em silêncio, ele espiando para o fogo que solta estalidos, ela, de costas para o fogão e cabeça baixa, deve vigiar – sem ver – a superfície tosca e encardida da mesa.

– Teremos um inverno rigoroso – ele diz em tom neutro de observação. Podíamos esperar que falasse de modo lastimoso em face da expectativa do inverno que já começava a se fazer sentir naquela noite clara e gelada, pois é certo que não tardarão pelos dias seguintes a cortante ventania, a chuva, o granizo, a neve... e a fome. O homem, que conhecia bem o inverno daquele recanto de mundo, e que olhando em volta não descobria nem agasalho (muito mal as paredes da choupana para conter o vento) nem comida (pois era possível que mesmo aquele caldo duvidoso viesse a faltar), e ainda que diante da situação iminente podia prever com alguma segurança que ambos não veriam a primavera, mas quando esta despontasse fossem ambos encontrados congelados e ressequidos dentro de casa; o homem, portanto, podia ter pronunciado aquela simples frase em tom de queixume, ou praguejando contra a Providência, que não atentava para sua situação; mas não procedeu dessa maneira: reiteramos que ele disse tais palavras em tom de total neutralidade.

A mulher esteve quieta por alguns momentos, depois soltou um suspiro prolongado no qual se podia perceber todo o desalento que nem nas palavras do marido nem nas suas se revelava:

– Teremos de fazer uma reserva de capim para nos aquecer.

Como resposta, o homem tão só moveu a cabeça.

Por que, mesmo sozinhos, mantinham tal serenidade e reserva? Pois não seria natural que, longe de testemunhas, e portanto livres da vergonha, pelo menos lamentassem? Mas não lamentavam: procediam como se o canto do cisne os mantivesse de pé. Teriam alguma esperança? Bem, nós que nos imiscuímos em sua privacidade doméstica, que fomos espiar dentro de sua panela, talvez não possamos ver com muita clareza dentro de seus corações, mas é de crer que sim, restava-lhes alguma esperança, se bem que em tais circunstâncias se devesse falar em milagre, mesmo que milagres sejam raros.

– Ainda temos pão? – o homem perguntou depois de um minuto.

– Para de manhã, um naco. Está bem negro de bolor e duro feito pedra, mas é o que temos.

O homem não se abalou. Acostumado a pão negro e duro, pareceu-lhe bem, e pior seria se não houvesse pão algum. Tamborilou com os dedos na mesa.

– Amanhã bem cedo sigo para T***. Estão derrubando árvores por lá, decerto precisam de quem sabe lidar com um machado. Fico até o meio do inverno.

Essa última fala nos esclarece num ponto: lenhador, o homem contava que T*** fosse o lugar do milagre de que ainda há pouco falamos. Cabe, contudo, uma indagação: de suas palavras deduzimos também que estaria fora muitos dias, seis semanas ou mais, e que iria só, pois do contrário diria “seguimos” e não “sigo para T***”. A mulher portanto ficaria só, à mercê do que viesse, o que não parecia animador. De sua expressão inalterada, porém, vemos que não se preocupou com a tão prolongada ausência de seu companheiro, e com isso somos forçados a admitir que esse casal cada vez mais nos atiça a curiosidade, pois que mulher, à iminência de passar metade do inverno sozinha numa choupana perdida no meio da mata, longe de tudo e de todos, desprovida de agasalho e alimento, não levantaria as mãos para o céu, arrancando os cabelos e lançando ais tão lastimosos que poderiam ser ouvidos a distância? Aquela que ali estava, ainda sentada e apoiada nos cotovelos, apenas suspirou.

Seria que tinha em mente também um milagre? Ora, já seria de bom tamanho que o marido conseguisse trabalho fora e

voltasse com um pouco de dinheiro e alguma provisão de boca. Andaria boa do siso esperando mais?

Não sabemos, mas o certo é que, esperando ou não, manteve-se quieta. Somente após algum tempo, e como se o fato não lhe fosse um contratempo, disse:

– Vou estar sozinha. Terei de fazer mesmo uma boa provisão de capim – e, voltando-se para espiar o monte de lenha –, e também de lenha.

– Sim – o homem disse –, não perca tempo, que em dois ou três dias deve gear, e em uma semana decerto haverá neve. Eu a ajudaria, mas temo que se não partir logo pela manhã o atraso me seja prejudicial.

– Não tem importância – ela respondeu –, não é a primeira vez que me viro sozinha. Além do mais, sempre aparece algum quefazer na vila. De fome não morro, tampouco de frio.

E dessa conversa pudemos enfim perceber que, apesar de todas a ameaças que afligiam o casal, não só nada daquilo representava novidade para eles, como já haviam enfrentado situações similares anteriormente saindo-se até com alguma galhardia.

Porém é possível que os planos do casal não se concretizem: talvez na manhã seguinte já o lenhador não saia com destino a T*** como vinha intencionando, e sua esposa não vá à floresta em busca de lenha ou capim, e nem mesmo se dirija à vila, essa de onde saímos há poucas horas, atrás de um quefazer. Parece-nos, e é muito justo que assim nos pareça, que dada a situação de penúria em que fomos encontrá-los, qualquer contratempo que venha contrariar seus planos de provimento traga conseqüências penosas, para não dizer fatais. Mas é inevitável, o destino escreveu seus desígnios e eles vêm a galope, que o destino anda a galope e nisso não vai nenhuma figura de estilo, é a galope mesmo que se aproxima da choupana a caleça que há pouco vimos na estrada, é com estardalhaço na quietude da noite que ela se detém no quintal, os cavalos ensopados de suor, espumando nos cantos da boca, os ferros e madeiras rechinando no súbito estacar.

Pela primeira vez podemos observar o sobressalto na expressão do homem que se levanta e corre para a porta e a curiosidade mesclada a apreensão na cara ossuda da mulher que lhe segue os passos. Mas não tarda e batidas vigorosas fazem que se

imobilizem e se olhem antes de abrir. Mas abrem assim mesmo, e na soleira o vulto que avistam, conquanto desconhecido, parece o de um serviçal, que, aliás, vimos descer da boléia e não do interior da caleça, com o que podemos antecipar que se tratava mesmo de um serviçal.

– Sois porventura o casal Hermann? – o homem pergunta com alguma autoridade, pelo menos essa autoridade de que se arvoram os serviçais de grandes fidalgos.

– Sim, senhor – o lenhador adianta um passo –, para servir-vos.

– Aquele a quem eu sirvo deseja ter um particular com os senhores – o outro informa como quem dá uma ordem, e antes que o lenhador ou sua mulher pudesse mover-se desvia-se da soleira com uma vênia quase até o chão dando passagem àquele a quem acabara de referir-se.

De onde estamos talvez não possamos ver essa nova personagem com muita clareza, por exemplo não lhe distinguimos as feições, mas é certo também que as traz quase de todo cobertas, pois usa um grande chapéu desabado e negro de veludo que lhe deixa o rosto à sombra; mas podemos perceber que se trata de um homem de estatura pouco acima da média, não chegando portanto a ser alto, conquanto direito de corpo e bastante espigado. Está envolto numa grande e pesada capa escura, e calça botas lustrosas de excelente modelo, conquanto só nos seja possível enxergar a ponta.

Assim permanecem por alguns instantes de surpresa, o visitante que mal adentrou a sala, ou, conforme se queira, a cozinha; e o casal: a mulher meio se escondendo atrás do marido, recuado para dentro da sala, ambas as partes contemplando-se, como que se estudando e tentando adivinhar os de casa quem seria e o que desejava aquele tardio e inesperado intruso, e este se teria feito bem em ter ido parar ali. Esse mútuo estudo, no entanto, não durou mais que um instante, e o recém-chegado avançou um passo para dentro do salão, identificou-se abrindo o amplo agasalho e mostrando ou uns papéis ou um anel; não importa o que fosse: fez com que o casal se ajoelhasse beijando-lhe a mão. Tal atitude nos leva a supor que se trata de algum sacerdote, e pela reverência prestada não um mero cura de aldeia mas alguém de alta posição, um dignitário ou coisa parecida.

Agora conversam mas não ouvimos suas palavras: confabulam em voz baixa, melhor dizendo, o visitante fala – não tão dilatadamente que passasse por falastrão, nem com tal brevidade que não se fizesse compreender; em última análise, e numa palavra: pronuncia-se de maneira suficiente para explicar o motivo de estar ali, e só então o lenhador, tartamudo, responde:

– Mas Excelência... não é por má vontade, Vossa Excelência bem podeis imaginar, mas... olhai em volta... o que temos para oferecer? Ai de nós, nada!... E depois desta noite nem mesmo provisão de boca teremos, não vá eu a T*** pela manhã oferecer-me para derrubar árvores e minha esposa à vila à procura de algum quefazer. Assim sendo, como poderíamos atender a V. Exª?

Mais uma vez o recém-chegado diz qualquer coisa que não conseguimos ouvir, pois sua voz não se eleva do tom anteriormente empregado, e em seguida avançou até a mesa, ao mesmo tempo em que sacava de algum bolso interno de sua capa um pequeno saco cujo conteúdo, ao espalhar-se sobre a mesa, não apenas tilintou mas também reluziu.

O lenhador e sua mulher, que agora não poupavam expressões de assombro assim como ainda há pouco mantinham, diante da penúria, inalteráveis os traços de seu rosto, acercaram-se da mesa quase sem acreditar no que viam. A princípio apenas olhavam estarrecidos, e quando a mulher estendeu timidamente a mão para tocar naquilo o homem conteve seu gesto como se ela estivesse prestes a segurar pela cauda uma serpente venenosa. Ao mesmo tempo levantou os olhos incrédulos e marejados para o outro.

– Meu senhor – disse num tom lastimoso de voz –, como podeis brincar com a miséria de gente como nós?... Então não sabeis que, apesar de humildes, também temos nossos sentimentos e nosso coração... sim, nosso coração...?

É possível que ante tal lamúria, que ao mesmo tempo revelava o modo canhestro com que o lenhador se pronunciava, o recém-chegado tenha sorrido, mas não lhe podemos vez o sorriso pois se mantém de costas para a fresta pela qual espiamos a cena; além do mais, permanece com o chapéu um tanto tombado sobre a face, como se até mesmo do casal quisesse ocultar sua identidade; deve ter dito alguma coisa também, mas sua voz não se

elevava, seria de seu natural falar em tom de muita suavidade de forma que é bem possível que não lhe conheçamos o timbre. O lenhador então disse:

– Ora, senhor... e nos quer fazer acreditar que... que...

Neste ponto o desconhecido, que num gesto rápido jogou sobre o ombro as amplas abas de sua capa, para enfim fazer-se convincente recolheu todas as moedas de ouro que rebrilhavam sobre o tampo encardido da mesa, devolveu-as ao saco e, segurando a mão do homem depositou-o nela.

– Oh, Excelência...! Oh...!

Aqui, porém, notamos que S. Exª faz um gesto como que requerendo uma especial atenção, pois mantém presa na sua a mão grosseira do lenhador e ergue o indicador da outra, acrescentando algumas palavras, talvez impondo alguma condição, o que supomos – acertadamente, diga-se de passagem – porque, se não lhe ouvimos a voz, tal atitude é bastante característica de quem deseja chamar atenção para algum ponto ou fazer uma advertência.

Se, contudo, não conseguimos apanhar a voz do desconhecido, a de seu serviçal, que permanecia na soleira, sobressai, impõe-se com intempestiva autoridade:

– Meu senhor aguarda uma resposta, rude lenhador – disse. – Não é de boa educação fazer S. Exª esperar! Pelo contrário, é mui precário proceder!

Sua Exª não precisou voltar-se para repreender o criado, nem mesmo foi-lhe necessário falar: tão só ergueu a mão esquerda espalmada um pouco para a esquerda e para trás enquanto baixava a cabeça, cerrando-se o punho em seguida e assim esteve por um momento, um gesto incisivo mas de um vigor apenas subjacente, a mão – via-se – nem grande nem pequena, mas bastante branca e elegante como a mão de um fidalgo, que fez o outro recuar rapidamente para fora; esse gesto figurava uma repreensão, não temos dúvida, mas o que se seguiu – um leve bater de palmas e, ainda sem se voltar, certo de que o criado estaria vendo, exibir os dedos indicador e médio estirados enquanto os outros se fechavam – teria um significado oculto, no que supondo não nos enganamos, pois um momento mais tarde reapareceu o criado, entrou no recinto com dois pequenos fardos nos braços e, dando volta à mesa, foi entregar um deles à mulher e o outro ao

marido. Com esse desembaraço típico do serviçal em presença de seu amo, e talvez para impressioná-lo com sua eficiência, foi apanhar à prateleira a única vela que provia o cômodo de luz e trouxe-a para perto: então o casal, ambos ainda um tanto desajeitados, pôde ver entre finíssimas sedas, delicados bordados a fio de ouro e rendas de Chantilly, duas rechonchudas e rosadas carinhas. Os recém-nascidos, pois se tratava de dois recém-nascidos com duas a três semanas de vida, eram, prosseguia o criado com ar cheio de gravidade, inflado de uma empáfia que não se lograva vislumbrar no amo, um menino e uma menina, gêmeos, ainda não batizados e portanto sem nome, sendo que levar a ambos à vila para batizar e dar-lhes um nome passava a ser incumbência do casal, bem como encontrar-lhes uma ama-de-leite "pois a que veio conosco" explicou o criado, "deixou-nos hoje pela manhã, decerto temerosa de ser instada a permanecer neste fim-de-mundo". Após uma breve pausa achou por bem acrescentar, nesse ponto chegando mesmo a alçar o queixo e envergar o espinhaço para trás elevando-se na ponta das botinas, "saibam que S. Exª está sendo excessivamente pródigo, pois essa bolsa bastava-lhes para a vida inteira e, no entanto, uma vez por ano, como lhes foi prometido..."

Mas com um gesto S. Exª o interrompeu e ele, primeiro franziu a boca fazendo um biquinho muito pontudo e fechando a cara, e depois girou sobre os calcanhares recuando até a porta, transpondo a soleira e aguardando do lado de fora.

"Bem, bem" teria dito S. Exª relanceando a vista à sua volta pela primeira vez e inspecionando o ambiente, como se só agora desse com as verdadeiras condições da casa mas como se aquilo não tivesse importância nenhuma; "bem, bem", mas não lhe ouvimos essas palavras, apenas supomos que as pronunciou uma vez que o assunto que ali fora tratar parecia resolvido, ou talvez as tenha pensado apenas, o que, contudo, não é de nosso interesse imediato. Interessa-nos que enquanto o lenhador prestava, por assim dizer, uma espécie de juramento ("sim, Excelência, seremos os fiéis guardiães dos pequenos, e quanto à condição de nunca nos mudarmos... nunca foi mesmo nossa intenção sair daqui") e a mulher ia ajoelhar-se aos seus pés e beijar-lhe a mão, desejando antes beijar-lhe o próprio rastro das botas no chão da casa em face da bem-aventurança de que ele fora portador, S. Exª

faz um breve gesto de cabeça – de onde estamos, e apesar de a fresta não oferecer uma visão suficiente do cômodo, podemos vê-lo – e se retira. Um momento depois, o tropel que se vai distanciando nos informa que o casal está outra vez só – mas por algum tempo ainda permanecem ambos no mesmo lugar a contemplar cada qual o bebê que tem nos braços.

Não pretendemos nos demorar na cena que se seguiu, nas cogitações que ambos fizeram acerca do episódio, no esmero com que o lenhador derramou sobre a mesa o ouro que havia na bolsa e se entreteve, com uma das mãos, a fazer pequenas pilhas de moedas, enquanto com a outra ainda segurava a criança, perto a mulher maravilhada a observar a atividade do marido ainda sem compreender com muita clareza que todo aquele dinheiro lhes pertencia. Tampouco será necessário referir que no dia seguinte o lenhador não partiu para T***, e se ambos tiveram de ir à vila foi para batizar as crianças, que receberam os nomes de João e Maria, e procurar uma ama-de-leite, acrescentando que o casal passou a viver se não com largueza, pelo menos com uma certa folga.

Parece-nos ainda que não há por que nos preocuparmos com as razões que fizeram recair sobre o lenhador Hermann e sua mulher a escolha para a adoção dos bebês, nem como foram descobertos naquele recanto perdido onde habitavam, pois quanto a isso basta lembrar que, se a intenção daqueles que trouxeram as crianças ao mundo era levá-las para longe da civilização, a escolha recairia sempre sobre qualquer um que preenchesse tal condição, e outros fossem, aqui estaríamos do mesmo jeito referindo o que aconteceu e da forma como aconteceu. Podemos então ficar assim: nenhum motivo especial levou o eminente desconhecido a escolher aquele casal que, de si mesmo, nada tinha de especial para o mister.

Presumimos, entretanto, que o leitor esteja se perguntando qual a origem dessas crianças e por que se fazia tão necessário que sumissem do mundo a ponto de serem escondidas como foram. Não temos desde já a resposta, conquanto possamos avançar algumas conjecturas: por exemplo, lembramo-nos de que, ainda na estalagem, quando nos foi informado pelo estalajadeiro que os únicos quartos da casa já estavam ocupados, razão pela qual não nos podia hospedar mas tão só indicar-nos o celeiro

onde não havia mais que alguns feixes de feno, lembramo-nos portanto de que o estalajadeiro havia dito duas palavras, não mais, e por si mesmas muito expressivas, aliás, expressivas a tal ponto que não deixavam nenhuma dúvida: as palavras foram “padre” e “inquisidor”. Ora, tal lembrança nos sugere que o homem que vimos adentrar a choupana do lenhador e de sua mulher, sendo o mesmo que ocupara as dependências da estalagem com sua comitiva, seria um inquisidor da Igreja, um homem portanto poderoso e, decerto, temido. Não lhe vimos a face nem lhe ouvimos a voz, e a única coisa mais pessoal que temos dele como indicativo é aquele gesto feito com mão fidalga no momento em que o criado se excedia em zelo, seguindo-se o surgimento em cena dos bebês. Avançando em nossas conjecturas, supomos que tal homem de voz branda e gestos suaves por um lado impunha terror àqueles que suspeitos de heresia lhe caíam nas mãos, e por outro via-se na contingência de observar uma conduta reta pois muitos seriam seus inimigos, os quais sem dúvida teriam grande satisfação em vê-lo, também ele, suspeito de heresia. Para tanto não seria suficiente que, homem da Igreja como era, tivesse quebrado os votos, pecadilho que lhe renderia no máximo alguma repreensão, mesmo que dele resultassem duas provas contundentes como as que procurava manter ocultas. Porém, a extensão da gravidade de um ato depende de quem esse ato atinge, e ainda que insuficiente para uma acusação de heresia pode ter conseqüências outras de igual gravidade – parecer com o qual julgamos não ser necessário irmos mais longe em nossas conjecturas: não temos já atinado com a resposta? Uma repreensão talvez representasse para tal pessoa, em face do alto posto ocupado, uma tão grande mácula que se fazia necessário, mesmo a um simples pecadilho, apagá-lo do conhecimento dos homens. Essa explicação nos satisfaz? À falta de outra, somos forçados a nos contentar com a que temos, também porque é certo que acabaremos por perder de vista essa ilustre personagem de quem voz e rosto não conhecemos e de cuja carruagem já nem ouvimos mais o tropel, nem mesmo vemos na estrada branca sob a lua a poeira que os cavalos a galope iam levantando.

Tendo algum controle, pelo menos nominal, sobre o tempo, podemos mais uma vez tomar o leitor pela mão e avançar alguns

anos – não muitos nem poucos, o suficiente: sim, o suficiente para que os gêmeos João e Maria tenham crescido e chegado aos dez anos de idade.

Pois cresceram e, aproximando-nos a qualquer hora do casebre dos pais – pois para as crianças o lenhador e sua mulher eram seus pais verdadeiros –, poderemos vê-los aqui ou ali, ora brincando, ora atendendo-os em algum mandado.

Antes, porém, de dar uma espiada nos meninos, adiantemos que nesses dez anos observaram-se algumas transformações no lugar, mas não muitas, e a razão para isso reside no fato de que não apenas nós, mas também o casal Hermann perdera de vista completamente o ilustre visitante daquela noite: ainda que vultosa a bolsa entregue então, a promessa de uma reposição anual não foi cumprida, e não tivessem lançado mão de tal soma com parcimônia, bem poderia em pouco tempo não lhes restar mais nada.

Assim, em vez de encontrá-los agora num pequeno palacete, vestindo roupas finas e cercados de serviçais, encontramo-los quando muito proprietários da terra que antes haviam ocupado apenas como colonos, e se sua casa não é mais a mesma choupana que conhecemos, não apresenta em relação àquela tantas diferenças quantas se poderiam esperar: é apenas um pouco maior, e o assoalho de madeira oferece aos seus moradores um conforto que não encontravam no antigo chão de terra batida; a sala agora distingue-se da cozinha, que se acha bem provida não só de mantimentos como de bons móveis, tais como uma grande mesa de carvalho, um fogão a lenha com um forno bem construído onde se assam pães para toda a semana, e as prateleiras mantêm-se firmes em seu lugar. Já não se pode falar em casebre, mas tampouco em casa de luxo e muito menos em palacete, enfim, fiquemos que é uma vivenda aceitável para lenhadores pobres que, com esforço, obtiveram alguma melhoria de vida. Quanto aos proprietários, vemos por seus trajes que pouco mudou em sua aparência, exceto que agora possuem as faces mais rosadas e um pouco mais de carne sobre os ossos, indício de que se alimentam bem, não negligenciando o cuidado com os filhos, pois João e Maria, ainda que vestidos como filhos de camponeses (a despeito de possuírem dois ou três trajes domingueiros, os do dia-a-dia exibiam sempre certo sortimento de remendos que revelavam

sua condição) e apesar de andarem no seu natural um tanto sujinhos, apresentavam-se saudáveis e de aparência bem nutrida.

O lenhador, após os gastos iniciais com a melhoria da casa e a compra da terra, bem como com uns tímidos investimentos feitos em algum gado, alguns leitões de ceva além dum cachaço, uma porca parideira e umas cabras, tratou de esconder o resto do ouro num local só dele e de sua mulher conhecido, e enquanto esperavam pelo próximo ano e pela prometida visita do emissário de S. Exª, não negligenciaram a lida, no que agiram com prudência, pois ao fim aquele ano o emissário não apareceu. Se algum receio tiveram com essa demora, não demonstraram, procurando justificar para si mesmos que alguém de tão alta prosápia como S. Exª bem poderia andar de tal forma ocupado que, conquanto não se esquecesse do prometido, não pudera liberar o criado para a tarefa de visitá-los, alvitrando mesmo que "ano que vem quem sabe não traz duas bolsas, em vez de apenas uma?", ele disse, a mulher concordando de imediato, pois então não?, então S. Exª não sabia fazer as contas muito bem? Era certo que, se a prometida visita atrasasse em um ano, quando o emissário aparecesse viria não com uma, e sim com duas bolsas...

...entretanto passado mais um ano sem que o emissário desse as caras, pareceu-lhes um tanto inadequado esperar, quando ele enfim viesse, não por duas, mas por três bolsas, quem sabe quatro, ou cinco, pois verdade é que se passaram esses anos e vários outros, e como temos dito com que idade encontramos agora os pequenos, não custa acrescentar que se passaram dez anos e do emissário de S. Exª e sua bolsa nem sombra, nem notícia.

Fica com isso esclarecido o porquê das poucas mudanças observadas na vida e na aparência do casal, esclarecendo-se também que o que se disse acima desde que resolvemos avançar alguns anos não é de todo exato, ou seja, a situação em que vamos encontrar o casal de camponeses por volta do décimo aniversário de João e Maria não é bem a que descrevemos: para não ficarmos nas meias palavras, diremos que transcorrido um lustro se tanto, umas reviravoltas para as quais nunca se acham explicações suficientes (donde passarmos por alto esses detalhes, de resto dispensáveis para o seguimento da narrativa) fizeram com que, não de uma só vez, mas gradualmente se instalasse naquela terra

uma penúria tal que agora, quando João e Maria completam dez anos, a vila que conhecemos esvaziou-se, e a tal ponto que se então mais uma vez eu e o leitor por lá passássemos, teríamos decerto acomodações de sobra, não só na estalagem como em qualquer outra casa, porém não um jantar: a comida começou a escassear cerca de quatro anos e meio depois da visita de S. Exª, e dois ou três anos depois o único armazém da vila não tinha mais sortimento e fechou as portas. Boa parte da população fora embora, e os que haviam ficado acabaram partindo também com pouco mais. Os Hermann, que observavam assombrados a terra negar seu fruto, como se encontra nas Escrituras, conquanto diligentemente e de sol a sol a cultivassem, viram-se obrigados primeiro a comer suas galinhas, depois seus porcos, suas cabras e vacas, de forma que o que lhes restava nesse ano em que os meninos completam seu décimo aniversário eram uma única vaca furando o couro com os ossos – razões pelas quais sua aparência, ao contrário do que foi dito, não seria tão rosada como podíamos esperar que fosse.

O leitor poderá então perguntar por que razão o lenhador e sua mulher mais os pequenos, lançando mão do que restara do ouro de S. Exª e de um farnel, não botaram o pé na estrada como todos os outros à procura de paragens mais amenas. Não seria implausível, por exemplo, refletir que tal situação não duraria para sempre, e eles de qualquer forma eram os proprietários daquela terra, que não lhes fugiria mas estaria ali à sua espera para ser amanhada quando as coisas entrassem de novo nos eixos e pudessem voltar. Ocorre que a fortuna é sempre buscada pelo homem mesmo quando nenhuma probabilidade tenha de obtê-la; e uma vez que ela lhe acena, agarra-se o infeliz a qualquer fiapo de esperança para segurá-la consigo, e era a esse fiapo que o lenhador se agarrava, tencionando largá-lo somente quando já não lhes fosse possível resistir: “E se vamos embora, mulher, e S. Exª aparece e não nos encontra, e vendo o que aconteceu a essa região julga-nos, bem como aos pequenos, mortos?... Se assim suceder, não teremos perdido a fortuna?” Pode-se cogitar que a mulher, por ser mulher, seria mais cautelosa ou menos otimista, ou enfim que visse a realidade com mais clareza, e com isso respondesse ao marido: “Mas homem!, se ele tivesse de aparecer já teria aparecido! Se S. Exª tivesse de enviar seu emissário com a

bolsa prometida, já o teria feito. Mas passaram-se dez anos...” para depois de uma pausa concluir: “S. Exª pode ter morrido, homem! A quem estamos esperando? A um fantasma?” Porém a mulher não deu tal resposta, e é mesmo possível que nem cogitasse dessa maneira: o fato é que nada respondeu, e como quem cala consente, somos propensos a crer que concordava com o marido e junto com ele esperasse por um milagre.

Porém, os meninos...

João e Maria estavam com dez anos. Acima dissemos não ser de todo exato que seus pais, pelas razões expostas, estivessem corados e com boa aparência, nada dizendo no entanto acerca dos filhos. Consideremos que, como pais ciosos de seu dever e acima de tudo amorosos, fossem capazes de renunciar ao melhor bocado de cada refeição para que os pequenos se alimentassem bem, tornando-se um costume, quando tinham galinha para o almoço – mormente se se tratasse de uma das últimas galinhas do terreiro –, ferver um caldo com as costelas para si, engrossando-o com farinha, e cozinhar os pedaços mais polpudos para os filhos que, a bem da verdade, tanto se alarmavam com a penúria (que ainda não lhes afetara o estômago) quanto com a abastança, de que não tinham uma noção exata.

O leitor poderá perguntar se em algum momento a fome não bateria com força à porta, de maneira que os pequenos abririam enfim os olhos, e antecipando a pergunta respondemos que sim: é verdade que tal aconteceu, e justo nessa época em que completavam dez anos.

Num dia que podemos considerar à parte dos demais dias, pois não de todo rotineiro, vamos encontrar os meninos num recanto da propriedade, próximo à entrada da floresta e à margem de um regato de águas gélidas, sozinhos e pensativos como nunca estiveram. Sendo o segundo homem da casa, ainda que em idade não avultasse à irmã, pelo contrário, consta que esta viera primeiro ao mundo; João ter-se-ia dado conta antes de Maria da situação precária em que seus pais – e também eles – se encontravam. Na semana anterior estivera com o pai na vila, até onde gastava-se boa parte do dia para chegar, seguindo a pé como seguiam, haja vista não possuírem mais animal de montaria, tendo a carroça se tornado um traste inútil no fundo do celeiro; e ali

comprovara que já não havia ninguém: acossados pela fome, todos os moradores haviam partido, e entre as casas vazias, nas ruelas onde o mato crescia, só um silêncio incômodo que mais parecia um grito de angústia, um grito proferido por aquelas portas e janelas abertas para o interior de cômodos escuros à semelhança de bocas escancaradas numa exclamação – e aqui fazemos uma ressalva para nos desculpar perante o leitor se tal comparação não soa familiar, se isso já não foi dito antes, enfim, se não passa de um lugar comum: admitamos por um momento que assim seja, porém, como expressar com mais clareza e objetividade a impressão que ambos tiveram àquele passeio pela vila fantasma?

O fato é que desde esse dia João tornara-se um tanto macambúzio, e no que se recolheu àquele recanto à entrada da floresta, sentando-se numa pedra à beira do regato, Maria, que lhe seguira os passos de longe, resolveu aproximar-se, mas o irmão estava tão distraído que só percebeu sua presença ao sentir que ela lhe tocava os cabelos numa carícia.

– Você parece triste, João – Maria disse, sentando-se ao seu lado na pedra.

– Nossos pais também andam tristes ultimamente.

– Eu percebi, meu irmão, mas não tive coragem de lhes falar nisso. Será porque todo mundo foi embora e agora estamos sozinhos aqui?

– Não é bem por causa disso, mas por aquilo que fez todos irem embora.

– E o que fez todos irem embora, João?

– Ora, Maria, você é menina, e meninas não entendem essas coisas.

– Quem disse? Acha que por eu ser menina sou menos inteligente que você?... Fique sabendo que não sou nada burra!

João sorriu com carinho para a irmã:

– Eu não disse que você é burra, minha irmã, você só deve ser mais distraída. Então não percebeu que as pessoas todas foram embora porque não tinham mais o que comer?

– Mas nós sempre temos o que comer.

– Até quando teremos? Não vê que nossos pais sempre reservam para nós a carne, ficando apenas com os ossos? Isso significa que não resta mais muito o que comer para nós também.

– ?

– Já não temos vacas, leitões nem galinhas, e as plantações não produzem mais, a não ser migalhas. Quando já não tivermos nada, teremos de ir embora também, ou então morreremos de fome.

– Mas eu não quero ir embora, João. Gosto daqui.

– Eu também não quero ir embora, e é por isso que estou pensando...

– Pensando? Mas pensando em quê?

– Num jeito de ajudar nossos pais. Precisamos ajudá-los, Maria, para que eles tenham comida e não sejamos obrigados a partir.

– E você já conseguiu imaginar algum jeito?

– Ainda não, mas estou certo de que vou conseguir pensar em alguma coisa.

– Então eu quero ajudá-lo a pensar. Posso?

– Se você ficar quietinha e não me atrapalhar, pode.

– Eu fico quietinha.

– Então pode.

Maria recostou-se um pouco em João e ficou em silêncio.

Mas no silêncio havia o marulhar das águas do rio, e enquanto João espiava além da margem, parece que um tanto distraído pois de muito pensar acaba a gente distraindo-se, é natural que assim seja; enquanto isso, portanto, Maria olhava a água correr escutando o barulho que fazia entre as pedras e quase se sentia meio tonta com o movimento. Eis senão quando uma brisa agita-lhe os cabelos, e um vento mais forte faz ranger os galhos mais próximos, e esse rangido se sobrepõe ao ruído do rio e faz que a menina volte os olhos naquela direção e atente não propriamente para as árvores mas para a floresta em si mesma, e espiando mais adiante, além dos troncos que estavam à orla, e ainda além dos troncos que se aprofundavam pouco a pouco na densidade da mata, o que vê, senão apenas um entrelaçamento de troncos e galhos floresta adentro, e de tal maneira que naquela fundura o que podia enxergar era apenas uma quase escuridão dum verde intenso como se fosse um poço, similar àquele mesmo poço que havia rio abaixo, porém mais vasto e profundo? Devagar Maria fica em pé, sempre olhando naquela direção, e assim permanece... por quanto tempo? João não lhe percebe o movi-

mento, e só dá acordo de si quando a irmã toca-lhe a cabeça com a ponta dos dedos e diz seu nome:

– João?

– Hein?... O que é? – e se vira para ela.

– E se entrássemos na floresta?

– O que é que a gente vai fazer na floresta?

– Poderíamos encontrar ovos para o almoço e fazer uma surpresa para mamãe.

– Ouvi nossa mãe dizer que para o almoço de hoje ainda havia um pouco de arroz e uns restos do frango que ela matou ontem.

– Mas amanhã não haverá mais frango, e o arroz é bem pouco. Na mata há tantos pássaros grandes, é quase certo que encontraremos algum ninho com ovos que darão um belo petisco.

– Você tem razão, não é o jeito que eu esperava mas já serve para alguma coisa – e se levantou, tomando a mão da irmã e caminhando, ambos, em direção da floresta.

Cumpre, no entanto, perguntar se as crianças não sentiam medo em entrar na floresta sozinhas, pois não restava dúvida quanto a haver perigos de toda sorte ali. Nem mesmo seu pai gostava de aventurar-se por lá, e quando precisava apanhar lenha nunca ia muito longe dentro da mata: as feras cujos bramidos ouviam às vezes à noite mas que não apareciam em campo aberto, se pilhassem algum deles em seus domínios decerto não hesitariam em atacar. João e Maria também escutavam, vez por outra, depois que escurecia, seus uivos e rosnados, mas aquilo não lhes fazia medo: sabiam-se seguros entre as paredes de casa, e quando entraram na floresta naquela manhã também não tiveram medo porque era dia, e de dia nunca se escutavam as feras.

À medida que avançavam, percebiam que a vegetação ora apresentava-se mais densa, quase intransitável, ora abria-se em clareiras iluminadas pelo sol da manhã, o que lhes aumentava a confiança. Podia-se quase afirmar que, entre as árvores altíssimas, de imensas raízes a saltarem da terra, cujas frondes lá no alto moviam-se vagarosas ao vento ligeiro, havia um caminho: não um caminho aberto a ferramentas e pela mão do homem, mas um caminho natural pelo qual lhes parecia seguro ir em frente pois, para retornar, bastava que voltassem sobre seus pas-

sos, tal caminho devia ser único; de repente viam seus passos barrados por espessa galharia, “fim da linha” teriam dito um para o outro se essa expressão estivesse em voga então, parece-nos que disseram algo similar, como “a senda termina aqui”; porém o diriam para verificar em seguida que não era verdade, pois bastava afastar alguns galhos para avistar adiante outra vez o caminho abrir-se e como que convidá-los a prosseguir. Verdade é que, fora desse trilho, a mata era de tal forma densa que mal podiam avistar qualquer coisa além dos troncos, galhos e folhagens, e o que avistavam ou seriam outros troncos, galhos e folhagens ou as sombras que uns lançavam sobre os outros, sombras móveis e silenciosas que pareciam seguir-lhes os passos. Aqui devemos talvez fazer uma pausa. Pois é certo que nas matas fechadas as sombras são quase vivas, e dependendo de como a luz do sol penetra entre as copas e filtra-se até o chão, e ainda de como o vento faz com que as árvores balancem seus galhos, é quase possível afirmar que as sombras andam, adquirem uma autonomia que faz delas seres independentes e quase conscientes de sua existência. Seja dito que essas considerações são mais ou menos poéticas, mas não de todo infundadas se quem pensa sobre elas está em um lugar assim e súbito sente o ferrão do medo: é quando a imaginação se solta e elabora fantasmas. Não é, porém, o caso dos nossos meninos: não tinham medo, talvez em sua inocência imaginassem que os perigos só andam à noite, por isso se alguma sombra se tornava súbito mais nítida destacando-se do fundo escuro e informe do arvoredo e lhes atraía o olhar, mas no que lhes atraía o olhar logo num rápido movimento desaparecia contra esse mesmo fundo escuro e informe, era coisa que não lhes afetava o ânimo, pois afinal quem tem medo de simples sombras? Se fosse o pai, embora o pai nunca se aventurasse tão longe mata adentro quando ia a cata de lenha, com os medos naturais nos adultos ele veria ali não sombras mas talvez formas humanas, ligeiras, esquivas, espiando detrás dos troncos, a imaginação dos adultos costuma ser mais fértil que a das crianças em certas situações; mas o meninos avançavam sem se preocupar.

Não podemos nos esquecer de que sua intenção era colher ovos em algum ninho que encontrassem, ovos dos pássaros grandes que havia na mata, e Maria revirando as moitas mostrava-se mais diligente que o irmão em procurar os ninhos, porém mesmo

depois de andarem por umas duas horas ou mais – e tanto tempo transcorreu sem se aperceberem pois distraía-os a novidade da aventura – continuavam de mãos vazias.

Não somente as mãos, contudo, mas também os estômagos, pois a caminhada acabou por fazer sentir seus efeitos, um deles o cansaço e o outro a fome. Foi quando Maria, sentando-se numa grande raiz que emergia do chão, disse:

– Acho que não vamos encontrar ninho algum. É melhor voltarmos pois já estou com fome.

João foi lesto em concordar, e girou sobre os calcanhares para a direção de onde tinham vindo... porém, que surpresa o aguardava então, quando não pode reconhecê-la? Afinal, tinham vindo mesmo por ali, perguntou à irmã apontando para uma direção, ou por lá, e apontou noutra direção diferente. Maria olhou em volta, e a floresta tão densa e fechada que parecia ter um único caminho agora abria-se à sua investigação e ela pôde ver que em volta, na clareira onde se encontravam, um sem número de trilhas desembocava, todas iguais, sendo talvez exagero dizer "um sem número" se tal expressão não tivesse o valor de exprimir meia dúzia ou mais, o suficiente para estarem perdidos – mesmo duas bastavam caso escolhessem a errada, quanto mais seis ou sete!

Pois foi o que constataram: estavam mesmo perdidos, e não sabiam como encontrar o caminho de volta.

– Vamos escolher um dos caminhos – disse Maria –, e ver se reconhecemos as árvores. Se não, voltamos e entramos em outro, e vamos fazendo assim até encontrarmos o caminho certo.

Bem pareceu a João o expediente, e resolveram pô-lo em prática. Cedo, porém, perceberam que não era tão simples, pois após caminharem algum tempo tanto encontravam trechos que pareciam familiares como outros que lhes diziam nunca terem passado por ali, o que fez com que resolvessem voltar e entrar em outra trilha, mas o mesmo se repetiu: árvores e acidentes do terreno familiares em certos trechos ("Maria, estou certo de que passamos por estas moitas com florinhas vermelhas"), e mais adiante o desconhecido, o nunca visto ("Este tronco caído, João, não estava aqui antes"), para mais uma vez constatarem que o caminho não era aquele, e não seria aquele nem nenhum outro porque depois de terem entrado em todas as trilhas, ou assim

lhes ter parecido, a única certeza que tinham era que todas se pareciam, todas lhes mostravam pontos familiares e estranhos, de forma que tanto fazia escolher esta como aquela, e como não cabia ficarem parados, foi o que fizeram, escolheram a esmo uma das direções e se internaram cada vez mais na floresta.

Não podemos afirmar com certeza por quanto tempo teriam seguido um caminho que parecia não ter fim, mas observamos que quando resolveram parar e descansar um pouco, encontravam-se à beira de um regato e o sol estava a pino: podiam vê-lo além das copas muito altas, e com isso calcular que já devia passar do meio-dia, no que somos concordes: ainda que não tenhamos aqui um relógio de pulso, pois ainda não haviam sido inventados e nesse recuo no tempo não nos lembrou trazermos um para nos orientar, pela posição do sol é certo que não só passava do meio-dia como já deviam aproximar-se as duas da tarde. Maria tinha se mostrado até então uma garota valente, mas sabendo-se perdida naquele labirinto dentro do qual não conseguia orientar-se, molhando os pés na água fria começou a chorar. João acudiu, não lhe agradava ver a irmã chorando pois com isso se sentia mais inseguro e era capaz que começasse a chorar também: segurou-a pelas mãos e puxou-a de encontrou ao seu peito, abraçando-a e dizendo palavras de ânimo, tais como “não se preocupe, irmãzinha querida, papai conhece a floresta muito bem, e quando der pela nossa falta virá nos procurar e com certeza vai nos achar” e acrescentava “é possível até que já esteja por aí, e se prestarmos atenção, a qualquer momento o escutaremos chamando por nós” – palavras nas quais, diga-se de passagem, não punha nenhuma fé, mas que precisava dizer para não se desesperar também, e ao mesmo tempo olhando o sol a pino sobrevinha-lhe uma outra preocupação que evitou referir para não tornar as coisas piores: como o sol atingira aquela posição durante o tempo em que eles haviam caminhado, era certo que, outro tanto que caminhassem, o sol estaria no poente e logo seria noite: portanto, para não serem surpreendidos pela escuridão dentro da floresta seria necessário que o mesmo tanto que haviam caminhado até então o fizessem sem qualquer erro na direção certa, isto é, na direção mais difícil de ser seguida por ser a única entra tantas erradas. Com esse raciocínio verificava que o mais provável seria passarem a noite perdidos. Com alguma sorte encontrariam um

tronco oco onde esconder-se, ou uma árvore na qual pudessem subir com facilidade e estar seguros longe das feras que transitavam pelo chão – preferindo o menino não pensar nas que passeiam pelas árvores: achava melhor considerá-las menos perigosas. Com respeito a essas apreensões manteve-se calado, fez apenas abraçar a irmã até que ela parasse de chorar, e então recomendou que lavasse o rosto para animar-se e continuarem procurando um caminho ou, quem sabe, "ir ao encontro de papai" reiterava, "que deve estar por perto à nossa procura".

Podemos apressar a narrativa passando por alto os tropeços que as crianças enfrentaram durante aquele resto de dia para ir encontrá-los ao cair da noite mais perdidos que nunca numa clareira tão desconhecida dos dois quanto os demais pontos do caminho que haviam percorrido. Maria já havia chorado o que tinha para chorar e João não dispunha mais de palavras de conforto com que atenuar o medo da irmã, no que iam empatados, pois se ele não teria mais o que dizer ela não tinha mais pranto, restando a ambos um imenso cansaço que os lançou por terra, e no momento em que os alcançamos vemo-los estirados na relva, um ao lado do outro, testemunhando o aparecimento das primeiras estrelas.

– Vamos dormir aqui, João? – Maria pergunta sem se mexer.

– Acho melhor procurarmos uma árvore para subir, uma dessas de galhos bem grossos, onde poderemos nos acomodar melhor.

– Eu estou com fome, João.

– Eu também, não comemos nada o dia todo.

– Como vamos voltar para casa, João?

O menino não se valeu de meias palavras para eludir a verdade:

– Não sei, Maria – disse, e não se mexeu.

E continuaram em silêncio deitados na relva, enquanto o céu se enchia de estrelas.

Súbito, porém, Maria deu um salto, primeiro sentando-se, depois levantando-se; pôs-se a prestar atenção.

– O que foi, Maria? – João, por sua vez, sentou-se admirado.

– Você não escutou?

– O quê?

– Estou quase certa de que há uma casa aqui por perto.

– Uma casa por perto? Por que diz isso?

– Pareceu-me ouvir alguém cantando... só por um momento...

– Não ouvi nada.

– Olha! De novo!... Ouviu agora?

João prestou atenção. Por algum tempo só escutava os ruídos naturais da noite, mas de repente, vindo de algum ponto não muito distante da floresta, percebeu com bastante clareza a voz de alguém que ora cantarolava brevemente uma canção qualquer, ora calava-se, para reiniciar o canto logo depois.

– Sim, tem alguém cantando – João se precipitou na direção de onde provinha a voz. – Venha, Maria, vamos procurar. Deve ser algum lenhador ou caçador, então deve haver por aí uma cabana! Viva! – e o menino bateu palmas de contentamento, enquanto da menina os olhos marejavam –, já não passaremos a noite ao relento, vamos!

E ambos se internaram de novo na mata, seguindo a voz que seguia intermitente sua cantiga. De súbito avistaram uma casa de onde provinha a voz, que lhes pareceu de mulher e, pelo timbre, uma mulher de certa idade, digamos uma avó, para dar a idéia exata de uma senhora grisalha e de aspecto bondoso, que ainda não divisamos mas que podemos mais ou menos supor. Os meninos, no entanto, não avançaram de imediato, surpresos com o que viam...

Podíamos aqui referir, como na lenda, que se tratava de uma casa cujas paredes eram de chocolate, o telhado de confeitos, as portas e janelas de biscoitos recheados e outra guloseimas, porém desde o título desta narrativa nos propusemos a contar o que de fato aconteceu no fundo da floresta, e em vista disso não podemos agora descambar para o exagero. Convém portanto descrever sem diminuir um ponto nem tampouco aumentar dois o que os meninos viram: tratava-se de uma casa de aparência muito agradável, no meio de um terreiro gramado através do qual uma ruazinha de pedras conduzia até um par de degraus baixos que conduziam a uma varanda. A casa não era grande, conquanto não fosse excessivamente pequena; via-se que estava coberta por palha nova e as paredes brancas indicavam uma cai-

ação recente. De um lado e do outro haviam sido acesos dois archotes que proviam o exterior de uma luz razoável, mas a janela aberta mostrava um interior iluminado, conquanto não se visse ninguém. A pessoa que cantava devia estar em algum compartimento dos fundos, tudo indicando que se não estava só, devia haver pouca gente mais. De onde, portanto, veio a idéia de que a casa fosse todinha feita de doces? Não podemos responder a tal pergunta, a não ser com uma conjectura que nos parece plausível: da fome das crianças, que não haviam posto nada na boca todo o dia, exceto alguma rara frutinha encontrada na mata (lembremo-nos de estarmos num período de penúria que já dura alguns anos, e que mesmo da terra vinha sendo impossível extrair alimento suficiente, não sendo diferente na floresta, que tampouco produzia as frutas que em outras ocasiões naturalmente se encontram). Pois a fome que atormentava as crianças era de tal monta que lhes faria enxergar numa simples travessa com um bolo posta à janela (decerto para esfriar mais rápido, à aragem que fazia) e num prato contendo alguns docinhos quantidade tal de gulodices que lhes pareceu recobrir toda a casa.

Não se sabe ao certo se foi a vista da travessa com bolo e do prato com docinhos que lhes apertou o estômago, ou se foi a própria casa que lhes dava garantia de uma noite confortável entre lençóis macios, ainda que creiamos serem ambos os motivos, o fato é que irmão e irmã primeiro se olharam, ainda espantados, depois correram juntos até a entrada, e teriam ido através da varanda até a janela para roubar uns docinhos ou mesmo o bolo inteiro se nesse momento não aparecesse a dona da casa, uma senhora como a que referimos acima: uma “avó”, gordota, de cabelos grisalhos e ar confiável, que também se mostrou bastante espantada com a presença das crianças:

– Ora, vejam! O que temos aqui!

E saindo à varanda foi plantar-se diante dos dois irmãos, atrapalhados com o aparecimento da velhota:

– Mas são duas criancinhas! – ela exclamou. – Meus pequenos, o que é que vocês estão fazendo a uma hora dessas na floresta?

Maria quis responder mas gaguejou, e João, que se mostrava mais expedito, referiu como pôde a aventura por que ambos haviam passado naquele dia, ao fim de cuja explicação pediu que

ela lhes desse alimento e pousada por uma noite, “pois é provável que nossos pais estejam à nossa procura, mas com escuro não será possível encontrar-nos”. A boa senhora de imediato mandou que ambos entrassem, deu-lhes logo umas fatias do bolo para forrarem o estômago enquanto preparava-lhes um banho e extraía do forno um vistoso assado, cujo cheiro lhes pareceu celestial. Não cabe dilatarmos o que se seguiu: o banho, o jantar, a sobremesa com grande variedade de doces que as crianças iam beliscando – um pouquinho de cada um para poderem experimentar todos – e, por fim, uma cama com lençóis cheirosos e macios num bonito quarto todo forrado de madeira, cama na qual tão logo caíram, adormeceram.

Adormeceram dum sono só, para acordarem pela manhã e perceberem com pasmo que estavam... presos!

Propusemo-nos contar uma história, e se o título pode servir de indicativo, será o de veracidade, pois alude àquilo que de feito teria acontecido no fundo da floresta. Conclui-se daí que não estamos referindo uma lenda, mas uma história verídica, mesmo que o tempo tenha se incumbido de modificá-la até convertê-la num conto da carochinha, uma fantasia para distrair petizes.

Isso não deve ser motivo de espanto: não estará a História, a própria História, recheada de mitos e lendas que tanto os professores contam aos seus alunos em sala de aula quanto os historiadores lhes dá aval? Ora, para um fato transformar-se em lenda é tão simples (conquanto à primeira vista pareça coisa complicada) quanto para uma lenda transformar-se em fato. O que distingue uma coisa da outra é que a lenda convertida em fato mantém com a realidade algum nexo, enquanto que o fato convertido em lenda acaba mesmo como lenda. Não pretendo com isso afirmar que todos os fatos históricos tenham sido lendas que o tempo converteu em realidade: o que pretendo é que eles nos aparecem tão diversos do que deveriam ter sido em sua crua verdade que daí a uma simples mentira vai um passo – um passo que muitos dão, de boa fé, e no qual piamente acreditam.

Mas estamos falando de mentira e verdade porque enquanto interrompemos por algum tempo o fato histórico podemos distrair-nos com a lenda; pois é exatamente com uma dessas tais

– que corria por àquela época entre a populaça, em lugarejos próximos daquele entorno onde transcorre nossa história – que vamos nos distrair um pouco.

Afirmamos não saber como teria surgido tal conto, e dizemos "conto" por ser coisa que se contava, em outras palavras: o povo dizia que. Daí, diz-que-diz-que, desconfia-se já da veracidade se não bastasse o termos dito de início que se tratava de uma lenda. Podemos conjecturar sobre suas origens? Poderíamos, não nos fôssemos prolongar indevidamente, e então desfiar uma série de hipóteses, mas fiquemos com a explicação que mais parece plausível por ser aquela que primeiro se nos ofereceu: uma mulher, presume-se que do povo e nem jovem nem velha, digamos que madura mas ainda não na idade em que as mulheres se tornam inférteis, teria referido o caso a alguém após embriagar-se um tanto, embora seja certo que depois, sóbria, dando-se conta de ter dito o que não devia, desmentiu tudo, do que no entanto era tarde demais para retroceder: fogo posto em rastilho de pólvora, já se sabe.

Devemos ter em vista que quem conta um conto aumenta um ponto, conforme o dito popular, e que o conto que nos chegou aos ouvidos para distrair o leitor, que com boa vontade anuiu ao nosso convite de recuar no tempo, deve ter sofrido o acréscimo de um sem número de pontos, tantos que bastavam para costurar uma camisa, ou talvez nem tantos, digamos que só um punho ou uma gola, não importa, embora estejamos certos de que pontos a mais havia.

O conto era uma tragédia de amor, os pontos não deslindamos quais sejam, portanto repassemos ao leitor sem novos acréscimos aquilo que ouvimos, e, principalmente, sem mais protelações.

Contava-se que um certo padre, filho de uma mui nobre ascendência e destinado a elevados cargos clericais, que alcançaria não só pelo talento natural que devia possuir e pela instrução que granjeara depois de anos de estudos desde a infância, mas também devido à influência de gente poderosa com quem sua família privava, enamorou-se de uma jovem do povo, de uma casa não só plebéia quanto destituída de quaisquer recursos, da qual mais acertado seria dizer não casa mas casebre. Dizia-se que esse sacerdote já não era nenhum rapazola, conquanto não fosse tam-

bém um velho, pois se o fosse não teria cabimento algum dizê-lo destinado a cargos elevados: ou já os teria obtido ou não os obteria nunca; conjecturamos, e nisso vamos ao encontro da tradição popular de onde extraímos o conto, que seria um homem de seus trinta e poucos anos, digamos trinta e cinco em razão de nossa preferência por números redondos, mas que oscilaria entre um ano a menos e um a mais, e que no momento em que se enamora já está a meio caminho de satisfazer a família, pois gozava da intimidade de alguns cardeais, fora abençoado pelo papa Pio II em pessoa, que teria apreciado muito palestrar com ele certo fim de tarde anos antes nos jardins de seu palácio em Roma, palestra cujo tema a tradição não soube informar mas que se tratava decerto de algum assunto relativo à salvação dos pecadores e hereges, cuidado precípuo da mui piedosa Madre Igreja, pois uns poucos anos mais tarde, já no breve pontificado de Paulo II, o nosso padre recebera a não menos piedosa missão de salvar os hereges do fogo do inferno, purificando-os pelo fogo secular, em outras palavras, tornara-se inquisidor.

Um inquisidor não é um homem desprovido de sensibilidade. Pelo contrário, tal é sua sensibilidade que dedica sua vida à dura tarefa de combater a heresia para que os pecadores não pereçam, perdendo sua alma; passa seus dias, portanto, instruindo autos-de-fé, interrogando, ouvindo confissões e súplicas de misericórdia, e é justamente devido ao seu espírito sensível que, no que o prisioneiro se recusa a falar, o encaminha de volta ao porão para receber instruções – digamos, mais eficientes – de como proceder, e é ainda devido a esse espírito pio e sensível que opta enfim por comburir esse mesmo prisioneiro pois sabe que a carne nada vale e tão transitória é sobre a Terra que dela não restará mais que um punhado de pó, tanto fazendo que esse pó seja d'agora ou se produza um pouco mais tarde, porém a alma, esta não!, esta deve ser devolvida purificada ao Criador.

É devido à sua piedade e sensibilidade que um inquisidor é também profundamente humano, e sendo humano possui um dom inato para o amor, conquanto não o amor carnal, que lhe é vetado em decorrência dos votos que proferiu. Porém, sendo humano, é que um inquisidor também poderá sucumbir à carne, e o amor que deveria conhecer apenas na feição desse nobre sentimento que o leva a estender seus braços para abraçar a huma-

nidade (mesmo que nesse abraço deva queimá-la num sem-número de fogueiras) por artes do Inimigo às vezes assume um outro aspecto, menos desejável mas não menos possível, o carnal, ou a paixão consumidora, ou o puro e simples desejo, ou mesmo um amor perene, sabe-se lá de que meios lança mão o coisa-ruim.

Conta, pois, a tradição popular que esse padre, cujo nome soava sempre como um assombro entre a gente quando se anunciava sua chegada em qualquer cidade, vila ou vilarejo, certo dia, quando transitava em seu coche cujas cortinas permaneciam como de ordinário cerradas, ou para distrair-se de uma longa jornada ou para arejar um pouco o interior do carro, em má hora afastou um pouco a cortina da janelinha que ficava ao seu lado e, espiando a multidão que fazia alas ao longo da rua, descobriu meio à populaça um rosto, e também os olhos que havia nesse rosto – olhos que talvez não pretendessem vasculhar o interior do carro mas que acabou percebendo um vulto lá dentro que, no instante seguinte, cerrava outra vez a janelinha, correndo a cortina num gesto lento como a prolongar o momento de contemplação daquele rosto e daqueles olhos.

Podemos afiançar, pois temos a nosso favor a tradição, é assim que se nos refere o conto, que o rosto no qual havia esses olhos já no instante seguinte do vulto que seguia dentro do carro não preservara qualquer lembrança, o mesmo não se dando com o viajante, que, mesmo mais tarde, quando recolhido em seu quarto na hospedaria local a uma hora avançada da noite, e sozinho, largara de lado o breviário pondo-se a pensar no episódio daquela tarde: o coche passando devagar entre a multidão, a cortina afastada num gesto inocente, um rosto que aparece, e uns olhos...

“Preciso encontrar aqueles olhos” foram as palavras quase inaudíveis que o sacerdote pronunciou, enquanto afastava ainda para mais longe o breviário e, levantando-se, ia até janela espiar a rua escura e silenciosa.

“Em algum lugar aí em volta hão de estar... O que há neles de tão misterioso que não me permite esquecê-los?”

Consta que no dia seguinte o sacerdote fora recebido com honras na igreja do lugar, onde deveria celebrar o ofício religioso, sendo que o povo compareceu à celebração dividido entre o pa-

vor que o nome do oficiante impunha por onde passava (mormente por aqueles lugares onde passava na instrução de algum auto-de-fé) e a curiosidade por aquela figura mal entrevista na véspera quando descera do coche logo desaparecendo no interior da hospedaria. Podemos conjecturar que a curiosidade satisfeita produziu uma surpresa em quantos ali se encontravam, haja vista que o oficiante era um homem quase maduro, mas possuía uma fisionomia tão pura e afável que não só aparentava dez anos menos como fazia parecer inverossímeis todas as histórias que circulavam acerca de sua militância. Embora muitos se mantivessem de pé atrás quanto à pessoa do inquisidor e sempre na intenção de preservar uma segura distância entre sua pessoa e a dele, outros tantos chegaram a duvidar das histórias que corriam, atribuindo-lhes invencionices e desmedidos exageros. O que nos parece fora de dúvida é que tanto uns quanto outros não perceberam, ou se perceberam não ligaram importância, a um gesto imperceptível do oficiante, a certa altura, quando cedendo seu lugar ao pároco local afastou-se um pouco e indicou a um de seus ajudantes alguém no meio da multidão, dizendo-lhe qualquer coisa ao pé do ouvido.

O ofício chegava ao fim, o povo se dispersava e o sacerdote recolhia-se ao seu quarto na estalagem onde permaneceria até o dia seguinte, quando seus compromissos o obrigavam a partir com a aurora.

Era já tarde e sobre a vila adormecida caíra não apenas o silêncio mas uma névoa que indicava uma súbita mudança de temperatura para um frio úmido e incômodo, quando foram bater mui de leve à porta do sacerdote, que não dormia ainda mas vigilava, o breviário aberto à sua frente. “Entre” ele respondeu, e no momento seguinte foi introduzida em seu aposento uma jovem, que parou à porta com alguma hesitação e só se animou a avançar alguns passos quando para tanto foi convidada.

– Aproxime-se mais – disse o sacerdote vendo que a jovem se detinha a três passos de distância de sua mesa.

Tendo-a então à sua frente e bem próxima de si, o padre olhou para ela a fim de verificar se de perto aquele rosto era mesmo como julgara a distância entre a gente da aldeia, e se aqueles olhos possuíam também aquilo que neles vislumbrara. Após demorar-se um ou dois minutos nesse exame tão minucioso

quanto penetrante, durante o qual a jovem baixara o rosto embaraçada, corando, a que conclusão chegou? Podemos fazer uma idéia, se considerarmos que a jovem era quase uma menina, talvez não tivesse ainda completado dezoito anos; além disso tinha os cabelos loiros, a pele branca, os lábios e as faces rosadas, e olhos da cor de um céu tempestuoso: azuis, mas de um azul acinzentado, intenso, perigoso – e se o leitor nos perguntar por que o emprego de tal adjetivo, aventa-se que o perigo residia em o quanto podiam influenciar o ânimo daquele cujo nome era ouvido com pavor.

– V. Exª mandou chamar-me? – a menina disse por fim.

Se além do rosto e dos olhos da moçoila havia nela alguma coisa encoberta que pudesse afetar o homem sentado à sua frente, essa coisa acabava de revelar-se: a voz, que atenuava as duras consoantes da fala rústica do povo e fazia das vogais o *continuum* de um quase invariável acorde de alaúde, aquela voz tanto quanto o resto fê-lo sentir uma vibração a mais.

– Eu percebi sua presença ontem entre o povo – ele respondeu depois de um momento em que ainda ouvia aquela suave sonoridade.

– Fico honrada que uma pessoa tão importante quanto V. Exª tenha prestado atenção a alguém tão simples como eu.

O sacerdote sorriu, levantou-se e tomando a jovem pela mão conduziu-a até uma cadeira estofada que havia a um canto, sentando-se ele mesmo defronte dela numa outra cadeira.

– Talvez eu não seja alguém tão importante assim...

A mocinha, mantendo o busto erguido, fixava o padre à sua frente.

– ...ou a senhorita não será tão simples quanto julga.

Não nos demoraremos em minuciar, fala a fala, o diálogo que se seguiu entre ambos. Verdade é que o que disseram então tem alguma relevância no seguimento da história, mas entendemos que não só é mais produtivo referir de passagem o teor da conversa como também estaremos mais de acordo com a tradição, que não registrou o encontro de maneira tão minuciosa, pelo contrário, nas diferentes versões em que fomos colher o conto – que entre si divergiam como é natural supor mas não muito – o que se diz é que conversaram por algum tempo, breve ou dilatado

não sabemos, e que ao fim da conversa algo ficou acertado entre ambos.

Para não faltarmos com a verdade, nem uma palavra ao certo do diálogo foi registrada, ou se o foi, acabou esquecida. Podemos contudo, com alguma cautela para não exorbitarmos, imaginar como se deu o encontro: o sacerdote teria, de início, desejado saber a idade da sua jovem visitante, e em seguida referiu qualquer coisa sobre seu rosto, que talvez então tenha se ruborizado um pouco mais, achamos mesmo que se ruborizou, acrescentando algo sobre os olhos que nesse momento fixava com um transporte contido – como convinha à sua posição, mas ainda assim transporte –, e ouviu da jovem um agradecimento entre acanhado e malicioso, pois se como supomos a moçoila baixou os olhos, ruborizando e com algum acanhamento, havia também um sorriso de malícia que lhe saía natural, sem qualquer intenção. Depois desse início, é provável que o sacerdote tenha se informado acerca da família da jovem, se os pais seriam vivos, se tinha irmãos, coisas assim, mas nós não podemos adiantar qual seria a resposta pois a tradição não registrou também nada acerca de tal família. Parece-nos natural que, sendo padre, tenha se interessado pela alma da menina, procurando informar-se se costumava ir à igreja, confessar-se, tomar a hóstia, e então podemos afirmar que a resposta foi positiva, disso a tradição guarda fiel registro, pois a menina não perdia o ofício dos domingos e era com muita contrição que se ajoelhava no confessionário para relatar suas pequenas faltas, além do que, muito piedosa, auxiliava as devotas no auxílio aos pobres, ficando o sacerdote muito compungido com esta informação.

Não sabemos em que momento o diálogo transitou para outros rumos menos prováveis mas não de todo inesperados, podemos imaginar o olhar perigoso da menina a fitar com espanto seu interlocutor, calculamos no entanto que se ele lhe tomou as mãos ela não as retirou, e concluímos que, no momento em que ele prometeu voltar, se ela assim o permitisse, recebeu como resposta uma aquiescência.

Num salto por cima de desnecessárias minúcias, a tradição nos referiu um cavaleiro que durante algum tempo transitava embuçado, à noite, por aquelas estradas, aproximava-se da aldeia em questão, não chegando a entrar nela pois seu destino era uma

pequena residência nas imediações, retirada do povoado um quarto de légua se tanto, que da estrada mal se avistava pois ocultava-a o arvoredo que havia ali. A tradição nos fala desses encontros, que em razão das lonjuras a serem percorridas se repetiram com certo intervalo entre um e outro durante algum tempo, tempo esse não menor que um ano, não maior que dois. A tradição também nos refere que esse cavaleiro, apesar das reservas quanto a sua identidade, deve ter cometido algum descuido, quem sabe ao parar em um albergue a fim de requerer ração para o cavalo ou mesmo um jantar ordinário como soem ser esses que servem em albergues, e afastando do rosto o capuz um pouco além do que manda a prudência teve suas feições à mostra, quem sabe não mais que uns breves instantes porém suficientes para que acabasse reconhecido, e a história de suas aventuras acabou nos ouvidos de seus superiores – talvez os mesmos que intercediam para que ele pouco a pouco se alçasse a posições de maior preeminência, mas que também não podiam negligenciar a disciplina, pelo contrário, cabia-lhes exigir dele o necessário sacrifício, argumentando por exemplo – é o que se presume – que, fosse um simples cura de aldeia a adotar tal procedimento, pouco valia, deixava-se ficar e se a coisa ou se interrompesse ou continuasse nenhuma importância teria; mas ele, um homem cujo nome já se fizera notório, ora, ele comprometia-se gravemente e também a todos que por si se empenhavam. “Sim, meu amigo” aquele Cardeal com ar de bonomia e ao mesmo tempo severidade batendo-lhe no ombro e botando um ponto final no assunto, “infelizmente é como deve ser, quando nosso destino são as alturas: faz-se não só necessário mas urgente o sacrifício das coisas que devem permanecer rasteiras”.

“Sacrifício” suspirou o sacerdote com desânimo, enquanto movia a cabeça um tanto desconcertado.

Por enquanto não cogitava na extensão do sacrifício que lhe seria exigido.

O leitor, que vem nos acompanhando com alguma curiosidade – pois do contrário estaríamos a falar para as paredes –, decerto argúi que a tradição não pode recolher tantas minúcias como as que vimos referindo, e não estará de todo incorrendo em erro se assim pensar. Além do mais podemos acrescentar

que a tradição costuma variar de um lugar para outro, de maneira que se neste arraial a descrição de um episódio é desta forma, naquela aldeia mais além será de outra, e assim por diante. Porém, antes de impor ao nosso acompanhante o fastio de uma narrativa desprovida de coerência, tivemos o cuidado de investigar as várias fontes, apurando em que essas fontes concordavam, em que divergiam, de forma que ao reconstruir a tradição no seu aspecto final pugnamos ao máximo pela exatidão – e é essa exatidão que nos leva a referir que, não muito tempo depois, cremos que não menos de quatro semanas e não mais de seis haviam transcorrido desde aquele encontro em que um alto eclesiástico falara em sacrifício, o sacerdote cujo percurso acompanhamos até aqui foi informado de que em tal lugar urgia a instauração de um auto-de-fé, pois novas davam conta de haver ali uma bruxa que com seus malefícios fazia murchar as plantações e morrer o gado.

O zeloso sacerdote aprestou-se em atender ao mandado da Santa Igreja, que com suma piedade preocupava-se não apenas com os infelizes proprietários das plantações e do gado afetados pela bruxaria, mas – e maior empenho punha nisso – com a alma da bruxa, uma criatura de Deus que se encontrava nas unhas de satanás e precisava da purificação pelo fogo, caso se constatassem verídicas as denúncias, para salvar-se. Mas não foi sem alguma surpresa que se viu percorrendo, agora sem nenhum capuz cobrindo-lhe as feições, o mesmo caminho que um mês antes percorrera, coberto, para um agradável encontro. Suspirou: como estivesse em missão oficial não poderia entreter-se em nenhum momento durante sua permanência no lugar, mas já refletia numa estratégia para retornar logo em seguida na pele do cavaleiro embuçado, “afinal desta vez só poderei vê-la de longe, mas quando voltar... ah, quando voltar...” e afastava a cortininha da janela, mal suportando os solavancos do coche, para ver se ainda faltava muito.

Chegou ao anoitecer, entrevistou-se com o pároco que, mesmo consternado com a novidade em sua paróquia, sentia-se muito honrado em poder privar mais uma vez de tão importante companhia. Inteirou-se das notícias: diversas plantações haviam murchado durante a noite e, pela manhã, estavam esturricadas, e muitas reses também amanheceram mortas, tudo isso vinha o-

correndo durante as duas ou três últimas semanas, esclarecia arregalando os olhos e benzendo-se.

– E alguém foi acusado? – quis saber o inquisidor (e tratemo-lo assim agora, pois se já não está na pele de um simples sacerdote, menos ainda na de um cavaleiro embuçado).

O pároco esfregou as mãos, pois mais consternado ainda se sentia com a acusação; sim, disse de olhos baixos, quase não podia acreditar – afirmava – mas era certo que a acusação era de tal gravidade e o que lhe fora imputado o fora com tanta certeza que dúvida nenhuma cabia, exceto aquela que manda a prudência, pois certeza mesmo só se teria com uma confissão em regra.

– Teremos a confissão – garantiu o inquisidor –, se a acusação tiver algum fundamento.

E tomou as providências para o auto-de-fé, entre as quais designar uma dependência conveniente para funcionar como sala de tortura, caso a tortura se fizesse necessária, mandar conduzir para lá os instrumentos que consigo trouxera; e indicar uma outra sala onde instalar o tribunal. A primeira, muito a calhar, tratava-se de um quase cubículo que ficava no subsolo da paróquia e onde o pároco guardava uma infinidade de tralhas: todas as tralhas foram retiradas, e uma vez vazio, ainda que não muito espaçoso coube nele os principais instrumentos. A segunda seria a própria sacristia: puseram aí uma mesa comprida e atrás dela um banco: nele se sentariam no centro o inquisidor, à esquerda o pároco e à direita um outro padre que servia de adjutor. Era o quanto bastava.

Tudo se resolveu na mesma noite da chegada. Pela manhã bem cedo – diz a tradição que o sol ainda não raiara de todo, fazendo ainda um pouco de escuro –, já o inquisidor ocupava seu lugar, ladeado pelo pároco e pelo adjutor, ordenando que trouxessem a ré, que entrou em ferros arrastada por dois soldados.

Ao conhecer, no entanto, a prisioneira, compreendeu o inquisidor num relance que ao mesmo tempo o iluminou e o ensombreceu por dentro o que o alto eclesiástico, semanas antes, pretendera dizer com “o sacrifício das coisas rasteiras”.

O estremecimento que lhe comoveu ao fitar os olhos de céu tempestuoso da acusada, se bem que um tanto apagados pelo pavor e pelos longos dias de prisão a ferros e mal alimentando-se de pão e água; o estremecimento passou a todos despercebido,

ainda que com ele uma dor indescritível lhe cortasse a alma em fatias. E a acusada, se por um momento ao conhecer seu juiz teve alguma esperança, esta se desfez no instante seguinte ao deparar com aquelas feições antes tão caras, porém agora indiferentes e frias, imóveis, como que talhadas em gelo.

Cremos desnecessário referir com minúcias o que se seguiu, e não só desnecessário como também desairoso de nossa parte, pois se convidamos o leitor para recuar no tempo e conhecer algo de uma época medieval, certo é que não devemos impor-lhe a lastimável cerimônia de um auto-de-fé e o triste ambiente de uma sala de torturas, mesmo que apenas num conto, uma dessas histórias que a tradição refere mas que não são mais que isso: histórias. Digamos, pois, rapidamente que se seguiu a leitura da acusação para que a acusada escutasse, a primeira inquirição em que foi perguntado se lhe imputavam a verdade e, diante da negativa, a oitiva das testemunhas, as quais garantiam tê-la visto nas imediações das lavouras e do bebedouro dos animais fazendo gestos estranhos e pronunciando palavras numa língua desconhecida (testemunhas que, a tradição não se esquece de referir, não só não eram moradores da aldeia como também pareciam de todo estranhos ali, sendo esta porém uma minúcia desnecessária); e ainda uma segunda inquirição, na qual se deixava claro que diante de testemunhos tão idôneos só lhe restava admitir e entregar-se aos cuidados da Igreja... Não convém, pois, minuciar as negativas da infeliz acusada, que entre lágrimas proferia seus protestos de inocência – “eu, senhor inquisidor, uma pobre menina, nem dezoito anos completei ainda! Como poderia ser uma bruxa com poder para tais malefícios”– naquela voz que lembrava alaúdes, o assombro de saber que se confessasse terminaria seus dias presa nos subterrâneos de algum mosteiro sem o direito de ver outra vez o céu, o sol, dias que decerto seriam encurtados pela parca alimentação e pelas doenças que adviriam mas que não seriam por isso menos penosos; nem as seções de tortura que culminaram na tão requerida confissão, ficando certo enfim que a acusada era mesmo culpada pois, “diante dos presentes, e por sua própria voz, ouviu-se a confissão de todos os malefícios que praticou e pretendia praticar” etc., e por fim, antes de pronunciar-se a sentença, despertou a atenção do inquisidor

uma mui douta observação feita pelo padre adjutor, qual seja, a de que a acusada encontrava-se em estado interessante, "pois repare bem V. Exª" e com discrição indicou o ventre da acusada, que principiava um arredondamento por enquanto muito discreto mas que já indicava sua origem.

S. Exª aquiesceu com um débil movimento de cabeça, mais uma vez sentiu a alma lanhada e fatiada, mas pôs-se de pé para, com voz segura, pronunciar a sentença:

– Em face de ter-se a ré admitido culpada, mas recusar-se a abjurar suas práticas maléficas, é condenada à purificação de sua alma pelo fogo para que possa entrar no reino dos céus tão pura quanto no dia de seu nascimento. Antes disso, contudo, como a ré se encontra perto de dar à luz, deverá permanecer acautelada em prisão especial, receber boa alimentação e todos os cuidados até o nascimento da criança que traz em seu ventre, e só então proceder-se-á à execução da sentença. Para elevação da Santa e Piedosa Madre Igreja e glória do nome de Deus Todo Poderoso dá-se por encerrado o presente auto-de-fé – e com isso elevou a mão num gesto que lhe julgamos natural, não próprio de ofício, codificado, com que um inquisidor devesse encerrar seus trabalhos, mas espontâneo, digamos – valendo-nos de uma expressão moderna – uma marca registrada: a mão suave e branca levantada, um pouco para esquerda enquanto baixava brevemente a cabeça, cerrando-se então o punho em seguida como a indicar que o ato era definitivo e a decisão, irrevogável. Tal gesto poderia passar despercebido a todos em sua peculiaridade, e é quase certo que passou, porém nós talvez o julgássemos similar a algum outro gesto que em outra ocasião tenhamos testemunhado, motivo por que nos chamou a atenção, embora logo em seguida reconsideremos – pois não estamos referindo aqui um conto preservado pela tradição apenas para divertimento do leitor? Tal gesto existiu talvez tão só nessa historieta um tanto escabrosa, não vale a pena perdermos mais tempo com ele e com as similaridades que pudesse ter com quaisquer outros episódios. Dito isso, sigamos adiante.

Cremos que o que se seguiu não deve ser desconhecido nem mesmo do leitor, que com sua argúcia não requer a palavra da tradição; porém vamos assim mesmo nos valer dela um pouco mais a fim de recolher pormenores de certa relevância: foi sur-

presa para quantos acompanharam o caso virem ao mundo duas crianças, não uma, menino e menina, que na mesma manhã de seu nascimento desapareceram; como quase à mesma hora desapareceu a ama-de-leite, que ali havia chegado semanas antes para estar – conforme ordens de cima, dizia ela – à cabeceira da condenada até o nascimento, crê-se que foi essa mulher quem levou consigo os bebês e tão rápido que a mãe nem chegou a pôr-lhes a vista. Diz mesmo a tradição que houve quem visse, num vilarejo próximo, uma mulher tendo nos braços um embrulho de panos descer de uma caleça e entrar numa outra, maior, que parecia à sua espera, podendo mesmo garantir ter entrevisto nessa outra caleça a barra de uma batina, mas quanto a isso já não há tanta certeza.

E o conto que inserimos à guisa de divertimento para o leitor, para descansá-lo das estripulias dos dois irmãos na floresta, chega ao fim com a fogueira erguida defronte à casa paroquial, em plena aldeia. Foi num entardecer chuvoso, a lenha custou a inflamar-se e produziu uma fumaceira tremenda que invadiu todas as casas próximas. Havia forte aparato de armas, lanças em riste e espadas desembainhadas para que a populaça não interviesse e libertasse a prisioneira, mas a tradição enfatiza que do seio da multidão elevavam-se protestos e exclamações de injúrias, e gritos que falavam de um bebedouro envenenado e de gente estranha que fora vista a derramar água fervendo nas plantações... bem, verdade é que tais frases eram um tanto desconexas e pode ser mesmo que o sentido fosse diverso, tantas eram as bocas a esbravejar que se tornava quase impossível compreender o que diziam – um alarido de tal monta que foi, no entanto, convertendo-se pouco a pouco em murmúrio e o murmúrio em silêncio apagando-se da memória dos homens.

Agora, tendo o leitor se distraído com o conto, digamos assim: arejado a cabeça, voltemos ao que é de interesse lembrando que, conforme foi dito, na manhã seguinte à sua chegada à casa da floresta, João e Maria perceberam que estavam presos.

Mas como se deu tal descoberta? Justifica-se a pergunta, pois não seria sem mais nem menos que, abrindo os olhos e ainda no estremunhado do sono, ambos já se dissessem um para o outro “estamos presos”, tanto que através da vidraça um alegre

raio de sol desenhava um quadriculado de luz no assoalho e, conquanto a vidraça estivesse baixada, viam-se fora algumas árvores próximas que pareciam frutíferas além de um retalho de jardim com uns canteiros cultivados.

Os meninos sorriram um para o outro e espreguiçaram-se demoradamente, espichando-se feito dois gatinhos dengosos para, só então, jogarem as pernas fora da cama. Aproximaram-se da vidraça e sem nenhum esforço conseguiram levantá-la, recebendo a aragem que corria do lado de fora, mas também notando que uma grade de madeira grossa e rija vedava o quadrilátero da janela. Deve ter-lhes parecido natural que naquele recanto, e morando sozinha como parecia ser, a bondosa senhora que os acolhera se precavesse da investida de algum animal feroz pondo grades nas janelas, por isso não se alarmaram; e como não deparassem ninguém naquela parte do jardim, voltaram-se para a porta na esperança de sair, porém a tentarem abri-la viram que estava trancada por fora.

– Não abre – disse Maria.

– Não, deve estar fechada.

– Por que será que aquela senhora fechou a porta por fora?

– Ora, é possível que tenha se esquecido. Vamos esperar um pouco, não demora e ela deve aparecer a fim de ver se já acordamos.

– Enquanto isso é melhor voltar para a cama, ainda está frio, apesar de já fazer sol.

João e Maria voltaram para debaixo dos cobertores e puseram-se a esperar. Transcorrido algum tempo, como não aparecesse ninguém, João se levantou e foi até a porta a fim de ver se já se encontrava destrancada, mas em vão: a porta continuava fechada por fora, e não se ouvia no cômodo vizinho nenhum ruído que indicasse a presença de alguém.

– Onde será que aquela senhora foi? – perguntou, ainda sem alarmar-se.

– Será que morreu e ficamos fechados aqui dentro?

– Ora, Maria, que bobagem é essa?

– Por que bobagem? Então ela não pode ter morrido?

– Poder... bem, poder pode, mas eu estou certo de que não foi isso o que aconteceu.

– E o que foi que aconteceu, sabichão?

– Pra mim ela deve ter ido à horta, e se distraiu por lá, limpando os canteiros dos matos que vão infestando tudo, por isso a demora...

– E quem lhe disse que existe alguma horta por aqui?

– Ora, e por que não existiria? Todo mundo faz uma horta.

– Aquela senhora não é todo mundo, e pode não ter feito horta nenhuma.

– Pois eu acho que fez, e foi isso mesmo que aconteceu: ela se distraiu limpando os canteiros, mas logo-logo aparece e nos abre a porta.

Maria achou melhor não questionar o irmão, esticou-se na cama e continuou contando os instantes enquanto esperava. No assoalho já não se via nenhum raio de sol, sinal de que o sol devia estar a pino, portanto já passava do meio-dia, da hora do almoço, seu estômago dera dois ou três roncados como a dizer "mandem-me alguma coisa", e a menina convencia-se de que a bondosa senhora morrera deixando-os trancados ali; já ia reiterar suas dúvidas para o irmão quando ambos escutaram barulho do outro lado da porta, "eu não disse?" João exclamou triunfante enquanto Maria dava um salto, sentava-se na cama e espiava... espiava para surpreender-se quando um postigo bem disfarçado abria-se, pelo qual avistaram primeiro as luzidias feições de sua anfitriã que, com seu sorriso afável lhes perguntou se haviam esperado muito pelo almoço, e depois fez passar dois pratos com uma canja de aparência apetitosa, uma travessa com grandes nacos de carne assada e fatias de pão recém-saído do forno. Os meninos tinham dificuldade de recolher os acepipes pelo postigo, por isso Maria sugeriu à velhota:

– Vozinha, abre a porta que assim podemos ajudá-la com os pratos e depois com a louça. Deve haver louça para lavar...

– Oh, menina bondosa, não se preocupe, da louça cuido eu, que não é muita e algum trabalho sempre me faz bem. Mas abrir a porta é que não posso.

– Por que, senhora? – perguntou João, mais cerimonioso. – Vai ver, a senhora perdeu a chave...

– Não, a chave está bem aqui, no bolso do meu avental, mas não posso abrir a porta porque assim vocês dois sairiam, e não tenho permissão para deixá-los sair.

– Não pode nos deixar sair? – estranhou Maria.

– Quer dizer que estamos presos aqui? – e João fez cara de espanto sentindo ao mesmo tempo um frio no estômago.

– Por que é que estamos presos? – perguntou Maria.

– Não, meus meninos bonzinhos, não digam presos! Digam: hospedados. Pois vocês são meus hóspedes, estarão tão bem aqui com na casa de vocês, e até melhor, pois duvido que lá vocês comiam as coisas gostosas que só eu sei preparar, e que vou preparar todos os dias para vocês, até ficarem bem gordinhos.

– Não somos hóspedes coisa nenhuma – João retrucou com alguma irritação –, hóspedes sempre podem sair, ir aonde bem entendem, até ir embora, se quiserem.

– Mas não vocês, porque vocês são hóspedes diferentes.

– Como diferentes? – Maria quis saber, ainda assombrada demais com a novidade para demonstrar fosse medo ou raiva na voz. – Em que é que somos diferentes?

– São diferentes, e isso basta. Vou ter de fechar o postigo, mas logo mais lhes trago o jantar. Já lhes prometo: será um jantar supimpa – e sua cara enrugada e sorridente sumiu da janelinha, que se fechou com um estalido.

Os dois irmãos se olharam perplexos, e só então começaram a sentir medo.

Viram o dia findar com uma lentidão tremenda, estiveram quietos, quase sem se animarem a falar, mesmo porque não sabiam o que dizer. Maria, quando se deram conta de que estavam presos ali, baixou a cabeça e cobrindo os rosto com as mãos começou a chorar, e João, para animá-la um pouco abraçou-a, dizendo sem convicção que logo seriam encontrados, “pois nossos pais devem estar à nossa procura na floresta, e é certo que vão encontrar esta cabana”.

A noite chegou deixando o quarto às escuras, onde, no entanto, chegavam ora o som de passos da dona da casa indo daqui pr’ali, ora seu cantarolar mais ao longe – ou mais próximo, conforme parecia sair para o quintal ou passar pela sala, que era contígua –, os barulhos familiares de uma cozinha e, provindo da mata em volta, cantos de pássaros. Noite fechada, fez-se a princípio um silêncio, mas logo em seguida, com uma coruja que gargalhou numa árvore ali perto, começou a sinfonia da noite.

Acreditamos que esses sons, se bem que os meninos pudessem escutá-los, não lhes deviam parecer animadores nem mesmo agradáveis, e o canto da coruja somos propensos a acreditar que fê-los até estremecer.

De repente, uma pequena claridade: o postigo abriu-se, a cara da velhota apareceu, ou melhor, o vulto, pois de costas para a claridade suas feições não podiam ser discernidas. Os irmãos deram um salto e correram para a porta:

– Apanhem seu jantar e um jarro dágua – disse a velhota. – Tem uma sopa deliciosa com nacos de carne e chouriço, além de pão com torresmos e fatias de um pernil, ó... daqui! – e segurou a pontinha da orelha.

João se encontrava um tanto apático: apanhou o jarro dágua e os pratos que a velhota ia lhe passando e os depositou sobre uma mesinha que havia ao lado da porta. Maria perguntou:

– Quando poderemos sair daqui?

– Ah, isso eu não sei dizer – respondeu a velhota.

– Mas não é a senhora a dona da casa?

– Mas não sou eu quem manda neste caso.

– Que caso? – perguntou João.

– Ora, o caso de vocês, qual havia de ser!

– Mas o que é que tem o nosso caso? – tornou Maria, com insistência e a voz quase chorosa. – Por que estamos presos aqui?

– Bem, também não sei lhes dizer. Só o que tenho de fazer é mantê-los aqui, e engordá-los.

– Engordar-nos? – João estranhou. – Mas por que engordar-nos?

– Ora, porque parecem um tanto magriços. Há muito tempo que uma grande fome vem assolando essas terras, é natural que vocês estejam assim. Por isso é preciso engordá-los.

– Mas quem mandou a senhora nos engordar? E por que temos de ficar presos aqui para isso?

– Bem, bem, chega de tanta pergunta, meninos! Comam bem, e boa-noite.

– Mas vamos comer no escuro? – perguntou João, com a esperança de conseguir pelo menos uma vela para alumiar o cômodo.

O postigo já estava fechado...

– Não posso deixar vela ou lamparina com vocês – a voz da

velhota do lado de fora –, pois poderiam causar um acidente.

...mas abriu-se de novo...

– Ah, embaixo da cama tem um... bem, vocês sabem... um recipiente para o caso de terem alguma necessidade.

...e tornou a fechar-se.

O leitor pôde constatar que, ao contrário do que a conhecida história refere, os irmãos não ficaram presos cada um numa gaiola, tal que um pudesse fugir e buscar ajuda para salvar o outro: estavam juntos num quarto, ou ambos conseguiam fugir, ou continuariam presos indefinidamente. No dia seguinte parecenos fora de dúvida que pensaram em fuga, mas cedo perceberam que não havia como: a porta, feita de sólidas tábuas de carvalho, possuía dobradiças largas de aço afixadas com pregos enormes na madeira do portal, e o ferrolho ficava do lado de fora. A janela era, da mesma forma, intransponível: conquanto as duas folhas pudessem ser abertas por dentro, uma grade bastante grossa de madeira vedava a passagem, conforme dissemos, e como os meninos não dispusessem de nenhuma ferramenta com que atacar tanto a porta quanto a janela, concluíram que somente poderiam sair se fossem salvos por alguém que casualmente passasse pelas imediações e soubesse de sua presença ali.

– E se gritássemos? – disse Maria.

– Quem iria nos escutar? – respondeu João, com desânimo. – Estamos longe de tudo e de todos.

– Bem, pode haver algum caçador por aí, além do que nosso pai também pode estar nos procurando pela floresta.

O argumento pareceu suficiente: puseram-se a gritar por socorro à janela, produzindo tal matinada que a velhota acorreu. O postigo foi aberto:

– O que é que vocês estão fazendo? Parem já com esse berreiro.

– Não paramos – disse Maria com indignação. – Vamos gritar até que alguém apareça para nos soltar.

– É isso mesmo – reforçou João. – Espere só até nosso pai chegar.

– Ora essa – resmungou a velhota batendo o postigo.

Os dois irmãos continuaram gritando até cansar – e pararam, por fim, já quase roucos.

– Não podemos desistir – disse Maria ofegante, caindo na cama.

– Temos de descansar – disse João caindo ao seu lado –, temos de descansar. Depois recomeçamos...

Com que horror, no entanto, viram ao amanhecer do dia seguinte que já não se encontravam no mesmo quarto, mas num cômodo subterrâneo para onde haviam sido transportados durante a noite sem que despertassem. Não que imediatamente se tivessem dado conta do que lhes acontecera: ao acordar na hora habitual, pareceu-lhes que ainda era noite, tão escuro estava em volta, mas avistaram uma porta na qual o postigo aberto era bem menor que aquele que já conheciam, e por ele passava um facho de luz bastante tênue.

João acordara primeiro, e notando a mudança, embora ainda sem atinar com o que acontecera, foi sacudir a irmã, que abriu os olhos devagar, tomada pela mesma incompreensão e surpresa. Examinaram ambos onde estavam: um quarto semelhante ao anterior, mas de teto muito mais alto. Não havia ali nenhuma janela, exceto uma pequena abertura próxima ao teto por onde passava um pouco da luz do dia, o que lhes fez compreender não só que havia amanhecido como também que aquela pequena abertura devia ser próxima ao chão, logo o cômodo em que estavam era subterrâneo. Espiando pelo postigo, que fora deixado aberto, viram uma escada que confirmava sua desconfiança: tratava-se de uma escada estreita de madeira que se enroscava para cima em caracol e desaparecia no escuro. Defronte à porta, numa pequena prateleira fixada à parede, uma vela ardia, provendo o cômodo de uma claridade parca e amarelada.

– Não adianta mais gritar – disse João.

Maria não respondeu: desandou a chorar. Quando a velhota apareceu com o almoço, os meninos tiveram ainda de lhes escutar os ralhos e as reclamações: pois com a algazarra que produziram haviam-na obrigado, por medida de segurança, a transportá-los “aqui pra baixo. Vocês lá sabem o que é isso? Uma pessoa da minha idade ter de subir e descer essa escada três, quatro vezes por dia? Isso vai afetar-me as cadeiras, ora se vai! E tudo por quê? Por quê? Porque os engraçadinhos acharam de fazer berreiro, por isso! Só por isso!”.

Sabemos que o relato da história de João e Maria não entra

em tais pormenores. Preferiu-se popularizar a versão dos irmãos presos cada qual numa gaiola e mais ainda aquele episódio do ossinho de galinha, se estão lembrados: a velhota, que seria uma bruxa má, queria fazer das crianças um belo jantar, e se propusera engordá-las para ter um bom repasto. Como a velhota fosse míope e não enxergasse bem se os meninos já estavam mais gordinhos ou não, pedia-lhes que mostrasse o dedo indicador, e João então se valera do expediente de mostrar sempre um ossinho de galinha, que a velhota tomava por um dedo magérrimo, e com isso ia-se protelando a coisa. Ora, mesmo como conto da carochinha tal episódio não é satisfatório, capaz de convencer somente a crianças bem pequenas. Não, decididamente desde o início não acreditamos em tal versão, razão pela qual resolvemos apurar o que aconteceu de verdade, e foi o que fizemos: no ponto em que paramos ao fim do parágrafo anterior, vemos que João e Maria estão bem presos num quarto subterrâneo, na casa da floresta, sem a menor chance de escapar. A velhota, isso também conseguimos apurar, não era nada míope, enxergava até muito bem para sua idade, e todos os dias preparava excelentes manjares, tanto comida de sal quanto doces, com os quais empanturrava os pequenos prisioneiros que, a contragosto, comiam, pois ou comiam ou morriam de fome. Fosse como fosse, engordavam.

Mas existem algumas particularidades que o conto da carochinha, à parte a invencionice das gaiolas e dos ossinhos de galinha, não refere. Não são particularidades agradáveis, antecipamo-lo, e reconhecemos mesmo uma certa dificuldade em abordálas, mas mantendo-nos fiéis à proposta inicial, não podemos deixar de fazê-lo.

A que nos referimos? Cruamente, às condições em que os irmãos permaneceram ali durante todos os dias em que ali permaneceram.

Podemos mencionar a princípio que, a exemplo do que a velhota dissera aos dois irmãos quando estes ainda se encontravam no quarto de cima sobre certas necessidades, também ali embaixo havia sob a cama um recipiente. Maria sentira-se bastante embaraçada por ter de fazer aquilo na presença do irmão, isso ainda no quarto de cima, conquanto o tivesse feito uma vez apenas, mas pedindo a João que se virasse. O garoto por sua vez não se sentiu menos embaraçado quando foi sua vez de pedir à

irmã que se virasse, e nos primeiros dias, digamos durante a primeira semana – e então já no subterrâneo –, o constrangimento fazia com que, enquanto um se valia do tal recipiente, o outro se deitasse e cobrisse o rosto. Com o tempo, no entanto, tal providência tornou-se desnecessária: os dias se passavam lentos e iguais, não saberiam se era dia ou noite não fosse a escassa claridade que filtrava pela minúscula abertura junto ao teto nem se dariam conta da passagem das horas sem a chegada da velhota com as refeições; o desespero do início dera lugar a uma resignação silenciosa e como já tinham chorado o suficiente ou o possível os meninos tornaram-se indiferentes à sua situação de prisioneiros; não havia mais o que falar entre si, como se as palavras se tivessem esgotado, exceto para repetir os mesmos comentários que por si só caíam no vazio, sem resposta; a proximidade contínua e obrigatória proporcionou contudo uma intimidade maior como nunca haviam tido, pois mesmo como gêmeos idênticos e tendo sempre vivido na mesma casa, dormido no mesmo quarto, cada qual possuía suas particularidades, seus pequenos mundos próprios tacitamente preservados; porém no confinamento em que viam escoar as horas e os dias sempre iguais, os frágeis tabiques que separavam esses mundos minúsculos, essas particularidades inocentes, romperam-se: e agora, quando sentia vontade Maria sentava-se no recipiente com naturalidade enquanto falava ao irmão, que a olhava com indiferença, o mesmo ocorrendo quando era ele a sentar-se.

A questão do despejo não constituía um problema em particular: sempre reclamando de ter de subir e descer a escada, e ralhando com os dois pequenos, a velhota trazia o almoço e subia com o despejo, tendo tomado a providência de prover os pequenos prisioneiros de outro recipiente, perfazendo um total de dois a fim de não ter de fazer tantas viagens escada abaixo, escada acima, por dia. Falando porém em despejo, lembramo-nos da questão da higiene, pois, se por um lado a velhota se esmerasse nos temperos, por outro o que se referia à higiene dos pequenos não a preocupava muito: os meninos não tomavam banho, para lavar-se valiam-se de um pedaço de lençol que haviam rasgado, umedecendo-o no jarro dágua que lhes era entregue todos os dias e passando-o pelo corpo. Sentiam-se razoavelmente refrescados, mormente nos dias mais quentes e abafados – pois apesar de

estarmos numa região naturalmente fria, em certo dias o sol propiciava uma sensível elevação da temperatura, além do que no subterrâneo não havia correntes de ar, que só se renovava graças à pequena abertura junto ao teto.

Feitas essas referências que consideramos preliminares, mas também essenciais, podemos enfim mencionar que após certo tempo – não sabemos com exatidão quanto: de nossas investigações resultou impreciso o tempo que os irmãos permaneceram presos naquele cubículo, ainda que não deva ter sido menos que três quartos de um ano – certas noções naturais de humanidade foram se perdendo. O embaraço de usar o recipiente um na presença do outro desapareceu, como referimos, e com um pouco mais já achavam mesmo divertido remexer as imundícies com um pauzinho, sem que o cheiro os incomodasse.

Já não acreditavam que alguém fosse encontrá-los ali. Vez por outra Maria falava do pai, de como se lembrava dele sempre tão atarefado, e João respondia com desinteresse que talvez ele estivesse por perto, dizendo-o porém apenas por dizer, pois não só não acreditava naquilo como tampouco teria importância se de fato estivesse, chegando mesmo ao ponto de dizer à irmã que "não importa que sejamos encontrados ou não, lá fora não há mesmo nada de bom". Tal frase, segundo apuramos em nossas investigações, foi mesmo pronunciada pelo garoto (talvez a velhota tenha escutado e feito referência dela em alguma ocasião, o fato é que se tornou de domínio público tempos depois, quando a história de João e Maria convertera-se numa espécie de lenda verdadeira), e se foi ouvida pela irmã, esta não esboçou qualquer reação, nem fez qualquer comentário: deitada na cama, os braços erguidos diante do rosto, contava e recontava os dedos infindavelmente.

O primeiro a despir-se foi João: fizera-o sem premeditar, pois já há alguns dias havia se livrado da camisa (como dissemos, em certos dias fazia calor e não havendo ali correntes de ar o cômodo tornava-se abafado, e a camisa suja pelo uso tornara-se desagradável ao contato com a pele); quando por fim livrou-se das calças nem mesmo percebeu que a irmã o observava com uma curiosidade divertida. Verdade é que ambos já haviam passado a usar o recipiente na presença do outro sem constrangimento, mas a nudez introduzia uma nota inusitada nessa não

menos inusitada harmonia que se produzia entre ambos no cubículo: nu, João parece outro à irmã, que se aproximou dele e, à sua frente, também resolveu despir-se. Maria ainda usava a mesma blusinha com que haviam entrado na floresta – quando? Três, quatro semanas antes? Mas agora se desfazia dessa peça, tirando-a num movimento rápido e jogando-a para um canto. Em seguida despiu as outras peças – meninas sempre usam uma quantidade maior de roupa, já se sabe, de forma que, se suspender o vestido para utilizar-se do recipiente constituía uma tarefa simples, não foi sem alguma dificuldade que conseguiu livrar de tantos cordões e presilhas que havia em sua roupa. Nua diante de João, também a este a irmã pareceu diferente. Não nos referimos aqui às diferenças físicas, isto é, as que existem entre os sexos, pois essa diferença já conheciam, mais ou menos, e um sabia há muito possuir uma coisa que o outro não tinha, fato que não lhes despertara grande curiosidade em outras ocasiões: como dissemos, era a própria nudez que fazia diferença, o observar um o corpo do outro sem qualquer peça de roupa, e lisura da pele, sua brancura (embora com o tempo essa brancura fosse invadida por um certo encardimento devido aos banhos insuficientes, nem eram banhos aquele mero refrescar-se com um trapo úmido), a perfeição dos membros e seus movimentos delicados, a extrema beleza das curvas que iam descobrindo possuir, ele percebendo por exemplo os cabelos longos e loiros da irmã, que desciam por seus ombros e espáduas, suas nádegas redondas, suas coxas roliças, ela dando-se conta de o quanto o irmão era mais forte e mais alto, ou seus braços mais vigorosos, ou suas pernas mais ágeis...

Agora estavam todo o tempo nus, e horas havia em que se ocupavam em examinar-se, em descobrir-se pouco a pouco movidos pela novidade que estar nus lhes proporcionava, mas depois de algum tempo tudo parecia ter sido descoberto e a novidade perdeu a graça, isto é, deixou de ser novidade e sua permanência no quartinho subterrâneo voltou a cair no já familiar aborrecimento de antes – o que nos parece muito natural, haja vista que nem todas as descobertas se dão de uma vez só. Haviam descoberto a nudez, com o tempo outras coisas viriam...

Enquanto isso não acontecia passavam a maior parte do tempo dormindo, juntos na mesma cama, nus, sem se cobrirem, e às vezes se abraçavam e ficavam muito tempo à espera. Somen-

te à espera, pois não só não sabiam o que esperavam, como tampouco tinham consciência de esperar alguma coisa, sendo certo que não esperavam nada. Não é de admirar pois que tenham chegado a acariciar-se, enquanto espantavam as moscas que teimavam em ir incomodar-lhes o repouso, e quando estas se tornavam mais renitentes, um ou outro agarrava um lençol dobrado em três e as esmagava onde as encontrasse com golpes precisos. Em seguida voltavam a deitar-se juntos, nus, e a acariciar-se.

Não diziam palavra, um não perguntava ao outro se podia tocar-lhe o corpo desta ou daquela maneira, e ao fazê-lo o outro não repelia a mão que avançava, o carinho feito sem intenção além da de simples carinho, mas se deixava estar, quieto, quase imóvel, enquanto os dedos lhe roçavam a pele. O gesto ou era ou não era retribuído, conforme aquele que se deixava acariciar sentisse vontade ou não de retribuí-lo. Pois podia dar-se o caso de que enquanto um acariciava o outro, este se mantivesse quieto justo para não atrapalhar o que o primeiro fazia. Dava-se no entanto também que o gesto fosse de imediato retribuído, e assim ambos se roçavam com delicadeza, não diremos com receio de magoar o outro pois bem sabiam que não havia esse risco: o que faziam era com pleno e mútuo consentimento; mas com uma suavidade inusitada, e as sensações que tais gestos despertavam passaram a constituir uma diversão inesperada durante o confinamento num cubículo onde nada tinham mais para fazer que aquilo.

Como teriam descoberto o beijo?

A pergunta pode surpreender o leitor que, ao nosso lado, assiste o transcurso daqueles dias no cubículo; pois, dirá ele, não teriam descoberto o beijo antes de qualquer outra coisa? Afinal os pais beijam os filhos, irmãos também se beijam (ainda que em situações normais beijam-se no rosto), e não sendo João e Maria uma exceção já se teriam beijado muitas vezes em casa, por exemplo, quando iam dormir e diziam um ao outro “boa-noite”.

Mas aqui temos um beijo diferente, pelo que a pergunta procede. Vamos, pois repeti-la: como teriam descoberto o beijo?

Podemos fazer algumas suposições: estariam deitados de frente um para o outro naquela modorra, no abafamento da tarde, pode ser mesmo que numa quase inconsciência que lhes proporcionava o longo período de confinamento, e trocavam carícias

quando de um movimento qualquer suas bocas ter-se-iam tocado... Pode ser também que não estivessem deitados mas comendo uma fruta das que a velhota lhes trazia (pois lhas trazia, com freqüência e sortidas), e enquanto um deles segurava entre os dentes um pedaço de polpa o outro tivesse tentado alcançá-lo com os lábios, e assim... Porém nos agradou mais uma terceira suposição, uma imagem mais delicada e bela ainda que não se possa garantir como sendo a que de fato corresponda à sua descoberta do beijo: em certa ocasião Maria estava deitada de costas e João, sentado ao seu lado, debruçara-se a olhar a irmã bem nos olhos, já não lhe parecendo estranho nem inconveniente que ela tivesse a pele do corpo e do rosto um tanto encardida e mesmo que não cheirasse muito bem (pois também ele tinha um cheiro similar, e nem um nem outro incomodava-se com isso), e vendo-lhe boca de lábios carnudos semi-aberta, os dentinhos alvos aparecendo, tivesse confundido essa boca com uma fruta, qual seja não importa, uma carambola, uma romã, ou mesmo uma prosaica banana, confusão mental muito provável em tais circunstâncias, sentindo com isso desejo de provar tal fruta e mordendo-a. A dentada não fora com força suficiente para causar dor, pois logo ter-se-ia dado conta de que mordia a boca da irmã e não uma fruta, parecendo-lhe porém mais agradável que qualquer fruta que já tivesse provado em sua vida e assim mantendo suas bocas unidas por mais tempo, descobrindo ao mesmo tempo que bocas unidas acabam fazendo com que línguas também se encontrem e se embaracem...

Voltamos a advertir o leitor de que essas imagens graciosas que apresentamos para explicar a descoberta do beijo são meras especulações de cunho poético: é certo que algo similar pode ter acontecido, mas também pode ter-se dado de maneira totalmente diversa. No que não nos equivocamos é que tal descoberta se fez e lhes pareceu uma coisa nova: o beijo, o suave roçar dos lábios, a umidade natural da saliva lubrificando-os, a língua de um que sem querer tocou os lábios do outro, este procurando fazer o mesmo contribuiu para que ambas as línguas se encontrassem e se entretivessem em conhecer-se melhor, investigando-se mutuamente em suaves carícias...

Agora, quando se tocavam, nunca o faziam sem que um demorado beijo servisse de intróito às suas brincadeiras. Desco-

briam que, se não tinham nada com que encher o tempo, precisavam criar algo com que fazê-lo, e aos poucos se assenhoreavam desse algo que os sentidos lhes mostravam. Não devemos omitir, contudo, que irmão e irmã não tinham plena consciência do que faziam, e isto não só por sua pouca idade (lembremo-nos de que haviam completado dez anos há pouco), como também pelo estado mental para o qual o confinamento e as condições no cubículo contribuíram com o passar do tempo: terem descoberto as carícias e o beijo não lhes havia modificado a indiferença quando faziam uso do recipiente um na presença do outro, e ainda se divertiam remexendo as imundícies com um pauzinho, achando engraçado que tal coisa pudesse emergir de seus corpos se não haviam entrado – o que lhes parecia um enigma para o qual não chegavam mesmo a ensaiar uma explicação.

Quando o cubículo abafava mais, ocupavam-se em umedecer um trapo na água da jarra e passar um pelo corpo do outro, não para limpar-se, pois se haviam esquecido do que fossem sujeira e limpeza, mas para refrescar-se, e isso constituía uma fonte nova de carícias. A velhota renovava suas reclamações quando os dois pequenos gritavam pelo postigo pedindo mais água, pois tais pedidos implicavam em que ela teria de descer outra vez as escadas carregando uma jarra cheia; se não o fizesse os pequenos iniciavam tal berreiro que mesmo lá de baixo, no distante do cubículo, punha-lhe os nervos à flor da pele.

Certo dia João descobriu uma brincadeira nova: a idéia deve ter-lhe surgido de inopino, à hora do almoço, pois mandou Maria deitar-se na cama e valendo-se de uma colher foi transportando a comida do prato para a superfície da barriga da irmã, que achou graça naquela novidade. Agora toda a comida – um guisado de lentilhas, um punhado de arroz com carne desfiada, pirão de galinha e fatias de presunto defumado – formava um montículo sobre o corpo da menina: então João almoçou, sem apressar-se, enquanto a irmã esforçava-se por conter o riso. Depois de terminar, deitou-se: “Agora você” disse, e ela fez o mesmo.

A brincadeira pareceu-lhes agradável, um fazer o corpo do outro de prato, e a repetiram na hora da janta, mas no dia seguinte, à hora do almoço, quando pensaram em brincar da mesma forma que na véspera, depararam com uma dificuldade: a velhota lhes trouxera sopa, em vez de uma refeição sólida, e as-

sim a diversão parecia comprometida. Ficaram olhando um tanto decepcionados para os pratos, enquanto a sopa esfriava, quase perdendo a vontade de comer... quando João teve outra idéia: “Deita” disse, “deixa os joelhos um pouco levantados, assim, e aperta uma perna contra a outra”. Maria obedeceu, curiosa quanto à solução encontrada pelo irmão, e este, segurando o prato pelas bordas, derramou a sopa na concavidade – que semelhava um pequeno alguidar – formada pelo púbis da irmã e suas coxas unidas. Em seguida, curvando-se sobre esse alguidar, tomou a sopa em longos sorvos feito um cãozinho, e para terminar lambeu os resíduos: o interior das coxas de Maria, seu púbis, seu sexo...

Maria não resistiu e abriu as pernas.

Assim teriam descoberto essa maneira nova de acariciar-se, de que a menina por sua vez se valeu, pois seu prato também continha sopa.

A brincadeira variava então de dia para dia: ora um deitava de bruços enquanto o outro para comer lhe derramava a comida nas costas, ora inventaram de variar a posição do corpo quando vinha sopa, pois deitado um igualmente de bruços com as pernas unidas e os joelhos dobrados, formando com isso um alguidar na concavidade das coxas, o outro se debruçava e sorvia o caldo. Outras vezes seguravam o alimento no côncavo das mãos para o outro comer, já sem fazer uso do talher, e chegaram mesmo ao requinte de levar punhados de comida à boca, enchê-la bem e passar para a boca do outro, como fazem os pássaros com seus filhotes. Esta poderia ter sido a explicação para a descoberta do beijo se este não tivesse sido descoberto bem antes; mas não duvidamos de que dessa forma tenham descoberto que além das carícias com os dedos, aquela feita com a língua era particularmente prazerosa, a ela se entregando agora não mais à hora das refeições, mas no interregno entre ambas. Assim, João percebeu que ao mover a língua entre os delicados lábios do sexo da irmã à procura de resíduos do almoço, ela não só se contorcia com um soluço, como também brotava daquela cavidade um líquido que não era uma sopa como a que lhe haviam servido há pouco, pois a sopa, já a sorvera de todo; não, tratava-se de uma secreção de sabor picante que fazia sua língua contrair-se e que ele não se decidia se lhe agradava ou não, mas que lhe parecia impossível

deixar de provar e de sorver cada vez mais. Assim também Maria deu-se conta de que, ao comer do alguidar improvisado nas coxas unidas do irmão, encontrava sempre uma certa substância que não seria um dos talos de verdura ou legumes, nem mesmo um dos pedaços de carne com que a velhota substanciava a sopa; não tardava a dar-se conta de que se tratava daquele pequeno membro que ornava o corpo do irmão e que agora, dentro de sua boca, enrijecia, fazendo que ele soltasse um gemido surdo e abrisse as pernas, toda a sopa que restava no alguidar escorrendo para os lençóis...

João e Maria não tinham mais o mundo lá fora para si, a luz do sol não passava, para eles, de uma breve faixa mais clara no teto alto do quarto subterrâneo, e a liberdade dos campos e da floresta com sua alegria solta e iluminada restava-lhes na lembrança como algo que haviam conhecido há muito tempo, mas do que não tinham uma noção exata, ou por nunca terem tido, ou por já se terem esquecido de como era. Porém urgia encontrar uma outra liberdade para substituir a que já não lhes pertencia, e a encontraram na transformação gradual por que passaram e na percepção de que em seus corpos havia uma chave que abria o escrínio antes oculto de uma alegria diferente, algo que era capaz de fazê-los alçar vôo. Como não lhes faltassem alimento e água, nada mais os afetava: o despejo que se divertiam em mexer com um pauzinho antes que a velhota o viesse recolher, a sujeira que recobria a própria pele, tornando-a encardida e salgada, o cheiro crônico que tomava o subterrâneo, o abafamento do lugar, que amenizavam com o trapo umedecido na água do jarro... nada: haviam perdido um mundo, reconstruíram-no, ou construíram outro, diferente, desprovido de conceitos e preconceitos, e o centro desse novo mundo eram seus próprios corpos e o imenso prazer que aprenderam a extrair deles.

Um mundo assim seria perene?

Quando a febre se manifestou num deles, não resultando claro de nossas investigações em qual apareceu primeiro, o outro também ficou febril, como seria de esperar – mas não apenas pelas naturais razões que levam ao contágio de uma enfermidade, e sim porque, gêmeos idênticos, não seria menos natural que o que um sofresse viesse a afetar também o outro.

E agora eles estavam num jardim.

Não entendiam como haviam sido transportados para lá, imaginando a princípio que a velhota, como da primeira vez, aproveitara enquanto dormiam à noite para levá-los, “deve ter sido porque viu que não estávamos nos sentindo bem” Maria ensaiou uma explicação olhando em volta, enquanto João apenas movia a cabeça numa concordância indecisa; mas tal preocupação não lhes ocupou as especulações por muito tempo, pois o jardim era uma espécie de lugar mágico onde transitavam de surpresa em surpresa.

Parecia-lhes diferente a liberdade nova que lhes havia sido proporcionada, e sentiam-se como flutuar sobre a relva vermelha: pois naquele jardim, onde os sentidos se alteravam, as plantas tinham cores estranhas, por exemplo, a relva era de um rubro intenso enquanto as flores possuíam cores vivas e luminosas que chegavam quase a ofuscar: enormes e feéricas pétalas do tamanho de orelhas de elefante, viam-se em diversas cores espalhando-se ao longo da extensa ravina, cor-de-rosa, alaranjadas, vermelhas, verdes, movendo-se vagarosas à viração que fazia, mas ao contrário do que haviam conhecido noutros tempos, o vento ali era quente, não lhes refrescava as faces porejadas de suor, e se em alguns momentos não passava de uma brisa morna, em outros esbraseava-lhes o corpo uma cáustica ventania. Mas os dois irmãos dividiam sua admiração entre esse inusitado jardim e o céu que se sobrepunha, de cores violentas e nuvens tempestuosas a rolar sobre suas cabeças, que cambiavam do rubro mais intenso até o azul quase negro.

Outra coisa que lhes confundiu naquele jardim foi o tempo, que já não compreendiam, não se lembrando de quando haviam aberto os olhos e percebido que estavam ali. Em alguns momentos pensavam na casa da floresta e em seu subterrâneo como se ambos fizessem parte de um sonho tido em certa época distante, não tendo na verdade existido; noutros momentos, no entanto, recuperavam a memória de terem estado ali, lembravam da velhota que lhes levava água e comida, e até se recordavam das brincadeiras que haviam descoberto com seus corpos (“Estivemos lá, sim” dizia Maria, e João concordava, no entanto mantendo sempre alguma dúvida), sendo certo que naquele subterrâneo onde estiveram confinados haviam da mesma forma perdido a noção do tempo, ainda que de uma outra maneira e devido a ra-

zões bastante diferentes. Além do mais, por menos certeza que tivessem quanto aos horários, que mal podiam controlar pela regularidade com que a velhota os visitava levando o almoço e o jantar (pois parecia não haver regularidade alguma, ocasiões havendo em que o jantar parecia seguir-se imediatamente ao almoço, e outras em que parecia transcorrer um dia inteiro entre as duas refeições); por menos certeza, portanto, que tivessem quanto aos horários, sempre podiam saber se era dia ou noite, bastava olhar na direção da minúscula abertura junto ao teto. Porém naquele jardim...

– O dia não passa – disse João em dado momento. – Já não devia ser de tarde?

– E como você sabe que não é de tarde?

– Eu não sei se não é de tarde, é que não parece ser de tarde.

– Que horas parecem ser? – Maria perguntou tomando o braço do irmão e olhando em redor.

– Não sei, mas as horas parece que não passam.

– As horas sempre passam – ela retrucou encarando João –, nunca ouvi dizer de um lugar onde as horas não passam.

– É – ele concorda por fim, vacilante –, as horas sempre passam... em todos os lugares as horas passam...

Porém quanto tempo mais transcorreria até se darem conta de que o tempo parecia parado? Por que não anoitecia naquele jardim? "Já devia ser de noite" disse João a certa altura, "mas tudo continua igual..."

O que muita estranheza causou à menina, pois agora também ela se apercebia de que nada se modificara desde que estavam naquele lugar. Então uma ventania abrasadora afogueou-lhe as faces, e seus cabelos longos agitaram-se no ar como labaredas. "Tudo continua igual" ela disse olhando em volta: o vento quente, a cores berrantes das folhagens e das flores enormes, o céu tempestuoso rolando, "sempre igual".

Mas eles haviam deixado de brincar com seus corpos?

Podemos responder que sim, mas para sermos exatos devemos dizer que não: não, porque já não brincavam como no subterrâneo da casa da floresta, ali no jardim não tinham, por exemplo, comida (conquanto não sentissem falta de comer) para espalhar um sobre o corpo do outro, ou sopa com que encher o "alguidar" formado pelas coxas unidas e o púbis e depois tomá-la

feito um cãozinho que bebe água, o que não ensejava que se pusessem a lamber-se gratuitamente, mesmo porque a surpresa de estarem ali suprimira interesses primevos; e sim, porque continuavam nus e se sentiam tão leves que flutuavam, ora rente à relva, ora elevando-se acima das flores, vogando lentamente à brisa morna de um lado para outro. Davam-se as mãos nesses passeios, ora se distanciavam, ora se aproximavam até abraçar-se e sentir o contato dos corpos por inteiro, um contato prazeroso, mas de um prazer suave e distante, percebido como através de brumas...

Mas beijavam-se? Enquanto em sua leveza a viração os elevava acima do relvado, calhava enlaçarem-se e seus rostos com isso se aproximarem um do outro. Nesses momentos podiam olhar-se nos olhos, e suas bocas rosadas parecendo frutas os instigavam a experimentá-las, ora, aqueles lábios deviam saber a morangos, ou a goiabas, e então beijavam-se, se é que podemos classificar como beijos aqueles encontros de lábios e línguas, que seriam beijos sem dúvida alguma, mas não o seriam no sentido ordinário com que se entende um beijo. Assim, também podemos sem incorrer em erro dizer que se beijavam e que não se beijavam – ou, se o leitor preferir uma alteração na ordem das palavras conforme melhor calhar aos ouvidos, que não se beijavam e ainda assim se beijavam.

Foi João quem percebeu primeiro que algumas das enormes flores do jardim, bem poucas, tinham pétalas negras, e as indicou para a irmã. “Veja, Maria” ele disse, apontando uma mancha escura a certa distância do lugar sobre o qual flutuavam, “aquela flor é diferente”. Foi no entanto Maria quem pela primeira vez sentiu uma rajada fria naquele jardim sempre abrasador. “Meu irmão” ela exclamou conchegando-se a ele e mesmo enlaçando-o com os braços, “senti frio”. “Frio?!” ele exclamou sem crer no que lhe dizia a irmã, mas foi colhido logo em seguida pela viração e sentiu-se arrepiar “sim, Maria, mas é só uma brisa fresca que nesse jardim sempre tão quente acaba por parecer fria”.

E não tardou – ou se tardou, quanto tempo? – que fosse Maria a apontar-lhe noutra direção uma outra flor de pétalas negras.

Multiplicavam-se essas flores estranhas? O calor arrefecera? O céu estava escurecendo pouco a pouco?

Podemos supor que fosse a proximidade da noite, que de ordinário altera as cores da natureza – embora o leitor possa argumentar que nesse caso as alterações são mais uniformes e menos drásticas –, e também que faz amainar o calor do dia, mas incorreríamos em erro se propendêssemos para tal opinião, pois conquanto o vermelho do céu aos poucos se intensificasse e se aproximasse do marrom, no jardim as cores permaneciam berrantes e luminosas, apenas multiplicando-se as flores de pétalas negras, que agora pintalgavam toda extensão da planície.

À medida que esse novo fenômeno se propagava, algo acontecia aos dois irmãos, que percebiam aquilo com estranheza e mesmo com algum temor: sentiam-se cada vez mais leves e flutuantes, ora abrasados por ventos que pareciam sair duma fornalha e com uma tal intensidade que temiam cozinhar, ora enregelados por súbitas e cada vez mais freqüentes rajadas de um frio polar, um frio que só em raras ocasiões naquele tempo inconcebível e longínquo da casa de seus pais haviam experimentado nos invernos mais rigorosos. Além disso, estavam agora imersos numa atmosfera leitosa similar a uma névoa através da qual não podiam enxergar-se direito. Todas ou quase todas as flores do jardim apresentavam-se enfim com suas pétalas enegrecidas, no céu o volume das nuvens assombrava por sua negridão raiada aqui e ali dum vermelho escuro que pouco a pouco desaparecia. “Logo será noite completa” João conseguiu dizer com a voz muito débil e Maria o ouviu como que a léguas de distância, porém sabendo que ele estava bem perto, através daquela atmosfera leitosa um estendia as mãos para o outro na tentativa de se manterem próximos, de jamais se distanciarem, o que porém não estava em si evitar pois se percebiam cada vez mais distantes um do outro como se alguma coisa os afastasse irremediavelmente, conquanto ainda sentissem um o toque dos dedos do outro em seu corpo, o outro um afago fugidio que o primeiro lhe fazia enquanto o frio substituía o calor e as cores mais vivas davam lugar a um negrume de noite sem lua.

De súbito, perderam-se. Foi por um momento muito breve: suas mãos se separaram, cada qual sentiu-se então perdido e sozinho no escuro, parecendo cair... No momento seguinte, a escuridão e a inconsciência fundiram-se num só e imponderável significado.

Em nosso recuo através tempo, além de conduzirmos o leitor para o passado, estivemos também em lugares os mais diversos, diríamos mesmo inesperados, desde uma hospedaria em algum lugar do Velho Mundo, hospedaria em que não pudemos pernoitar porque os poucos aposentos disponíveis já haviam sido ocupados por um figurão e sua comitiva; até um jardim fantástico de flores gigantes produzido pela febre e pelo delírio de duas crianças.

Quando a história se aproxima de seu final, ou, em outras palavras, quando nossa viagem está por terminar, transportamos o leitor para o cenário derradeiro de onde enfim regressaremos, se não de todo satisfeitos, pelo menos com algumas experiências – boas e más – e decerto moídos, pois tão dilatada jornada há de acarretar um cansaço a que nossos estômagos exigirão um nutritivo jantar e nossos corpos uma boa noite de repouso.

Mas não convém nos apressarmos, pois nesse último cenário havemos de assistir a uma cena não apenas curiosa. Tomamos a liberdade de antecipar ao leitor que nessa cena encontraremos, por assim dizer, a chave para o mistério do que aconteceu de verdade no fundo da floresta – e o fazemos porque como narradores de uma história temos um conhecimento seja do passado, para referi-lo com alguma minúcia e proporcional certeza; seja do futuro, para antecipá-lo da mesma maneira.

Nesse último cenário, uma sala em cujo centro encontra-se uma grande mesa de madeira sobre a qual percebe-se um volume que por enquanto não identificamos, coberto por uma toalha, podemos ficar a um canto e com alguma discrição nem seremos notados, conquanto possamos advertir que, mesmo que o fôssemos, em nada se alteraria o transcurso dos acontecimentos. Examinando bem esse cômodo, que nem chega a ser espaçoso, avaliamos que deve medir uns cinco passos – se tanto – de largo por uns oito de comprido, havendo aí uma janela fechada e duas portas também fechadas, uma que dá para a frente da casa, e outra – à direita – que, presumimos, dá para a cozinha. Na parede dos fundos deparamos com um vão, pois o cômodo não é retangular: forma com esse vão um “L” em cujo final vê-se uma terceira porta, menor, mais discreta, que também permanece fechada. O cenário encontra-se iluminado por meia dúzia de velas num castiçal que se encontra numa pequena prateleira afixa-

da na parede dos fundos, e como nenhuma luz de fora entra pelas frestas, concluímos que é noite, e podemos adiantar que bem tarde. Após esse rápido exame, damo-nos conta de estarmos na sala da casa da floresta, e logo que o percebemos a porta do lado direito se abre e vemos entrar a velhota com seu passinho curto e ligeiro, seu ar de bonomia, que pára no meio do cômodo e olha em volta, como que inspecionando o ambiente a fim de verificar se tudo está conforme. Não sabemos se tal exame seria necessário, pois além da mesa com aquilo que se encontra encoberto pela toalha, do castiçal e de algumas cadeiras arrumadas ao longo das paredes, não há nada mais na sala que mereça atenção.

Parecendo assim mesmo satisfeita, a velhota se retira pela mesma porta por onde entrara, fechando-a sobre si.

Resta-nos esperar para ver o que vem em seguida, e esperamos por um tempo mais ou menos longo, tanto que uma certa sonolência principia a fechar nossos olhos, os quais quase se fecham mesmo enquanto cabeceamos. Por fim pancadas na portinhola dos fundos ressoam no ambiente fazendo-nos sobressaltar, e já ativos de novo vemos a velhota reaparecer, atravessar a sala rapidamente e abrir.

Os visitantes dão entrada sem atropelo nem alarido maior que o breve ruído de seus passos no assoalho e dos bordões em que cada um se escora, e também ordenadamente, cada qual examinando com maior ou menor curiosidade o ambiente como se ali entrasse pela primeira vez – embora acreditemos que nem todos entravam ali pela primeira vez – e cujos olhares pareciam tão logo buscar a mesa sobre a qual a toalha escondia o já referido volume, alguns ocupando em seguida uma cadeira, outros permanecendo de pé, e aquietaram-se como que à espera de alguma coisa. Mas tão singulares e estranhos são esses inesperados visitantes que nosso paciente leitor chega a pôr-se de pé num salto, e assim o advertimos de que mais indicado será permanecermos inóxios em nosso lugar, este cantinho mal iluminado que escolhemos, não apenas para acompanharmos melhor o desenrolar dos fatos como também para não interferirmos nos mesmos – afinal, somos meros espectadores, nada temos com o que está por se passar.

O grupo se compõe de uma dezena de pessoas de aspecto rústico como o de camponeses, camponeses no entanto bastante

miseráveis como nos indicam suas roupas não apenas quase em farrapos mas sujas a ponto de terem um aspecto gorduroso, alguns calçando botas grosseiras, outros descalços, porém uns e outros com os pés sujos de barro como se tivessem caminhado há pouco através de um charco. Quando desviamos nossa atenção dos trajes para as fisionomias, maior é nosso espanto: velhos e velhas de feições emagrecidas, olhos fundos, faces recobertas ou de sujeira, ou de pelos esparsos e brancos, bocas que se abriam para mostrar cavacos negros no lugar dos dentes, não que sorrissem, mas que já não se fechavam mais à deterioração da velhice – sendo esta, em síntese, a descrição mais conveniente, em que deixamos à força imaginativa do leitor completar os detalhes. Além dessa dezena de velhos, contudo, está alguém que pressupomos do sexo masculino, de porte ereto e firme, com grilhões nos pés que o obrigam a andar a passos curtos e cujas feições não podemos ver pois um longo manto fora-lhe atirado sobre a cabeça, recobrindo-o por inteiro. Este, deixado de encontro a uma das paredes laterais, ali permaneceu sem se mover, e quando outra vez a velhota fechou a portinhola retornando para o meio da sala, um dos componentes do grupo, com atitudes de líder embora aparentasse ser o menos idoso, aproxima-se, murmurando-lhe qualquer coisa que não chegamos a entender.

– Meu amigo – ela diz em resposta –, nem tudo saiu conforme o planejado, por isso tive de convocá-los às pressas. De qualquer forma, creio que todos estamos prontos...

– Mas – arqueja aquele que parecia o líder, apoiando-se em seu bordão – o inconveniente é grande, e por que não dizer grave! Não conseguimos reunir todos quantos deviam estar aqui devido à urgência da situação. Felizmente – e então indicou o vulto embuçado – já tínhamos a "presa" conosco há algum tempo. Explique-nos melhor o sucedido.

– Mas não há muito mais que explicar – a velhota responde, fazendo uma pausa como que à espera de uma reação que não houve: os visitantes permaneceram imóveis e quietos, esperando. – Trata-se dos meninos – diz, e sem prolongar a pausa acrescenta: – Amanheceram mortos ontem.

"Mortos!" exclamam todos, entreolhando-se – "mas como, mortos! De que morreram? O que lhes aconteceu?" – e sublinhando suas múltiplas perguntas com violentas pancadas dos

bordões no assoalho num tremendo clamor. Tal reação, porém, não teria razão de ser, pois do que se segue concluímos que a notícia já era de seu conhecimento:

– Acalmem-se, meus amigos – diz a velhota –, acalmem-se. Imagino qual deve ter sido a decepção dos senhores ao receberem tal notícia em seus lares, mas deu-se um contratempo que não pude evitar: os meninos foram ambos colhidos por uma febre que mezinha alguma debelou. Ao fim de dois ou três dias... enfim, como podem ver por si mesmos...

E num puxão arranca a toalha que cobria o volume sobre a mesa, revelando os pequenos corpos nus de João e Maria um ao lado do outro, rígidos, muito brancos – pois estavam limpos agora –, porém, ao contrário do que deveriam esperar, um tanto emaciados.

– Ah, que pena, que pena! – geme uma velha avançando e curvando-se para as crianças mortas. – Tão magrinhos!... Não darão um jantar suculento!... Não, não darão um bom jantar!...

Os demais também se aproximam, acercando-se da mesa para, cada qual por sua vez, examinar os pequenos defuntos, que experimentam com as pontas dos dedos a fim de verificar quão tenra estaria aquela carne. Um dos velhos, de aparência medonha, que traz uma faixa sobre um dos olhos e escrófulas nos lábios, fuxica entre as pernas da menina, mas recebe uma cotovelada violenta que o faz recuar, enquanto soa uma gargalhada geral e a autora do golpe gorgoleja “velho indecente, estamos aqui para jantar e não para safadezas”, “ora, Gertrude” grasna o velho indecente, “bem sabes que a carne daquelas partes pertence a mim”, “ah, pertence a ti, velho indecente?” torna a que se chamava Gertrude, “e quem te autorizou a escolher esta ou aquela parte?”, “tu bem sabes” torna o velho indecente “que eu a havia requerido desde o começo”, “ora, Ludugero, não vê que a Gertrude quer para ela a ‘coisinha’ do menino?” zomba um dos velhos esbordoando o chão com seu cajado, “e tudo isso porque tu não tens cuidado bem dela ultimamente” solta um outro entre risadas que a todos contagiaram e meio às quais ainda se escuta a voz esganiçada da Gertrude, que replica “tampouco tu, Gervázio, tampouco tu, que bem que gostavas noutros tempo de visitar o meu quarto”. Uma outra velha, no entanto, desfere uma bordoada nas costas do dito Gervázio que por pouco não o põe por terra,

"ah, velho libertino, quer dizer então que me traías com essa pelancuda?", com ela atracando-se a Gertrude por conta do adjetivo de que fora alvo, pois afinal "tu deves pensar que estás muito novinha, cabrita, muito enxuta! Deixa que já te mostro!" e o recomeçado alarido descambaria num eriçar-se de cajados para um confronto de todos contra todos se, nesse momento, o que parecia o líder não interviesse com energia: "– Meus caros" ele diz com sua voz arrastada e dum grave profundo, cutucando os mais próximos com sua bengala, "ordem, ordem, que todos terão o seu quinhão. Há bastante para todos, portanto ordem! Pela última vez, **ordem**!", e todos a contragosto se aquietam, enquanto o líder se prepara para continuar: "Antes da refeição, temos ainda algo... bem sabeis o que nos conduziu até aqui", "sabemos; sim, sabemos" murmuraram todos os outros, aquietando-se de vez.

– Pois bem, tragam até a mesa aquele que é responsável por estarmos hoje aqui – ordena. De imediato dois velhos se destacam do grupo e, aproximando-se da personagem embuçada, tomam-na pela mão e a conduzem até a mesa. Ouvimos um ruído de correntes e a personagem embuçada se aproxima.

Num gesto rápido a manta que lhe cobre o corpo é retirada, e conquanto não possamos ver-lhe bem as feições pois não se encontra de frente para nós, ou melhor, encontra-se quase de costas, seu aspecto não nos é de todo estranho. Vemos que usa um hábito e de imediato deduzimos tratar-se de algum sacerdote, dedução que provamos acertada em face do que lhe diz o líder do grupo:

– Eis, senhor inquisidor, os vossos filhos.

O sacerdote, que até então relutava em sucumbir, baixa a cabeça.

– Foram-vos tirados na plena inocência – continua o líder – assim como nos tirastes há onze anos nossa filha, também inocente.

– Eles também eram vossos filhos – o sacerdote murmura, numa voz porém tão grave e surda que de onde estamos mal podemos ouvi-lo.

– Não – torna o líder dos velhos –, eram filhos de V. Exª, senhor inquisidor, o que basta para não nos pertencer, ou para que os rejeitemos, o que vem a dar no mesmo.

– E agora – cacareja uma velha corcunda e cega de um dos

olhos com ar debochado – o que teremos é um belo rega-bofe! – E com impaciência: – Os talheres! O vinho!

Era o que faltava para a desordem impor-se, e aos berros de "os talheres! O vinho!" ninguém mais se entende na gritaria geral e no batuque ensurdecedor que fazem batendo seus bordões no assoalho. A velhota, que havia saído durante alguns momentos, retorna trazendo facões, garfos, espetos e outros apetrechos de cozinha, enquanto o sacerdote levanta a mão, muito elegante e branca, espalmada e na qual rebrilha um valioso anel para fechá-la em seguida, mas num gesto sem vigor, deixando o braço tombar ao longo do corpo.

Neste ponto mais uma vez nos detemos e tomamos o leitor pela mão a fim de conduzi-lo para fora – assim como o viemos conduzindo ao longo dessa história, mais ou menos como Virgílio a Dante através do inferno e do purgatório. A comparação aqui não entra como banal demonstrativo de erudição, mas procede, com a diferença contudo de que não chegamos a sair do inferno, pelo contrário, permanecemos nele, e permaneceremos, conquanto nos afastando a uma distância prudente do centro dos acontecimentos.

De resto não é necessário presenciá-los: inteirados do que sobrevirá, retiramo-nos numa conveniente demonstração de bom-gosto e refinamento, ainda que as más línguas possam imputar-nos a impropriedade de um "estômago fraco", pois um tal guisado deve apetecer apenas aos povos mais primitivos, entre os quais já não vivemos, sendo possível mesmo que já nem existam nesta era de luzes.

Enquanto nos afastamos, a assuada no interior da casa diminui pouco a pouco – aos nossos ouvidos apenas, seja dito, pois o festim prossegue, prosseguirá toda a noite e, pela manhã, quando o sol iluminar o teto dessa que, nos séculos futuros, virá a ser conhecida como "a casa de paredes de chocolate", e penetrando por alguma fresta lançar um pouco de luz nos cômodos desertos, se ainda ali estivéssemos veríamos umas ossadas sobre a mesa com uns restos de carne grudados e, caído sobre uma cadeira, um homem. Não um homem comum, mas um sacerdote, e não um simples sacerdote mas um grande inquisidor cujo nome em outros tempos bastava para disseminar o terror, mas não só o

terror, como também o ódio. Já não traz os grilhões, está livre para ir, também não sofreu nenhum molestamento físico, pode-se mesmo dizer que sua saúde é de ferro, mas durante muito tempo não se arreda de onde está, ao contrário, permanece sentado na cadeira recurvado sobre o próprio corpo, os braços apoiados nas pernas e a cabeça abaixada, os cabelos caindo-lhe na fronte, talvez embranquecidos antes do tempo.

É possível que se ainda estivéssemos ali conseguíssemos enfim conhecer-lhe as feições, mas é coisa que já não importa, e estamos certos de que o leitor não tem essa curiosidade. Por isso paramos por aqui e retornamos sem maior protelação e mais minuciosas investigações até a época da qual partimos para nossa aventura, deixando que o tempo se incumba de envolver em mitos a história de João e Maria e a casa do fundo da floresta, imaginando paredes de chocolate e de confeitos, gaiolas de ouro e um final feliz.